

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade

Paula Ruas Ferreira

**A formação dos frades menores no convento de São Francisco da Bahia:
franciscanismo, filosofia e teologia - memória e permanência dos valores
pedagógicos dos restauradores alemães 1890-1970**

Vitória da Conquista-BA
Fevereiro de 2016

Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia – UESB
Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade

Paula Ruas Ferreira

**A formação dos frades menores no convento de São Francisco da Bahia:
franciscanismo, filosofia e teologia - memória e permanência dos valores
pedagógicos dos restauradores alemães 1890-1970**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade.

Área de Concentração: Multidisciplinaridade da Memória.

Linha de Pesquisa: Memória, Cultura e Educação.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Ana Palmira Bittencourt Santos Casimiro.

Vitória da Conquista-BA
Fevereiro de 2016

Ferreira, Paula Ruas
F383f A formação dos frades menores no convento de São Francisco da Bahia: franciscanismo, filosofia e teologia - memória e permanência dos valores pedagógicos dos restauradores alemães 1890-1970; orientadora: Ana Palmira Bittencourt Santos Casimiro - Vitória da Conquista, 2016. 211f.

Dissertação (Mestrado em Memória: Linguagem e Sociedade) - Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, 2016.

1. Igreja 2. Restauração 3. Franciscanos. 4. Alemães. 5 Educação. Memória Coletiva. I .CASIMIRO, Ana Palmira Bittencourt Santos. II. Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. III. Título.

Título em Inglês: The formation of friars minor in the convent of Saint Francis of Bahia: franciscan, philosophy and theology - memory and permanence of the educational values of German Restorers 1890-1970.

Palavras-chaves em ingles: Church, Restoration, Franciscans, German, Education, Collective Memory.

Área de concentração: Educação, Igreja e Memória.

Titulação: Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade.

Banca Examinadora: Prof^a. Dr^a. Ana Palmira Bittencourt Santos Casimiro (Orientadora), Prof^a. Dr^a. Teresinha Bernardo (titular), Prof^a. Dr^a. Livia Diana Rocha Magalhães (titular).

Data da Defesa: 29 de fevereiro de 2016.

Programa de Pós-Graduação: Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade.

FOLHA DE APROVAÇÃO

Paula Ruas Ferreira


A formação dos Frades Menores no Convento de São Francisco da Bahia: franciscanismo, filosofia e teologia - memória e permanência dos valores pedagógicos dos restauradores alemães (1890).

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Memória: Linguagem e Sociedade, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, como requisito parcial e obrigatório para a obtenção do título de Mestre em Memória: Linguagem e Sociedade.

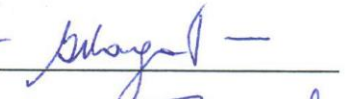
Data da aprovação: 29 de fevereiro de 2016.

Banca Examinadora:

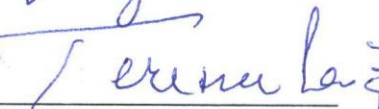
Profa. Dra. Ana Palmira B. S. Casimiro (Presidente)
Instituição: UESB

Ass.: 

Profa. Dra. Livia Diana Rocha Magalhães
Instituição: UESB

Ass.: 

Profa. Dra. Terezinha Bernardo
Instituição: PUC-SP

Ass.: 

*A Jesuino Lemos Ferreira, Maria Ruas
Ferreira (meus pais), Frei Hugo
Fragoso e aos demais Frades OFM, da
Província Santo Antônio do Brasil.*

AGRADECIMENTOS

A minha gratidão a Professora Doutora Ana Palmira B. S. Casimiro pelo incentivo e orientação desse trabalho, que com muito profissionalismo, conhecimento, ética, e, com a virtude da cortesia, me apontou o caminho para o mundo acadêmico.

Agradecimento às coordenadoras Livia Diana e Conceição Fonseca, que sem dúvida são duas pessoas que merecem toda nossa gratidão e respeito, que com muito empenho sempre trabalham para o sucesso do Programa de Pós-Graduação em Memória, Linguagem e Sociedade da UESB.

Minha gratidão aos Frades Menores da Província Santo Antônio, aqui representado nas pessoas de Frei Hugo Fragoso e Frei Marcos Almeida, que não mediram esforços em contribuir com a pesquisa.

A todos os Professores Doutores e Mestres que ao longo do curso demonstraram dedicação e compromisso na transmissão do conhecimento, especialmente a Professora Doutora Maria Aparecida Souza pela participação e contribuição na banca de qualificação.

Agradecimentos especiais a Luciana Canário pela disponibilidade e cuidado dispensado ao meu trabalho, as minhas colegas Daniela Moura, Maria Cleidiana, Camila Duarte, Daniela Miranda, Ana Paula Ferreira e ao nosso grande Ruy Medeiros, membros do Grupo de Pesquisa Fundamentos em Educação, que me incentivou na caminhada acadêmica pelas discussões teóricas e contribuições na pesquisa.

A minha eterna gratidão aos meus familiares que me apoiaram ao longo desta pesquisa e, que mesmo não estando presente nos momentos de estudo, demonstram orgulho e respeito pelas minhas conquistas.

As professoras Livia Diana Rocha Magalhães e Teresinha Bernardo sou grata pela disponibilidade demonstrada quanto à participação na banca examinadora de Mestrado referente o presente trabalho.

Esse momento se traduz em um novo começo, pois não nasci para a sedução do repouso, nasci para caminhar e sei que assumir esse compromisso é aceitar o desafio de construir uma existência menos confortável, porém ilimitada e mais significativa.

Enfim, cada lágrima que derramei, foram gotas de batalhas que na vida eu superei.

Muito obrigado a todos!!

RESUMO

A presente pesquisa visa à compreensão de como se desenvolveu a formação dos frades menores no Convento de São Francisco da Bahia, principalmente no que diz respeito aos aspectos relacionados à memória e permanência dos valores pedagógicos dos Restauradores Alemães 1890-1970. A investigação se fez a partir de uma das vertentes do franciscanismo que é a memória da Pedagogia Franciscana inserida na Educação Cristã e a sua influência no contexto político, social e religioso, no período da Restauração da Província Santo Antônio do Brasil, mais especificamente no Convento São Francisco em Salvador Bahia, por frades que vieram de Bardel, na Alemanha, tendo em vista recuperar aspectos físicos e religiosos da província em análise, quase destruída por causa das políticas adversas entre Igreja e Estado Imperial. Este trabalho não visa simplesmente invocar um episódio isolado da história da Igreja, o seu monopólio da educação, o seu posicionamento, os personalismos e as peculiaridades, mas, evidencia um contexto mais amplo, conforme se deu o processo de discussões e debates no campo teórico-metodológico fundamentado na perspectiva teórica de Maurice Halbwachs, que aborda a memória coletiva e traz resultados significativos para a pesquisa, uma vez que esta é analisada à luz de seus conceitos. Queremos demonstrar os procedimentos pedagógicos adotados na formação da Ordem, observando os conceitos educativo-religiosos estabelecidos nesta época a partir do impacto cultural e a dificuldade de cumprir a regra original de Francisco de Assis (da imitação de Cristo na sua face de pobreza), como também a necessidade de preparar seus quadros para a evangelização e o magistério da Igreja. Além da obrigatoriedade de obediência à Santa Sé, os franciscanos vivenciaram esse período com o propósito de plasmar a Província, segundo a Província da Saxônia, nas atividades educativas dentro e fora das instituições religiosas às quais pertenciam, porém, sob a hipótese da existência de uma matriz pedagógico-religiosa comum, originária dos documentos de São Francisco, da Regra, dos estatutos e da *Ratio Studiorum OFM*. Os dados da nossa investigação foram processados por meio de pesquisa bibliográfica, por entrevistas semiestruturadas com os frades da Província como também pela autobiografia do historiador Frei Hugo Fragoso, depoimentos e documentos, todos submetidos à análise de conteúdo. As conclusões levaram a crer na existência de uma íntima interação entre os frades brasileiros e alemães envolvidos nesse processo e a permanência de uma formação para a Ordem e para a vida em comum na qual aparecem categorias advindas da concepção de educação do fundador, Francisco de Assis, perpetuada na memória dos franciscanos pelos documentos normativos da Ordem como a *Regra Bulada*, *As Constituições*, o regulamento de cada convento e, principalmente, pela *Ratio Studiorum OFM*, que regula a formação franciscana (em franciscanismo, filosofia e teologia). Além desses documentos oficiais, observamos por meio da memória escrita sobre a “Restauração pelos alemães” e das entrevistas realizadas a presença de categorias que podem ser tributadas aos restauradores, como é o caso da estudo de línguas, disciplina, ordem, trabalho, produtividade, auto sustentação e conhecimentos profissionais próprias da cultura alemã. Concluímos, considerando que, se bem que a influência alemã tenha sido muito intensa, suscitando vocações e aspirações intelectuais, a pedagogia de Francisco sobrepunha e permitiu que o processo acontecesse sem maiores estranhamentos, uma vez que a missão era comum.

Palavras-chave: Igreja. Restauração. Franciscanos. Alemães. Pedagogia. Memória Coletiva.

ABSTRACT

This research aims to understand how it developed the formation of the Friars Minor in the Convent of St. Francis of Bahia, especially with regard to aspects related to memory and permanence of the educational values of German Restorers 1890-1970. The research was made from one of the Franciscan sheds which is the memory of the Franciscan Pedagogy inserted in Christian education and its influence on the context: political, social and religious, in the period of the Restoration of Santo Antonio Northeast Province, specifically in Convent San Francisco in Salvador Bahia, by brothers who came from Bardel province, in Germany, in order to recover physical and religious aspects of the northeastern province, almost destroyed because of the adverse policies of church and state Imperial. This work aims not simply rely on an isolated episode of Church history, its monopoly of education, its position, personalism and peculiarities, but reflects a broader context, as has the process of discussion and debate on theoretical and methodological field based on the theoretical perspective of Maurice Halbwachs, who addresses the Collective Memory and brings significant results for research, since this is considered in the light of its concepts. We want to show the pedagogical procedures adopted in the formation of the Order, observing the educational and religious concepts set this time from the cultural impact and the difficulty to meet the original rule of Francis of Assisi (the imitation of Christ in your face poverty), as also the need to prepare its staff for the evangelization and the Church's magisterium. In addition to the obligation of obedience to the Holy See, the Franciscans lived through that period with the purpose of shaping the North Eastern Province, according to the Saxon province, in educational activities inside and outside of religious institutions to which they belonged, however, under the hypothesis a common pedagogical and religious matrix, originating in the original documents Francisco, the Order of the Rule, the statutes and the Ratio Studiorum OFM. The survey data were processed by means of literature, for semi-structured interviews with the friars of the Province and also the historian's autobiography Friar Hugo Frago, testimonies and documents, all submitted to content analysis. The findings led to believe in the existence of an intimate interaction between the Brazilian brothers and Germans involved in this process and the continuation of training for the order and the common life, in which they appear categories deriving from the founder of the concept of education, Francisco de Assisi, perpetuated the memory of the Franciscans by the normative documents of the Order as Bulada Rule, the Constitutions, the regulation of each convent, and especially her Ratio Studiorum OFM, which regulates the Franciscan formation (in Franciscan studies, philosophy and theology). In addition to these official documents, we observed through memory written on the "Restore the Germans" and interviews the presence of categories that can be taxed to restorers, such as the study of languages, discipline, order, work, productivity, self support and own professional knowledge of German culture. We conclude considering that although the German influence has been very intense, inspiring vocations and intellectual aspirations, Francisco pedagogy overwhelmed and let the process happen without much strangeness, since the mission was common. Keywords: Church, Restoration, Franciscans, German, Education, Collective Memory.

Keywords: Church. Restoration. Franciscans. German. Pedagogy. Collective Memory.

GLOSSÁRIO

Aspirantado - Encontros mensais, tendo um primeiro contato com o Carisma Franciscano e conhecendo um pouco mais de perto a vida dos frades menores.

Capítulo - Assembleia institucionalizada pela reunião dos membros da comunidade convocada em seus diferentes níveis e com critérios preestabelecidos para abordar as questões da vida professada pelos religiosos.

Capítulo geral - Evento que reúne os capitulares, representantes eleitos, nas províncias de todo o mundo para eleger o Ministro Geral, sucessor de São Francisco, e seus Definidores.

Catacumbas - Galerias onde os cristãos da Antiguidade escondiam-se para celebrarem e fazerem suas reuniões de oração.

Cenobita - monge que leva uma vida retirada, mas em comum com outros que têm os mesmos interesses, princípios e/ou prerrogativas.

Custódia – São vários conventos, que não tendo jurisdição autônoma, dependem ainda de uma província. Exemplo atual disso é a *Custódia da Terra Santa*.

Custódio - É o Ministro Provincial (o superior principal) dos Frades Menores que vive no Oriente Médio. O Custódio, além de animar a vida dos frades, coordena e encaminha a acolhida dos pessoas que chegam à Terra Santa em peregrinação. Tal tarefa foi transmitida pela Santa Sé aos franciscanos há mais de 600 anos.

Claustro – Pátio de 4 corredores cobertos, em forma de quadrado ou retângulo. É uma parte da arquitetura religiosa de mosteiros, conventos, catedrais, e abadias. Consiste tipicamente em quatro corredores a formar um quadrilátero e por norma em geral, possuía um jardim e um poço no meio do pátio. A igreja, geralmente, liga-se de um dos lados ao monastério pelo claustro. As salas do monastério abriam-se para os três outros lados. As janelas das celas ou do dormitório no andar superior abriam-se para o claustro.

Escatologia – Área da teologia que estuda o fim último do homem e do mundo.

Espirituais – Partido dentro da Ordem, frades que apelavam para o direito de observar espiritualmente a Regra Bulada, pois criam não poderem que não podiam conciliar a ciência com o espírito de pobreza.

Espórtulas – Pagamento pelos serviços presbiterais após celebrar missas.

Formação Franciscana – No texto essa expressão foi por nós utilizada, em dois sentidos: no sentido *lato* seria a formação dos frades dentro dos quadros da ordem franciscana, conforme registra a história do franciscanismo; no sentido *stricto* a formação seria as disposições curriculares e dos conteúdos dos conventos e casas de formação apresentadas na *Ratio Studiorum* OFM desdobrados em estudos sobre o franciscanismo, estudos filosóficos e estudos teológicos.

Guardião – É o frade superior de uma unidade conventual franciscana. É ele quem guarda, cuida, provém, determina e, geralmente, é o último a dormir, pois tem o dever de cuidar do convento e de quem está residindo nele, até que estejam todos recolhidos.

Galicismo - Nome da doutrina que, em França, estabelecia formas de procedimento perante a Santa Sé, defendia certas liberdades e franquias da Igreja francesa, contestando, em alguns pontos, a autoridade absoluta do papa.

Hospício – Conventos que serviam como espaços de revigoração dos frades missionários de passagem. Também dizia-se de um conventos que abrigavam frades de outras províncias portuguesas no Grão-Pará e Maranhão, pois era interdita a construção de conventos naquelas regiões. No caso da Província estudada, esta possuía dois Hospícios: um em Salvador e outro no Recife, ambos para apoio dos frades mendicantes. Os “Frades Esmoleres” da Custódia Terra Santa também possuíam seus Hospícios autônomos em Salvador e Recife.

Liturgia - Conjunto de práticas usado no desenvolvimento dos ofícios e/ou sacramentos; rito ou ritual. Segundo as ciências eclesásticas, a história do culto católico.

Noviço - Aquele que precede a emissão de seus votos. Nesse aspecto, é a designação dada à pessoa que se prepara, no noviciado, sob a direção de um mestre ou mestra, para a sua consagração religiosa. O Direito Canônico na Igreja Católica define que "O noviciado, com o qual se começa a vida no instituto, destina-se a que os noviços conheçam melhor a vocação divina, a vocação própria do instituto, façam experiência do modo de viver do instituto, conformem com o espírito dele a mente e o coração e comprovem sua intenção e idoneidade". (Cân. 646). Cada ordem religiosa adapta o noviciado de acordo com sua regra e regulamento.

Irmão leigo – O frade que faz os votos na vida franciscana, vive na fraternidade, mas não é ordenado sacerdote.

Pedagogia Franciscana – Princípios pedagógicos morais e éticos sobre o Evangelho, a Teologia, a Igreja, o cristianismo a caridade, o amor, a pobreza, o trabalho, a natureza, os irmãos, o convívio constantes nos escritos como legados por Francisco de Assis.

Postulante – O candidato que cumpre um dos períodos de formação inicial na vida religiosa.

Prelados - São vigários gerais e episcopais e/ou superiores maiores dos institutos clericais de direito pontifício que tenham determinado poder executivo ordinário, como os superiores de ordens religiosas.

Província – Nomenclatura que designa o conjunto de conventos, numa geopolítica, com um determinado número de frades. As Províncias são administradas por um Provincial, um Vigário Provincial, e Definitório (Conselheiros eleitos entre os frades de profissão solene, ou seja, os que emitiram seus votos perpétuos).

Provincial – Aquele que governa uma Província. No caso dos franciscanos, é chamado Ministro Provincial. Muitos desses termos advêm das divisões administrativas herdadas do Império Romano.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ADM: Admoestações

1 CEL: Vida Primeira de São Francisco de Tomás de Celano

2 CEL: Vida Segunda de São Francisco de Tomás de Celano

FF: Fontes Franciscanas

LCT: Legenda dos Três Companheiros

NM: Números

OFS: Ordem Franciscana Secular

OFM: Ordem dos Frades Menores

OFMcap: Ordem dos Frades Menores Capuchinhos

RB: Regra Bulada

RNB: Regra não Bulada

TEST: Testamento

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
1.1 PERCURSOS METODOLÓGICOS	21
1.2 OS SUJEITOS DA PESQUISA	24
1.2.1 Entrevistas	25
2 A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DOS FRANCISCANOS NAS SUAS ORIGENS	26
2.1 DO NASCIMENTO AOS PRINCIPAIS FATOS DA VIDA DE FRANCISCO DE ASSIS	27
2.2 EDUCAÇÃO MEDIEVAL: A MEMÓRIA HISTÓRICA E METODOLÓGICA DA PEDAGOGIA FRANCISCANA	30
2.3 REGRA BULADA E TESTAMENTO: A PEDAGOGIA DE FRANCISCO DE ASSIS	43
2.4 AS LEGENDAS BIOGRÁFICAS DE FRANCISCO: A MEMÓRIA VIVIDA DO FUNDADOR	46
2.5 AS REFORMAS DA ORDEM FRANCISCANA	48
3 FRANCISCANOS NO BRASIL	54
3.1 RESTAURAÇÃO FRANCISCANA NO CONTEXTO DO BRASIL E ALEMANHA	54
3.2 OS CONFLITOS ESTADO IGREJA NO BRASIL	55
3.3 GOVERNO PROVISÓRIO, CONGRESSO CONSTITUINTE E CONSTITUIÇÃO DE 1891	61
3.4 A CHEGADA DOS RESTAURADORES	65
3.5 DECADÊNCIA DOS FRANCISCANOS PELO MUNDO	69
4 A FORMAÇÃO DOS FRADES MENORES NA PROVÍNCIA SANTO ANTÔNIO NO CONTEXTO DA RESTAURAÇÃO ALEMÃ: UMA MEMÓRIA EM CONSTRUÇÃO	73
4.1 A PEDAGOGIA FRANCISCANA, UMA ABORDAGEM DA MEMÓRIA	79
4.2 OS ESTUDOS DOS IRMÃOS LEIGOS	84
4.3 A EDUCAÇÃO: FONTE PERMANENTE DA MEMÓRIA DA FRATERNIDADE FRANCISCANA	92
5 MEMÓRIA E PERMANÊNCIA DOS VALORES PEDAGÓGICOS DOS RESTAURADORES ALEMÃES	95
6. CONSIDERAÇÕES FINAIS	127
REFERÊNCIAS	134
ANEXO A - Entrevistas: roteiros, questionários e transcrições	138
ANEXO B - Súmula das Constituições (parte da formação)	180
ANEXO C - <i>Ratio Studiorum</i>	183

1 INTRODUÇÃO

A proposta deste trabalho de pesquisa é analisar, sob o crivo da teoria da memória, a formação dos frades franciscanos menores na Província de Santo Antônio do Brasil de 1890-1970¹, especialmente nas casas de formação da Bahia e Pernambuco, desde a chegada dos restauradores da Ordem na Província Santo Antônio. Entendendo-se como “formação”, no presente caso, tanto os conteúdos básicos² administrados nas escolas da Ordem Franciscana, para os “postulantes” e “noviços”, como os estudos obrigatórios sobre franciscanismo, e os de filosofia e de teologia, indispensáveis para o ordenamento sacerdotal. Além desses conteúdos, também é parte da formação o aprendizado das orações, teoria e prática do Evangelho, a convivência em comum, o conhecimento das normas internas da casa, a Regra da Ordem, os Estatutos, e todos os demais conhecimentos específicos dos franciscanos, como as práticas medicinais, a horticultura, a jardinagem, a culinária, o cuidado com a biblioteca³, os cuidados com os irmãos idosos e doentes, dentre outras práticas profissionalizantes.

A pesquisa escrita e oral foi desenvolvida por meio da análise dos documentos primários da Ordem, sobretudo, mediante a vivência, observação e entrevistas no ambiente em foco. Nesse aspecto, as informações e as memórias dos frades que hoje convivem no claustro, foi imprescindível a existência de um documento intitulado *Ratio Studiorum OFM*⁴, que, à semelhança daquele bem mais conhecido da Companhia de Jesus: *Ratio Atque Institutio Studiorum*⁵ traz os princípios fundamentais da formação do frade franciscano, sintetizado nesse trecho introdutório: “A *Ratio Studiorum OFM* coloca em grande evidencia outro aspecto: a importância que deve ser dada aos estudos franciscanos, filosóficos e teológicos”⁶.

¹ 1890 é o marco inicial corresponde à chegada dos restauradores e 1970 marco final que corresponde a formação dos entrevistados.

² Até mais ou menos a década de 1970, os postulantes entravam na Ordem Franciscana entre os 10 e os 14 anos e lá completavam o ensino elementar. Alguns faziam o ensino primário e outros o ensino ginásial, conforme a LDB. Com o fechamento de alguns cursos, a prática passou a ser entrar com mais idade restando à Ordem liberar o aluno para o segundo grau e alguns para a graduação.

³ Limpeza, desinfecção, restauração e encapamento dos livros das bibliotecas dos Conventos.

⁴ Conferir nas Referências: DOCUMENTOS. *Ratio Studiorum OFM* <IN NOTITIA VERITATIS PROFICERE> (Leg. M 11,1). Promulgada no Definitório Geral da OFM presidido por Frei Giacomo Bini OFM, em 2001. Após análise acurada e confronto com a documentação legada por Francisco, consideramos que o documento analisado, apesar da data recente, reflete os princípios mais fundamentais do franciscanismo, daí o elegemos como portador fidedigno da pedagogia franciscana.

⁵ Assim como Inácio de Loyola e seus primeiros companheiros escreveram os *Exercícios Espirituais*, as *Constituições da Companhia de Jesus* e, a partir da Parte IV das *Constituições*, escreveram a *Ratio Atque Institutio Studiorum*, os franciscanos, a partir dos documentos originais elaborados por Francisco, as biografias e a *Regra Bulada*, também elaboraram suas *Constituições* e, baseados em todos estes documentos, elaboraram uma *Ratio Studiorum OFM*.

⁶ Grifo nosso.

No mencionado documento, essas categorias são desdobradas e uma das nossas principais tarefas foi descrever e analisar mencionadas categorias à luz de dois aspectos: o primeiro diz respeito àquilo que atualmente os frades inquiridos consideram como uma formação franciscana na sua essência; e o segundo, diz respeito àquilo que eles consideram terem adquirido pela cultura dos restauradores alemães.

Apesar da distância espaço-temporal que envolve nosso objeto, não hesitamos em afirmar que a educação franciscana remonta ao tempo do próprio fundador, Francisco de Assis, forneceu as bases fundamentais para a sua posteridade elaborar categorias pedagógicas de como viver, conviver e ir pelo mundo. Os pensadores franciscanos, sobretudo São Boaventura, trataram de pensar a existência no mundo como um ato de aprendizado permanente. Neste sentido, a educação e a formação franciscanas travarão uma batalha conceitual entre o mundo das ideias e as práticas cotidianas, do universal ao singular, do global ao local. Estamos diante de um debate aberto entre a *categoria tomista* (Tomás de Aquino (1225-1274)/Dominicano italiano) dos universais e a *categoria escotista* da singularidade (João Duns Escoto (1265/66-1308)/ Franciscano escocês). A princípio São Francisco não elaborou nenhuma sistematização conceitual para o que ele e seus primeiros companheiros viveram. Todavia, tudo o que se escreveu sobre ele (Cf. Documentário Franciscano, Vozes) se tornou objeto de conhecimento e reflexão sobre uma nova forma de Ver, Julgar e Agir (Segundo Paulo Freire).

No Brasil, a história da Ordem franciscana aconteceu ao longo de todo o período Colonial, perdurara no período pombalino, no período joanino, passara pelo século imperial e chegara à República quase extinta por conta das dissidências acontecidas entre Estado e Igreja, com várias crises estruturais e/ou contextuais. Porém, afirmam os frades entrevistados, sem perder o carisma do fundador da Ordem, Francisco de Assis.

Esta pesquisa aborda uma das fases mais críticas do franciscanismo no Brasil, no tempo em que o Estado Imperial proibiu a existência de seminários no país e a Ordem dos Frades Menores (OFM) correu sério risco de extinguir-se e perder todos os conventos e casas de apoio instalados no Brasil. Isso, sem perder de vista crises anteriores, como aquela deflagrada pela política pombalina, se bem que naquele período o foco maior de destruição tenha sido a Companhia de Jesus.

Nas últimas décadas do século XIX, com o advento da República, nova Constituição e o cancelamento das proibições, após entendimentos entre a Sé Romana, a Ordem Franciscana e os países envolvidos, chegaram frades da Alemanha para “restaurar” a vida religiosa franciscana já quase extinta no Brasil. Depois disso, durante a primeira metade do século XX,

novas levas de franciscanos alemães continuaram a migrar para o Brasil, assumiram a revitalização da Província de Santo Antônio que resultou em uma inter-relação cultural muito estreita entre os frades alemães e os futuros franciscanos brasileiros.

Esse período é conhecido na memória da Ordem como “A Restauração Alemã”, ou “A Restauração pelos Alemães”⁷, como se escuta até hoje pelos corredores do Convento da Bahia. O resultado dessa interação foi uma educação baseada nos rígidos princípios da cultura alemã, intercalada com aspectos da cultura nordestina brasileira, porém, conforme a memória escutada e os documentos consultados, preservando os valores franciscanos e os principais tópicos dos ensinamentos de Francisco de Assis.

O surgimento da pedagogia franciscana se apóia numa visão antropológica que remete a Francisco de Assis (1182-1226), a qual aponta para uma prática pedagógica integral e para a formação da totalidade do ser humano. Os biógrafos⁸ afirmam que Francisco não pretendeu fundar uma ordem religiosa nem, muito menos, transformar os seus seguidores em eruditos, mas, optou por uma pedagogia do “ser” depois do “fazer”, atraindo várias pessoas que queriam partilhar a sua experiência de vida segundo a forma do Evangelho.

A partir desse início idealista, o franciscanismo transformou-se em uma nova configuração religiosa, bastante distanciada das estruturas eclesiásticas do seu tempo, e veio à luz a primeira fraternidade oficializada dos Frades Menores. A pedagogia franciscana teve, pois, desde o nascimento, características próprias, de acordo com a concepção religiosa de Francisco, que a difere das pedagogias de outras ordens e é dessa herança pedagógica que tratamos aqui.

Francisco elaborou a sua própria concepção pedagógico-religiosa deixando escrita a norma de vida para seus seguidores. Vale ressaltar que apenas a RnB (1209, regra ditada por Francisco a Fr. Elias) e a benção a Fr. Leão (escrita e assinada por Francisco. Texto pequeno em latim). A RB (1223) teria um teor canônico, diferentemente da RnB que apresentava textos evangélicos, atribuídas a ele. Porém posteriormente foi organizada a coletânea de textos escritos por seus biógrafos e hagiógrafos. Os *Escritos Franciscanos* (2004) se dividem em: a) textos legislativos; b) admoestações e normas; c) orações e louvores; d) o epistolário. Os textos legislativos são compostos pelas duas Regras da Ordem. A primeira regra foi escrita de 1209 a 1221 (primitiva “*formula vitae*”) e, aos poucos, ampliou-se com o nome de Regra

⁷ Se bem que o recorte do nosso trabalho seja precisamente a “**formação dos frades na Província Franciscana de Santo Antônio do Nordeste**”, a contextualização foi definida tendo como marco inicial a chegada dos frades alemães para a Restauração da Província. Isso significa que a cultura e o modo de educar alemão influenciou significativamente a formação dos frades franciscanos e, portanto, no trabalho, essa influência alemã está sendo considerada como uma variável interveniente, conforme conceituação de Roberto Jarry Richardson (RICHARDSON, 1985).

⁸ Tomás de Celano e Boaventura de Bagnoregio (principais biógrafos e hagiógrafos de São Francisco de Assis).

Primeira ou “Regra não Bulada”. Depois, foi escrita e prevaleceu a *Regra Bulada*, definitiva, de 1223. As características da formação franciscana estão implícitas nos citados documentos e substanciadas na *Ratio Studiorum OFM – Século XX* (estudos franciscanos, filosóficos e teológicos), que tomaremos como parâmetro. Além dessas categorias básicas, conforme a *Ratio Studiorum OFM*:

Em seus seis capítulos, precedidos de uma premissa de caráter histórico e de uma introdução, na qual se precisa o seu caráter, a *Ratio Studiorum OFM* procura responder às seguintes perguntas: Por que e para que estudar (cf. nn. 9-18)? Como estudar (cf. nn. 19-30)? Quando estudar (cf. nn. 31-43)? O que estudar (cf. nn. 44-98; 141-147)? Quem deve estudar (cf. nn. 99; 117)? Onde estudar (cf. nn. 118-129)? Que meios utilizar (cf. nn. 130-140)..

Conforme a *Ratio Studiorum OFM*, a formação franciscana pretende dar solidez à vocação, preparar para a missão (cf. RFF 1-3) e desenvolver os dotes físicos, psíquicos, morais, intelectuais e espirituais dos irmãos - de modo orgânico, gradual e coerente (cf. CG 127 §2; 133; RFF 45). Fazem parte dos conteúdos do documento: sagradas escrituras, conteúdos teológicos, estudos franciscanos (regra, estatutos, vida de Francisco, vida em comum), estudos profissionalizantes, línguas e quaisquer disciplinas que facilitem o diálogo humano, ecumênico, inter-racial e entre os irmãos, e Ciências Humanas (Psicologia, Pedagogia, Economia, Ciências Políticas, Sociologia, Antropologia, Comunicações Sociais etc.). (Ver anexo p.197).

De acordo com Zavalloni⁹ (1999), na visão de Francisco, a ciência teológica não deveria ser meramente teórica e especulativa, mas, deveria tender, necessariamente, à ação, quanto àquilo que, na vida, ele põe em prática. Nesta visão, educador não é, pois, um mero reprodutor de informações recebidas, mas é aquele que se esforça para possuir e praticar as virtudes em grau eminente. Cabe mencionar que Francisco não teorizava sobre seus métodos, apenas visava à formação dos irmãos na imitação de Cristo em sua face de pobreza.

Levamos em conta que aconteceram muitas adaptações e modificações nos conteúdos formativos em cada tempo histórico e em cada lugar geográfico. E foi, a partir dessa perspectiva, que a Ordem Franciscana se expandiu pelo mundo. Aqui, após rememorar a vinda dos primeiros franciscanos para o Brasil, no processo de colonização e em sua atuação por todo o período imperial, direcionamos nossa atenção especialmente para o tempo da

⁹ Roberto Zavalloni, nasceu em Cervia, Itália, em 25 de Maio de 1920, cursou Psicologia Clínica e Educacional, ensinou no Instituto de Psicologia da Universidade Católica do Sagrado Coração, em Milão. Foi professor de Psicologia Experimental no Pontifício Ateneu Antoniano também lecionou na Magisterial Faculdade da Universidade La Sapienza de Roma e nesta instituição foi Presidente da Psicologia especial. Dentre os diversos livros publicados, se destaca a “Psicologia Clínica na educação”, “Pedagogia Franciscana” e “Educação e Personalidade”. Faleceu em 18 de outubro de 1988 em Bolonha na Itália.

Restauração da Província de Santo Antônio do Brasil (1890) pelos franciscanos alemães de Bardel, por levarmos em conta que o fenômeno da Restauração condicionou, em parte, o tipo de formação recebida, a partir de então.

Elencamos aquelas fundamentais extraídas da *Ratio Studiorum OFM* (estudos franciscanos, filosofia e teologia). Da pedagogia alemã, disciplina, método e profissionalização, inclusive agropecuária, antes menos valorizada pelos brasileiros. Nos documentos da ordem também extraímos menções a algumas práticas agropecuárias e de auto sustentação das casas franciscanas. Mas, tornamos a afirmar que a tônica maior é mesmo na tradição franciscana, na sua origem.

Analisamos os conteúdos dos estudos básicos para os iniciantes a vida religiosa franciscana, como também os estudos filosóficos e teológicos (para os clérigos); o aprendizado das orações, teoria e prática do Evangelho; a convivência em comum, as normas internas da casa, a Regra da Ordem (segundo os Estatutos); e todos os demais conhecimentos específicos dos franciscanos, como as práticas medicinais naturais, as práticas herboristas e boticárias, a horticultura, a agropecuária¹⁰, a cozinha e os cuidados com os irmãos idosos e doentes, dentre outros.

Para o *corpus da pesquisa* coletamos informações com os frades que foram alunos, ou conviveram com os alemães restauradores, e que, depois, foram os mestres de frades brasileiros e de alemães que chegavam com a formação incompleta. Encontramos resquícios da presença alemã até os dias de hoje, uma vez que a imigração continuou, bem como a inter-relação cultural, inclusive, com a ida de frades brasileiros para completarem estudos na Alemanha.

Sobre o convênio inicial, documentos e escritos históricos dos frades estão cuidadosamente preservados em forma de livros, artigos e teses. E sobre a continuação dessa educação “restauradora”, a memória de alguns frades longevos, que foram alunos a partir da década de 1930 até 1990, ainda é fidedigna aos primórdios dessa inter-relação cultural.

Para melhor analisar esses fatos, importa também conhecer a situação histórica da Igreja no Brasil algum tempo antes desses acontecimentos, e os seus desdobramentos. Ao longo do reinado de meio século de D. Pedro II (1840 – 1889), aconteceu uma progressiva estagnação da Igreja, D. Pedro continuou a política pombalina, e, inspirado pelo liberalismo da revolução francesa. Este tempo foi marcado também, pelo movimento conhecido pelo termo de Romanização, movimento eclesial se caracterizava por um posicionamento radical

¹⁰Hortas, chácara, e criação sistemática de cabras, ovelhas e outros animais de pequeno porte.

da cúria romana chamar para si a condução da evangelização, das paróquias e provimentos de párocos e bispos.

A Ordem Franciscana, que, no século XVIII, passara incólume pela política pombalina, e tinha chegado a contar com 1.200 professores, foi praticamente extinta. No fim do Império, a Ordem contava com apenas 10 frades franciscanos em todo Brasil, todos octogenários. Destes sobreviventes, havia apenas 01, na Província da Imaculada Conceição (Sul e Sudeste) e 09 na Província de Santo Antônio (Nordeste). A esse respeito, na entrevista realizada com Frei Hugo Fragoso¹¹, ele relata que a perseguição imperial, a decadência das diversas Ordens, foi notável nesse período. Observamos assim, que desta feita a varredura não foram apenas dos jesuítas, mas de todas as “religiões”¹² no Brasil.

Passada a ameaça anticlericalista do século XIX, ainda nos anos anteriores à Restauração, o Papa Pio IX (1851-1866) recorreu à formação pedagógico-religiosa europeia para fundamentar a base para a “reação católica” na América Latina, mais precisamente no Brasil. Nesse contexto, passou-se a programar a restauração católica, promovendo-se a abertura de seminários, e construindo-se em Roma, em 1851, o Colégio Pio Latino Americano, cujos seminaristas, formados no Colégio Romano (Universidade Gregoriana), na fidelidade ao papa e na ideia da catolicidade, haveriam de cimentar o fundamento sólido do episcopado em toda a América Latina. Também se fundou em São Paulo, em 1856, o Seminário Diocesano Imaculada Conceição e Santo Inácio de Loyola. Outros seminários surgiram, a seguir, sob a orientação direta da Santa Sé, como o de Fortaleza (1864), do Rio de Janeiro (1869), e de Porto Alegre (1913). Mais tarde ainda vieram, paulatinamente, outras ordens como a dos Salesianos, Maristas e Sacramentinas.

Conforme relata Casimiro (2009), com o Brasil republicano, dessa retomada inicial dá-se início à reação católica, com o intuito de restaurar o poder e a dignidade eclesiástica, o que aconteceu, de forma paulatina, a partir de uma participação política significativa, principalmente com a adesão de intelectuais convertidos ao catolicismo e com uma insistente ação política envolvendo publicações, fundação de associações, centro de discussões, propostas pedagógicas e instituições de ensino. Nessa perspectiva, os franciscanos também

¹¹ Frei Hugo Fragoso nasceu em 1926 e ingressou na OFM aos 12 anos de idade, em 1938. Estudou com professores alemães, a exemplo de Dom Amândeo Bahlman, e com professores brasileiros formados por alemães, a exemplo do Frei Adriano Hipólito. Após os estudos básicos e o noviciado, Frei Hugo estudou Filosofia e Teologia em Olinda e Recife, viajando para a Itália na década de 1950. Lá cursou doutorado e defendeu tese sobre a história da Igreja no Brasil, na Universidade Antoniana de Roma. Naquela época tanto a entrega da tese como a defesa eram realizadas em latim. Pesquisou por um ano na Torre do Tombo e no Arquivo Ultramarino, em Portugal, sobre a história Franciscana. Ele foi um dos grandes expoentes do Centro de Estudos em História da Igreja Latino-Americana - CEHILA, com publicações em História da Igreja, História do Franciscanismo e Teologia. Atuou como professor da Universidade Católica de Salvador e como professor das casas de formação da Província do Nordeste, orientando vários trabalhos científicos nas suas especialidades.

¹² No Brasil colonial, cada Ordem era considerada uma “religião”.

sentiram necessidade de restaurar a própria Ordem, uma vez que a mesma se encontrava em decadência no Brasil. No que diz respeito à Bahia, Fragoso¹³ afirma que a Província de Santo Antônio do Brasil, começou o processo de Restauração em 02 de março de 1893, entendida historicamente como um ato jurídico, mediante o qual a Província da Santa Cruz da Saxônia assumiu o compromisso com a Província Brasileira de empreender a sua reforma e revitalização. Conforme o autor, compromisso que foi feito perante o representante da Santa Sé, D. Manuel dos Santos Pereira, vigário capitular de Salvador¹⁴.

A chegada dos primeiros frades alemães ao Brasil, mais especificamente ao Convento São Francisco em Salvador, gerou grande impacto, incluindo os próprios restauradores, pois eles, que eram provenientes de uma realidade totalmente diferente da cultura brasileira, especialmente nordestina, se inseriram em uma perspectiva de conflitos culturais e vivenciam a Província de Santo Antônio quase se extinguindo, com poucos frades, sendo a maioria deles, idosos e desmotivados para os trabalhos necessários, além da pobreza e de dificuldades de toda ordem.

Para Fragoso¹⁵, a restauração da Província foi um processo que se prolongou até o ano de 1901, quando foi oficialmente declarada à autonomia jurídica da Província Nordestina daquela Província da Santa Cruz da Saxônia. Nesse período de consolidação, que se prolongou por décadas, somente com a fundação do Seminário de Ipuarana (situado em Campina Grande, na Paraíba) e suas escolas apostólicas é que a Província de Santo Antônio conseguiu sua auto sustentação vocacional.

Cabe enfatizar as dificuldades dos frades alemães no Brasil, para cumprir a regra original de Francisco (da imitação de Cristo na sua face de pobreza), ao mesmo tempo, necessitando preparar seus quadros nos conhecimentos básicos, para a vida em comum e auto sustentação, para a evangelização e para o magistério da Igreja, em um ambiente completamente estranho para eles, seja no que diz respeito ao idioma, à alimentação, ao clima e, mesmo, por causa do antagonismo votado aos frades de procedência alemã, por causa das duas grandes guerras nas quais o Estado alemão foi causador e partícipe.

Mas, tudo isso aconteceu em nome da obediência à Santa Sé, que providenciou a vinda desses alemães, com o propósito de plasmar a Província de Santo Antonio do Brasil, de acordo com a Província da Saxônia. Podemos dizer que a inter-relação entre os franciscanos do Nordeste e os frades alemães de Bardel, foi um acontecimento que modificou muito a vida da Província, não só no aspecto formativo, mas em todos os aspectos que envolveram a

¹³ Idem (1992b).

¹⁴ Idem (1992b).

¹⁵ Idem (1992b).

mistura entre duas culturas tão distintas, é o que tratamos aqui, tendo por foco a formação franciscana. Para dar conta da complexidade do tema, este trabalho foi constituído em quatro capítulos.

A Seção I intitulada “Memória da trajetória histórica dos franciscanos nas suas origens”, recompomos o percurso histórico do nascimento de Francisco de Assis, seus principais escritos e a trajetória da primeira ordem religiosa até chegar às terras brasileiras. Aborda também os avanços e entraves na construção de uma pedagogia franciscana e suas principais características no campo teórico e filosófico para formação dos frades, tanto na história franciscana como na memória dos entrevistados. Tal retrospectiva é indispensável porque é na vida e na história do fundador que vamos encontrar as raízes da pedagogia franciscana, e na história da Ordem vamos encontrar conflitos teológicos quanto à interpretação do modo de vida franciscano e, conseqüentemente, diferenciadas concepções pedagógicas.

A Seção II, com o título de “Restauração Franciscana no contexto do Brasil e Alemanha: Memórias e Conflitos” enfatiza a situação da Igreja nos dois países em questão, no período focado, e apresenta as diversas situações que os levaram a se unir em defesa da Igreja Católica e para a sobrevivência da Ordem, por meio das reformas implementadas neste período. Discute também o regime de colaboração para vinda dos frades alemães para o Brasil, e apresenta uma discussão sobre o choque cultural advindo. Pontua, outrossim, as principais características da formação interna no Convento e apresenta alguns resultados de pesquisas já desenvolvidas¹⁶.

A Seção III, “A Formação dos Frades Menores na Província Santo Antônio” no contexto da Restauração Alemã, uma Memória Coletiva e Social, levanta as categorias e variáveis da formação franciscana, principalmente aquelas teóricas extraídas da *Ratio Studiorum OFM*,¹⁷ à luz da teoria da memória.

A Seção IV intitulada de “Permanência e Memória dos Valores Pedagógicos dos Restauradores Alemães”, apresenta a memória dos frades que tiveram experiências vividas, direta ou indiretamente, com os primeiros frades alemães aqui chegados, com os que vieram posteriormente e com os brasileiros que foram alunos daqueles e, depois, tornaram-se, professores nas casas de formação franciscana na Província. O capítulo destaca quais foram

¹⁶ Alguns autores com Albene Menezes Klemi (1996/ 2012); Marina Helena Chaves Silva, (2007 / 2008); e Lina Aras Barreto (2003) tem trabalhos relevantes sobre a presença alemã no Brasil. Essa literatura foi lida, mas não cabia aqui, entrar na discussão. Cf Referências.

¹⁷ Como foi dito em nota introdutória, consideramos que o documento analisado, sintetiza os princípios mais fundamentais do franciscanismo, e da pedagogia franciscana.

as principais categorias educacionais decorrentes da cultura alemã (disciplina, rigidez, ordem, trabalho, meticulosidade empreendedorismo, etc.) e outras categorias decorrentes dos próprios princípios franciscanos (humildade, obediência, desapego, pobreza, caridade etc.) percebidas e diferenciadas pelos entrevistados nos seus processos formativos. O confronto entre a proposta da formação franciscana e a realidade da formação da Província se dá ao compararmos/analísarmos as categorias franciscanas e alemãs à luz da *Ratio Studiorum OFM*.

A conclusão reafirma o processo, as generalidades e as especificidades da formação dos frades menores da Província de Santo Antônio do Brasil, tanto à luz das leis diretrizes da Ordem quanto a partir da vinda dos restauradores da Província Franciscana de Bardel – Alemanha, evidenciando as influências sofridas e a memória que os frades guardaram desse encontro de culturas radicalmente diferentes. As conclusões parciais levaram a crer na existência de uma íntima interação entre os frades brasileiros e alemães envolvidos nesse processo e a permanência de uma formação para a ordem e para a vida em comum, na qual aparecem categorias advindas da concepção de educação do fundador, Francisco de Assis, perpetuada na memória dos franciscanos pelos documentos normativos da Ordem como a *Regra Bulada, As Constituições*, o regulamento de cada convento e, principalmente, ela *Ratio Studiorum OFM*, que regula a formação franciscana.

Além desses documentos oficiais, observamos por meio dos documentos da memória escrita e oral, sobre a “Restauração pelos alemães” e das entrevistas realizadas, a presença de categorias que podem ser tributadas aos restauradores, como é o caso da disciplina, ordem, meticulosidade, estudo de línguas, produtividade, auto sustentação, empreendedorismo e conhecimentos profissionais próprias da cultura alemã. Concluímos, finalmente com a afirmação de que se bem que a influência alemã tenha sido muito íntensa, suscitando vocações e aspirações intelectuais, a pedagogia de Francisco sobrepujou e permitiu que o processo acontecesse sem maiores estranhamentos, uma vez que a missão era comum.

1.1 PERCURSOS METODOLÓGICOS

É importante destacar que, em nenhum momento, esta pesquisa buscou prescrever um deslocamento sistemático da realidade observada, mas, sim, constituir um referencial da memória coletiva de um grupo específico inserido na sociedade, que possibilitasse aos interessados, pelos processos de formação pedagógica franciscana, refletir sobre os conflitos pedagógicos e culturais estabelecidos no convívio inevitável entre alemães e brasileiros permitindo, inclusive, refletirem sobre o que poderia ser excluído ou redimensionado a

formação dos franciscanos que legaram um ideal de vida pautado na formação humana e a contribuição cultural para o desenvolvimento da Igreja Católica no Brasil.

Em suma, construção deste trabalho tem como objeto de investigação a formação pedagógica dos frades brasileiros, a partir de 1890, com a chegada de frades alemães que vieram restaurar a Província, quase extinta por causa de proibições régias. O capítulo preocupa-se em abordar a opção metodológica adotada, definir o *locus* e o *corpus* de análise, sujeitos e procedimentos da investigação, atribuindo à pesquisa um caráter científico.

Afirmamos, portanto que: a) a pesquisa bibliográfica se orientou sob a ideia de que a totalidade da história franciscana se insere na totalidade da História da Igreja e da História Cristã Ocidental; b) que o objeto em estudo reflete tais totalidades e apresenta especificidades pertencentes à sua área de abrangência regional e local, uma vez que os personagens envolvidos foram sujeitos históricos, atuantes e partícipes de uma sociedade contextualizada (no fim do Império e início da República), divididos entre a obediência à Igreja, ao Reino e às suas consciências de homens religiosos; c) e com a certeza de que os aspectos pedagógicos e religiosos em questão não foram tratados como fenômenos estanques uma vez que fazem parte de um conjunto complexo de saberes intelectuais, em sua de uma totalidade.

Com o intuito de apresentar a pedagogia franciscana, a pesquisa se organizou em dados por meio da descrição que buscou recompor a memória da formação pedagógica dos frades menores. Contudo, o ato de compreender de maneira crítica, se respaldou nas concepções do teórico Maurice Halbwachs que nos afirma “Nossa memória não se apoia na história aprendida, mas na história vivida”.

Por história devemos entender que não há uma sucessão cronológica de eventos e datas, mas tudo aquilo que faz com que um período se distinga dos outros, o qual livros e narrativas em geral nos apresentam apenas um quadro muito esquemático e incompleto (HALBWACHS, 2006, p.79).

No campo restrito, adentramos no universo franciscano, por meio da história produzida pela própria Ordem, mas, sobretudo, por meio dos documentos escritos e pesquisa oral, particularmente a memória coletiva dos franciscanos que vivenciaram apresentaram as experiências educacionais como alunos e mestres, por eles vivenciadas. Recorremos preferencialmente os documentos da Província Franciscana, mais especificamente no Convento de São Francisco da Bahia, espaço onde se entrecruzam e convivem membros da Ordem provenientes de toda a Província de Santo Antônio do Brasil (portanto, os sujeitos focados), inclusive alemães, e que se configura como lugar vivo de preservação da memória, vivida e aprendida.

A escolha do Convento São Francisco em Salvador Bahia como *locus* da pesquisa, justifica-se não só pela importância histórica do lugar, mas, sobretudo, pela relação de pertencimento dos sujeitos com o espaço, por ser um espaço de saber que abriga uma das maiores bibliotecas do Brasil e, finalmente, porque foi a Instituição que protagonizou e recebeu os Restauradores Alemães. “A Igreja e Convento de São Francisco localizado no centro histórico de Salvador, formam um dos mais admiráveis conjuntos da arquitetura e arte religiosa das Américas. A construção do atual convento foi iniciada em 1686, e a da igreja (que levou mais de 40 anos para ser concluída) em 1708” (FLEXOR e FRAGOSO, 2009).

Além da íntima relação entre brasileiros e alemães até hoje preservada com a Província alemã, as paredes daquela casa expõem retratos pintados ou fotografados dos restauradores, abrigam uma biblioteca com mais de 30 mil volumes de obras da Patrística, Escolástica, Escolástica Espanhola, Filosofia, Teologia e Franciscanismo¹⁸, em alemão e o conjunto arquitetônico franciscano da Bahia é considerado uma das mais singulares e ricas expressões do Barroco brasileiro, em especial a igreja, por apresentar uma grandiosa decoração em seu interior, totalmente de acordo com o barroco joanino¹⁹. Foram tombados pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, e classificados como uma das sete maravilhas de origem portuguesa no mundo. Ao lado disso, fazem parte do Centro Histórico de Salvador que hoje é oficialmente considerado como Patrimônio da Humanidade.

Na atualidade, o Convento é um espaço destinado à formação e estudos dos frades (professos temporários), acolhimento para os frades idosos, irmãos da Ordem Terceira Secular, ações solidárias, pastoral paroquial, como também para encontros da Família Franciscana do Brasil. A atual fraternidade está composta por 24 frades entre 22 a 90 anos de idade. Assim se configura: Frei João Amilton dos Santos (Guardião, Vice-Mestre e Vigário Provincial), Frei Francisco Alexandre de Lima (Vigário da Casa, Mestre e Pároco), Frei Hugo Fragoso, Frei Albano P. Nóbrega, Frei Arnaldo Mota e Sá, Frei Casimiro Pereira, Frei Severino Fernandes de Sousa, Frei Marcos Antônio de Almeida, Frei Fábio Neto [Custódia de São Benedito], Frei Adriano Ferreira da Silva, Frei Juscelino da Silva

¹⁸ No Convento da Bahia existem várias Bibliotecas. A mais preciosa, a Biblioteca Santo Antônio de Lisboa, abriga um coleção de clássicos dos séculos XVI, XVII e XVIII (com obras de Agostinho, Tomás de Aquino, Aristóteles, Pedro Lombardo, Boaventura de Bagnoregio, Duns Scoto etc.); Uma Biblioteca de Ciências Sociais e Cultura Brasileira, e História da Igreja no Brasil; Alguns frades possuem bibliotecas próprias como Frei Hugo Fragoso ou Frei Honório Rito, Estanislau Vasconcelos (já falecidos); a biblioteca dos Alemães, com mais de 30 mil títulos, dentre outras. Mas, ao contrário do Mosteiro de São Bento, cujos livros já foram restaurados, catalogados e disponibilizados para consulta, no Convento Franciscano isso ainda não aconteceu de modo significativo.

¹⁹ Barroco Joanino diz respeito às várias modalidades de arte barroca que coexistiram em Portugal durante o reinado de D. João V. As características apontam para um estilo dinâmico, narrativo, ornamental, dramático, cultivando os contrastes e uma plasticidade sedutora.

Pinto, Frei José Edilson Maurício dos Santos, Frei Dennys Santanna Ferreira, Frei Leônidas Inácio Félix, Frei Arthur Bruno S. Medeiros, Frei Enielmo Ehanis dos Santos, Frei Bruno Rômulo da Silva, Frei Elias Pereira, Frei Marcondes Uchoa da Silva, Frei Pedro Vieira de Carvalho, Frei Rafael de Sousa Ferreira, Frei Jonathan Christoff Martins Antonio, Frei José Roberto Rodrigues de Oliveira Júnior, Frei Willames Batista do Nascimento.

1.2 OS SUJEITOS DA PESQUISA

A escolha dos sujeitos entrevistados nesse trabalho foi feita com base em conhecimento empírico, indicações em livros sobre a história da ordem franciscana, a predileção de frades, que tiveram a experiência educacional advinda dos frades alemães ou mesmo de frades professores (que formam outros frades) que tiveram os alemães como mestres. Além disso, por autores da história franciscana que tratam da Província Santo Antônio²⁰. Por meio das suas obras ou dos seus pares foi possível identificá-los, quantificá-los e selecioná-los para a etapa das entrevistas.

O levantamento bibliográfico consistiu no estudo do Franciscanismo, e na seleção e estudos dos referenciais em torno da Memória da Formação Pedagógica dos Frades Franciscanos, mais especificamente no período da Restauração, com o embasamento teórico sobre história do franciscanismo. Principalmente por meio das obras de Lázaro Iriarte, Frei Venâncio Willeke; cadernos traduzidos e comentados pelo historiador Frei Hugo Fragoso; referenciais da história do Brasil no período de 1890 a 1910; obras sobre a realidade alemã no período em foco, pesquisas e publicações sobre os alemães no Brasil e na Bahia, e estudos de teóricos que abordam o estudo da memória.

Compreender a memória pedagógica desses franciscanos referidos como objeto de pesquisa, foi, sobretudo, perceber que são sujeitos de Memória, historicamente constituídos sobre a base de determinações que lhe são exteriores. São ao mesmo tempo sujeitos e objetos. Neste sentido, ouvir os seus discursos significou identificar quais as vozes que eles representam, verificando quais são suas concepções pedagógicas da formação franciscana, e o que eles perpassam como modelo de formação para os demais do grupo analisado.

Compreendendo-os como os principais atores que sucederam ao período de formação advinda dos frades que vivenciaram a realidade inicial da Restauração Alemã, procuramos, em certa medida, analisar de que forma estes sujeitos atribuem sentidos à concepção da formação pedagógica e formação religioso-franciscana e o que ainda está presente dessa memória herdada dos alunos dos primeiros restauradores.

²⁰ Frei Hugo Fragoso e Frei Marcos Almeida.

Os procedimentos de análise estão descritos e utilizados no processo de investigação. A pesquisa foi realizada em quatro atividades concomitantes: entrevistas, levantamento bibliográfico, documentação e registro de arquivos, novas entrevistas, e análise dos resultados. Os focos temáticos de análise foram às concepções de formação pedagógico/religiosa e a formação prática para a vida na Ordem, que permanece na memória dos frades, inclusive aquelas advindas dos Restauradores Alemães.

1.2.1 Entrevistas

As entrevistas foram elaboradas no modelo semiestruturado. A escolha por este tipo de entrevista justifica-se pelas grandes possibilidades de aquisição de informações, percepções e experiências dos informantes. Nesta perspectiva, as questões semiestruturadas foram desenvolvidas com o intuito de analisar as concepções pedagógicas em torno da formação dos frades já falecidos, que foram alunos dos franciscanos alemães, pertencentes à segunda geração de chegantes, como foi o caso de Dom Adriano Hipólito; ou que foram alunos de brasileiros educados por alemães como Frei Hugo Fragoso (que foi aluno de Dom Adriano), bem como de muitos dos alunos do Frei Hugo, inclusive Frei Marcos Antônio de Almeida, hoje historiador da Ordem. O roteiro das entrevistas foi organizado de forma geral, mas, também, específica para cada participante. É importante ressaltar que, não tivemos a intenção de ratificar dados, mas, sim, de compreender, por meio das experiências vivenciadas por esses participantes, o que existe dessa memória e o que ela representa para esse grupo específico.

2 A TRAJETÓRIA HISTÓRICA DOS FRANCISCANOS NAS SUAS ORIGENS

O século de Francisco de Assis foi inovador. A passagem do século XII para o século XIII representa uma revolução, dentre tantas, da história da humanidade, porque marca uma profunda mudança no campo econômico e social. É a passagem do feudalismo para a comuna e, portanto, da hegemonia aristocrática para ascendê-lo político e econômico da burguesia. Tempo de regime feudal, quando a terra estava nas mãos de poucos e poderosos proprietários, com muitas pessoas pobres, outras paupérrimas, a serviço destes grandes senhores. Estava desfalecendo a unidade do império germânico e a estrutura feudal da sociedade.

Conforme Zavalloni (1999), com o crescimento do comércio, surgem, aos poucos e por toda parte, as cidades (burgos), a nova classe dos burgueses comerciantes, também, aos poucos, se tornou opressora, frustrando os ideais de liberdade e de justiça dos habitantes dos novos centros urbanos. Esta época foi marcada pelo acúmulo dos bens materiais que, por sua vez, gerava a dominação e a exploração dos menos favorecidos.

Num afluxo mais intenso de vida, na maior parte dos países europeus, aqui se destaca a Itália, até a Catalunha. O dinheiro fruto da exploração, da dominação das desigualdades sociais, das brigas e das separações entre ricos e pobres. No entanto, os senhores feudais, cuja riqueza provinha da terra, sentiam-se ameaçados pela rápida ascensão de uma nova classe, a dos comerciantes. Este evento era saudado com satisfação e esperança pela população subalterna como sinal de libertação da realidade opressora, oriunda dos grandes senhores da terra.

Em relação à Igreja Cristã, desde a Antiguidade, com a liberdade concedida por Constantino, a Igreja pôde sair das catacumbas e os fiéis instalaram a liturgia nas igrejas, publicamente, sendo que as primeiras igrejas foram feitas com o aproveitamento de palácios doados pelo Imperador Constantino, em Roma. Com a liberdade e os títulos de honra dados pelo imperador aos bispos, a Igreja se aburguesou bastante e entrou desse modo na Idade Média²¹.

Com os feudos da Idade Média (cidades cercadas por muros), apareceram, aos poucos, as paróquias cristãs. Em 1054, a Igreja do Oriente (Constantinopla) separou-se da do Ocidente

²¹Na História da Igreja, considera-se Idade Média o período da História que vai desde o ano 476, ano em que caiu o último imperador romano, até o ano 1453, a queda de Constantinopla, ou 1492, a descoberta da América.

(Roma), devido a disputas quanto ao credo, ao culto ou simples questões de poder, pelos responsáveis pela Igreja de então.

Do ano 1000 ao ano 1500, houve um esfriamento na fé pela maior parte dos chefes da Igreja. Ou seja, paulatinamente foram esquecendo-se da missão de pregar o Evangelho, e foram tornando-se políticos, condes, barões, reis, duques, venderam cargos eclesiásticos e praticaram “simonia” (cobrança pelos serviços religiosos). Buscavam muito dinheiro para construir grandes igrejas e palácios, manter seus exércitos e o pessoal de suas cortes (bispos, papas, cônegos, abades, padres e religiosos).

Zavalloni (1999) considera que, nesse longo tempo a Igreja Cristã explorou não só bens territoriais e acúmulo de riquezas, como também dominou o conhecimento e as ideias, fazendo isso em benefício próprio ou dos seus pares. Por outro lado, essa mesma Igreja enfrenta grandes desafios, como, por exemplo, conter grupos de cristãos que querem viver de forma radical o Evangelho, imitando a vida de Jesus e dos apóstolos. São os mendicantes, os quais conservando seu caráter místico assumem o evangelismo do século XII, porém, com atitudes de contestação e rejeição da Igreja oficial.

Era um grande desafio para a Igreja medieval conter esses religiosos mais fervorosos dentro do limite da ortodoxia, sem deixá-los descambar para a heresia. Como uma opção “subversiva” aos olhares à Igreja, os mendicantes não se limitaram ao testemunho místico de uma vida que desejava configurar-se com a de Jesus, mas, também, foram motivados a viver contra a riqueza e a exploração que a Igreja representava, nesse contexto. Para os mendicantes, a pobreza tornou-se a base ideológica e “econômica”, de uma pregação itinerante, convertia muitos homens em viajantes de grandes caminhadas, uma comunidade de irmãos que se abandonavam aos imprevistos da providência. Segundo Zagonel (2001), a mendicância tornou-se uma ruptura, uma presença, uma libertação. A Ordem Franciscana foi à primeira ordem mendicante cuja Regra foi aceita pela Igreja institucional.

A partir desse emaranhado de questionamentos e efervescentes mudanças frente à realidade histórica e social, nasceu Francisco: um jeito diferente contesta a realidade de desigualdade na qual vivia a população de sua época, e atrai muitos seguidores e seguidoras com ideal de viver uma vida de fraternidade e justiça perante os mais pobres e excluídos da sociedade, pautando o seu ideal de vida no Evangelho de Jesus Cristo. Com Francisco nasceu seu ideal de vida e sua concepção pedagógica.

2.1 DO NASCIMENTO AOS PRINCIPAIS FATOS DA VIDA DE FRANCISCO DE ASSIS

Segundo seus biógrafos e hagiógrafos, Tomás de Celano e São Boaventura²², Francisco nasceu na cidade de Assis, região da Úmbria - Itália, no século XII (fim de 1181 ou início de 1182), filho de Pedro Bernadone e de Dona Joana, chamada Pica. Seu pai, um rico comerciante, trabalhava no comércio de Assis com tecidos que buscava na França, enquanto Joana, sua esposa, cuidava do lar e da formação humana e religiosa do filho. De acordo com esses escritos, Francisco aprendeu a ler e escrever na escola paroquial de São Jorge, em Assis, e completou sua modesta cultura com elementos de cálculo, poesia e música, adquirindo, também, uma escassa noção de língua francesa (provençal) bem como sobre lendas de cavalaria. Francisco, posteriormente, formou uma discreta cultura religiosa, lendo e meditando sobre os salmos e os evangelhos.

Francisco pertencia à classe burguesa, emergente da crise feudal com seu modo de produção servil. Já adulto, exercia a profissão de seu pai, vivendo em um ambiente marcado pela desenfreada cobiça dos comerciantes e dedicado aos negócios lucrativos do comércio. Nos seus primeiros vinte e cinco anos, teve uma vida ativa e ambiciosa, e tentou pessoalmente todas essas vias de subida e de glória, como participante da conquista da liberdade cívica na luta contra o feudatário imperial de Spoleto (1198). Tomou parte ativa, aos vinte anos, na guerra comunal de Assis contra Perúgia (1202) e caiu prisioneiro dos peruginos.

Libertado, após um ano de prisão, novamente inicia sua luta em alcançar sonhos de glória, decidindo ir até às Apúlias com a finalidade de aumentar suas riquezas e prestígio para a conquista do título de nobreza após as supostas vitórias provenientes dessas lutas. A viagem de Francisco foi, contudo, interrompida em Spoleto, onde passou a viver como penitente e eremita, entregue à oração e a serviços humildes, por breve tempo, num mosteiro beneditino.

A esta altura, Francisco entende que a “Restauração da Igreja”, que acreditara ter ouvido do próprio Cristo, passa pela reconstrução física das ruínas das pequenas igrejas de Assis, daí ele inicia o processo de restauração das igrejas de São Damião, São Pedro della Spina e Santa Maria dos Anjos, chamada Porciúncula. Nos anos seguintes, percebe que a restauração não se baseava nas reconstruções físicas das igrejas, mas, no interior de cada pessoa que desejava seguir aos ensinamentos de Jesus Cristo, pautados no Evangelho.

No que se refere aos desafios por assumir essa nova postura de vida, Francisco renuncia publicamente ao seu próprio pai na praça de Assis (fato imortalizado pelo artista

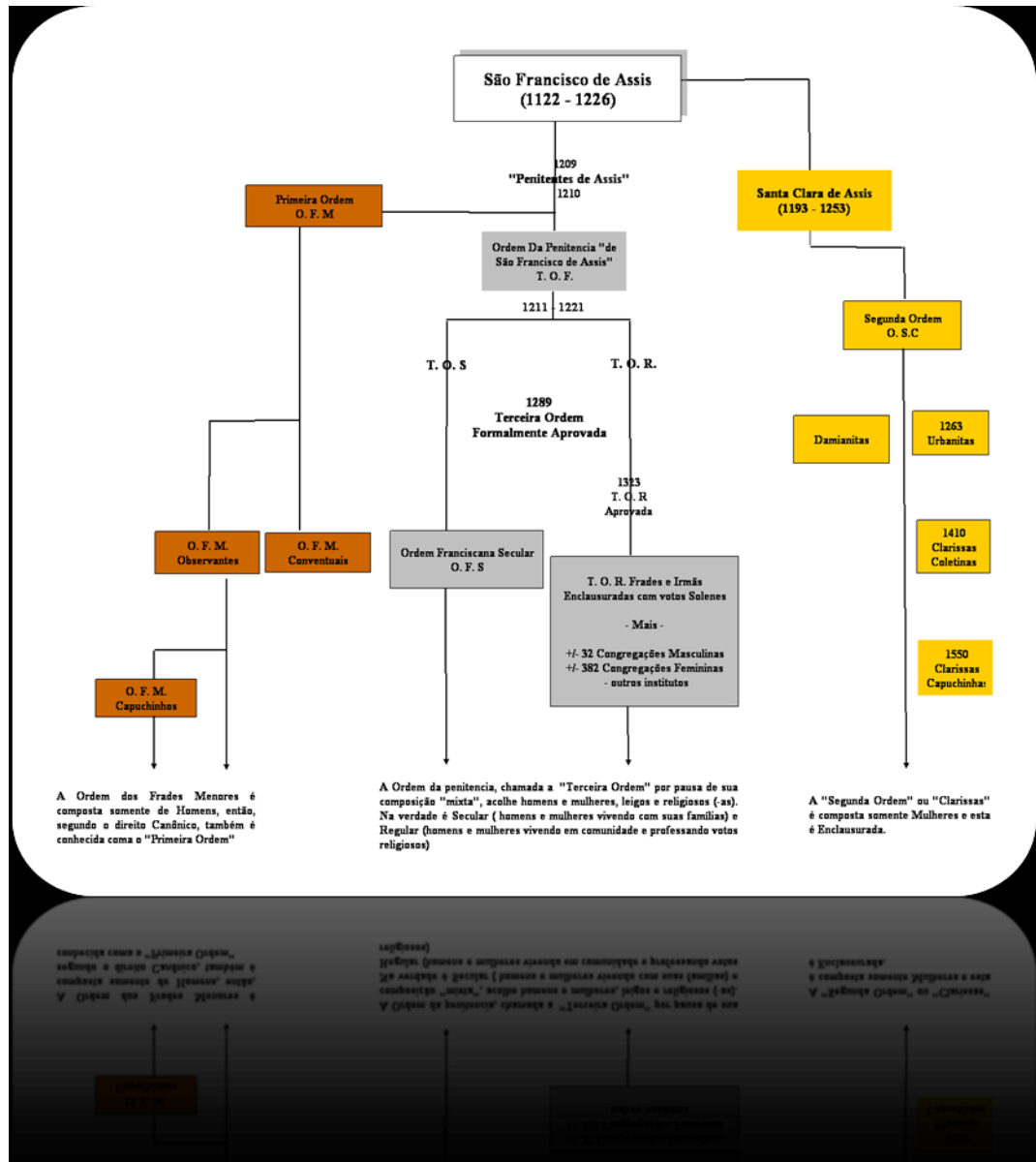
²²Tomás de Celano escreveu vários tratados da vida de Francisco de Assis: Vida I, a Legenda Coral (resumo da vida I, pra fins litúrgicos), a vida II, o tratado dos milagres. Boaventura de Bagnoreggio, teólogo e filósofo franciscano, que se dedicou à função de Ministro Geral da Ordem, e recebeu o título de “Segundo Fundador da Ordem franciscana”.

Giotto nas pinturas da Basílica). Segundo seus biógrafos, razão do poder se mede com a razão da fraqueza. Nesse contexto, seu pai Bernadone escolhe a razão como instrumento de poder, mas, Francisco escolhe a fé como o ideal de vida; a primeira revestindo-se potência, a segunda de fraqueza; uma a serviço de si próprio e a outra a serviço dos menos favorecidos. É essa, portanto a raiz da pedagogia franciscana.

Vê-se, portanto, conforme os biógrafos, que a origem do pensamento franciscano e sua força revolucionária emergem desse confronto com a proposta em recuperar a inspiração originária do cristianismo, com retorno às origens, ou melhor, ao Evangelho, como forma de vida. Em um tempo de crença ardorosa e dificuldades na vida material, seguiram-no o rico Bernardo de Quintavalle e o doutor em Direito, Pedro Cattani, aos quais se juntaram o jovem Egídio e mais oito companheiros (1208). Um ano depois, o grupo foi aprovado em seu modo de vida comunitária e apostólica, pelo Papa Inocêncio, em 1209. Inicia-se, então, a Ordem de Francisco de Assis, de mendicantes. Francisco de Assis instituiu a primeira ordem, a “Ordem dos Frades Menores” (OFM); a segunda ordem, feminina chamada de Damas Pobres de São Damião (Clarissas) e também, a ordem terceira, de leigos: Ordem Franciscana Secular (OFS) para aqueles que viviam com suas famílias, mas queriam viver segundo o exemplo de sua vida. A partir desse “arranjo familiar” surge assim, a chamada Família Franciscana.

Na família franciscana, a Ordem dos Frades Menores (em latim *Ordo Fratrum Minorum* - OFM), também conhecida como Ordem de São Francisco, Ordem dos Franciscanos ou Ordem Franciscana, é a ordem religiosa fundada por Francisco de Assis. Esta ordem religiosa tem como ramificações: os Frades Franciscanos Conventuais (de 1209); os Frades Franciscanos Observantes, com regra simplificada pelo Papa Leão XIII (das Reformas 1368/1897); os Frades Franciscanos Capuchinhos, de 1528 (ramo reformado dos Franciscanos Observantes); e os Frades Franciscanos da Imaculada (ramo reformado dos Franciscanos Conventuais). A regra da Ordem de São Francisco esteve na base da Segunda Ordem Franciscana, ou Ordem das Clarissas, fundada por Santa Clara de Assis (e Francisco) e composta por freiras, e também na base da Terceira Ordem Franciscana, para os leigos. Cada uma destas Ordens tem a Regra comum e as Constituições próprias, mas toda tem como base a regra franciscana, o testamento franciscano e a forma de vida franciscana (imitação de Cristo na sua face de pobreza).

Atualmente a Ordem Franciscana está assim constituída:



Fonte: Site franciscanos.

2.2 EDUCAÇÃO MEDIEVAL: A MEMÓRIA HISTÓRICA E METODOLÓGICA DA PEDAGOGIA FRANCISCANA

Desde os primórdios do cristianismo a prática educativa formativa se tornou o principal mecanismo para a difusão dos ensinamentos cristãos: os Evangelhos, as Epístolas de São Paulo, o Apocalipse, de São João, e os Atos dos Apóstolos, ou seja, o Novo Testamento da Bíblia Cristã é o que configura o magistério de Cristo, como também o surgimento da Igreja Apostólica na sua fase de institucionalização e difusão.

A prática educativa da Igreja e sua teorização se configuraram, progressivamente, a partir da morte de Jesus até a época constantiniana. De fato, essa prática se deu por meio de ritos, de orações, de cultos aos mortos, pelos ensinamentos orais, como também por figuras

relacionadas aos símbolos que remetia ao cristianismo. Tal pedagogia remonta aos ensinamentos dos primeiros cristãos vivenciados em tantos lugares, com destaque para as Catacumbas *romana*, como primeiro espaço favorável de vivência dessa memória. A esse respeito, Le Goff (2013) o “ensino cristão, a memória de Jesus transmitida pela cadeia dos apóstolos e dos seus sucessores”, e os mártires seus testemunhos.

Santo Agostinho deixa uma herança ao cristianismo medieval, com aprofundamento de adaptação cristã da teoria retórica antiga sobre a memória. Em suas “Confissões” ele parte da concepção antiga dos lugares de memória,

[...] Encontram-se como que escondidas em lugar muito recôndito, que não é lugar. E não são apenas as imagens, são as próprias realidades que carrego. As noções de literatura, de dialética, as diferentes espécies de problemas existentes, todos os conhecimentos que tenho a respeito também existem na minha memória, mas não como a simples imagem por ela retida como exclusão da realidade, nem como som agora dissipado, como voz que se fixa nos ouvidos através da impressão que permite ser lembrada [...] (AGOSTINHO, 1984, p.277).

A Igreja, no processo de expansão, necessitou disseminar a sua memória por meio da educação dos fiéis, a ferramenta complementar à evangelização, um instrumento decisivo na conversão dos pagãos e infiéis. Casimiro (2009) enfatiza que a luta da Igreja Católica por sua afirmação, sobrevivência e poder desde sua origem. Nos três primeiros séculos, floresceram simultaneamente a organização material da Igreja, a teologia e a jurisprudência — em constante processo de ajuste dialético — por um lado contra a lassidão dos costumes, os rigores heréticos e as perseguições e, por outro, como ação política em defesa da liberdade religiosa. Ao mesmo tempo, foi se firmando, aos poucos, um dinâmico processo pedagógico.

Em se tratando da vida monástica, vale ressaltar que, desde a época da vida pública de Jesus, este estilo de vida se configurou por homens e mulheres (eremitas) que se afastavam das cidades para viver uma vida de oração e contemplação. Aqui se destaca os primeiros grandes nomes desse movimento, Paulo de Tebe, Santo Antônio Abade e Pacômio, seguidos nos séculos seguintes por São Basílio, São Jerônimo, Santo Agostinho e São Bento (cenobitas).

Esses monges difundiram essa forma de vida ao longo dos tempos, com a sua maturação no auge da Idade Média. É voz comum que graças a esses monges a memória dos filósofos da Antiguidade foi preservada pela prática corrente nos mosteiros de se copiarem as obras clássicas gregas e romanas traduzidas do árabe. Além disso, a divisão das disciplinas em *trivium e quadrivium*, que depois influenciou a Escola de Paris, e conseqüentemente os

jesuítas na redação da *Ratio Studiorum*, se deve ao monge Alcuíno, responsável pela educação carolíngia (CASIMIRO, 2002).

Vale ressaltar, principalmente, que muitos desses monges, por meio das suas regras (tratados da vida monástica), contribuíram para a difusão educacional, dentro e fora das ordens religiosas. Uma das fontes principais da pedagogia cristã, nesse sentido é a regra de São Bento, a mais completa e que foi inspiradora das regras de inúmeras outras ordens religiosas.

A Regra de São Bento de Núrsia (480-547) foi modelo para inúmeras outras regras de vida religiosa. É consenso entre os estudiosos que a regra de São Bento, fortemente inspirada na de S. Basílio, é a mais completa e organizada das regras monásticas, tornando-se modelo para as ordens posteriores, principalmente as de matriz latina. A Regra de São Bento, redigida por volta do ano de 540, para o mosteiro de Monte Cassino, do qual era superior, se caracteriza justamente pela sobriedade e precisão, pelo sentido de medida e equilíbrio (FIGUEIREDO, 1990, p.181).

Conforme foi dito anteriormente, a Regra renovou radicalmente a tradição monástica e fixou a organização da vida dos monges. Assim sendo, cada mosteiro deveria ser autossuficiente e cada monge se submetia a uma intensa vida de ascese baseada no princípio *ora e labora*²³, que atribuía ao trabalho manual um papel crucial (sete horas por dia) na formação individual e na vida da comunidade.

Sabe-se, portanto, que a experiência monástica, fixou um novo lugar de formação, no sentido espiritual. Nos mosteiros, ademais, toma corpo um modelo de escola cristã, baseada na *Paidéia*, caracterizado pela centralidade na autoridade do “mestre”, pelo estudo da Bíblia, e pelo uso dos clássicos greco-latinos, provenientes das escolas monásticas da Irlanda, onde o movimento dos monges teve larga difusão.

Segundo Casimiro (2002), “no monaquismo ocidental, destacou-se Santo Agostinho que escreveu uma regra para orientar um mosteiro de religiosas.” As regras religiosas seguidas a partir de então apesar de suas especificidades, se caracterizavam por alguns aspectos pedagógicos em comum, que: a) se fundamentavam no texto da Sagrada Escritura e na observância dos Mandamentos da Lei de Deus; b) recomendava a vida dos religiosos como imitação da vida de Cristo; c) vida desdobrada em atitudes piedosas como: amar ao próximo, praticar a caridade evangélica, praticar as virtudes e evitar o pecado; d) a leitura, o estudo e o conhecimento do Evangelho, a oração e o canto dos salmos; e) tinham como básicos os votos de pobreza, castidade e obediência; e) pautados em normas de vida em comum, relacionadas ao trabalho, ao alimento, às roupas, os bens comuns, à disciplina, ao cumprimento do horário,

²³ Frase atribuída a São Bento, mas sem nenhuma comprovação científica.

ao cuidado com os enfermos, à relação com os superiores, com os confrades e com as pessoas externas ao mosteiro, a hospitalidade etc. No que diz respeito ao crescente poder alcançado pela Igreja neste mesmo tempo do desenvolvimento da vida monárquica, Cambi explica como o saber esteve aliado ao exercício do poder:

A Igreja, porém desenvolve igualmente uma ação educativa sobre toda a comunidade, substituindo cada vez mais o poder civil, primeiro ligando-se a ele, depois tomando seu lugar fazendo o papel de reguladora formativa e administrativa. É esse aspecto que leva também a Igreja de Roma a delinear sua própria supremacia sob as outras Igrejas, enquanto ligada ao centro do Império e ao local de coordenação de seus intercâmbios, de todos os tipos. (CAMBI, 1999, p. 126).

No desenvolvimento das cidades emergentes da Europa, surgem as Escolas Monásticas, inicialmente em regime de internato exclusiva para a formação religiosa dos monges, mas, analogicamente, também se desenvolveu às sombras das catedrais e dos mosteiros, assim, surgiram escolas de alfabetização para alguns leigos privilegiados dos vilarejos próximos. Para que a educação se consolidasse, foi necessário recorrer aos pensamentos da Patrística e Escolástica, como elementos fundamentais para a Pedagogia Cristã, que se nutriu do pensamento tanto religioso quanto filosófico para educar o povo.

[...] As prédicas catequéticas nas missas tinham um papel importante nesses conteúdos de fé. Por causa do analfabetismo dominante, as imagens passaram a ter grande importância. E não por último a prática da confissão foi utilizada para fins catequéticos. Para apoiar os pais e (padrinhos) na tarefa de educação religiosa da vida das crianças, editaram-se na Alta Idade Média, tratados e métodos que podem ser considerados os precursores do catecismo (METTE, 1997, p.66).

A intensificação e obrigatoriedade do sacramento da confissão funcionaram como mecanismo fiscalizador da Igreja sobre a vida e os pensamentos dos fieis o que fez recrudescer o poder exercido sobre reis, senhores feudais e povo. Mormente, os séculos XII e XIII, formaram o apogeu clássico não somente da cristandade medieval (representado na figura do Papa Inocêncio III), mas, também, a expansão cultural das universidades. Conforme já foi afirmado, nesse período surgem também as ordens religiosas mendicantes das quais se destacam: a de São Francisco de Assis e a de São Domingos de Gusmão.

Por conseguinte, emerge a “Escolástica” e a suma teológica do primeiro “código canônico” (decretais de Gregório IX). É o tempo de Alberto Magno e de Tomás de Aquino. Surge, oficialmente, a universidade de Paris que tem seus privilégios reconhecidos pelo Papa Inocêncio III, em 1215; depois, as de Oxford, Bolonha e Salamanca. São construídas as

grandes catedrais e a arte medieval se aprimora, pelo uso em ampla escala nas cruzadas da cristandade.

Vivenciam-se, assim, o tempo das Cruzadas, dos Templários, dos Hospitalários, das Ordens Militares e dos “Cavaleiros Cristãos”. Na Península Ibérica, durante a reconquista das terras ocupadas pelos árabes, os papas decretam algumas cruzadas contra o Islã, sendo que a mais famosa delas foi à batalha de Navas de Tolosa, em 1212.

Foi contexto que as ordens mendicantes se inseriram numa situação rigorosa dos séculos XII e XIII. A fé, mesmo a dos leigos, a necessidade de se confrontar com o mundo criado por Deus – e não mais no silêncio das bibliotecas ou nos círculos fechados das escolas monásticas e episcopais, mas, ao ar livre, na livre discussão, em torno dos mestres.

No sistema escolástico das universidades, depois do final do século XII, o recurso à memória continua frequentemente a fundar-se mais na oralidade que na escrita. Apesar do aumento do número de manuscritos escolásticos, a memorização dos cursos magistrais e dos exercícios orais (disputas, *quodlibet*)²⁴ continua a ser o núcleo do trabalho dos estudantes (LE GOFF, 2013, p. 446).

As discussões, pressões sociais e religiosas, expansão da educação, segundo Pierrard (1992), “nasceu uma nova palavra correspondendo uma nova realidade: a Associação ou Universidade dos Mestres e alunos” que foi o resultado da ação da Igreja, e cujo arquétipo foi Paris.

Paulatinamente, ao término de uma luta épica, mestres e alunos obtêm todos os privilégios de uma corporação eclesiástica; a universidade de Paris é liberada por Filipe Augusto (rei da França), de uma jurisdição laica; por outro lado, os papas a desligaram, em seu benefício, da jurisdição episcopal por meio da *Bula Universitas Parens Scientiarum*, de Gregório IX (1236), o que permitia até mesmo tratar os oriundos dessas instituições de igual para igual com o rei. Em seguida, foram criadas quatro faculdades – Artes Liberais, Direito Canônico, Medicina e Teologia. Diferenciada, a Universidade de Paris transformou-se numa verdadeira “instituição mundial” e eclesial; isso porque todo aluno e todo professor era obrigatoriamente da Igreja e, nessa situação, multiplicaram as obras caritativas, e os colégios ficavam com a responsabilidade de receberem os estudantes pobres.

Como as universidades não possuíam nenhum estabelecimento próprio para essas finalidades, os mestres ministravam seus cursos nesses colégios, transformando-os, aos poucos, em casas de ensino.

²⁴Refere a um tipo de debate acadêmico ou prova oral usualmente teológico, no qual qualquer pergunta pode ser colocada de forma extemporânea. Debates *quodlibet* foram bastante populares na cultura ocidental no século XIII.

O sistema escolar medieval, não era organizado em ciclos anuais, todas as gerações encontravam-se reunidas. As escolas não eram estabelecimentos de ensinos, mas de certa forma “escolas de vida” — especialmente as escolas dos mosteiros, lugares de vida em comum, e, portanto, de uma formação direcionada à experiência. Nessas condições, o estudo se baseou na leitura e no exercício dos textos das Escrituras — dentre os quais os Salmos tinham um papel especial, no Credo e em orações; mesmo a aritmética colaborava diretamente na instrução da fé, com utilização das famosas séries numéricas catequéticas. A socialização da educação religiosa para a população nesta época se expandiu sem instrução sistemática. (METTE, 1997, p. 63).

Nesse período, enquanto o ensino “nas escolas” possuía um caráter informal, por outro lado, a Faculdade de Teologia e a Faculdade de Artes de Paris, se destacavam como as mais vivas e importantes e, por volta de 1250, sob a influência de Oxford, a influência do pensamento aristotélico e do pensamento árabe, a Faculdade de Arte torna-se uma verdadeira Faculdade de Filosofia.

Nesta fase, o mestre escolástico não é mais o diretor de um organismo escolar rudimentar, na moldura de um sistema educativo ainda não evoluído nos seus diversos graus, não é mais, portanto, o chefe de uma escola municipal ou episcopal da primeira Idade Média, mas sim, aquele que tinha a sua licenciatura docente e que exercia o ofício como profissão, no quadro daquela corporação, ou seja, aquele que ao mesmo tempo teria que ser qualificado pela sua competência específica como também pela autoridade jurídica com mais autonomia daquela instituição cultural, que posteriormente se chamará de Universidade.

Conforme o autor citado (METTE, 1997), paradoxalmente, com os novos tempos da educação, os teólogos inicialmente tiveram dificuldade para romper com os velhos métodos; depois a partir de um simples comentário dos textos bíblicos, passaram a desenvolver uma Teologia Sistemática; da simples “questão”, passaram à “discussão”, ou seja, a um exercício vivo, organizado em torno de um tema escolhido e animado pelo mestre.

Cabe aqui ressaltar, de acordo com o pensamento do supracitado autor que do ambiente cultural dessas escolas e das primeiras Universidades do século XI, surgiu uma produção filosófica denominada “Escolástica” em que a apresentação e a transmissão da doutrina cristã já não se fazem mediante uma introdução à ação litúrgica ou mediante uma instrução elementar catequética, e nem monástica, Na Escolástica, a doutrina sacra se organiza como ciência, que vem estruturada e elaborada por uma razão que atende à análise, a pesquisa, à divisão e a síntese.

Nesse aspecto, a Escolástica, esteve relacionada exclusivamente à escola e justifica a aplicação, que fez dela, mais tarde um método de ensino praticado nas escolas. A partir do século XIII, o aristotelismo penetrou de forma profunda no pensamento escolástico, marcando

definitivamente o sistema de educação da época. Com efeito, buscou a harmonização entre a fé cristã, e, a razão manteve-se como problema básico de especulação filosófica (METTE, 1997).

A Pedagogia Franciscana inova radicalmente na sua concepção humanística visão antropológica que remete a Francisco de Assis (1182-1226), prática pedagógica integral e formação da totalidade do ser humano, formação humana, cristã e profissional. Conforme Casimiro (2012), “surgiram, ao lado das ordens monacais renovadas, ordens mendicantes, como a de São Domingos e a de São Francisco de Assis, cuja regra primava pela radicalidade da vida evangélica, pelo amor ao próximo e pela caridade”, fugindo aos moldes beneditinos e agostinianos, vigentes até então. Concomitantemente era uma nova concepção pedagógica que surgia.

O franciscanismo transformou-se em uma nova configuração religiosa distanciada das estruturas eclesiais do seu tempo. Mesmo que do seu seio tenham surgido doutores e teólogos²⁵ que nada ficava a dever aos doutores de Paris. Daí, surgiu a primeira fraternidade oficializada dos Frades Menores submetidos a uma regra, cujos principais tópicos eram a humildade, a obediência e a imitação de Cristo na sua face da pobreza. Esses princípios eram ensinados e aprendidos.

Segundo os seus historiadores e biógrafos, Francisco de Assis não pertencia à classe dos letrados, por não ter concluído seus estudos. Gostava de ser chamado de simples e ignorante, embora tivesse respeito e admiração pelos teólogos e apreço pela ciência. Apesar de tudo isso, na comunidade religiosa à qual pertencia, tinha muito temor pelo conhecimento, que poderia acarretar sérios problemas para a Ordem, no sentido em que *o saber, como poder e o ter*, seriam como as três grandes tentações do orgulho humano e fontes permanentes.

No contexto em que Francisco, “acima de qualquer coisa”, opta por ter “o Espírito da santa oração e devoção” (Rb 5, 2; cf. CAnt 2), deve ser interpretada a admoestação do mesmo Francisco: “E os que não têm estudos não os procurem adquirir” (Rb 10, 8). O “Poverello” não condena os estudos nem proíbe que seus Frades estudem (cf. 2Cel 163); mas quer que todos os Frades, sem distinção, possam “seguir as pegadas do seu dileto Filho, nosso Senhor Jesus Cristo” (COrd 51), amando a Deus e adorando-o “com o coração e o espírito puros, porque Ele mesmo exigiu isto acima de tudo” (2CFi 19).

“Homem simples e amigo de toda a verdadeira simplicidade” (1Cel 120), desde o início e sem distinção alguma, Francisco acolhe em sua Fraternidade homens “iletrados” (Test 10) e homens “letrados” (1Cel 57). Entre estes está o “bispo” Frei Antônio, ao qual, com prazer, permite ensinar “aos irmãos a sagrada Teologia” (CAnt 2: cf. LegM 11,1).

²⁵ A exemplo de Alexandre Halles, Boaventura de Bagnoregio, Duns Scoto, Santo Antônio de Lisboa, dentre outros.

Com a “bênção” de Francisco, os Frades começaram logo a estudar e a ensinar não apenas nos “Estudos gerais da Ordem”, mas também nas grandes Universidades então conhecidas. Dessa forma, legitimaram e defenderam a tradição espiritual da Ordem, particularmente a vida apostólica, pobre e itinerante, e agiram de tal modo que os princípios espirituais da tradição franciscana, sobretudo a experiência evangélica de Francisco, chegassem a ser princípios teológicos bem fundamentados e bem propostos.

Antônio, Boaventura, Duns Scotus, Rogério Bacon, Alexandre de Hales, Guilherme de Ockham, Bernardino de Sena, João de Capistrano, Nicolau de Lira são apenas alguns dos irmãos “letrados” que formam a escola dos grandes Mestres franciscanos. Unindo “santidade de vida e ciência”, durante a história ofereceram um grande contributo para a afirmação de Deus nos valores da vida, do mundo, da natureza e do homem (*RATIO STUDIORUM OFM*, 2001).

Todavia, os frades não poderiam andar a “esmo”, necessitavam de um direcionamento, e foi a partir dessa necessidade que Francisco de Assis elaborou a sua própria concepção pedagógico-religiosa deixando ‘escritos’ como norma de vida para seus seguidores. Foi dessa forma e por esses motivos que os “escritos” tomaram forma documental e ganharam força de lei para os confrades. Assim, nada mais lógico do que considerar esses escritos como uma importante raiz da pedagogia franciscana.

Os *Escritos Franciscanos* se dividem em: textos legislativos; admoestações e normas; orações e louvores; e o epistolário. O Texto legislativo é composto pelas duas Regras da Ordem. A primeira Regra foi escrita de 1209 a 1221 (primitiva “*formula vitae*” que, aos poucos, ampliou-se com o nome de Regra Primeira ou “Regra não Bulada”). Entretanto, prevaleceu a Regra Bulada definitiva, de 1223.

É importante deixar claro ele só resolveu escrever a Regra de Vida para os frades no momento em que isto se tornou necessário, ou seja, quando a Ordem se expandiu com muitos adeptos e precisava uma norma comum para viver a fraternidade. Nessa realidade, Francisco escreve primeiro com breves palavras tiradas do Evangelho, depois descreve com simplicidade a redação definitiva deixando a vocação plena de liberdade e de desenvolvimento, na vida de seus confrades. A metodologia que utilizou para ensinar é chamada comumente de Pedagogia do Respeito, no entanto, sempre recomendava que seus frades não possuíssem nada, pois tudo pertencia a todos.

São Boaventura, seu discípulo, contava que ele, «enchendo-se da maior ternura ao considerar a origem comum de todas as coisas, dava a todas as criaturas – por mais desprezíveis que parecessem – o doce nome de irmãos e irmãs». Esta convicção não pode ser desvalorizada como romantismo irracional, pois influi nas opções que determinam o nosso comportamento. [...] A pobreza e a austeridade de São Francisco não eram simplesmente um ascetismo exterior, mas algo de mais radical: uma renúncia a fazer da realidade um mero objeto de uso e domínio (FRANCISCO, 2015, p.15).

Como podemos ler na sua *Regra não Bulada*,

Cuidem os Irmãos, onde quer que estejam, nos eremitérios ou em outros lugares, para não se apropriarem de nenhum lugar nem o reivindicarem de ninguém. E quem vier procurá-los, amigo ou adversário, ladrão ou assaltante, seja recebido benignamente²⁶.

E no *Testamento* ele continua recomendando: “os que não sabem trabalhar aprendem, não pelo desejo de receber o salário do trabalho, mas por causa do exemplo e para afastar a ociosidade”²⁷.

Em virtude da sua convicção de seus ensinamentos e inspirações, queria que os seus frades aprendessem, conservassem e transmitissem tudo, sem modificações ou ulteriores interpretações: “[...] Eu Frei Francisco, ordeno firmemente e imponho que ninguém diminua nada destas coisas escritas nesta forma de vida nem lhes acrescente qualquer escrito; e não tenham os irmãos outra Regra”²⁸. A mesma exortação, podemos ver, ao final do seu *Testamento*, pedindo a observância fiel da *Regra*, sem nenhuma interpretação ou modificação da parte de ninguém:

[...] e todos são obrigados pela obediência a nada acrescentar ou diminuir a estas palavras. E tenham sempre consigo escrito junto à Regra...E ordeno firmemente por obediência a todos os meus irmãos, que não introduzam glosas na regra nem nestas palavras dizendo: assim devem ser entendidas. Mas, como o Senhor me concedeu de modo simples e claro dizer e escrever a Regra e estas palavras, igualmente, de modo simples e sem glosa, as entenda e com santa operação as observeis até o fim (FONTES FRANCISCANAS, 2008, p. 191).

O interesse pedagógico de Francisco não se limita à esfera religiosa. As qualidades que ele queria nos superiores da sua Ordem em todos aqueles que exerciam a autoridade sobre os outros. De acordo com Zavalloni (1999), na visão de Francisco, a ciência teológica não é meramente teórica e especulativa, mas tende, necessariamente, à ação, quanto àquilo que, na vida, ele põe em prática. O educador não é, pois, um mero reprodutor de informações recebidas, mas, é aquele que se esforça para possuir conhecimentos e praticar as *virtudes em grau eminente*. Foi desse modo que, apesar dos conflitos internos a respeito dos estudos “formais”, na baixa Idade Média, nos primeiros anos de século XIII, surgiu a “escola” franciscana a qual teve de enfrentar as mesmas problemáticas eclesiásticas e civis da época e procurou encontrar soluções aceitáveis para seus confrades.

²⁶ Regra Não Bulada7.

²⁷ Testamento 21.

²⁸ Regra Não BuladaXXIV,1-4

Por não ser sacerdote nem literato, Francisco de Assis escolheu outra estratégia de ação, aproximando-se do povo, com o testemunho de uma pobreza radical, com a simples pregação da penitência e o respeito à hierarquia eclesiástica. A repercussão de sua obra foi notável, a Igreja ampliada e aprofundada pelos seus seguidores: a) Clara de Assis, Raimundo Lúlio; b) Antônio de Pádua; c) Boaventura de Bagnoreggio d) Alexandre de Hales; e) Bernardino de Sena f) Pedro Alcântara, dentre outros.

Os fundamentos dos Escritos de Francisco de Assis e de seus seguidores, a escola franciscana voltou à tradição platônico-agostiniana, atenção mais concreta do que especulativa e, adotou o primado da vontade sobre o intelecto.

Partindo do conceito de que Deus é o “Sumo Bem” deduziam que a felicidade humana consiste em sua fruição, daí o lema “*contemplata aliistradere*” (transmitir aos outros as coisas contempladas); insistindo também na visão central do Cristo como mediador único da natureza²⁹.

Conforme seus biógrafos, Francisco, que viveu a realidade seu tempo, transformou-as em legítimas aspirações, encaminhando-as para o retorno à observância do Evangelho, fora de toda a fórmula monástica tradicional. Incentivou a itinerância incessante a pregação popular, a pobreza absoluta, sustentada pelo trabalho e pela mendicância.

Os pregadores educam com sua palavra profética e como moralistas, querendo incidir sobre os costumes através da evocação do pecado e da referência ao arrependimento. A palavra dos pregadores tende a tornar-se a ser palavra de mestres de vida moral. E são pregadores tanto os pontífices quanto os monges no mesmo em que falam ao povo. É pregador Francisco de Assis, a figura mais alta da religiosidade medieval pauperista, mas que logo depois de sua morte – foi normalizada para poder ser difundida sem traumas pela igreja e depurada, portanto, de seus aspectos mais radicais e, sobretudo heréticos. Educam pintores e literatos. Os ciclos pictóricos (da vida de Cristo e de Maria, de São Francisco ou de Santo Agostinho etc.) contem lições de vida moral e codificam comportamentos vida exemplares, exaltando-os pelo poder da imagem (CAMBI, 1999, p.148).

A inserção dos frades franciscanos na sociedade urbana retrocede ao tempo de Francisco de Assis, que nunca se distanciou do povo. Tal relacionamento possibilitou vultosas “esmolas” para a Ordem com as quais construíram suntuosos edifícios sacros, e encontraram recursos para repassar esmolas, cobrir as despesas de conventos e igrejas e prover a manutenção dos frades, desde as suas origens, mas, principalmente nos séculos barrocos. A presença de frades provenientes de famílias da alta sociedade e com estudos universitários favoreceu a expansão nas atividades intelectuais e culturais da sociedade por onde eles

²⁹ Com essa postura de cuidado com a natureza, foi considerado por alguns contemporâneos como o homem panteísta.

passavam, naturalmente, distanciando-os do modo de vida primitiva franciscano, e elevando-os a posições de prestígio na Igreja, na cultura e na sociedade. Isso gerou conflitos e fragmentação do grupo inicial.

A ordem do Pobre de Assis viu-se como compelida a participar da vida acadêmica da mais célebre das universidades, e a equipar-se para uma tarefa inteiramente estranha às cogitações do seu fundador [...] Assegurou-se assim o direito de cidadania à atividade científica no seio da Ordem, direito este que nenhuma reforma subsequente iria contestar seriamente. Este desenvolvimento foi devido principalmente à iniciativa de alguns homens esclarecidos, entre os quais sobressaem as figuras de Alexandre de Hales e de S. Boaventura (BOEHNER e GILSON, 2003, p. 414).

É fora de dúvida que, devido ao crescimento da Ordem e ao ingresso de pessoas provenientes de famílias letradas, possibilitou a muitos franciscanos a participar da vida acadêmica para atender aos anseios da época. A esse exemplo, aqui se destaca Alexandre de Hales (teólogo) que, ao ingressar na comunidade dos mendicantes, não deixou de pertencer também ao universo da academia. No ano de 1231, funda-se uma escola conventual em Paris, para onde começaram a afluir os jovens religiosos, dentre os quais um futuro geral da ordem João Fidanza da Toscana, e Boaventura de Bagnoreggio³⁰.

Com o crescimento da Ordem e a disseminação das atividades pastorais, precisou-se de uma nova teorização das novas práticas de pregação. Os grandes sermões não estavam se adequando mais à época. Para que tivessem fundamento, fazia-se necessário uma intensa retomada da vida cultural.

A própria consciência da Ordem assim o entendeu desde o começo e procurou colocá-la em prática. O estudo foi sempre visto em função do mandato de evangelizar recebido da igreja, o qual exige logicamente uma séria e cuidadosa preparação teológica. Isto souberam ver e colocar em prática os grandes mestres e fundadores da Escola Franciscana: Antonio, Alexandre de Hales, Boaventura, Duns Scotus e seus discípulos, além de Roberto Grosseteste que primeiro em Oxford recebeu e ensinou, como mestre regente, os irmãos ali enviados em 1224 (MANUAL DE FILOSOFIA FRANCISCANA, p. 63).

Em todos estes movimentos e correntes renovadores podemos ver, em comum, o anseio pelas reformas, fruto de uma inquietude diante do afastamento do ideal primitivo, embora, algumas vezes, este se ressurgia em contestações contra as interpretações acomodáticas da Regra.

³⁰ Por volta de 1220, algumas mudanças na academia introduziram no ensino magistral as Sentenças de Pedro Lombardo, (bispo de Paris). Os quatro livros das Sentenças estavam cheios de textos patrísticos, dispostos de maneira a formar um ensino completo da fé. Para que a ideia se efetivasse, Alexandre de Hales procurou manter desperto o interesse universitário, com as ideias da qual Alberto Magno (beneditino) e, sobretudo Tomás de Aquino foram as mais destacadas ilustrações.

Desse modo, Bohener e Gilson (2003), afirmam que “assegurou-se o direito de cidadania à atividade científica no seio da Ordem, direito este que nenhuma reforma subsequente iria contestar seriamente.” Tal fato, sem dúvida, direcionou a formação religioso-pedagógica dos irmãos e os estudos de teologia moral, a partir de uma “filosofia de vida” franciscana.

Seguindo a linha do pensamento de Francisco, Boaventura de Bagnoreggio, doutor franciscano, teólogo, e um dos seus hagiógrafos, insiste no aprendizado das virtudes, que aproxima da concepção aristotélica segundo a qual, a virtude não é um dado inato, mas, um valor a ser apreendido mediante a sua prática. Nesse sentido, o magistério de um educador franciscano é válido à medida que dá testemunho de vida virtuosa, mediante uma prática virtuosa.

No sistema franciscano, assim concebido unitariamente, a ciência das ciências é a *Sagrada Escritura*, única que os frades menores devem cultivar, segundo Boaventura; e somente para aprofundar-se nela se permite o estudo das ciências profanas. Teologia não é outra coisa que a página sagrada, A palavra de Deus escrita, ensinada e feita vida. (o sistema) Divide o trabalho científico em quatro categorias, segundo a ordem de excelência: 1º) *Sagrada Escritura*; 2º); Santos Padres (*originalia sanctorum*); 3º) Teólogos (*summae magistrorum*); 4º) Filósofos e escritores profanos. Estes só devem ser estudados de passagem, *transenudo etturando*. Esse caminho para chegar à ciência; porém se quer chegar à sabedoria, torna-se imprescindível a sanidade de vida: *timorata, impolluta, religiosa, edificatoria*. (IRIARTE, 1985, p.194).

Os frades menores, formados na livre espiritualidade do fundador da Ordem, não consideravam a filosofia como fruto de curiosidades, mas sim, uma tendência de explicação religiosa. No entanto, Boaventura enfatizava que toda metafísica deveria ser agregada a um vasto simbolismo, que tendia a considerar a natureza como um livro divino a ser decifrado, Assim, a natureza entra pela primeira vez, em sentido moderno, na educação cristã, através do estudo, com finalidade teológica, retomando a admiração da beleza e o respeito pela espontaneidade individual. Vale lembrar que os textos sobre o respeito de Francisco pela vida natural são anteriores aos estudos teóricos de Boaventura.

No que diz respeito aos estudos, convém ressaltar que parte dos frades não aceitava dedicar-se a estudos filosóficos, a não ser na medida em que estes pudessem ajudar na compreensão dos dogmas teológicos; consideravam-se dentro dos limites das ideias platônicas e do ensinamento de Santo Agostinho. Por outro lado, os pregadores estavam mais preocupados em evitar um corte radical entre o corpo de sabedoria profana e o depósito da fé cristã. Seus desígnios era tornar inteligível aos ocidentais a ciência e a razão gregas, personificadas em Aristóteles, cujos textos e comentários eram, até então, traduzidos do grego

e do árabe. Podemos afirmar que essas disputas e essas concepções determinaram a tipo de conteúdo ensinado posteriormente nos conventos franciscanos.

Ao longo do século XIII, os pensadores franciscanos foram muito criticados pelos mestres e teólogos da época. Isso aconteceu por causa da influência do aristotelismo, e pelo fato de os frades utilizarem essa corrente filosófica tão somente para pensarem a fé no campo espiritual.

A Ordem franciscana pouco diferia das outras Ordens e do que se usava nas universidades, quanto ao método de desenvolver as lições e as disputas, tanto ordinárias quanto extraordinárias. A duração dos estudos variou muito no curso dos três séculos. São Boaventura exigia quatro anos para os que tivessem que desempenhar o cargo de leitor nas províncias; em 1316, reduziu-se a três e a seguir a dois; em 1500, voltou-se a exigir 3 anos. Diariamente tinha lições de manhã e de tarde, [...] nas ditas lições, expunham-se dialeticamente, as sentenças de Pedro Lombardo e explicavam-se a sagrada Escritura, acrescentando aplicações morais. A passividade dos alunos nas lições tinha um contrapeso nas *disputas ordinárias*, a que se dava grande importância. E ambas tinham um complemento imprescindível nos *sermões*, nos quais deviam exercitar-se leitores e estudantes (IRIARTE, 1985, p. 196).

Apesar de todos os conflitos teológicos e filosóficos de determinadas correntes de pensamentos desse período (aristotelismo aquiniano x platonismo agostiniano), a maioria dos frades se mantivera nos princípios embasados nos ideais de Francisco. Porém, séculos mais tarde, se colocaram na posição de tomistas, por acreditarem que essa corrente filosófica seria a mais adequada para a permissão e aprofundamento da tradição e a solução das artes, das ciências, da sensibilidade humana e das estruturas sociais.

Os “Escritos” de Francisco de Assis, e suas biografias por seus contemporâneos revelam os valores, conscientes ou implícitos no sistema educativo. Com efeito, as regras, as exortações, admoestações, o epistolário, são textos redigidos que abordam uma pedagogia do respeito, e o mesmo sucede no que diz respeito à imitação de Cristo, “na sua face de pobreza”. As biografias, os escritos e as crônicas dão grande contribuição para se conhecer os conteúdos, os objetivos e as estratégias dessa Pedagogia, que será evocada na análise da memória dos depoentes.

É importante deixar claro que os primeiros destinatários dessa ação educativa foram os próprios frades, as irmãs, e os leigos que iam ingressando na Ordem, viviam em fraternidade, mas, essa educação se destinava, também, para todas as pessoas que estivessem dispostas a assumir esse ideal de vida. E isso era feito na ação evangelizadora e nos sermões litúrgicos.

Ou melhor, é sabido que por toda a Idade Média, até chegarmos ao iluminismo, não se concebia a educação como dissociada da evangelização e da catequese (educação e

evangelização). Essa foi à característica principal da Educação Medieval. Desta forma, tanto na educação escolar como na educação para a vida, a presença religiosa era constante e, no caso dos franciscanos, ela possuía um perfil especial consolidado ao longo da vida da Ordem.

2.3 REGRA BULADA E TESTAMENTO: A PEDAGOGIA DE FRANCISCO DE ASSIS

Como percebemos, então, a pedagogia franciscana está inserida na Ordem dos Frades Menores desde os primórdios de sua fundação, nos *Escritos* de Francisco de Assis, especialmente nas *Cartas* que ele escreveu para toda a Ordem e para os governantes. A “regra de vida” de Francisco relata o cuidado com a integridade de todas as criaturas e, também, a fidelidade à Igreja à qual ele pertencia e da qual nunca se afastou.

Cabe ressaltar que o pensamento e a ação de Francisco de Assis não possuíram um sistema bem definido de educação, porém, apresentaram princípios de uma orientação nova e quase revolucionária no campo da educação religiosa da sua época. Nesse contexto, ressaltase a importância do homem cavaleiro, baseada no “espírito da Távola Redonda³¹”, que impregna o modo de educar dos frades, elevando-o do nível puramente humano ao espiritual. A exemplo de outras ordens, das quais a Companhia de Jesus é emblemática, configurou-se assim a formação de seus seguidores, como cavaleiros de Cristo. É importante deixar claro que Francisco só resolveu escrever a Regra de Vida para seus companheiros, no momento em que isto se tornou necessário. Escreveu primeiro com breves palavras tiradas do Evangelho, depois descreveu, com simplicidade, a redação definitiva deixando a vocação plena de liberdade e de desenvolvimento, na vida de seus confrades.

Os *Escritos* de Francisco, especialmente as *Cartas* que escreveu para toda a Ordem, para os Governantes e a Regra de Vida dos seus frades, mostram como ele se preocupava com a integridade e fidelidade de todos e não somente de uma categoria ou da outra.

A pedagogia de Francisco de Assis, não consistia em possuir ou reivindicar cada vez mais, porém, em reconhecer que os bens da terra pertencem a todos e, por isso, é direito de todos. São vários os exemplos que podemos encontrar nas Fontes Franciscanas. É clássico o acontecimento em Rivotorto, a sua primeira moradia:

Ainda moravam nesse lugar no dia em que apareceu um homem com um jumento e parou na entrada da cabana. Sem querer ouvir nada foi dizendo ao animal: “Vai para dentro que vamos melhorar este lugar”. Ouvindo isso, Francisco ficou muito chocado, pois entendeu o que o homem queria: pensava que os frades queriam morar naquele lugar para promovê-lo e

³¹Os Cavaleiros da Távola Redonda, segundo a lenda, foram os homens premiados com a mais alta ordem da Cavalaria, na corte do Rei Artur, no Ciclo Arturiano. A Távola Redonda, ao redor da qual eles se reuniam, foi criada com este formato para que não tivesse cabeceira, representando a igualdade de todos os seus membros.

construir casas. São Francisco saiu imediatamente dali, abandonando a cabana por causa da palavra do camponês. Transferiu-se para outro lugar, não muito afastado, chamado Porciúncula, onde, como dissemos, tinha reparado a igreja de Nossa Senhora. Não queria ter propriedade nenhuma, para poder possuir tudo no Senhor em maior plenitude (1 CELANO in FONTES FRANCISCANAS, 2008, p.44).

Pode-se dizer que a visão de Francisco a respeito do trabalho e do dinheiro foi quase singular na história da Idade Média. Na época em que o trabalho era considerado como a fazer dos escravos e dos pobres e o sistema feudal obrigava a procurar o domínio entre os ricos e a posse, Francisco, pelos seus *Escritos*, mostra a dignidade do trabalho e com quanta honestidade se deve exercê-lo: “E os irmãos que sabem trabalhar trabalhem e exerçam a mesma arte que conhecerem, se não for contra a salvação da alma e se puderem executá-la honestamente”³².

No seu Testamento, Francisco recomendou o trabalho como um dos fatores indispensáveis para a vida em comunidade, e reafirmou para os frades que não sabiam trabalhar que aprendessem, não pelo desejo de receber o salário do trabalho, mas, por causa do exemplo e para afastar a ociosidade. Na Regra, ele preconiza: “E seja-lhes permitido ter as ferramentas e os instrumentos apropriados ao seu ofício”.

Ainda segundo a Regra, Francisco queria que os seus frades não se preocupassem e não tivessem a vergonha de pedir esmola, se fosse necessário, a favor dos pequenos e pobres, como podemos atestar em suas palavras: “No entanto, os irmãos, em manifesta necessidade dos leprosos, podem pedir esmolas para eles”³³. Conforme as fontes, Francisco exercita a sua função acompanhando o discípulo, mostrando a segurança em seguir os seus ensinamentos, com liberdade, sem possuir nem se apropriar de ninguém. Nesse sentido, escreveu uma carta a Frei Leão, significativa de como ele conversava ao longo das caminhadas, ensinava e exortava e, sobretudo lhe aconselhava. E ainda, o discípulo tinha o acesso ao Mestre, toda vez que lhe era necessário:

[...] Assim te digo, meu filho, como mãe: coloco brevemente nesta frase todas as palavras que falamos pelo caminho e te aconselho; e, se depois precisares por motivo de conselho vir a mim, assim te aconselho: qualquer que seja o modo que te pareça melhor agradecer ao Senhor Deus e seguir suas pegadas e sua pobreza, faze-o com a bênção do Senhor Deus e com minha obediência. E se for necessária outra consolação para tua alma e se quiseres vir a mim, Frei Leão, vem (FONTES FRANCISCANAS, 2008, p.119).

³²RnB VII, 3.

³³RnB VII,10.

De acordo com fontes franciscanas, Francisco, como fundador da Ordem, não era rígido, mas deixava os frades livres em seguir o que parecia melhor, segundo a consciência própria e, ao mesmo tempo, dava o apoio contínuo toda vez que era necessário, embora, por observância na Regra, priorizasse sempre a vida de pobreza. Também se manifestou por meio de cartas ao Papa, aos cônsules, aos juízes e governantes. Nestas cartas, além de recomendar o cuidado que deveriam ter com suas almas, numa época em que os estudos era um privilégio de alguns, Francisco se preocupou com a formação teológica dos seus frades. Conforme consta na justificativa da própria *Ratio Studiorum OFM*, quando ficou sabendo de Antônio, o frade agostiniano que recentemente ingressara na Ordem, pelos exemplos da vida dos protomártires de Marrocos, Francisco lhe escreve uma carta autorizando lhe a ensinar a Sagrada Escritura aos confrades e os demais fiéis: “Frei Francisco a Frei Antônio, meu Bispo³⁴, saudação. Apraz-me que leias a sagrada teologia aos Irmãos, contanto que, nesse estudo, não extingas o espírito da oração e devoção, como está contido na Regra” (FONTES FRANCISCANAS, 2008, p. 107).

No Capítulo³⁵ dos Frades do ano 1246, o franciscanismo estava se disseminando em diversos países. E Frei Tomás de Celano (biógrafo e hagiógrafo da Ordem), apresenta o livro *Segunda Vida de São Francisco* a partir do material recolhido, sobretudo, dos três Companheiros de Francisco: Leão, Rufino e Ângelo, bem como de material enviado por outras testemunhas ou coletado por ele próprio.

O livro inicia o memorial dos feitos e palavras de Francisco, e no prólogo o mesmo Frei Tomás coloca o seu escrito, que é, sobretudo, para a consolação dos presentes e memória dos postumos: “Reverendíssimo Padre, aprouve à totalidade do Capítulo Geral e confie à nossa pequenez que escrevêssemos nós, que conhecemos mais que os outros pela assídua convivência com ele e mutua familiaridade em prolongadas experiências os feito se até mesmos ditos de nosso Pai Francisco, para consolação dos presentes e memória dos futuros”³⁶. Vemos neste prólogo um raro exemplo de necessidade de preservação de um modo singular de educação religiosa e, mais ainda, a sabedoria de guardá-la na memória dos futuros homens. Neste sentido, concordamos com Goulart, para quem:

A lembrança é uma experiência individual, que nasce de múltiplas camadas de experiências sociais. Cada memória pessoal é singular, mas aponta para um recorte de memória coletiva. A apreensão desse coletivo se faz a partir do enquadramento dado por aquele que se lembra. A memória individual

³⁴O título de bispo usado na Idade Média para indicar também os pregadores autorizados.

³⁵ Capítulo: assembleia institucionalizada pela reunião dos membros da comunidade convocada em seus diferentes níveis e com critérios preestabelecidos para abordar as questões da vida professada pelos religiosos.

³⁶ Prólogo 2*Celano*, nº 2. FF.

transforma-se em fonte histórica, pois as pessoas são impregnadas de elementos que ultrapassam suas próprias existências e que aludem aos conteúdos comuns dos grupos nos quais se insere. A história se concretiza a cada instante, nas vidas particulares, e a memória do grupo se imprime e se revela nas lembranças pessoais (GOULART, 1997, p. 234).

A Ordem sobreviveu a tensões e conflitos, ao longo dos tempos, e às discórdias entre a questão de possuir dinheiro, conventos foram os principais motivos de aparecerem novos ramos do franciscanismo dispostos a voltarem ao carisma inicial.

2.4 AS LEGENDAS BIOGRÁFICAS DE FRANCISCO: A MEMÓRIA VIVIDA DO FUNDADOR

Após a morte do fundador, os frades, sentiram a necessidade de redigir e codificar os fatos e a vida de Francisco em livros, para serem transmitidos às futuras gerações. Por ocasião da sua canonização, em 1228, ou seja, após dois anos da sua morte, o Papa Gregório IX, pediu a Frei Celano, um dos seus primeiros confrades, para redigir a vida de Francisco. Assim, temos o primeiro escrito biográfico de Francisco de Assis, conhecido hoje como *Primeiro Celano*.

Aqui se destaca o fato segundo o qual Boaventura, um dos grandes filósofos e teólogos da Idade Média, como Ministro Geral da Ordem, escreveu o texto único da vida de Francisco dando a ordem de destruir todo o resto que existissem. As motivações principais desta obra foram duas: primeiro, a Ordem estava espalhando-se em toda Europa, e estava-se criando certa desordem dentro e fora da própria “família franciscana”. Vale ressaltar que muitos queriam seguir o modelo de vida de Francisco de Assis, porém com devidas tensões. Assim, os frades começaram a se dividir em duas correntes: os “*Espirituais*” que queriam voltar à primitiva forma de vida de Francisco e dos primeiros companheiros, e os “*Irmãos da comunidade*” que lutavam por uma adaptação da Ordem às novas situações. Tal tensão e dificuldades de adaptação às novas circunstâncias enfatizam o desejo em restaurar e voltar para a origem, à vida primitiva de Francisco.

O segundo motivo, é que existiam muitos escritos, numa diversidade muito grande da produção literária de/e sobre Francisco. Levado pela intenção de redigir uma única versão sobre a vida de Francisco de Assis, Boaventura determinou que se destruíssem os milhares de textos e fontes existentes que relatavam os “interesses” populares. Nesse contexto, percorreu os lugares onde Francisco nasceu, viveu e morreu, e, junto com os frades, começou a recolher o material escrito. Terminou a redação em 1261, mandando, em seguida, destruir todos os escritos precedentes. Visto com os olhos de hoje, os historiadores consideram uma perda e

grande erro na pesquisa de história e memória, mas, o próprio Boaventura justifica, na introdução do seu texto, as motivações pelas quais ele agiu assim:

Desejando ter plena certeza da verdade de sua vida e uma visão bem clara a respeito dela, antes de deixá-la por escrito à posteridade, dirigi-me à terra natal e aos lugares em que ele viveu e morreu. Pude aí encontrar-me com alguns de seus amigos mais achegados que ainda viviam e entrevistá-los demoradamente, sobretudo, aqueles que tiveram experiência de primeira mão de sua santidade e que procuraram imitá-lo. Na descrição, porém, daquilo que Deus se dignou realizar por meio de seu servo resolveu evitar o estilo literário afetado, pois ao leitor devoto aproveita mais a palavra simples do que a eloqüência rebuscada. A história nem sempre segue a ordem cronológica dos fatos. A fim de evitar confusão, preferi ser mais sistemático. Por isso, ora agrupei acontecimentos que se deram em tempos diferentes, mas se referiam a assuntos semelhantes, ora separei outros que ocorreram ao mesmo tempo, mas se referiam a assuntos diferentes³⁷.

O Texto *Anônimo Perusino* foi escrito por volta de 1290, num contexto em que a Ordem já estava enfrentando muitas dificuldades no estabelecimento da sua identidade, devido à variedade de inovações e restaurações na forma de vida dos Frades. Mostra com mais realismo as dificuldades enfrentadas por Francisco e pelos primeiros frades no processo de conversão, e os fracassos dos primeiros irmãos em sua itinerância apostólica. Oferece também uma contribuição para conhecer o período de consolidação da Ordem, apresentando elementos novos, tais como nomes, lugares e datas. Segundo a Introdução de *Fontes Franciscanas* (2008), um dos textos significativos para a perpetuação da memória dos franciscanos, foi a *Legenda dos Três Companheiros*, fruto do Capítulo Geral de Gênova (1244), determinando a todos os frades que conhecessem sobre a vida e milagres de São Francisco, que os escrevessem e enviassem a Frei Crescêncio, Ministro Geral. Assim os três Irmãos frades: Frei Leão, Frei Rufino e Frei Ângelo recolheram e enviaram ao Ministro Geral todo o material, acompanhado por uma carta, e tal material, depois, serviu como fonte principal até para outros escritos e biografias como: *Compilação de Assis* (1310) e *Espelho da Perfeição* (1318). Os três Frades mencionados enviaram os materiais recolhidos junto com uma carta em anexo, onde preferiram mencionar a intenção dos seus trabalhos:

Ao reverendo pai em Cristo, Frei Crescêncio, por graça de Deus ministro geral, Frei Leão, Frei Rufino e Frei Ângelo, outrora companheiros, embora indignos, do beatíssimo pai Francisco, prestam a devida e devota reverência no Senhor. Como, por mandato do capítulo geral próximo passado e vosso os frades devem dirigir a vossa paternidade os sinais e prodígios do beatíssimo pai Francisco que souberem ou puderem encontrar, pareceu a nós, que embora indignos convivemos com ele por muito tempo, alguns poucos dos muitos gestos dele que vimos por nós mesmos ou pudemos saber

³⁷ Legenda Maior de São Boaventura, Prólogo^o 4.

por outros santos frades, e especialmente por Frei Filipe, visitador das senhoras pobres, por Frei Iluminato de Arce, Frei Masseu de Marignano e Frei João companheiro do venerável pai Frei Egídio que teve muitos desses fatos do próprio santo Frei Egídio, e de Frei Bernardo, de santa memória, primeiro companheiro do bem-aventurado Francisco, comunicar a vossa santidade tendo a verdade por princípio. Não contentes de narrar só os milagres, que não constituem mas mostram a santidade, mas também os fatos insignes de seu santo comportamento e querendo mostrar a vontade do piedoso beneplácito, para louvor e glória do Sumo Deus e do referido pai santíssimo, e para edificação dos que quiserem imitar seus vestígios. Mas não escrevemos estas coisas em forma de legenda, uma vez que já foram feitas legendas sobre sua vida e os milagres que Deus fez por meio dele, mas colhemos como de um prado ameno algumas flores mais bonitas, à nossa escolha, sem seguir uma história contínua, mas deixando muitas coisas que foram colocadas seriamente nas preditas legendas com uma palavra tão verídica quando clara. Podereis mandar inserir nelas estas poucas coisas que escrevemos, se parecer justo à vossa discricção.”³⁸

Existem muitos outros textos relativos a Francisco de Assis: redigidos por ele mesmo, e pelos seus hagiógrafos, legendas biográficas, crônicas, testemunhos franciscanos e não franciscanos, aproximadamente de dois séculos (XII-XIII), e todas estas fontes podemos encontrar num Compêndio conjunto chamado *Fontes Franciscanas e Clarianas*³⁹. Aqui podemos ver, de um lado, o desejo continuo dos seus seguidores de restaurar e inovar a vida e o costume dos frades e dos seus seguidores e, do outro lado, a preocupação de todos em transmitir a vida de Francisco, para edificação dos que quiserem imitar seus vestígios, sem perder assim a história e a memória das origens.

2.5 AS REFORMAS DA ORDEM FRANCISCANA

No início, a fraternidade franciscana era um grupo itinerante, tendo a Porciúncula como centro. Aos poucos, o número dos seguidores foi crescendo e, assim, foram os franciscanos espalhando-se para toda a Europa, porém, respeitando o caráter unitário e centralizado da Regra.

Em 1217, chegou a estabelecer-se 11 províncias (6 na Itália), 4 no resto da Europa (Alemanha, França, Provença e Espanha) e uma no Oriente (Síria). Em 1219, agregou-se a da Aquitânia e, em 1224, a da Inglaterra. Em 1230, já existiam 12 províncias na Itália, duas na Alemanha, 5 na França, 3 na Espanha, 2 nas Ilhas Britânicas e uma no Oriente. Em 1263, no tempo de Boaventura, foram criadas mais províncias especialmente a de România ou Grécia, desembarcada da província da Terra Santa, e a de Milão, separada da Lombardia (IRIARTE, 1985, p. 86).

³⁸Carta em anexo à Legenda dos Três Companheiros (LTC). FF.

³⁹FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS. Apresentação Sérgio M. DAL MORO. Tradução Celso Marcio Teixeira (*et al.*) Petrópolis: Vozes, FFP, 2004.

Em 1288 já existiam 34 províncias⁴⁰, que foram divididas em cismontanas (as províncias da Itália e do Oriente) e ultramontanas (as províncias do resto da Europa, da Península Ibérica (Santiago, Castela e Aragão) e a da Inglaterra e da Irlanda). Com poucos anos, estas províncias foram subdivididas em custódias, que agrupavam certo número de conventos. Houve províncias que chegaram a se subdividir em até dez ou doze custódias⁴¹.

No início da formação da Ordem, a maioria dos frades era proveniente de famílias da alta sociedade e, naturalmente, quando se agregavam à fraternidade, possuíam os estudos, básicos e, ou profissionais, por isso, a presença deles favoreceu o desenvolvimento de atividades intelectuais e culturais das comunidades por onde eles passavam, induzindo a processos de mudanças na vida primitiva do movimento franciscano, e elevando-os a posições de prestígio na Igreja, na cultura e na sociedade.

Já no ano de 1219, os franciscanos chegaram a Paris e estabeleceram-se em Saint-Denis, com a radicalidade das exigências evangélicas apontadas na Regra. Em 1224, o mestre Haymon de Faversham, natural da Inglaterra, ingressou na Ordem dos Frades Menores com outros três mestres. Concomitantemente, Ângelo de Pisa, então Custódio de Paris, partiu para Inglaterra, e Haymon sucedeu-lhe no cargo. Segundo Merino e Fresenda (2005), o docente inglês começou a preocupar-se com a formação dos frades que entravam na Ordem. Outro fato que se destaca é a vida de Luís, o rei da França, que ingressou na Ordem Terceira e doou aos Frades Menores (apesar dos votos de pobreza) uma série de terras e edifícios em 1234, que foram ampliadas em 1239.

Em 1262, foi construída uma Igreja destinada aos Universitários. Muitos exemplos semelhantes se destacam na história da Ordem. É fora de dúvidas que a ordem franciscana viu a necessidade de participar da vida acadêmica e de equipar-se para uma tarefa inteiramente estranha às cogitações de seu fundador. Assegurou-se, assim, após vários debates internos, o direito de cidadania e atividade científica no seio da Ordem. Em consequência desta inovação, surgiu a linha de pensamento teológico, chamada “Escola Franciscana”, e com ela, os grandes nomes da filosofia franciscana como São Boaventura, Guilherme de Ockam, e Alexandre de

⁴⁰ Para melhor organizar a Ordem, foi necessário fazer uma divisão administrativa das cidades e dos estados e países onde os frades residiam, e, como era usual, isso foi feito conforme a divisão administrativa do Império Romano. Passaram a se chamar: Províncias, Custódias e Conventos. Para conduzir esses “lugares” eles elegiam: ministro geral, ministro provincial, custódio, guardião e vigário. Dentre eles, também se elegiam “superiores maiores”. O ministro geral era responsável por toda a Ordem no mundo; os ministros provinciais eram responsáveis pelos Conventos de diversas Cidades ou Estados mais próximos; aos custódios gerais e provinciais eram confiados respectivamente províncias e os conventos, como é o caso da Terra Santa. Todos esses formavam a burocracia da Ordem, e todos esses títulos são usuais até hoje na vida dos franciscanos.

⁴¹ Na administração franciscana, chama-se províncias religiosas aos agrupamentos, dentro duma dada ordem, de conventos, mosteiros, casas segundo região ou país. Geralmente, tais províncias são geridas por um Capítulo e um Prior provincial.

Hales, Duns Scotus, dentre outros que contribuíram para disseminar a história da Ordem como também a filosofia franciscana nas academias.

A história franciscana registra que com o crescimento da Ordem e o crescimento da atividade pastoral precisou-se de novos conteúdos e novas práticas de pregação. Os grandes sermões não estavam se adequando mais à época. Para que tivessem fundamento, fazia-se necessário uma intensa retomada da vida cultural.

A própria consciência da Ordem assim o entendeu desde o começo e procurou colocá-lo em prática. O estudo foi sempre visto em função do mandato de evangelizar recebido da igreja, o qual exige logicamente uma séria e cuidadosa preparação teológica. Isto souberam ver e colocar em prática os grandes mestres e fundadores da Escola Franciscana: Antonio, Alexandre de Hales, Boaventura, Duns Scotus e seus discípulos, além de Roberto Grosseteste quem primeiro, em Oxford, recebeu e ensinou, como mestre regente, os irmãos ali enviados em 1224 (MERINO e FRESENDA, 2005, p. 63).

Com base nessa afirmação, podemos ver que em todos esses movimentos e correntes renovadores, existe algo em comum com o ‘espírito de reforma’, fruto de uma inquietude diante do afastamento do ideal primitivo, embora algumas vezes se manifestassem em contestações contra as interpretações acomodatórias da Regra.

Ao longo deste crescimento, apareceram duas tendências principais dentro da Ordem: os Observantes e os Conventuais, com visões diferentes da espiritualidade e da filosofia franciscana. Nesse aspecto, os frades foram influenciados pelo pensamento filosófico de Joaquim de Flores, por ele questionar as concepções religiosas e éticas vigentes na época, em oposição à escolástica,

Joaquim de Flore (†1202) dividia a história da salvação em 3 tempos: tempo do Pai, do Filho e do Espírito e agora, o tempo do Espírito, traz mudanças radicais, com assembléia dos espirituais, que oferecem uma vida nova segundo o espírito. Aparecerá um anjo de “sexto selo”, trazendo um Evangelho novo e eterno para todos os povos. E ele e muitos frades aplicavam a Francisco esta figura, como ele homem dos estigmas, trazido pelo anjo serafim e Regra, o novo Evangelho (IRIARTE, 1985, p. 63).

Muitos frades se agruparam dentro da Ordem como os “espirituais” e foram atrás desta teologia vendo em Francisco de Assis “o anjo do sexto selo”. Mais uma vez, a história e a memória da Ordem nos atestam como a figura de Francisco de Assis continuava influenciando o andamento da sociedade.

Nos séculos XIV e XV, essas correntes da espiritualidade e “forma de vida” franciscana diferente encontraram apoio no papado, sendo que as disputas e investigações feitas pelos Papas com os representantes de cada corrente era exatamente fruto do desejo de

viver e restaurar a forma de vida que Francisco de Assis viveu. Enquanto os Papas queriam interpretar a Regra dos Frades de uma forma, e certas vezes obrigando-lhes até com bulas Papais, alguns desses radicais não concordavam e diziam que Francisco pensava de outra forma e queriam viver como Francisco.

O exemplo clássico é o do Papa Clemente V, que interveio com sua bula “EXIVI”, a qual foi fruto da disputa do “Exílio de Avinhão”⁴². A bula determinava o grau de obrigatoriedade de cada um dos preceitos da Regra. Ao enviá-lo à Ordem, o geral dos Espirituais, Gonzalo de Balboa, declarou oficialmente a vigência da Regra contendo 27 preceitos graves, 12 exortações para o bem, 6 conselhos para evitar o mal e 12 condições para a admissão dos noviços.

O historiador e teólogo, da Ordem, Lázaro Iriarte (1985), afirma que Francisco de Assis, ao redigir a Regra, em Fonte Colombo (1223), certamente não pensou que tamanho retalhamento iria surgir da forma de vida evangélica que ele preconizara. O fruto de todas as tentativas de unir a Ordem, não somente causou prisão, martírio e morte entre os frades, mas trouxe até um cisma dentro da Ordem nos séculos seguintes. Novos movimentos foram surgindo nesta época, cada um considerando-se porta-voz do desejo de viver o ideal de Francisco.

Entre 1318 a 1517, houve um alternativo triunfo dos frades, uma vez dos “Espirituais” ou os “Observantes” e outra vez dos “Conventuais”. Os observantes eram aqueles que desejavam um retorno aos primeiros fervores do Instituto, favorecendo o recolhimento, a oração mental, a austeridade, a pobreza e a simplicidade nas construções e nas celebrações litúrgicas. Os “conventuais” eram aqueles que preferiam morar nos “conventos” e nos espaços, instalados, num ritmo solene e ordenado da vida comum, da oração comunitária e trabalhos comuns. Para estes, a pobreza não dependia de ter bens comuns, mas sim da pobreza pessoal. Dessa forma, mesmo vivendo nos conventos grandes, justificavam pelo estilo de vida pessoal os valores da pobreza⁴³.

No século XV, aconteceu a forte presença de outro movimento renovador dentro da Ordem, os “Coletanos”, com o apoio do Papa Bento XIII, sempre com o desejo de voltar para a origem. Tiveram suas constituições próprias e certa autonomia de regime, ainda que sem desligar-se dos conventuais. Em todos estes movimentos e correntes renovadores podemos

⁴²Preparação imediata do Cisma do Ocidente (1378-1417), pois a Igreja se “galicizou” por espírito nacionalista, faccioso, tornando-se instrumento da ascensão política francesa. Quando os Papas quiseram reagir contra este mal, já não o puderam, pois franceses e não franceses movidos por nacionalismo, queriam um Pontífice que correspondesse às suas aspirações nacionais e, em caso de necessidade, o criaram. Daí o cisma ou a divisão da cristandade.

⁴³Ou seja, moravam em conventos abastados, mas pessoalmente não tinham bens materiais.

ver, em comum, uma inquietude diante do afastamento do ideal primitivo, embora, algumas vezes se manifestassem em contestações contra as interpretações acomodáticas da Regra. Ainda que acontecesse várias tentativas de união da Ordem, da parte de muitos, seja dos superiores das diferentes correntes da Ordem, seja da parte dos Papas, chegaram à conclusão da separação das duas correntes, pela bula do Papa Eugênio IV, no ano 1446, a bula chamada “*Ut sacra*”. Na verdade, os conventuais deveriam submeter-se aos observantes no Capítulo Geral, embora eles pudessem escolher os próprios provinciais independentes e não submetidos aos observantes.

Com a Constituição Apostólica *Ite vos*, do Papa Leão X, do dia 29 de maio de 1517, embora a intenção fosse a união da Ordem, aconteceu a separação definitiva entre os conventuais e observantes. As várias denominações como coletanos, clarenos e guadalupenses, integraram a *Ordo Fratrum Minorum Regularis observantiae*. Segundo a bula, todos os reformadores, de qualquer denominação que fossem, passariam a depender dos ministros da Ordem (D’ALATRI, 1997, p. 09).

Em seguida, dentro da linha Observante, aparece mais uma reforma, a dos Capuchinhos, 1528, marcando uma nova etapa, com a mesma finalidade de justificar sua razão de ser. Conforme Iriarte (1985), a chamada “Reforma Capuchinha” tem como caráter peculiar, no início, a vida eremítica, lembrando a experiência primitiva de Francisco e dos seus companheiros. A experiência primitiva deste novo grupo foi na Península Italiana, na região das Marcas. Em se tratando da reforma e reestruturação dos seguidores de Francisco, ao longo dos séculos, se destacam paralelamente também, as mudanças das novas instituições provenientes da Primeira, da Segunda e Terceira Ordem.

Aconteceram, a partir daí, o ingresso de rainhas, príncipes, artistas, médicos, cientistas com o compromisso de ser presença no mundo, a partir do compromisso assumido pelo ideal de vida franciscana. Aqui se destacam os nomes de alguns terceiros, ilustres, príncipes e rainhas como: Isabel da Hungria, Isabel de Aragão, Rainha de Portugal, a rainha de Bulgária, Giovanna de Savoia, e São Luís IX, Rei de França. Os Papas como: Beato Pio IX, Papa Leão XIII, São Pio X, São João XXIII;

Foram franciscanos os artistas, poetas e escritores como: Dante Alighieri, Giotto, Francesco Petrarca, Battista Sforza, Alessandro Volta, Thomas More etc. Os navegadores e inovadores como: Colombo; Os políticos e líderes como: Giorgio La Pira, Princesa Isabel, filha de Dom Pedro II. A esse respeito é necessário destacar aqui, Frei Vicente do Salvador, que em 1600 entrou na Ordem Franciscana dos Frades Menores, viveu a maioria dos seus anos de vida no Convento São Francisco em Salvador, fez o doutorado em Direito Canônico na Universidade de Coimbra em Portugal, fundou o Convento Santo Antônio no Rio de

Janeiro, e desempenhou diversos cargos na Ordem. A contribuição desse Frade para a memória do povo brasileiro tem uma importância, singular, pois ficou conhecido como um novo Heródoto, ou seja, “o pai da historiografia brasileira”, com a autoria do primeiro livro de História no Brasil. A sua obra, *História do Brasil*, aborda a vida cotidiana do povo, em todos os aspectos, no Brasil Colonial e é considerado o primeiro livro do gênero. Assim afirma o antropólogo Darcy Ribeiro,

O melhor testemunho daqueles tempos se deve a frei Vicente do Salvador, natural da Bahia. Foi o primeiro intelectual assumido como inteligência do povo nascente, capaz de olhar nosso mundo e os mundos dos outros com olhos nossos, solidário com nossa gente, sem dúvidas sobre nossa identidade, e até com a ponta de orgulho que corresponde a uma consciência crítica. A quase todos os escribas de depois, até hoje em dia, faltam essas qualidades de amor à terra, que faz de nós um povo descabeçado por falta de intelectualidade própria, nativista, que iluminaria a visão do nosso povo entre os povos diante do nosso destino (RIBEIRO, 1995, p. 136).

A vida, o testemunho, as contribuições culturais e filosóficas de tais personagens, como Frei Vicente do Salvador, enfatizam a reestruturação da Ordem, perpassada e vivenciada ao longo dos anos, não só pela de tradição religiosa, mas, também e principalmente, pelos intelectuais e suas contribuições para a cultura e para a memória do povo brasileiro.

3 FRANCISCANOS NO BRASIL

3.1 RESTAURAÇÃO FRANCISCANA NO CONTEXTO DO BRASIL E ALEMANHA

Conforme Gilberto Freyre (1959), a presença franciscana na paisagem, na vida, e na cultura dos brasileiros, é uma das constantes da condição brasileira. Não há novidade nenhuma em dizer que uma das influências decisivas do povo brasileiro em sua formação foi a Igreja Católica e, dessa influência, conforme o mesmo autor, sobre essa mesma gente, ora de modo mais intenso, ora com menor vibração, foi à educação franciscana, a que aqui “madrugou”. Mas, por outro lado, faltou o registro, ao contrário do que se sucedeu com os jesuítas e mesmo com os beneditinos, faltou documentação escrita que corresponda à sua importância. Para Freyre (1959), “o que tem faltado ao franciscano no Brasil é o método, sistema, de organização no registro apologético dos seus feitos”. Dessa forma, a memória e a recordação que perpassa dos esforços por eles ou por alguns deles desenvolvidos está menos na história erudita que no folclore, menos na prosa dos historiadores que na poesia dos analfabetos⁴⁴.

Mas não só nessa alma católica: também no folclore impregnado de devoção baiana a Santo Antonio: santo franciscano que tanto aqui tem competido com orixás e santidades, venceu-as a todas em popularidades, tornando-se santo ao mesmo tempo festejado por soldados e mulheres: por meninos e velhas; pelos fidalgos das Ordens Terceiras e pela gente do povo humilde; protetores dos senhores bons contra os negros fujões e protetores dos escravos cristãos contra os maus senhores; querido de iaiás de acordo sobre sobrado e prediletas de mulatas de tabuleiro, para alguma das quais é tradição de ter conseguido marido bom ou esposo branco: esposo alvo, louro gordo, bonito, vindo da própria Lisboa. É ainda Santo Antonio, na Bahia e como noutras partes do Brasil, santo a quem a tradição atribui a pachorra de descer dos seus cuidados para desencantar dedais perdidos por sinhás obrigadas a costurar para fora; e moedas perdidas por meninos pobres. Santo como nenhum ligado ao cotidiano, à rotina, a intimidade da vida brasileira da Bahia, do Brasil, do mundo português (FREYRE, 1959, p. 54).

Destacamos a vinda dos primeiros franciscanos para o Brasil no processo de colonização, sua atuação por todo o período colonial, mas, focamos nossa atenção especialmente na Pedagogia Franciscana e em alguns traços da sua formação advindos dos alemães no Período da Restauração, desde que aqui se instalaram em 1890.

Foi um franciscano, Frei Henrique Soares de Coimbra que rezou a primeira missa em solo brasileiro. O primeiro convento franciscano no Brasil foi fundado em Olinda,

⁴⁴ Esta é a visão de Gilberto Freire. Não obstante, no século XX alguns franciscanos pugnaram em resgatar essa memória, como Willeke, Fragoso, Almeida e muitos outros. Cf. Referências.

Pernambuco, em 1585. No ano de 1587, foi fundado por Frei Melquior de Santa Catarina o Convento^{de} São Francisco da Cidade de Salvador, que foi denominada de Custódia de Santo Antônio do Brasil.

Em 1584 criou-se a Custódia de Santo Antônio do Brasil. O decreto de 13 de março autorizava o superior a fundar conventos onde lhe parecesse necessário e receber os noviços na Ordem. Durante a sua gestão até 1590, frei Melquior de Santa Catarina fundou quatro conventos e deixou encaminhada a fundação de mais dois. O primeiro convento fundou-se em Olinda em 1585. O segundo, em Salvador em 1587. O terceiro, em Igarauçu em 1588. O quarto, na Paraíba em 1589⁴⁵. Em 1595 foi inaugurado o convento de Vitória no Espírito Santo. Foram esses os cinco conventos franciscanos iniciados no século XVI (FRAGOSO, 1983, p. 215).

Com a demanda por parte da população por conventos franciscanos, os administradores centrais da Ordem tiveram dificuldades na administração dos Conventos, por conta da extensão territorial da Colônia. Daí, a Província foi dividida em duas partes: Província de Santo Antônio do Brasil (compreendendo as casas do Norte e Nordeste) e Imaculada Conceição (compreendendo as casas do Sul, e Sudeste) (FRAGOSO, 1992a; 1994). Segundo Iriarte (1985), [...] em 1584, constitui-se a custódia dos descalços do Brasil, que em 1657 foi declarada província sob o nome de Santo Antônio; dela se desmembrou, em 1675, a província da Imaculada Conceição, chamada também do Rio de Janeiro.

Nessa trajetória, que perpassa o período colonial e pombalino, a Província de Santo Antônio dispunha de muitos frades para atender à Ordem Terceira, seus asilos e às comunidades adjacentes, mas, passou por dificuldades, a partir das restrições do Estado Imperial, pois, acabando-se os seminários ou a vinda de franciscanos italianos e/ou portugueses, diminuíram alarmantemente os frades suficientes para assumir os trabalhos nos conventos.

3.2 OS CONFLITOS ESTADO IGREJA NO BRASIL

Ao longo reinado de meio século de D. Pedro II (1840 – 1889) foi total a estagnação da Igreja, D. Pedro continuou a política pombalina e, inspirado pelo liberalismo da revolução francesa, tentou eliminar as ordens religiosas por motivos políticos e ideológicos.

O Aviso do Ministro do Império, a 19 de maio de 1855, foi a culminância lógica de um procedimento anti-claustal, que já vinha desde o governo do Marquês de Pombal (1750-1777). E não só isso. Foi ele a expressão jurídica de todo um contexto hostil aos religiosos, contexto que se prolonga pelo 2º

⁴⁵ Conforme Casimiro, com base em Germain Bazin, os frontispícios (fachadas) de cada uma das igrejas desses conventos seguiu um modelo barroco diferenciado, “escalonado” ou “piramidal”, que serviu como protótipo para aquelas que seriam construídas depois. In: Seminário do Grupo Fundamentos da Educação em 2011.

Império e primórdios da República. Aviso imperial estabelecia que o fechamento dos noviciados se prolongaria até que se firmasse uma concordância com a Santa Sé e se procedesse a uma "reforma" nas Ordens religiosas atingidas. No seu teor, tal medida se propunha a ser provisória, e talvez por isso mesmo, não tenha suscitado maiores reações no episcopado brasileiro e nas Ordens religiosas do Brasil (FRAGOSO, 1991, p.56).

Entretanto, tal “medida provisória” durou até que os conventos fossem quase fechados por falta de “almas”. A partir dessa realidade, nos anos seguintes, o Frei João do Divino Amor da Província da Imaculada de São Paulo, juntamente com o abade dos beneditinos, tentaram a autorização para estudos dos noviços mesmo fora do Brasil e, por meio de uma comissão dos deputados, fizeram a interlocução para que isso acontecesse. Em resposta, concluíram os Deputados da Comissão que a Ordem de S. Francisco, que “nem precisa de nova reforma, mas somente de respeitar a sua Santa Regra, e as disposições canônicas e até seculares, para produzir todos os bens que dela possam esperar, tanto as almas pias como os políticos ilustrados, que conhecem quão valioso auxílio a religião presta ao Estado” (*apud*, FRAGOSO *et.al*, 1991, p.56). Não houve acordo, e o projeto de reabertura do noviciado dos franciscanos e beneditinos, não passou na Câmara dos Deputados,

O Aviso de 19 de maio de 1855 foi apenas "um impedimento ocasional", e sobre ele deveria ter prevalecido a determinação de 18 de setembro de 1857 da Seção dos Negócios da Justiça, que "declarou necessária a admissão de noviços em número razoável" nas Ordens religiosas. E, sobretudo, esta resposta em seus pontos e observações referentes às "condições do voto" fora satisfeita pelo decreto de Pio IX, de 1859, "no sentido de assegurar a sua liberdade". E conclui o Ministro o seu arrazoado com esta afirmação categórica de que "No Brasil não existe lei que haja alterado ou revogado o direito que têm as Ordens Religiosas de admitir noviços e de professarem a Regra para que se sintam vocação" (CADERNOS da RESTAURAÇÃO *apud* FRAGOSO, 1991, p. 57).

A decadência foi notável, pois a Ordem Franciscana, que no século XVIII tinha chegado a contar com 1.200 professos, foi praticamente extinta. No fim do Império, a Ordem contava com apenas 10 franciscanos, todos octogenários, em todo Brasil⁴⁶

Fragoso (1991) declara que “a crise que vinha minando a Província Franciscana de Santo Antônio, agravou-se de maneira trágica, a partir do ano 1857, quando o Governo imperial determinou que só com licença especial do Imperador, poder-se-ia admitir novos candidatos ao noviciado.” Não só franciscanos, mas de quaisquer outras ordens. Também, Márcio Moreira Alves denuncia que:

⁴⁶ Entrevista concedida por Frei Hugo Fragoso em 17 de Outubro de 2012.

No fim do Império, o Brasil tinha apenas doze dioceses, servidas por algumas centenas de padres seculares, a maior parte localizada nas grandes cidades do litoral. [...] A Ordem Beneditina possuía somente quarenta monges nos seus onze mosteiros. Os conventos franciscanos também estavam quase despovoados. Os quinze seminários sobreviviam graças aos esforços dos lazaristas estrangeiros, cuja importação havia sido consentida pelo governo imperial. Os Jesuítas possuía apenas dois colégios, localizados em pequenas cidades. As sete congregações femininas eram todas contemplativas, à exceção das irmãs de S. Vicente de Paulo, que trabalhavam nos hospitais. Ocupavam-se também de vários orfanatos, asilos, leprosarias e serviam nos hospitais militares, mas a ausência de instituições educativas femininas era gritante (ALVES, 1979, p.17).

Por causa de tal proibição, não foram mais admitidos novos candidatos à vida religiosa na Província de Santo Antônio. O decreto de 1855 visava à supressão progressiva das Ordens e, também, proibia a vinda de novos membros das ordens aqui existentes. Conforme o mesmo autor, isso vinha desde a época pombalina, uma vez que

Depois da expulsão da Companhia de Jesus, o Marquês de Pombal reformou os cursos de Teologia da Universidade de Coimbra, onde estudava a elite do clero brasileiro. Introduziu aí uma forte tendência galicanista, jansenista e liberal. Esta ideologia foi transferida para os seminários brasileiros, particularmente para o seminário de Olinda, fundado em 1800, que, tendo sido por muito tempo o único estabelecimento de ensino secundário do Nordeste, foi um viveiro de políticos e revolucionários, tanto leigos como clericais. O resultado: “Os principais prelados eram os defensores das prerrogativas do Estado contra as pretensões da Santa Sé. O Pe. Diogo Antônio Feijó, mais tarde regente do Império, era também um vigoroso defensor do galicanismo. A Igreja estava sob tutela do Estado. Numerosos decretos e leis, alguns mesquinhos e vexatórios, foram promulgados para determinar intervenção do Estado nos negócios religiosos. “É que o ensino recebido nos seminários e em Coimbra tinha como consequência “fazer do clero bons brasileiros antes do nascimento dum Brasil independente” (ALVES, 1979, p. 26-27).

Foi nessa conjuntura que o Papa Pio IX recorreu à formação pedagógico-religiosa europeia para fundamentar a reação católica na América Latina, mais precisamente no Brasil. Nesse contexto, o Pontífice passou a programar a restauração católica, promovendo a abertura de seminários, e construindo em Roma, em 1851, o Colégio Pio Latino Americano, cujos seminaristas, formados no Colégio Romano (Universidade Gregoriana), e na fidelidade ao Papa, haveriam de cimentar o fundamento sólido do episcopado em toda a América Latina. Também se fundou em São Paulo, em 1856, o Seminário Diocesano Imaculada Conceição e Santo Inácio de Loyola, e surgiram outros seminários sob a orientação direta da Santa Sé em Fortaleza (1864), Rio de Janeiro e (1869), Porto Alegre (1913).

As realidades política e religiosa do Brasil, nesse período, se manifestavam de forma híbrida, sendo que, em alguns momentos da história, caminhavam lado a lado, outros,

momentos, caminhavam de forma antagônica, prevalecendo a união dessas duas esferas que compunham a sociedade, na medida em que interessava a uma das partes envolvidas. Com a ideologia de “servir bem” ao povo brasileiro, (os mais necessitados), muitas vezes entraram em conflitos, principalmente nos momentos da transição do Brasil Imperial para o Brasil República. Nesse contexto, apareceu mais uma “ameaça” dessa suposta união: a maçonaria.

Por outro lado, a Constituição Imperial de 1824⁴⁷ estabelecia que a religião oficial do Brasil fosse a católica apostólica romana, embora permitisse a existência de outras religiões no país. Isso acontecia porque, herdado de Portugal, ainda vigorava nas relações com a Santa Sé, o regime chamado de Padroado, pelo qual competia ao governo brasileiro a indicação dos sacerdotes que deveriam ser nomeados para os principais cargos eclesiásticos do Império, e o recebimento de salários aos religiosos, pelo Estado.

A Ordem franciscana, presente no Brasil desde 1500, sobretudo a partir da segunda metade do século XVIII, sentiu o peso do braço do Estado. Muitas vezes os frades eram obrigados a seguir à risca as determinações regias, uma vez que eram tidos como “funcionários” do Estado Português, de cujos cofres saíam o sustento da comunidade e o patrocínio das missões. Nos anos pombalinos, a intervenção do Estado sobre as questões internas da Ordem foi muito grave. Os franciscanos e as demais Ordens religiosas, sofreram as consequências da proibição de manterem-se os noviciados, a partir de 1758 (SANGENIS, 2006, p. 36).

O fato de o clero ser pago pelo Estado, sendo de certo modo equiparado ao funcionalismo público, deixava a Igreja numa situação de clara dependência. Além disto, as bulas breves dos papas só teriam aplicação no Brasil quando houvessem obtido beneplácito imperial. Naturalmente, o funcionamento desse regime não deixaria de produzir conflito, sobretudo porque o Vaticano não concordava mais com a placitação, isto é com aquela aprovação do Imperador dos atos emanados do sumo pontífice.

⁴⁷Alguns documentos oficiais ajudam a compreender/pensar melhor a relação Igreja e Estado no Brasil bem como o desaparecimento dos seminários e o reaparecimento dos religiosos na educação, já na República. Um deles é o **Decreto Régio de 1759** ou **Alvará Régio** que trata da expulsão dos jesuítas, pois é ele quem institui o rompimento temporal e secular na educação, ainda no período pombalino. Posteriormente, são as Cartas Régias de 1772, especificadamente a **Carta de Lei de 6 de Novembro de 1772** que institui o ensino laico e público, mas, curiosamente o ensino religioso continua a ser ensinado nas escolas, pois foi aí que se recorreu novamente às irmandades religiosas para que se aumentasse a demanda de vagas no ensino básico, que era chamado de "elementar" na época. A vinda da família real e a pressão popular por mais instituições de ensino fez com que na Constituição de 1824 já se manifestasse uma certa "permissividade" tanto para o ensino particular laico como para o ensino confessional. Embora traga isso, a **Constituição de 1824 (art. 179, XXXIII)** é bastante lacônica em relação a educação, não há uma sistematização detalhada sobre regulamentação, ou criação de instituições educacionais e etc. É bem mais geral, mas traz essa importante informação. A seguir, foi promulgada a **Lei nº 16, de 12 de Agosto de 1834**, que tem natureza de ato adicional à constituição tem um caráter mais centralizador no que tange a instrução pública e não autoriza a regulamentação do ensino privado. (**ver art. 10, § 2º desse Ato Adicional.**) Por fim, o **Decreto 7247 de 19 de abril de 1879**, já no seu artigo 1º, (**art. 4º, §1º**) diz que era completamente livre o ensino primário, secundário e superior. Seminário de Pesquisa Orientada apresentada pela Doutoranda Daniella Miranda Santos no Grupo Fundamentos da Educação do Museu Pedagógico da UESB em 16/06/2015.

No contexto em foco, a maçonaria no Brasil tinha certa importância política em 1822, por ocasião do movimento da Independência, quando teve por grão-mestres José Bonifácio de Andrada e Silva e o próprio D. Pedro I. Se no início do Primeiro Reinado, a maçonaria ressurgiu dividida entre diversos ramos, sob as regências trinas⁴⁸, isso se configurou mais ainda.

No decorrer da história, a maçonaria ganhou muitos adeptos da alta sociedade, até mesmo católicos. Surge o Grande Oriente do Vale do Lavradio, que contava com 33 lojas no Rio de Janeiro e 45 Províncias. Existiam, além dele, dois pequenos núcleos maçônicos dissidentes, o do Vale dos Beneditinos e do Vale General Câmara, de nome tomado nas ruas, em que funcionavam as respectivas lojas centrais.

Nesse mesmo ano, realizou-se no Rio de Janeiro uma festa maçônica a propósito da Lei do Ventre Livre e em homenagem ao presidente do Conselho de Ministros e Grão-mestre da Maçonaria, Visconde do Rio Branco, e outras autoridades de estado. Nela, foi orador o padre Almeida Martins. Ao saber do fato admoestou-o o bispo do Rio de Janeiro, D. Pedro Maria de Lacerda, depois Conde de Santa Fé, a que deixasse a maçonaria. Recusando-se a fazê-lo, o padre foi suspenso da Ordem à qual pertencia.

O problema começou quando, em uma festa em comemoração à promulgação da Lei do Ventre Livre, na loja maçônica Grande Oriente, na corte, o padre Almeida Martins proferiu um discurso em homenagem ao Visconde de Rio Branco, então o presidente de Conselho de Ministros e grão-mestre da maçonaria brasileira, e foi depois suspenso por isto pelo bispo do Rio de Janeiro, dom Pedro Maria De Lacerda. Era este um ferrenho adepto do *ultramontismo*, doutrina defendida pelo Papa Pio IX, consagrada pela bula *Syllabus* (1864) e pelo Concílio Vaticano I (1869-1870), e que visava reforçar o poder do Papa frente ao clero e mesmo aos governantes de cada país; o *ultramontismo* postulava a infalibilidade do papa — cuja autoridade em assuntos morais e da fé não deveria ser questionada por católico algum — e combatia veemente as idéias e instituições liberais e racionalistas associados secularização e ao anticlericalismo. A maçonaria era um dos principais alvos desta doutrina, que condenava, assim, as estreitas e relações sempre nutridas pelo clero brasileiro com tal sociedade secreta. Esta, entretanto, que no manifesto que lançou em 27 de abril de 1872, em repúdio ao incidente, reafirmava plena compatibilidade entre ser católico e ser maçom, o *jesuitismo ultramontano* é o que seria incompatível com a Maçonaria (BRASILE, p.277).

A ocorrência desagradou a certos maçons, que deliberaram por abrir uma campanha principalmente jornalística, contra o episcopado. Aconselhado pelo núncio apostólico,

⁴⁸Primeiro governo que sucedeu a queda do Imperador Dom Pedro I, o período regencial iniciou-se com a formação de dois governos trinos. O primeiro deles ficou conhecido como Regência Trina Provisória, onde o calor das transformações políticas deu margem para a formação improvisada de um novo governo.

Monsenhor D. Domingos Sanguigni, a ela não respondeu o referido Bispo Capelão–Mor do Rio de Janeiro.

As tensões entre o Império e a Igreja⁴⁹ se agravaram, com a tomada de posse do bispo de Olinda, o franciscano Capuchinho D. Frei Vital Maria Gonçalves de Oliveira que estava disposto a reformar primeiramente o clero e depois as irmandades. Nessa realidade suspendeu dois sacerdotes que não quiseram deixar a maçonaria, mandando ainda que fossem excluídos das confrarias todos os frades e irmãos terceiros que fossem maçons. Como alguns não obedecessem, foram suspensos, já em 1873. Seguindo o exemplo de D. Vital, e solidário com a causa católica, o bispo do Pará, D. Antônio de Macedo Costa também tomou atitudes radicais contra os maçons.

O confronto ideológico dos homens de Igreja e dos líderes republicanos se manifestou sobretudo como enfrentamento da Igreja com duas ideologias que protagonizavam a República: o positivismo e maçonaria. Porém, o que mais transpareceu nos documentos da época foi o conflito com a ideologia maçônica. Lembremos que Igreja e maçonaria vinham de um longo confronto, que tivera o seu momento máximo na “Questão dos Bispos, D. Macedo Costa e D. Vital”. O redator do jornal da Arquidiocese da Bahia, transmitindo uma mentalidade coletiva dos homens de Igreja, escrevia então: "quem fez a revolução de 15 de novembro foi a Maçonaria. Sobre isto não resta a menor dúvida... e se a Maçonaria chegou a ser o que é no país, deve-o ao monarca... Quando se dizia que a Maçonaria tramava simultaneamente a ruína do trono e do altar, o Imperador e todos os que o rodeavam, riam-se e tratavam a Igreja, os bispos e os padres de visionários". O conflito que culminara com a prisão dos dois mencionados Bispos, deixara nos homens de Igreja uma forte recordação e uma convicção de que a Maçonaria estava atrás de todas as tramas contra a Igreja. Os jornais católicos da época tornavam a publicar as célebres palavras de Joaquim Saldanha Marinho, que como Grão Mestre da maçonaria, tinha então proclamado: "A vida do Brasil depende da aniquilação de Roma... Nosso fim objetivo é libertar o Estado da Igreja de Roma... Escolhamos: liberdade ou fogueira; constituição política ou Syllabus; liberdade de consciência e de cultos, ou Igreja privilegiada, audaciosa, caprichosa e intolerante; chefe nacional ou Pio IX; liberal ou ultramontano; Brasil ou Roma; Cristo ou Bórgia; filosofia ou obscurantismo; virtude ou crime; patriotismo ou prostituição; liberdade u aviltamento!... Roma constituiu-se a negação da verdade, a mais perversa destruidora da dignidade humana (FRAGOSO, s/d).⁵⁰

Diante da desobediência dos bispos e da intensa campanha contra eles, principalmente pelo político e maçom Conselheiro Joaquim Saldanha Marinho, eles foram denunciados ao Supremo Tribunal de Justiça, de acordo com a legislação em vigor, pela circulação de

⁴⁹As tensões entre o Império do Brasil e a Igreja tiveram origem nas novas diretrizes do Vaticano, fixadas por Pio IX em 1864 nas bulas *Quanta Cura* e *Syllabus*, que consideravam as liberdades modernas, reafirmando o predomínio espiritual da Igreja no mundo. No Brasil tais mudanças causaram um choque de interesses entre o alto clero, que passou a adotar uma postura ultramontana – romanização do catolicismo – e o Estado.

⁵⁰ Apud FRAGOSO, fr. Hugo – OFM, Cadernos da Restauração da Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil, Nº 1: Contexto da Restauração, Salvador p. 44.

violentos panfletos e discursos. Presos e conduzidos ao Rio de Janeiro, mais uma vez recusaram-se a apresentar defesa, não reconhecendo a competência daquele tribunal para julgá-los em assunto que reputavam como espiritual. Foram, entretanto, espontaneamente defendidos pelos Conselheiros Zacarias de Góes e Vasconcelos, Senador Cândido Mendes de Almeida e Antônio Vieira Viana que, entretanto, não puderam evitar a sucessiva condenação dos dois. Em 1874, os bispos D. Vital e D. Macedo Costa foram condenados a quatro anos de prisão com trabalhos forçados cada um, sentenças que o imperador D. Pedro II imediatamente comutou para as de prisão simples, a serem cumpridas em fortalezas do Rio de Janeiro.

3.3 GOVERNO PROVISÓRIO, CONGRESSO CONSTITUINTE E CONSTITUIÇÃO DE 1891

O Brasil passava, então, pela situação da transição do período Imperial para o Republicano, o que se aconteceu em 15 de novembro de 1889, com a instauração do primeiro governo provisório da República, que teve como chefe o Marechal-de-Campo Manoel Deodoro da Fonseca. A política interna do primeiro período constitucional da República se deu dos anos 1891 a 1930, quando aconteceu a promulgação da primeira constituição do Regime. É a fase vulgarmente chamada da República Velha, em contraposição à República Nova, iniciada em 1930.

No primeiro ano da Proclamação da República, após a posse, o Marechal Manuel Deodoro da Fonseca, transformou o Congresso Constituinte em Nacional, dividido em Senado Federal e Câmara dos deputados, porém, verificou-se progressivo incremento no movimento de oposição ao governo. Em 1891, houve muitas transições de governo provisório e, dentre os que assumiram o governo estiveram: o Marechal Floriano Peixoto e o Presidente Prudente José de Morais Barros. No entanto, a situação dos religiosos nesse decurso não lhes foi favorável. A esse respeito Fragozo afirma que,

A situação jurídica dos religiosos durante o Império foi a de "menores tutelados". Como os "jornaleiros" e as mulheres, não podiam votar. Esta situação chegou ao extremo do absurdo, quando lhes foi tirado o direito constitucional de escolher uma profissão. Mas seria, de modo especial, o direito de administrar os seus bens, o mais vigiado e restringido pelas leis do Império. Este estado de "minoridade" dos religiosos é, em grande parte, continuado pelo Governo republicano, embora a nova Constituição da República separe o Estado da Igreja, e teoricamente confira igualdade de direitos às Ordens Religiosas, no mesmo plano com as outras associações ou corporações. No governo provisório da recém-proclamada República foi estabelecido que os religiosos não seriam nem elegíveis nem eleitores. E não só. Seu direito de propriedade não poderia ser exercido livremente. Ao contrário de todos os membros das outras confissões religiosas não-católicas, que podiam exercer pública e livremente o seu culto, ficou proibida a fundação de novos conventos e ordens religiosas, e até se decretou a

expulsão dos jesuítas. A tal atitude se levantava então esta contestação: "pode-se ser mormon, budista, ateu, mas não é permitido ser frade."⁵¹

No mencionado interregno, houve muitas revoltas e dentre elas os movimentos messiânicos, ou agrupações de camponeses que, centrados na ideologia da expectativa escatológica, embora não doutrinados sistematicamente, têm um forte sentimento religioso. Nesses movimentos sempre existe um líder (que se autodenomina como percussor do Messias) que organiza, dita as regras, e lidera o grupo que seguem suas ideologias sem questionar, a sua suposta "divindade". Para Queiroz (1977), "o grupo desses movimentos se formavam uma "confraria" ou irmandade e todos os membros os tratavam como irmãos" na espera da manifestação última do Messias, e como resultado a total estruturação da sociedade atual em crise, assim apegam-se a crenças que atendem às suas necessidades, o messianismo não é crença passiva e inerte de resignações e conformismo; apontando para a possibilidade de um futuro melhor, pode levar — e em certas circunstâncias — os homens a se congregam para conseguir, por meio da ação, os benefícios que almejam. O messias só merece esse título na medida em que uma coletividade diligente o reconhece como líder (QUEIROZ, 1976, p. 37).

Nessa concepção, o messianismo não é crença passiva e inerte de resignações e conformismo; apontando para a possibilidade de um futuro melhor, pode levar — em certas circunstâncias — os homens a se congregam para conseguir, por meio da ação, os benefícios que almejam, (QUEIROZ, 1976, p. 37). Geralmente os movimentos messiânicos surgem nos momentos de crises das transformações religiosas, econômicas, políticas e sociais de uma sociedade. Para melhor entender essa realidade aqui destacamos dois maiores e mais sangrentos desses movimentos que resultaram na Guerra de Canudos na Bahia de 1896 a 1897(liderado por Antônio Conselheiro) e Guerra do Contestado, no Paraná e Santa Catarina entre 1912 a 1916, (liderado por José Maria).

A situação da Igreja a respeito desses movimentos é um tanto inusitada. Neste aspecto Fragoso (1991), enfatiza que "as Ordens religiosas no Brasil, tendem mais para a ordem institucional estabelecida, que para o grito de revolta do povo oprimido. As categorias que eles trazem da Europa, que eram as categorias da Igreja de então, focalizavam três pontos fundamentais, que eles revestiam de sacralidade: autoridade, ordem e lei"⁵². Em se tratando da realidade de Canudos, o autor ressalta também, que os chamados "jagunços" do

⁵¹ FRAGOSO, fr. Hugo – OFM, Cadernos da Restauração da Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil, Nº 1: Contexto da Restauração, Salvador, s/d, p.53

⁵² Grifo nosso.

Conselheiro eram vistos como desobedientes à autoridade, subvertedores da ordem e revoltosos contra a lei.

Ainda relata Fragoso, que “tal coisa tinha sido bem explicitada pelo capuchinho italiano, Fr. João Evangelista de Monte Marciano, na última missão pregada em Canudos, já nas vésperas da eclosão final do movimento revolucionário”. Ao Conselheiro que se recusava a reconhecer a República, respondeu o missionário italiano: "Senhor, repliquei eu, se é católico, deve considerar que a Igreja condena as revoltas, e, aceita todas as formas de governo, ensina que os poderes constituídos regem os povos, em nome de Deus” (FRAGOSO, 1991). Esse relato pressupõe que o pensamento desses religiosos correspondia ao pensamento e ao posicionamento da Igreja na época, ou seja, a condenação desses movimentos contestatórios. Em se tratando do episódio da guerra de Canudos, Igreja não se destacou como defensora da ideologia de Antônio Conselheiro, ao contrário, padres e coronéis coagiram o governador da Bahia a tomar providências urgentes, pois queriam que o Governo desse fim a Canudos. No entanto, em determinados momentos dessa “guerra”, alguns religiosos, dentre eles os franciscanos, ora ficavam do lado da “ordem do progresso do Brasil por meio da força armada”, ora dos oprimidos. Não há relatos determinantes dessa posição, com exceção do Frei Pedro Sinzig que, depois de alguns anos, foi ao arraial de Canudos para prestar alguns serviços de caridade ao povo depois da grande devastação que essa guerra causara. Guerra na qual os franciscanos optaram por ficar ao lado da “ordem” e contra o povo. Conforme exaustiva pesquisa de Fragoso,

Os franciscanos alemães restauradores da Província de Santo Antônio, já na Europa tinham tomado conhecimento das atitudes restritivas da novel República contra a Igreja. [...] E uma prova disso foi o posicionamento assumido pelos franciscanos, alguns anos mais tarde, na Guerra de Canudos, quando Antônio Conselheiro impugnou o sistema republicano como inimigo da Religião católica. O pioneiro da restauração, Fr. Amando Bahlmann, escrevia então na Crônica da Missão Brasileira: "No decorrer do ano de 1897, a situação política foi sempre se agravando, sobretudo no Estado da Bahia. Pois, ali um certo fanático, Antônio Maciel vulgo Antônio Conselheiro, excitou as multidões e repeliu vitoriosamente os soldados contra ele enviados... Depois de muitos combates, finalmente, no início de outubro os soldados do Governo conseguiram sair vitoriosos". E ao lado dos soldados da República, na frente de combate, prestando serviços religiosos e caritativos, a convite do Comitê Patriótico, estavam três franciscanos alemães: Fr. Gabriel Kroemer, Fr. Eleto Peeters e Fr. Pedro Sinzig. Os religiosos europeus que vêm restaurar as Ordens religiosas no Brasil, tendem mais para a ordem institucional estabelecida, que para o grito de revolta do povo oprimido. As categorias que eles trazem da Europa, que eram as categorias da Igreja de então, focalizavam três pontos fundamentais, que eles revestiam de sacralidade: autoridade, ordem e lei. Ora, os assim chamados "jagunços" do Conselheiro eram vistos como desobedientes à autoridade, subvertedores da ordem e revoltosos contra a lei (FRAGOSO, 1991, p.45).

Nesse episódio, constata-se que a interferência da Igreja esteve entrelaçada em todos os setores sociais, em determinados momentos soberana, em outros subalternos, porém, nunca ficou nos “bastidores” por muito tempo. Conforme relata Casimiro (2009), com o Brasil Republicano aconteceu a reação católica, com o intuito de restaurar o poder e a dignidade eclesial, o que se deu de forma paulatina, a partir de uma participação política significativa, principalmente com a adesão de intelectuais leigos, convertidos ao catolicismo e com uma insistente ação política envolvendo publicações, fundação de associações, centro de discussões propostas pedagógicas e instituições de ensino.

Dentro desse novo quadro, os franciscanos também sentiram necessidade de restaurar a própria Ordem, uma vez que a mesma se encontrava em decadência no Brasil. Fragoso⁵³ declarou que a Província começou o processo de Restauração, entendida historicamente como um ato jurídico, mediante o qual a Província da Santa Cruz da Saxônia, a 02 de março de 1893, assumiu o compromisso com a Província Brasileira, de empreender a sua reforma e revitalização; compromisso que foi feito perante o representante da Santa Sé, no Brasil, D. Manuel dos Santos Pereira, vigário capitular de Salvador. Fragoso, que estudou exaustivamente esse tema, periodizou o processo restaurador da seguinte forma:

Sob este prisma, poderíamos dividir a caminhada centenária da nossa Província nos seguintes marcos: Processo restaurador: 1893-1901. Esta primeira etapa se estende do ano em que a Província da Santa Cruz da Saxônia assumiu o compromisso restaurador até a declaração oficial da autonomia da Província de S. Antônio, por parte da Cúria Geral franciscana. Consolidação da obra restauradora: 1901-1939. Este período se divide em duas etapas: 1) busca de consolidação a partir das vocações brasileiras, ou seja, de 1901 a 1918; e 2) busca de consolidação a partir das vocações alemãs; período que se prolonga de 1918 até o ano de 1939; é a fase do Seminário de Bardel. Auto-sustentação da Província de S. Antônio: 1939-1971. É o tempo do florescimento de Ipuarana, cujo Seminário foi fundado como a grande esperança da Província de S. Antônio. Crise e busca de sobrevivência: 1971-hoje). E o período após o "fechamento" do Seminário de Ipuarana, período que coincide com o após Concílio Ecumênico. Busca-se uma reformulação do projeto vocacional dentro da crise então reinante. Mas sobretudo se busca a sobrevivência da Província de S. Antônio em franco declínio numérico (FRAGOSO, 1991, p.74).

A restauração da Província de S. Antônio, juntamente com a das diversas ordens e congregações religiosas, se opera, portanto, no contexto republicano, o qual, não obstante diferenciar Igreja e Estado abriu as portas para os religiosos europeus poderem vir empreender sua obra restauradora. No decurso desta exposição, observamos mais detalhadamente como se deu o processo de revitalização franciscana no Brasil e no Nordeste,

⁵³ Idem (1992b).

dentro do contexto específico do regime republicano, sob a responsabilidade dos franciscanos alemães.

3.4 A CHEGADA DOS RESTAURADORES

A chegada dos primeiros frades alemães ao Brasil, mais especificamente ao Convento São Francisco em Salvador, gerou grande impacto, pois eles, provenientes de uma realidade totalmente diferente da cultura brasileira (nordestina), se inseriram numa perspectiva de conflitos culturais e presenciaram a Província Santo Antônio quase se extinguindo, com poucos frades, sendo, a maioria deles, idosos e desmotivados para os trabalhos internos.

Duvignaud (apud HALBWACHS, 2013) afirma que religiões, atitudes políticas, e organizações administrativas carregam consigo dimensões temporais (“históricas”) que são outras tantas projeções voltadas para o passado ou para o futuro e correspondem aos dinamismos mais ou menos intensos e acentuados dos conjuntos humanos. Nesse aspecto afirma ainda que as paredes e as cidades, as casas, as ruas as cidades ou paisagens rurais trazem uma marca efêmera da reciprocidade dessas construções. Foi o que aconteceu com a chegada dos alemães e com a “restauração” propriamente dita, uma vez que o tempo registrou as ações desses restauradores tanto no que diz respeito aos monumentos franciscanos quanto ao material humano que foram ambos renovados segundo os princípios do franciscanismo. Suas igrejas e conventos foram limpos e restaurados, os noviciados foram reativados e voltaram a receber postulantes e, aos poucos foi sendo revitalizada a Província, mas, sob uma nova direção.

Conforme vimos na periodização de Fragoso⁵⁴, a Restauração da Província foi um processo que se prolongou até o ano de 1901, quando foi oficialmente declarada a autonomia jurídica da Província Nordestina em relação à Província da Santa Cruz da Saxônia. Nesse período de consolidação, que se prolongou por décadas, somente com a fundação do seminário de Ipuarana (na Paraíba) e suas escolas apostólicas é que a Província de Santo Antônio do Brasil conseguiu sua auto sustentação vocacional.

Cabe enfatizar as dificuldades dos frades alemães no Brasil, para cumprir a *Regra* original de Francisco (da imitação de Cristo na sua face de pobreza), ao mesmo tempo, necessitando preparar seus quadros — material e espiritualmente — para a evangelização e para o magistério da Igreja. Além da obrigatoriedade de obediência à Santa Sé, e com o propósito de plasmar a Província Antoniana segundo a Província da Saxônia, os franciscanos

⁵⁴ Idem (1992b).

restauradores que aqui chegaram, trariam fortes impressões do que estava se passando na Europa.

O contexto da Alemanha do Século XIX em relação aos conflitos entre Igreja Católica e Estado não foi muito diferente do Brasil, porém, aconteceu com algumas especificidades complexas e mais ferrenhas. Enquanto a maioria dos padres brasileiros lutava contra o governo com suas ideologias maçônicas, os padres alemães lutavam contra *Kulturkampf*⁵⁵ (batalha das culturas).

Nessa perspectiva, entra diversos grupos políticos que reforçavam o antissemitismo e outros grupos que defendiam a Igreja, mas, os quais argumentavam que o cristianismo precisava se livrar de todos os traços do judaísmo. Os alemães precisavam se tornar mais alemães, e a pureza da raça tinha de ser restaurada. O judeu representava tudo o que era estranho para o *Volk*⁵⁶, e não o alemão.

O antissemitismo tradicional entre os católicos foi reforçado pela difundida convicção de que o novo império alemão, ao qual eles ainda teriam de se ajustar, era obra dos liberais e dos judeus. Esse preconceito foi reforçado pela perseguição de Bismarck⁵⁷ à Igreja Católica no *Kulturkampf*. Por outro lado, o antissemitismo conservador, baseado no apego esnobe aos valores rurais e ao protestantismo, no desprezo pela sociedade industrial, pelo socialismo, pelo modernismo e pelos intelectuais, nunca conviveu bem com o antissemitismo popular demagogo (KITCHEN, 2003).

Na década de 1890, houve uma significativa diminuição do sentimento antissemita em relação à comunidade judaica alemã e os judeus tiveram seus direitos garantidos pela maioria dos partidos políticos. Nesse momento, o preconceito e a discriminação ainda eram difundidos, mas, sem grandes problemas para a comunidade judaica. Na verdade, esses episódios de preconceitos contra os judeus, não acabaram, apenas adormeceram para “acordar” com mais força, e realizar o que mais tarde se tornou uma das maiores catástrofes da humanidade: o nazi-fascismo.

Cabe agora analisar a situação da Igreja Católica na Alemanha, que foi qualificada como anti moderna, integralista, ultramontana, e autoritária e opositora vigorosa de todas as formas de liberalismo e democracia. Após o Concílio Vaticano I (1870), essa Igreja ganhou

⁵⁵*Kulturkampf* foi a luta pela cultura, movimento anticlerical alemão, iniciado por Bismarck, Chanceler do Império Alemão no século XIX mais precisamente em 1872.

⁵⁶Völker: povo, nação.

⁵⁷Otto Von Bismarck, o chanceler de ferro, foi o estadista mais importante da Alemanha do século XIX. Coube a ele lançar as bases do Segundo Império, ou 2º Reich (1871-1918), que levou os países germânicos a conhecer pela primeira vez na sua história a existência de um Estado nacional único. Para formar a unidade alemã, Bismarck desprezou os recursos do liberalismo político, preferindo a política da força¹, assim como tomou firmes atitudes anticlericais contra a Igreja católica numa política que ficou conhecida por *Kulturkampf*.

muitos inimigos por diversas partes dos Estados da Alemanha. O exemplo mais visível foi a Prússia, onde se desenvolveu uma Guerra Franco-Prussiana que irrompeu com a doutrina da infalibilidade papal, aprovada no Concílio do Vaticano, apesar da objeção fundamentada na maioria dos bispos alemães. A crise entre a Igreja e os Liberais da Alemanha cresceu cada vez mais, o inimigo era nacionalista e liberal, junto com a sociedade secular que ele defendia.

Em 1874, Papa Pio IX, por meio da encíclica *syllabus errorum*, condenou severamente o progresso, o liberalismo e a civilização moderna. Assim como no Brasil, as bulas papais determinavam como os padres deveriam se comportar nos momentos de “crises” (ameaça do poder), frente ao desenvolvimento do século das luzes. Assim, burocraticamente, reforçou seu poderio por meios de documentos, que não podiam ser contestados nem mesmo pelo próprio clero que não aceitasse bem a situação.

Nesta época, a situação da Igreja universal era particularmente favorável a um esforço missionário. Os papas, cuja autoridade tinha sido reforçada em 1870 pelo Concílio Vaticano I e pela declaração do dogma da sua infalibilidade doutrinal, haviam conseguido eliminar qualquer contestação ao poder da Cúria Romana. As suas finanças, embora ainda longe da pujança capitalista que viriam a ter em consequência do Tratado de Latrão, saíam da penúria. Leão XIII, que reinou entre 1878 e 1903, tal como o seu sucessor Pio X, papa entre 1903 e 1914, eram cruzados, no sentido de que as suas energias eram dedicadas a restabelecer a antiga hegemonia do catolicismo segundo um modelo de cristandade e a defender a Igreja contra os que consideravam seus inimigos: o protestantismo, a maçonaria, o modernismo, o marxismo, o laicismo (ALVES, 1979, p.34).

O que se pode observar nessa realidade é que, após o Concílio do Vaticano I, os católicos estavam divididos, pois parte deles não aceitava a infalibilidade papal, motivo pelo qual foi excomungado, o que levou o Estado da Prússia a se recusar a dispensar aqueles que ocupavam cargos docentes em universidades, seminários, escolas, e ainda os que eram capelães das forças armadas. Com isso, sucedeu a expulsão de padres que ocupavam cargos administrativos nas províncias de dialeto polonês.

Com tais repressões, nesse mesmo ano, o Papa Pio IX reagiu, ameaçando excomungar todos aqueles que obedecessem a essas leis opressivas. Por causa disso, bispos e padres foram assassinados, a maioria das paróquias da Prússia ficou sem padres e mais de oito dioceses ficaram sem bispos. Segundo KITCHEN (2013), quanto mais a Igreja era atacada, mais determinada ficava na sua resistência. Por outro lado, adquiriram muitos adeptos, que estavam descontentes com o Estado, e com o poder repressivo frente à realidade “cultural” das camadas populares da Alemanha.

Os liberais católicos e protestantes se dispuseram a lutar contra o clero reacionário e conservador e, por conseguinte, defendiam a educação e os casamentos seculares, porém,

estavam determinados a reduzir a influência dos padres e bispos ultramontanos sobre os fiéis. Declararam guerra contra os jesuítas, que viam como a tropa de assaltos do ultramontanismo.

As igrejas na Alemanha, tanto naquela época quanto ainda hoje, tinham um relacionamento singular com o Estado. Os católicos e protestantes pagavam uma parte de seus impostos para a manutenção da Igreja. As universidades e faculdades de teologia onde os padres e pastores se preparavam para ordenação, eram financiadas pelo Estado. O Estado opinava na nomeação dos bispos e observava de perto as suas atividades. Em troca, as igrejas exigiam o poder de influenciar na educação e na lei matrimonial. A situação ficava ainda mais complicada em conseqüências entre católicos e protestantes. Cerca de um terço da população se compunha de católicos e quase todo resto era protestante (KITCHEN, 20013, p.185).

O fato de a Igreja Católica se tornar uma questão política tão presente na realidade da sociedade alemã se deu em grande medida por causa da reação de Bismarck ao *Partido de Centro*, que foi fundado no ano de 1870 para cuidar dos interesses dos católicos no norte da Alemanha. Bismarck, que comungava dos ideais do protestantismo, compartilhava muitos dos preconceitos anticatólicos, pois estes representavam o Partido de Centro. Como fazia parte de sua natureza buscar confrontação com seus adversários políticos, ele decidiu lançar uma “guerra” contra seus adversários. Conseqüentemente, o catolicismo político tornou-se, portanto, mais radical, mais populista, e, paradoxalmente, buscava o eleitorado mais moderno.

O *Kulturkampf* mudou de lado, para a Baviera católica, que apresentou um projeto de lei de nível federal, em 1871, proibindo os padres de fazerem declarações subversivas em seus sermões, além disso, aceitaram a proposta do *Reichstag*⁵⁸, de que a Ordem dos jesuítas fosse banida do país.

O *Kulturkampf*, foi conduzido em âmbito estadual, Adalbert Falk, o ministro da Educação prussiano, era o seu mais agressivo defensor. Ele reduziu significativamente a influência da Igreja Católica na educação e interferiu no currículo das faculdades dos seminários teológicos, ao mesmo tempo em que buscava obter uma influência maior nas nomeações da Igreja. Quando a Igreja reagiu, o Estado cortou recursos financeiros, fechou seminários e confiscou propriedades da Igreja. Bispos foram exonerados, aprisionados ou exilados. As associações católicas e, a sua imprensa passaram a ser importunadas constantemente pela polícia. Em 1875, todas as ordens religiosas foram banidas da Prússia, com exceção, daquelas envolvidas com a enfermagem ou a educação de meninas. A Lei da “Cesta de Pão” significa que fundos eram negados a todas as dioceses que resistiam. As paróquias agora podiam eleger seus próprios padres e a sua administração foi entregue a conselhos de leigos. Nos estados alemães ocorreram movimentos semelhante para secularizar a educação, limitar as atividades da ordens religiosas e interferir na administração da igreja (KITCHEN, 20013, p.188).

⁵⁸O Reichstag (termo alemão que significa "Dieta Imperial") foi uma instituição política do Sacro Império Romano-Germânico, bem como o parlamento da Confederação da Alemanha do Norte e, posteriormente, da Alemanha até 1945.

Com a eleição do novo Papa, em 1878, Leão XIII, que se apresentava mais conciliador do que o seu antecessor, fomentou a conciliação entre os religiosos e o Estado alemão. Entretanto, depois de todos esses problemas serem resolvidos, as medidas anticatólicas foram abrandadas, mas não desapareceram por completamente. Somente entre os anos de 1886 e 1887, o governo prussiano fez as “pazes” com a Igreja, por meio de uma série de medidas pelas quais o *Kulturkampf*, oficialmente foi encerrado. Foi nessa realidade que os franciscanos silenciosamente se prepararam para assumir o processo de restauração no Brasil.

3.5 DECADÊNCIA DOS FRANCISCANOS PELO MUNDO

A decadência e o desembocar da crise franciscana, vinha acontecendo desde a segunda metade do século XVIII e recrudescer no século XIX, como parte da crise geral que atingia a vida religiosa praticamente de toda a Igreja. Quanto às causas de tal situação decadente no que toca à realidade de Província, além das questões políticas, destacamos as principais: a indiferença dos superiores, face à vida indisciplinada de seus confrades; o espírito de discórdia nas comunidades; a negligência nos estudos e na formação dos novos religiosos e falta de critério na aceitação dos novos candidatos para a inserção na Ordem.

Essa situação não foi algo isolado e específico do Brasil, mas, de muitos países da Europa. A crise da Província Franciscana de Santo Antônio, especificamente, agravou-se, desde o ano 1845, quando o Governo Imperial determinou que só com licença especial do Imperador, poder-se-ia admitir novos candidatos ao noviciado. Com essas proibições, não foram mais admitidos novos candidatos à vida religiosa na Província. A partir dessa realidade, fica evidente que a decadência da para o declínio da vida religiosa no Brasil e no mundo, não ocorreu com uma ruptura imediata, mas paulatinamente, ou seja, vários fatores corroboraram para esse declínio, dentre eles podemos destacar as causas políticas, ideológicas,

Pelas causas ideológicas, a vida religiosa era vista pelos intelectuais do "século das luzes", como resquício da Idade do Obscurantismo; ela desempenhara uma missão oportuna nos tempos medievais, quando contribuía grandemente para a educação dos povos "bárbaros". Mas no "século das luzes", ela sobrevivia como um anacronismo. Além do que, não havia lugar num mundo marcado pelo dinamismo criador, para instituições "inúteis", que se dedicavam a uma vida contemplativa. Outro aspecto dos ataques então descarregados contra a vida religiosa, era seu contexto entre dois mundos em confronto: o liberalismo e o ultramontanismo. O mundo liberal — expressão bem característica do "século das luzes" — tinha como alvo especial de suas diatribes a Igreja ultramontana, ou seja, a Igreja ultra-conservadora. [...] Causas Políticas, no sentido em que eram elas encampadas pelos governos e pelos representantes do povo. Toda a argumentação iluminista impugnando a vida religiosa, era assumida pelo

nossos representantes do povo, que procuravam traduzir sua ideologia em projetos de leis, restringindo a entrada na vida religiosa, ou mesmo, procurando na prática extingui-la, mediante o fechamento das casas de noviciado, como sucedeu no ano de 1855 (FRAGOSO, 1991, p.48).

É importante deixar claro que as causas que levaram a situação de decadência da vida religiosa no Brasil e no mundo não advieram apenas em consequências dos conflitos externos e/ou de perseguições políticas, mas, também, causas internas às ordens foram preponderantes para esse declínio. A esse respeito, Hugo Fragoso elenca as situações internas dos Claustros nesse período, que contribuíram para o declínio.

Um "superpovoamento" claustral, que tomava um aspecto inquietante, quando eram em grande parte as Ordens Mendicantes que mais se multiplicavam, com um evidente abuso do peditório de esmolas, numa sociedade que mais e mais ia valorizando a atividade laboriosa em detrimento de uma "introjeção claustral", voltando-se a Vida Religiosa preponderantemente para um observantismo esterilizante, onde a tônica era a manutenção da disciplina regular, em detrimento da ação apostólica e missionária; uma certa "mumificação" na rotina das próprias tradições domésticas e uma cultura hermeticamente eclesiástica, indiferente ao rápido avanço da sociedade, que procurava novos caminhos; Uma "fuga para o refúgio claustral" evadindo-se pela tangente, da insegurança de um mundo em transição. A falta de uma válvula de escape para esta grande massa claustral, através de uma renovada criatividade apostólica, caindo os religiosos facilmente numa rotina conventual, marcada em grande parte por certa ociosidade (FRAGOSO, 1991, p. 49).

Depois desse significativo período de crises da vida religiosa no Brasil, vieram os reforços da Alemanha, da Província da Santa Cruz da Saxônia, para restaurar as Províncias da Imaculada Conceição do Sudeste e de Santo Antônio do Nordeste do país, mas, especificamente aqui, focamos os franciscanos de Salvador, na Bahia. A essa vinda dos saxônios que se deu o nome de Restauração Alemã.

Em 1889, quando o Ministro Geral dos Franciscanos, Frei Aloísio de Parma, por decreto, confiou à Província da Santa Cruz da Saxônia o encargo da missão baiana, ordenou-lhe que para lá enviasse o número necessário de religiosos. Esses frades estudaram em Bardel⁵⁹, um Colégio Franciscano da Alemanha onde jovens se preparam para vir para o Brasil, como missionários. Vê-se, portanto, que a Alemanha estava em crise religiosa, mas, enquanto isso acontecia, a Igreja de forma sutil preparava seus missionários para se expandirem em outros lugares, e o alvo agora seria a América Latina, especificamente o Brasil.

⁵⁹ Foi fundado em 1921 o Colégio de Bardel na Alemanha, para mandarem vocações europeias para o Brasil.

Os religiosos alemães, que se dispuseram a restaurar as províncias franciscanas, não vieram somente porque estas estavam em decadência, mas, sobretudo, para garantir a sobrevivência da Igreja frente a crise que perpassava os religiosos nesse país, portanto, não vieram ao Brasil, por solidariedade, mas, com a intenção de se fortalecerem, em obediência às ordens papais. No interregno, transformaram as casas religiosas ora decadentes em novas fortalezas, mas, dessa vez, amparados pela disciplina e pelo viés da formação. Desse fato podemos extrair a importância de uma pedagogia com características puramente alemã, destinada à restauração das províncias do Brasil, cujos docentes foram preparados nos seminários alemães, especialmente para essa causa.

Como já foi dito, desde o fim de século XIX, o Papa confiou aos franciscanos alemães à tarefa de reorganização do trabalho nos conventos brasileiros, uma vez que o liberalismo de políticos anticlericais e, sobretudo, antimonásticos do Império, havia reduzido os conventos a casarões quase sem frades, tanto no Brasil, como em muitos países da América Latina.

Segundo FREYRE (1959, p. 38), aportam no Brasil os frades alemães, “aqui, muitos morreram de febre amarela, alguns ainda moços, na flor da idade, uns dezoito, outros de vinte, alguns de vinte e tantos anos, pereceram”. Diante de tantos obstáculos alguns não desistiram, mas, outros estavam decididos a continuar a tarefa da Restauração.

Tenho ainda muito viva a impressão do colégio de Bardel que em agosto último visitei na Alemanha, acompanhado pelo provincial Frei Serafim Prein, admirável figura de líder cristão. E na Alemanha inteira, de novo tão viva — inclusive na energia dos seus Católicos — não pude deixar de pensar nos alemães moços e até adolescentes que, sob o hábito de franciscanos, tem vindo desde o fim do século passado, servir a Deus e ao Brasil nesta vasta província seráfica, fundada há mais de três séculos pelo chefe da Igreja; confiados aos bons bravos frades portugueses; mas quase reduzida a mais tristonha das ruínas pela política antimonástica menos de Pombal, quando o Brasil ainda Português, que de políticos liberais, alguns um tanto acacianos, do tempo já brasileiro do Império (FREYRE, 1959, p.39).

Conforme o mesmo autor, os franciscanos nunca se desprenderam da tradição filosófica que desde Duns Scotus⁶⁰ lhes deram o senso de responsabilidade intelectual dentro e fora da Igreja, e isso se refletiu na vida intelectual do Brasil, como foi o exemplo do jurista e filósofo, professor Pontes de Miranda, do historiador José Carlos de Macedo Soares e do crítico literário Luís Delgado, todos influenciados pelo franciscanismo em suas atividades seculares.

⁶⁰Duns Scoto estudou filosofia e teologia nas célebres universidades de Oxford e de Paris. Concluída sua formação, dedicou-se ao ensino da teologia nas universidades de Oxford e de Cambridge, e depois de Paris, começando a comentar, como todos os Mestres do seu tempo, as Sentenças de Pedro Lombardo. Dos lugares dos quais lecionou: *Opus Oxoniense* (Oxford), *Reportata Parisiensia* (Paris).

Bardel — que visitei em 1956 — é hoje não só um centro que realiza de modo metódico a preparação de alemães para atividades franciscanas no Brasil como um centro de estudos brasileiros na Alemanha. Ali se ensina Português. Ali se encontra valioso material etnográfico referente ao Brasil. O atual padre reitor de Bardel, Frei Thomas, é homem com experiência amazônica; alemão abasileirado que sabe o que é café adoçado com rapadura, o que é carne seca com farinha, o que é paçoca nas longas viagens pelo sertão ou pela selva. (FREYRE, 1959, p.151).

O Colégio de Bardel, na Alemanha, estava muito bem preparado para entregar os novos franciscanos ao Brasil. Prova disso foi a chegada desse primeiro grande grupo enviado pela Saxônia, em 8 de junho de 1893. Dessa vez vieram: um sacerdote, um diácono, seis Irmãos-não-clérigos e 13 noviços. O número dos novos religiosos elevava-se para 30. Dentro de tão pouco tempo, a desolação e abandono que reinava os conventos iam se transformando rapidamente em vida.

No dia 21 de junho de 1894 chegava um grupo de 50 religiosos, um número importante. Dava a impressão de que a própria província da Saxônia estava se transferindo para o Brasil. O Convento de Santo Antônio da Bahia estava em situação precária e nas condições em que se encontrava, não comportava tanta gente.

Um grupo de 11 franciscanos, (1 padre e 10 religiosos estudantes) foram transferidos para o convento do Recife. No dia 4 de dezembro de 1894, juntamente com 3 sacerdotes, 2 diáconos, um subdiácono, 3 religiosos estudantes e 3 irmãos não-clérigos, chegava um grupo de 34 jovens colegiais, dos quais 7 vão diretamente para o noviciado. Em pouco mais de três anos, a Saxônia tinha mandado para o Brasil cerca de 130 religiosos e 34 jovens colegiais. No início de 1895 estavam já ocupados os conventos da Bahia, Recife e Olinda, sendo que, no primeiro, havia quase 60 religiosos dos quais 9 eram sacerdotes, 11 eram estudantes de teologia, 21 ainda cursavam os estudos do 2.º grau, 6 ou 7 eram noviços e os demais eram irmãos não-clérigos. O convento do Recife tinha 19 religiosos (3 sacerdotes, 4 irmãos não-clérigos e 12 ainda estudantes de 2.º grau). No convento de Olinda havia cerca de 14 religiosos e 27 jovens colegiais (cf. M. TEVES, art. cit., p. 74-79).

Certamente, o envio de um número tão grande de religiosos e jovens colegiais ao Brasil não teria sido possível sem uma medida importante que a Saxônia tomou, que foi a fundação de um “colégio seráfico” destinado às vocações no Brasil, como um dos preparativos que deveriam assegurar o futuro da restauração das províncias brasileiras e alemãs. Tais acontecimentos com certeza influenciaram e direcionaram a pedagogia franciscana e deram um perfil singular à formação dos franciscanos na Província de Santo Antônio do Brasil ao tempo em que mesclou os ideais de Francisco de Assis (seu modo de vida) com a disciplina notória da cultura alemã.

4 A FORMAÇÃO DOS FRADES MENORES NA PROVÍNCIA SANTO ANTÔNIO NO CONTEXTO DA RESTAURAÇÃO ALEMÃ: UMA MEMÓRIA EM CONSTRUÇÃO

A Formação dos Frades Menores no Convento de São Francisco na Bahia, principalmente do final do século XIX, até a metade do século XX, pode ser reconstituída tanto por documentos históricos como pela memória daqueles que vivenciaram, compartilharam a experiência concreta da formação advinda dos frades alemães. Tomamos como base a abordagem teórica da memória a partir de Maurice Halbwachs principalmente na obra *A Memória Coletiva*, quando o autor afirma que a memória perpassa e permanece nas relações dos grupos sociais demarcados por suas experiências vividas. Na visão deste autor, pode-se compreender Memória como recordações de experiências passadas, que servem de âncoras para sustentar apresentar, refletir, sobre o passado, trazendo a tona fatos vividos coletivamente, nos grupos sociais a ao qual pertencemos.

Para Halbwachs (2013) o indivíduo que lembra é sempre inserido por grupos de referência: a memória é construída e vivida em grupos, um trabalho onde indivíduos situam em um tempo e espaço, nos demarcada por relações de experiências vividas nos seus grupos sociais. Nesse aspecto, a lembrança dos franciscanos se constitui dentro de um grupo específico: a fraternidade à qual pertencem. Assim, a memória individual de cada um dos frades pode ser entendida como um ponto de convergência de diferentes influências sociais, obedecendo a uma forma particular de articulação das mesmas.

[...] memória de um grupo se destacam as lembranças dos eventos e das experiências que dizem respeito à maioria de seus membros e que resultam de sua própria vida ou de suas relações com os grupos mais for próximos, ou que estiveram mais próximos, os que estiveram mais frequentemente em contato com ele. As relacionadas a um número muito pequeno e às vezes um único de seus membros, embora estejam compreendidas em sua memória [...] (HALBWACHS, 2003, p.51).

A partir do exposto, falar em memória coletiva, nos remete ao indivíduo socializar sua pertença a grupos que conviveram ou convivem e compartilham quadros sociais comuns (valores, normas, comportamentos, processos de institucionalizações etc.). Os conteúdos da memória coletiva que foram compartilhados e quando remorados retornam acompanhados de seus quadros de referências e daqueles que estiveram naquele contexto, ou seja, o indivíduo traz consigo a memória social, coletiva, constituída num espaço, tempo, linguagem etc. Encontram seu lugar na tradição e ao mesmo tempo, dinamizam as tradições, num processo semelhante ao que foi descrito com relação às lembranças num contexto dos quadros sociais.

Nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isto acontece porque jamais estamos sós. Não é preciso que os outros estejam presentes, materialmente distintos entre nós, porque sempre levamos conosco e em nós certa quantidade de pessoas que não se confundem [...] (HALBWACHS, 2003, p.30).

A este propósito, aqui ressalto a importância da memória constituída por Frades Franciscanos alemães acerca experiência vividas quando aqui chegaram ao Brasil para Restaurar a Província Santo Antônio, na formação dos Frades Menores do Convento de Salvador e como essas experiências se transladaram no tempo e continuo sendo preservada em suas diferenças pelos grupos de fardes posteriores. Ambos os grupos, foram formados com base nos fundamentos da pedagogia franciscana, que certamente sofre ajuste ao logo do tempo, mas mantém os valores advindos do fundador da Ordem (Francisco de Assis) e suas Memórias coletivas. Informaram sobre determinadas experiências, nesse espaço mencionado, e desempenham um papel fundamental nos processos históricos da Cidade, dando vitalidade aos objetivos culturais, sublinhando momentos históricos, significativos e, portanto, preservando o valor do passado para os grupos sociais (específicos) que ainda se mantém, como também, sendo guardião (a memória) dos objetos culturais que atravessaram os tempos e que, então, se constituem como fontes para pesquisa histórica.

Se Considerarmos como afirma Halbwachs (2013), que enquanto houver representantes de um grupo, haverá a continuidade do mesmo, poder-se-ia dizer que a memória coletiva do franciscano sobrevive a mais de 800 anos, sem dúvida pela memória apreendida e no caso da Bahia, vivificada pelos Frades que aqui chegaram e por outros que estes formaram e assim sucessivamente. Uma memória aparada na fidelidade à Rega, como um recurso de memória, amparado no quadro de valores e princípios pedagógicos religiosos inseridos na formação dos Frades, que mantém os princípios do fundador da Ordem desde os seus primórdios.

Com efeito, o que se entende, a partir da teoria de Halbwachs, para a continuidade da memória social e coletiva e a manutenção de não da totalidade das experiências, mas senão o que ainda continua vivo, portanto é capaz de continuar na consciência do grupo e de demarcar sua ancoragem e sua transmissão, o que não significa a crista ação da experiência, mas sua dinamização no curso da história: No que diz respeito ao quadro social correspondente a religião e o seu dinamismo, aqui evidenciamos que:

A dinâmica própria da tradição religiosa reside em sua capacidade de organizar sistematicamente, do ponto de vista dos jogos atuais da sociedade, ritos e crenças, que vêm do passado e que continuam a viver, com força desigual, nos diferentes grupos. A dinâmica das relações sociais, a evolução

dos saberes e das técnicas, as relações que a sociedade mantém com o seu ambiente, os interesses das chamadas dominantes em seu seio transformam as crenças antigas e fazem emergir idéias religiosas novas (HERVIEU-LÉGER, D; WILLAIME, 2009, p. 229).

O quadro social da religião é a própria manutenção cotidiana dos códigos e valores estáveis e duradouros. O cristianismo mantém lugares consagrados religiosos e organização sistemática e confirmadora dos atos e princípios que o sustenta. A esse liga a um quadro social de presença marcada pela trajetória de Francisco de Assis que Francisco de Assis, que a percorreu por vários meses, entre o ano de 1219 e 1220, viajando pelo Egito, Síria e a Palestina. Segundo os historiadores, a partir do século XIII, com a decadência das Cruzadas, o acesso e o pertencimento a esses lugares pelos franciscanos, veio garantido pelo uso de uma nova estratégia, ou seja, por meio de uma presença desarmada dos Frades que substituiu as expedições militares. A partir dessa atitude estratégica, aprovada pela bula papal, os lugares considerados sagrados para o cristianismo passaram a pertencer aos franciscanos, responsáveis diretamente pela manutenção dessa memória, e disseminadores dessa face cristã, até a atualidade. A esse respeito, Halbwachs relata na “Topografia Legendária dos Evangelhos da Terra Santa”,

Es lo que explica que trasla toma de Jerusalem por los cruzados, un nuevo sistema de localizaciones haya podido recubrir los vestígios, absorberlos, pero también, modificarlos, cambiar su aspecto, su significación, y sobre todo hacer surgir una nueva floración de emplazamientos consagrados, de basílicas, Iglesias y capillas. La comunidad cristiana universal es la que vuelve a tomar posesión de los lugares santos y quiere que reproduzcan la imagen que se ha hecho de ellos desde y a lo largo de los siglos. De ahí, la abundancia de nuevas localizaciones, más numerosas, pero también con mucha frecuencia mucho más recientes, y sobre todo la invitación a seguir multiplicándolas y agruparlas siguiendo los dictados de la fe. (HALBWACHS, 2014, p. 230).

Nesse contexto, a disciplina da memória é garantida por uma hierarquia de clérigos que, como funcionários e administradores dos lugares cristãos, separada do mundo, e voltada para o passado, conseguem permanentemente reconstruir e adaptar tal memória à realidade. Desse modo, poderíamos dizer que um grupo de Franciscanos originários que chegou ao Brasil e depois outro daqui mesmo continua rememorando a pedagogia do cristianismo.

Lo que prueba que la memoria colectiva Cristiana adapta en cada época sus recuerdos de los detalles de la vida de Cristo y de los lugares a los que están ligados a las exigencias contemporáneas del cristianismo, a sus necesidades y aspiraciones (HALBWACHS, 2014, p. 230).

Mas, além da adaptação de pensamentos dos autores supracitados à nossa análise, aqui é necessário ressaltar que a memória permanece também, sobretudo, na tradição, que é o quadro mais amplo onde seus conteúdos se atualizam e se articulam entre si. Ochoa afirma que,

Halbwachs quiso “subrayar las diferencias entre el tipo de pasado que cada uno restaura”: la memoria confirmaría “las similitudes entre o pasado y presente”, en la medida en que “transmite un sentido del pasado que revive una vez más”, tocando las mociones. “La historia, en contraste, establece las diferencias entre pasado y presente. Esta reconstruye el pasado desde una distancia crítica y se esfuerza para transmitir el sentido de que sus conexiones con el presente están desprovistas de compromiso emocional (OCHOA, 2005, p.18).

Naturalmente, as lembranças dos grupos que vivenciaram experiências formativas comuns, vão sendo confirmadas pelos seus grupos de continuadores. Nesse sentido, depende da ausência ou presença de outros que a constituem, como grupo de referência. Nesse aspecto, o grupo de referência é um grupo do qual o indivíduo fez parte, e com o qual estabeleceu uma comunidade de pensamentos. Tais formas de memória já eram discutidas e vivenciadas desde a Antiguidade, por exemplo, na memória Sagrada, Santo Agostinho preconizava que:

[...] embora já não soe; ou como perfume que, ao passar e desvanecer-se nos ares, toca o olfato e transmite seus traços à memória que os reproduz com a lembrança; nem como alimento, que no estômago já não tem sabor, e todavia, através da lembrança, quase se saboreia; nem como acontece a qualquer objeto que o corpo percebe pelo tato e, quando afastado, é ainda guardado na memória. De fato, todas essas realidades não se introduzem na memória. São apenas imagens colhidas com extraordinária rapidez, dispostas como em compartimentos, de onde admiravelmente são extraídas pela lembrança (AGOSTINHO, 1994, p.277).

É importante ressaltar que a lembrança é fruto de um processo coletivo, está sempre inserida num contexto social preciso e necessita de uma comunidade afetiva, característica das relações nos grupos de referência. A permanência do apego afetivo a uma comunidade dá consistência às lembranças e, em contrapartida, o desapego está ligado ao esquecimento. No desapego não há reconhecimento, não há lembranças. Há esquecimento!

[...] Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser reconstruída sobre uma base comum. Não basta reconstituir pedaço a pedaço a imagem de um acontecimento passado para obter uma lembrança (HALBWACHS, 2003, p.39).

A memória reconstrução, não uma repetição linear de acontecimentos e vivências do passado, mas, uma recomposição desses acontecimentos e vivências no contexto de um quadro de preocupações e interesses atuais. Também é diferenciada e se destaca da massa dos acontecimentos e vivências localizada num tempo e num espaço e num conjunto de relações sociais. A memória é este trabalho de reconhecimento e reconstrução que atualiza os quadros sociais nos quais as lembranças podem permanecer e então articular-se entre si.

As lembranças comuns que se apoiam uma sobre as outras, portanto, evoluem elas próprias em funções das elaborações singulares que os membros do grupo, podem delas fazer a memória individual e a memória coletiva se interpretam mutuamente: a primeira se alimenta da segunda, seguindo seu caminho próprio; a segunda envolve a primeira sem se confundir com ela, nem com a soma das memórias individuais agregadas (HERVIEU-LÉGER, D; WILLAIME, 2009, p. 222).

O trabalho da memória é, também, a presentificação daquele conjunto; a segunda envolve ato de testemunhos no contexto de um diálogo mais amplo e atual. As lembranças não se confundem entre si, mas, podem ser confrontadas dando corpo ao trabalho da memória. Nesse aspecto, a memória é sempre construída em grupo, e é sempre o trabalho do sujeito. Porém somente a rememoração pode tornar-se a lembrança viva.

Em se tratando da categoria "tempo", Halbwachs (2003) observou que este é exatamente o que deve ser em tal grupo e entre tais pessoas “cujos pensamentos assumiram um comportamento de acordo com suas necessidades e suas tradições”. Por outro lado, o indivíduo não tem como se segurar a não ser nele mesmo. É a lembrança do olhar sobre o passado, não no que está contido nele, mas no que o faz recordar, (como o olhar para uma fotografia). O tempo oferece continuamente a imagem da mudança, o espaço oferece a imagem da permanência e da estabilidade, o que faz lembrar-se de pessoas e relações sociais ligadas a ele. É sempre fonte de testemunhos. A este propósito, Halbwachs afirma que:

O tempo é exatamente o que se deve ser entre tal grupo entre tais pessoas, cujo pensamento assumiu um comportamento de acordo com suas necessidades e suas tradições. O tempo só é real na medida em que tem um conteúdo, ou seja, que oferece ao pensamento uma matéria de acontecimentos. Ele é limitado e relativo, mas tem uma realidade plena. É bastante amplo oferecer às consciências individuais um contexto de respaldo suficiente para que estas possam nele dispor e reconstruir suas lembranças (HALBWACHS, 2003, p.156).

Nessas condições, podemos estar presentes no tempo, no presente, que é uma parte do tempo, e de nos transportar pelo pensamento ao passado próximo ou distante. Halbwachs

(2003) discute que é preciso distinguir as correntes do pensamento propriamente dito da corrente da memória: a primeira está estreitamente ligada ao nosso corpo, não nos faz sair de nós, mas não nos abre nenhuma perspectiva sobre o passado, a segunda tem origem e a maior parte de seu curso no pensamento dos grupos diversos aos quais nos ligamos. No que diz a respeito ao tempo, este só é real na medida em que tem um conteúdo, ou seja, na medida em que oferece ao pensamento uma matéria de acontecimentos. Ele é limitado e relativo, mas tem uma realidade plena. É amplo para oferecer às consciências individuais um contexto de respaldo suficiente para que estas possam nele dispor e reencontrar lembranças.

Em todo caso, pensamentos sobre a memória no tempo presente, passado e futuro são apenas evocações, que convocam as forças subterrâneas do homem. Conforme foi dito anteriormente, o tempo oferece continuamente a imagem da mudança e o espaço oferece a imagem da permanência e da estabilidade, mas ambos fazem lembrar pessoas e relações sociais ligadas a eles. São sempre fontes de testemunhos. Nesse ponto, é o cruzamento de experiências que demarca a memória, e é o tempo presente que ancora a memória e esta se sustenta por meio de um conjunto de recordações, que se integram à experiência total dos sujeitos, ou seja, à construção social, intelectual, cultural e moral.

Quando percebo objetos exteriores, eu talvez imagine que toda a sua realidade se esgota na percepção de que delas tenho. Na duração não estão os objetos mas meu pensamento que os representa pra mim, e assim não saio de mim. É diferente como uma forma humana, uma voz, um gesto, me revelam a presença de outro pensamento, que não o meu. Terei então no espírito a representação de um objeto a partir de dois pontos de — do meu e de mais alguém que não eu que tem uma consciência, como eu — e que dura (HALBWACHS, 2003, p.120-121).

Concordando com o autor supracitado, podemos dizer, então, que a memória é concessora de ser. Portanto, a vicissitude temporal liberta-se de sua necessidade, o presente se desobriga de estar aqui e agora, o passado esquece que já passou, o futuro é, sem ter sido, e o tempo, com folga para vagar, põe-se a criar.

No campo da Memória Social, Celso Sá (2007) aborda alguns princípios unificadores dessa memória, que se configura como caráter construtivo como, também, enquanto um atributo da sociedade ou dos grupos sociais; Sustenta o autor que a construção, a manutenção e a atualização da memória social, mesmo em suas manifestações mais pessoais, estão na dependência da interação e da comunicação sociais; enfatiza que a memória e pensamentos sociais estão intrinsecamente associados e são praticamente indistinguíveis, ou seja, o que é lembrado do passado está sempre mesclado com aquilo que se sabe sobre ele e o elo de ligação que é o sentimento, desempenha um papel no processo construtivo da memória social.

Podemos afirmar, sem dúvida que os acontecimentos aqui narrados em relação à memória coletiva dos franciscanos se desdobrou em categorias análogas em praticamente todas as ordens religiosas que atuaram no “novecento” brasileiro. Beneditinos, carmelitas e dominicanos — jesuítas, principalmente — também tiveram suas querelas com o governo imperial, se viram impedidos de prosseguir na formação dos seus quadros e também correram o risco de extinção. Talvez, nessa tênue passagem do particular para o geral esteja também à passagem de memórias coletivas para uma memória social, no caso, da Igreja.

4.1 A PEDAGOGIA FRANCISCANA, UMA ABORDAGEM DA MEMÓRIA

Desde os tempos primórdios, a Igreja pensou na educação, por entender que esta é a ferramenta complementar da evangelização. A esse respeito, as ordens religiosas inseridas nessa realidade não foram diferentes. Para a própria sobrevivência e consolidação, a Ordem Franciscana, especificamente, além dos conteúdos obrigatórios segundo as leis canônicas, necessitaram recorrer aos fundamentos originais da Ordem, apoiados em documentos, escritos, tradições orais, sobretudo pelos biógrafos e hagiógrafos que sistematizaram filosoficamente a forma pedagógica de trabalhar a Regra de Francisco de Assis e suas Constituições, expandindo-se também para outras áreas de estudo, baseados na *Ratio Studiorum OFM*. De todas, consideramos a *Ratio Studiorum OFM* as deliberações mais efetivas para a orientação da formação franciscana, uma vez que ela contém os princípios de todos os documentos oriundos de Francisco.

Vale reafirmar que, assim como a pedagogia jesuítica teve seu cerne inicial nos *Exercícios Espirituais* do próprio Inácio de Loyola, se baseou na Parte IV das *Constituições inicianas* e foi sistematizada na *Ratio Atque Institutio Studiorum*, consideramos que a pedagogia franciscana também teve seu cerne nos escritos originais de Francisco, se inspirou na *Regra Bulada* e nas *Constituições da Ordem Franciscana*, e foi sistematizada pela *Ratio Studiorum OFM*⁶¹. Ao que tudo indica, a despeito da base religiosa de ambas, advinda da teologia moral cristã, cada uma guarda características próprias de acordo com os ideais de suas denominações e com os princípios dos seus fundadores. Além disso, como acontece com os jesuítas que sempre se adequam bem ao lugar onde habitam, no caso do franciscanismo, como está disposto na *Ratio*, cada província, custódia ou guardianato poderá adaptar suas regras de acordo com suas necessidades.

O documento da *Ratio Studiorum OFM* foi exigido pelos frades no Capítulo Geral de San Diego (1991); depois no Capítulo de Assis (1997); aprovada pelo Definitório Geral (19

⁶¹ Entretanto, na História da Educação muito se conhece e se pesquisa sobre a *Ratio* jesuítica, e pouco se menciona a *Ratio* franciscana. Daí a validade do presente trabalho.

de março de 2001) e promulgada pelo Ministro Geral (25 de março de 2001). O documento foi decretado pelo Definitório Geral, da Ordem Franciscana em 19 de março de 2001, este surgiu a partir dos documentos: Regra e Constituições e Estatutos gerais (cf. Art. 67 §§1-3). (Capítulo Geral 2015).



Fonte: Site Franciscanos.

Conforme informação de Frei Fernandes, atual secretário provincial, existem em vigor alguns documentos mais recentes como a *Ratio Formationis*. (Documentos Provinciais. Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil, 2015, pp. 51-64) que foi aprovada no Capítulo Provincial de 2009, baseada na *Ratio Formationis Franciscanae*. (Ordem dos Frades Menores Secretaria Geral para a Formação e os Estudos) aprovada em Roma, no ano de 2003.

A *Ratio Studiorum OFM* se configura no reconhecimento dos estudos e sua importância com a grande tradição da Ordem (cf. n. 29) tendo como inspiração principal um dos Mestres do franciscanismo, o teólogo e filósofo São Boaventura de Bagnoreggio. Seu princípio acentua a união que deve existir entre as prioridades do carisma franciscano e a formação intelectual, entre a forma de vida e os estudos (cf. nn. 19-30). Mas nem sempre os estudos foram prioridade do fundador. Segundo a *Regra não Bulada*, Francisco de Assis que se reporta ao Apóstolo Paulo que Diz: A letra mata, mas o espírito, porém vivifica (2 Cor 3,6).

São mortos pela letra aqueles que somente desejam conhecer as palavras para serem considerados mais sábios entre os outros e poderem adquirir grandes riquezas, para dá-las aos parentes e amigos. São também mortos pela letra aqueles religiosos que não querem seguir o espírito da divina escritura, mas apenas desejam conhecer as palavras e interpretá-las aos outros. E são vivificados pelo espírito da divina escritura aqueles que não atribuem a seu eu toda letra que conhecem, mas pela palavra e pelo exemplo, as retribuem ao altíssimo Senhor Deus, de quem é todo bem! (Rnb. In: FONTES FRANCISCANAS, 2008, p. 99).

Mas, com o tempo, chegaram à conclusão de que para a manutenção e a própria sobrevivência da Ordem, os estudos jamais poderiam ser ignorados, mesmo porque como foi citado anteriormente, não aderiram a esse projeto de vida apenas iletrados mas também os letrados, Francisco acolhe em sua Fraternidade homens “iletrados” (Test 10) e homens “letrados” (1Cel 57). Entre estes está o “bispo” Frei Antônio, ao qual, permite ensinar “aos irmãos a sagrada Teologia” (CAnt 2: cf. LegM 11,1). Podemos destacar, Alexandre de Hales, Boaventura, Rogério Bacon, Nicolau de Lira, Duns Scotus, Guilherme de Ockham, Bernardino de Sena, João de Capistrano, alguns dos mestres “letrados” que formaram a fraternidade desde os primórdios da estruturação da Ordem.

Conforme está posto na Introdução, apoiados nesses mestres que uniram a fé e a razão e na permissão de Francisco a Antônio, a *Ratio Studiorum OFM* justifique não há nenhuma contradição entre a vida do frade menor e os estudos, reconhecendo, pelo contrário, que os estudos estão plenamente integrados nela. Os mestres franciscanos são exortados a especular a possibilidade de diálogo entre a ciência, a fé e a vida. Segundo a interpretação franciscana,

não há falta de consenso entre a fé e a razão no que diz respeito ao estudo, uma vez que este responde à necessidade de desenvolvimento do ser humano na sua totalidade: humana, cristã, franciscana, técnica e profissional. Fica claro então, nesta concepção franciscana que, com a formação na totalidade, o frade estará muito mais preparado para o trabalho e à disposição para o “serviço”⁶², na compreensão evangélica. Assim se compreende que o estudo é indispensável para todos os frades menores (cf. n. 3) e que não pode ser considerado um “privilégio” de poucos, mas um direito de todos. Contudo que esse estudo não seja compreendido como posse ou motivo de vaidade.

A formação pedagógica dos seguidores de Francisco de Assis, sejam leigos da Ordem Franciscana Secular (OFS) ou pertencentes às ordens primeira (masculina) ou segunda (feminina), se ancora na trilogia: Formação Humana, Formação Cristã e Formação Franciscana, o que contribui para que o formando (a) receba orientações sobre sua condição humana e suas dimensões: psicoafetiva, sexual, social, política, técnica (prática) e mística, além do benefício do carisma franciscano.

A Formação Humana se subdivide em temáticas específicas, como:

1) psicoafetiva, que é a formação, auto conhecimento, interesses, aspirações, história, valores, sentimentos, limitações, etc.; Também, exige um ato crítico: revisão de vida, busca permanente de superação e mudança de atitude, quando estão em desacordo com a dignidade humana de si mesmo e do outro. A dimensão psicoativa se objetiva em três pontos principais da formação: a) Formação da afetividade (coração) que é a formação para ter a capacidade de amar e cultivar amizades, para amar gratuitamente, para se doar ao outro, para se fazer caridade, amor ao próximo, sem medir sacrifícios, e se orientar em direção ao outro; b) Formação da mente (ou a inteligência) para desenvolver a autonomia do pensamento e ter a capacidade de reflexão e meditação. Essa formação visa agregar conhecimentos criando o hábito da leitura e da reflexão. O modo de proceder dos franciscanos perpassa por essa filosofia de vida, ou seja, preconiza que o conhecimento adquirido ao longo dos estudos e que entra na cabeça (mente), deve passar para o coração e ir para as mãos, ou seja o que se conhece (com a cabeça), deve-se amar (com o coração) e traduzir em obras (pelas mãos); c) Formação da vontade, significa que ao longo dos estudos o formando deve desenvolver a capacidade de opção de escolha; de decisão e perseverança para enfrentar a realidade da vida

2) Dimensão sexual, que é a formação da sexualidade, diz respeito particularmente à afetividade e também se configura na castidade, representando uma tarefa eminentemente pessoal. Mas, implica também em um esforço cultural, porque o homem desenvolve-se em

⁶² A prática pedagógica franciscana toma como modelo, a prática pedagógica de Cristo, que, como afirma o Evangelho, se intitulou mestre e, como Mestre lavou os pés dos discípulos (Jó: 13,14).

todas as suas qualidades mediante a comunicação com os outros. Na castidade supõe-se o respeito pelos direitos da pessoa, particularmente o de receber uma informação e uma educação que respeitem os princípios morais e espirituais da vida humana.

3) A dimensão social é aquela que estabelece o relacionamento com o outro, e a capacidade de superar os bloqueios de comunicação para conhecer o outro confrontar ideias e dons. A pessoa humana só poderá realizar-se vivendo em relação com os outros em sociedade, vivendo unida a outras pessoas humanas, e não pode viver desligada, separada do resto do mundo. Na relação consigo mesmo, a formação é voltada para a pessoa conhecer-se e amar-se. Ter um conceito positivo de si mesma, dos outros do mundo, e para a vida social. Um dos pontos característico do franciscanismo é a relação com a natureza e visa formar a pessoa para o trabalho a fim de usufruir da natureza sem distraí-la. Isto é, enseja o relacionamento responsável pelos seres animados e inanimados.

4) A dimensão política que trata da formação do sujeito para fazer parte da história, com senso crítico, com a capacidade de analisar e participar comprometidas com a política, cidadania direitos humanos com defesa da vida, trabalha da ecologia, etc.

5) dimensão técnica (prática) é aquela formação que prepara o franciscano para a ação, planejamento, execução pratica na vida “secular” e trabalho em (na) sociedade. Nessa realidade, o trabalho de cada dia é não só um meio de sustento, mas, uma ocasião de serviço a Deus e ao próximo e uma forma de desenvolver a própria personalidade. A formação nesse sentido é a preparação para assumir a execução de qualquer trabalho, independentemente de aptidões, pois, o trabalho para o franciscano é um direito e um dever, então, toda espécie de ocupação e execução de serviços laborais merecem respeito.

7) dimensão mística é a formação que estabelece a ligação entre a religião, a fé e a vida e pretende superar uma religiosidade individualista e acomodada, assumindo uma religiosidade comunitária, comprometida com a realidade onde se vive. Se expressa na dimensão social.

8) A formação Cristã diz respeito aos estudos da teologia e da filosofia, que compreende a formação do cristianismo, suas tradições doutrinárias e histórica dentro da Igreja Católica. A formação Franciscana é diz respeito aos estudos da história do franciscanismo, no estudo dos seus Escritos, a Espiritualidade a Regra e as Constituições Gerais que fundamenta fundamento a vida diária plasmando o modo de viver entre teoria e prática de acordo com o carisma de Francisco de Assis. Na dimensão franciscana deve-se notar que é uma maneira de viver o cristianismo e não sua substituição.

Na pedagogia franciscana o formando não pode esperar tudo pronto do formador, ou mesmo das academias, mas, também, e principalmente ter o cuidado pela auto formação como processo permanente, uma vez que o ser humano nunca está pronto e acabado, portanto, a formação deve corresponder a cada uma das dimensões do ser humano, para que a pessoa seja ética democrática comprometida, participativa saiba conviver e relacionar-se. É a chamada formação na totalidade, que forma o ser humano em todos os seus aspectos intelectuais como maturacionais.

4.2 OS ESTUDOS DOS IRMÃOS LEIGOS

Cabe ressaltar que o direito aos estudos foi negado ao frade leigo (os não clérigos), ao longo da história da Ordem no Brasil, até o Concílio Vaticano II (Ano de 1963). Com essa situação, permanecia nos interiores dos claustros um sistema de hierarquia, (situação temida e entevista por Francisco, quando colocou ressalvas aos estudos dos frades). Com essa dicotomia na Ordem o frade o iletrado passava a ser servo do letrado. Conforme a memória passada a Frei Dilson, Frade de 29 anos por nós entrevistado,

O irmão leigo sempre teve o serviço de serviçal dos padres, né? Não só dos frades, mas também do convento num todo, de manter o convento preservado, né? De manter o convento numa boa aparência. Então dentro do grupo de irmãos, tinha o irmão sapateiro, o irmão do galinheiro, da horta, alfaiates, eles trabalhavam com tudo e eram formados para servir a província, o convento. Não existiam funcionários. Tinha o irmão porteiro. Até porque não podia entrar mulher, né? Podia entrar homem, mas não tinha. A formação era justamente pra isso, para cuidar da vida do cotidiano, da vida prática dos frades, e na maioria das vezes os irmãos sempre foram apoio auxiliar dos padres, porque existia um respeito aos irmãos, não digo subserviência, mas um serviço não tão agradável, mas é questão de hierarquia, imposição mesmo, né? Foi imposto. Por eles não terem estudos, eles tinham que servir os padres.

Com efeito, antes do Concílio Vaticano II, a formação dos Frades Franciscanos no Brasil, era segregada, para o frade que se destinava a ser sacerdote, exigiam-se os cursos superiores de Teologia e Filosofia, que eram ministrados dentro dos próprios Conventos da Província, por outro lado, para o frade leigo (frade não sacerdote), não era exigida a formação superior, exceto a formação de espiritualidade franciscana, aulas e normas de como ser frade, obediência a Regra, etc.

Nessa conjuntura, havia uma grande hierarquia, e o frade leigo passava a servir aos frades sacerdotes, ocupados nos estudos e nas atividades litúrgicas. Enquanto estes ficavam nos altares e nas atividades pastorais, os frades não clérigos, permaneciam anônimos, apenas nas atividades internas do convento como subalternos (a prática de senhor e servo), herança

de um Brasil escravocrata, com a mesma prática (mais amenizada por não existir mais castigos), porém, com outros discursos. Nessa realidade observa-se que, para ser frade leigo exigiam-se as três categorias: Suportar, Renunciar e Trabalhar:

Sim meu caro amigo, também os religiosos são homens que, sem dúvida, querem o bem, mas que não deixam por isso de serem homens com todas as misérias e fraquezas humanas, homens de diversos caracteres e de temperamentos opostos [...] São homens, e onde se acham reunidos, quer no século, quer no claustro a primeira lei deve ser: Suportar uns aos outros com paciência caridosa e com caridade paciente. Tal não se aprende de hoje para amanhã, não. Cada um deve repetir de continuo: “eu tenho defeitos e singularidades — que os outros devem suportar com paciência [...] Renunciar! Espíritos teimosos, arengueiros e egoístas absolutamente não servem para a vida religiosa. Só quem sabe renunciar à própria vontade, quem sabe curvar a cabeça e aceitar qualquer ordem dos superiores, por mais incomoda que seja, só esse subirá ao cume da perfeição religiosa, só esse alcançará a paz e a tranquilidade da alma [...] O terceiro sacrifício é trabalhar! Trabalhar, pois, no posto em que Deus te colocou por seus representantes, os superiores. — o homem nasceu pra trabalhar, como a ave para voar — trabalhar não por egoísmo, mas, não para que se te queime um grãozinho de incenso no altar do próprio Eu, segundo essa norma: Oh meu Deus, tudo para vós, e nada para mim! Desde a manhã até a noite, tudo só por amor de Deus. Só Deus e nada fora dele! — Será esta a minha vida religiosa (BIERBAUM, 1931, p. 6-8).

O que mais chama atenção nesses relatos é a ênfase que se dá ao trabalho. O trabalho subalterno do claustro e a servidão aos seus superiores (os frades sacerdotes) se configuram “no trabalhar para Deus,”. Nessa realidade, foram atribuídos pensamentos extraídos da Regra de São Francisco para reforçar essa ideologia.

Sim foram os religiosos que, por seus trabalhos, fizeram grandes coisas em todos os campos de atividade, da arte e da ciência. Em nenhuma parte foi tão bem compreendida como no claustro a grande lei do Senhor: com o suor do teu rosto comerás o teu pão. Como fala São Francisco? — escreve ele na sua Regra: eu trabalho e trabalhei sempre com as minhas mãos; e quero trabalhar sempre com as minhas mãos; e quero também que todos os meus irmãos se ocupem com algum trabalho honesto. Propriamente, nem havia necessidade de tais prescrições, porque num convento nunca falta em que trabalhar. Como irmão leigo, poderá trabalhar na alfaiataria ou na cozinha, na sapataria ou na portaria, no jardim ou na igreja, na tipografia ou na tecelagem. Poderás trabalhar na marcenaria ou na oficina de escultura, poderás torna-te útil, quer como organista ou pintor, quer como pedreiro e ferreiro (BIERBAUM, 1931, p.29).

A categoria trabalho, nesse aspecto reforça a ideia de que todo frade leigo deveria trabalhar, essa era uma das condições de vida no claustro, percebe-se que o seu interior funcionava como uma extensão do mundo lá fora, como um mercado de trabalho que recrutava jovens com diversas aptidões para o “mercado interno” afirmando ainda que o

cansaço seria amenizado pelas orações e recreio e deixando claro que esse tipo de vida seria para o irmão leigo.

Mas o trabalho no claustro não é tão penoso, tão áspero e tão embrutecedor como o é, muitas vezes, no mundo, numa fábrica, por, por exemplo, pelo contrário, é o trabalho transfigurado pela santa religião, santificado pelo amor de Deus e do próximo, suavizado pelo recreio e pela e pela oração” Reflete agora, meu amigo; talvez queiras dedicar as tuas forças e os teus talentos a tal trabalho, como filho humilde do pobrezinho de Assis. Vem com a firme vontade de cumprir o programa de São Francisco: “Quero trabalhar” – jamais te arrependará, principalmente no leito da morte, de teres tornado fervoroso irmão leigo na Ordem de Francisco (BIERBAUM, 1931, p.30).

Nesse aspecto os religiosos se afirmaram em concomitância com a Igreja e se posicionaram de acordo com as correlações de forças políticas eclesiais em seu interior. Assim reforçavam o poder pela persuasão da palavra e do que se pregava nas missas, mas o que se relata abaixo está exclusivamente destinado aos frades leigos, tratados de apóstolos:

Apóstolo é o irmão porteiro por sua amabilidade, sua paciência inesgotável e, principalmente, por sua caridade para com os pobres e os necessitados. Apóstolo é o irmão cristão pelo infatigável trabalho no serviço da casa de Deus e Santíssimo Sacramento. Apóstolo é o irmão esmoleiro pelo proceder tão simples, tão modesto e amável no trato com os seculares, com as crianças e com os doentes, proceder unido a uma profunda devoção. Apóstolo é o irmão hospedeiro por sua alegre prontidão em servir os hóspedes e visitas, pelo asseio e pela exatidão em tudo. Apóstolo irmão é o jardineiro, que não cessa de trabalhar, dia a dia, silencioso e infatigável. Apóstolos são todos os irmãos cozinheiros, alfaiates e marceneiros, que trabalham para o bem dos irmãos. Apóstolos são todos os irmãos do convento pelo exemplo da oração, do amor desinteressado e da felicidade a toda prova. Apóstolos são eles verdadeiramente indispensáveis, ajudando aos padres na cura das almas por suas orações e sacrifícios, suas comunhões e boas obras. Pois o êxito dos sacerdotes é, às vezes, tão extraordinários no confessionário, no púlpito, nas missões, nos retiros espirituais etc. e muitas vezes, o mérito dos irmãos que com tanto amor com tanta eficácia, rezam principalmente pela conversão dos pecadores. Meu caro amigo compreende agora que tenho os nossos leigos por grandes perante a Deus? E isso não fará refletir? Não aspirarás tu também a torna-te assim tão grande aos olhos de Nosso Senhor e grande um dia, no céu? (BIERBAUM, 1931, p. 32-34).

Percebe-se, o discurso de um frade clérigo, que reforça em nome de “Deus e dos apóstolos” para recrutar jovens para o convento, para ser irmão leigo e exercer um trabalho manual, mas que, em nenhum momento fala-se da formação intelectual, pois a Ordem havia perdido a consciência de igualdade apregoada por Francisco. Apenas pensavam nas aptidões de trabalho aos quais eram destinados os mais humildes a aprender. Assim, para manter “materialmente” a vida dos religiosos (ordenados ou não) eles próprios dependiam da força de trabalho dos irmãos mais simples e conseguiam isso mantendo tal ideologia subjetiva de que

iria “trabalhar para Deus”. Enfim, dos votos de obediência, pobreza e castidade acrescenta mais um: Trabalho! Exigência necessária para participar desse grupo específico na sociedade brasileira,

Queres escolher pra ti esta vocação sublime? Estão recebe minhas felicitações. Peço-te, porém uma coisa: recomenda a tua causa, que é de grande valor, sincera e intimamente a Deus e a boa mãe do céu. Reza por nove dias a Ladainha do Espírito Santo e uma oraçãozinha a Nossa Senhora na intenção de que Deus Nosso Senhor te ilumine para que conheças bem a vontade divina e te disponhas a segui-la. Oferece também na mesma intenção uma santa comunhão. Depois de teres feito isso, pergunte a ti mesmo numa hora silenciosa, só com Deus e com tua alma: Vive em mim uma aversão, uma antipatia para com o mundo e seus prazeres e bens passageiros, para com seus perigos e seduções? Estaria eu pronto para oferecer-me de todo coração, a Deus como holocausto para servir só a ele em pobreza castidade e obediência, trabalhando só por teu amor? Estaria disposto a renunciar no convento a própria vontade, disposto a obedecer suportar, em amor fraterno e pacífico as fraquezas do irmão? Se essas perguntas puderes responder com um sim sincero, fica convencido de que Deus te chamou (BIERBAUM, 1931, p. 39-40).

É espantoso observar como condutas corrompidas da sociedade tenham penetrado numa Ordem Religiosa que pretendia imitar Cristo na sua face de pobreza, mas, contraditoriamente, os membros espelhavam as relações sociais extramuros e acabavam por trazer discursos ideológicos semelhantes aos de políticos desonestos. Concedendo entrevista, Frei Hugo Fragoso fala com tristeza desse tempo de segregação dos leigos:

Havia uma grande diferença de valores, a palavra "irmãos" veio chocante, porque significa inferioridade. Os padres tinham que viver como quem tá num degrau superior. E o leigo, por ser leigo, era inferior. Pensa aí? Fazia as coisas de ser leigo, porque tinha passado a idade, naquele tempo, de entrar no seminário para ser padre. Depois que o vaticano abriu as portas, eles foram fazer a Teologia e se ordenaram. Mas há uma grande diferença, relembro com tristeza a diferença de valorização deles.

Com o Concílio Vaticano II, ventos renovadores vieram arejar a vida religiosa franciscana e reconduzir os frades à forma de vida preconizada por Francisco de Assis. Aliás, cabe lembrar que esses avanços e retrocessos no cumprimento da Regra aconteceram durante toda a história da Ordem e até hoje acontecem, o que nos leva a pensar nas relações dialéticas que permeiam esse trabalho.

Cada frade tem no seu olhar, um filtro individual por onde ele vê o mundo. Assim, para Frei Arnaldo, esse assunto pertence a um tempo já passado e ele fala da questão sem maiores constrangimentos. Na visão de Frei Arnaldo, os irmãos não ordenados eram os irmãos leigos e eles faziam a parte da culinária, havia carpintaria, serraria, trabalhos assim manuais, alfaiataria, sapataria, faziam tudo no convento, que era quase autossuficiente. Ao

contrário da documentação oficial e do que foi dito por Frei Hugo, para Frei Arnaldo, não havia diferença entre o irmão leigo e o irmão clérigo:

Não, não, mesmo hábito, diferença nenhuma, só que o irmão leigo não se ordenava, não podia estudar teologia, agora, era como se eles fossem empregados dos Frades agora a coisa mudou, agora não, é igual. Hoje em dia, o irmão leigo pode estudar e também o Clérigo tem uma liberdade, ele resolve se quer se ordenar ou quer permanecer leigo.

Também Frei Marcos Almeida, que é irmão leigo, traz a experiência de quem sofreu na pele essa discriminação e, a partir de uma visão racionalista mostra como era e a mudança acontecida desde o Concílio Vaticano II. Vale a pena transcrever na íntegra o seu depoimento, muito esclarecedor para a memória franciscana:

Os franciscanos desde a Idade Média, com São Francisco ainda vai ter uma divisão clássica que já era dentro da tradição monástica beneditina e etc., entre os clérigos e os não clérigos. No caso dos beneditinos, os oblatos, mas Francisco vai chamá-los desde o início de irmãos, todos são irmãos. Posteriormente a Francisco, a Ordem vai começar a se distinguir em irmão leigo e irmão clérigo. Por um lado, faz bem porque vai mostrar ao irmão seu lugar qual é e, por outro lado, faz mal porque vai separar. Os irmãos leigos vão ser os que servem e clérigos vão ser os que são servidos. Isso vai permanecer até o Concílio Vaticano II. Evidentemente, historicamente você vai ter dentro do universo dessa instituição franciscana algumas exceções de irmãos leigos que tem uma projeção de individual a partir de algumas iniciativas particulares, de uns carismas pessoais como um dos mais famosos irmãos leigos: São Benedito, chamado o africano ou negro, que não tinha nada de negro porque era um africano da África do Norte. Era uma pessoa de pele morena como é o pessoal do Marrocos, parda como nós. Mas, a cultura, os africanos se depararam com a escravidão e o fizeram negro e seu protetor, e fizeram muito bem porque a santidade independe da cor, independente do cabelo ou sei lá o que. Você tem assim esses franciscanos alemães, como uma de suas contribuições, que foram incentivar esses grupos periféricos porque eles estavam situados predominantemente em paróquias rurais ou em periferias, na cidade, em construir associações. Acho que isso foi um legado que ajudou muito as comunidades a construir seus bairros, mas, os irmãos leigos ficam como serventes, servidores. Isso vai mudar no Concílio Vaticano II, sobretudo nos anos 70 quando os irmãos leigos começam a aspirar ao sacerdócio porque, até então, estavam impedidos por uma série de circunstâncias que iam desde a falta de formação intelectual, procedência econômica, à questão da cor e assim por diante. Outros irmãos leigos optaram por profissões. Muitos entraram nas universidades pra Engenharia Florestal, ou nas temáticas das Ciências Sociais. Ainda estão todos vivos graças a Deus. São brasileiros. Quando eu entrei em 80, eu queria ser padre, porque era o único modelo que nos foi apresentado.

A partir do que foi dito acima, cabe enfatizar que, assim como aconteceram as mudanças na sociedade, no seio da Ordem não foi diferente. Mas, apesar de essas mudanças acontecerem de uma forma dialética ao longo da história, a formação intelectual comum para todos, frades e frades clérigos, aconteceu de forma lenta. Atualmente os frades leigos

estudam, se formam, são pesquisadores ou doutores, como é o caso de Frei Marcos. Mas é claro que tem aqueles que, por vocação, por interpretação da essência do franciscanismo, ou por opção preferem os serviços internos do convento. A promulgação da *Ratio Studiorum* foi um avanço no sentido de regulamentar as distorções entre leigos e clérigos, mas, muita luta aconteceu e ainda acontece entre a observância da Regra segundo o testamento de Francisco e as necessidades imperiosas da vida mundana.

Sem dúvida, a decisão pedagógica tomada nas reuniões capitulares, gerou diferentes tensões, justamente quanto às interpretações díspares dos escritos do fundador da Ordem: "... E os que não sabem ler não se preocupem em aprender [...]” (Rb 10, 8). Por outro lado, devido aos “sinais dos tempos” percebemos que essa orientação de Francisco foi feita para os frades medievais⁶³, e não foi essa a que prevaleceu.

Nesse ponto, a *Ratio Studiorum OFM*, conforme Francisco autorizou a Antônio, colocou em evidência a importância que deve ser dada aos estudos franciscanos, filosóficos e teológicos. Os estudos passaram então a ser ofertados e exigidos, porém, se alguns irmãos não tiverem vocações para aprofundá-los e passarem a clérigos, pelo menos essa oportunidade não lhes foi negada.

No que diz respeito às áreas de estudo, a *Ratio* recomenda que todos os Frades, tanto leigos como clérigos, com base em suas aptidões e nas necessidades da Fraternidade, devem seguir um currículo de estudos que abranja as áreas de estudo descritas no documento, mas, a cada frade não é exigida a especialização em todos os setores disciplinares incluídos nas Áreas, mas o conhecimento geral e básico, “que é adquirido seja em harmonia com as exigências do carisma franciscano, com os “talentos” de cada um (cf. Mt 25, 14-30) e com as instâncias da sociedade na qual é chamado a desenvolver sua missão, seja segundo os tempos, os ritmos e as exigências das várias etapas da formação permanente e inicial” (*Ratio Studiorum OFM*, Cap. II, 47).

É importante deixar claro que a *Ratio Studiorum OFM*, enfatiza, sobretudo o estudo do franciscanismo, característica principal e peculiar para a permanência da memória da Ordem. Assim sendo, espera-se que o Frade Menor adquira.

Frei Marcos Almeida fala com o conhecimento advindo de um frade leigo, que não quis ser padre, mas, ao mesmo tempo quis estudar e conhecer a realidade franciscana, da Igreja e a história como um todo. Sua convivência com os alemães foi menor, porque ele é

⁶³ Nos dias de hoje, seria inadmissível se negar o direito de ler a qualquer cidadão, de qualquer país, franciscano ou não. Tanto a escrita como qualquer forma de comunicação é o mínimo imprescindível para o frade e para o leigo, para ler um rótulo, uma bula de remédio, tomar um transporte, receber um comunicado do colégio do filho, fazer um pagamento, dentre outras coisas.

dos mais novos entrevistados. Mas, já sem os ranços de um tempo em que grassava um preconceito, às vezes claro e às vezes velado, ele conta a batalha travada por um padre alemão, já idoso, em prol do nivelamento entre os franciscanos padres e leigos:

Teve um provincial alemão que faleceu há pouco tempo, dois meses, Frei Serafim Prime, com 104 anos, tinha voltado pra Alemanha. Em 1957, ele convocou os irmãos, antes do Concílio Vaticano II. Convocou os irmãos a se reunirem pra falar de suas necessidades, desafios e tal; a partir desse congresso saiu um documento que até hoje é uma referência. Nesse documento se pede uma igualdade não só o desnível interno, da fraternidade conventual, mas também dos direitos, das obrigações etc.

Frei Marcos fez a sua monografia pensando em ser padre, mas, com a experiência vivenciada no próprio convento, seguiu outro rumo. Ele mesmo escolheu outro caminho, independente da sua capacidade comprovada de um doutor acadêmico que defendeu tese em História, em Paris. E parece estar muito bem na sua situação de “frade leigo”. Ele declarou que

[...] quando que eu entrei e soube que tinha outra forma de vida, que era o de irmãos, eu comecei a conhecer e havia um encontro que nascera desse primeiro encontro de 1957 e todos os irmãos leigos começaram a se reunir todos os anos. Eu cheguei a ir nesses encontros e até hoje há; e aí quando você ia participar, eram os frades mais velhos evidentemente, [que coordenavam] era uma verdadeira terapia de grupo porque só se falava do que se tinha passado, dos horrores que tinham vivido. E nós como éramos jovens, não tivemos conhecimento disso antes, ninguém nunca nos falou isso. A gente escutava alguns fragmentos, mas escutar dos sobreviventes é outra coisa, é um ponto de vista mais culto. Aí eu comecei a repensar minha vocação e comecei a ver que não tinha vocação pra ser padre, agora não me pergunte como, porque eu também não sei. Isso foi se consolidando e realmente eu fiz a opção e contei a todo mundo o que eu queria ser e estou até hoje nessa vocação, é um estado de espírito você ser clérigo ou leigo.

Conforme Frei Marcos, na Idade Média se chamava leigo quem era ignorante, iletrado e clérigo era quem tinha estudado. Clérigo era aquele que participava de um saber. O conhecimento naquela época era sobre Teologia e Filosofia que era centralizado nas escolas catedrais. Então os leigos tinham de entrar nesse grupo de clérigos para aprender a ler, escrever, pensar. Por isso que eram os clérigos letrados [...] Fora ficavam os ignorantes [...] os iletrados, mas, também tinham padres que não tiveram acesso às letras, e por isso chamavam baixo clero, o alto clero sendo intelectual e baixo clero ignorante. Conta Frei Marcos que

[...] desse tempo quando eu entrei que eu conheci essa realidade foi confirmando mais ainda que era aquilo que eu queria ser, era muito polêmico na época eu me lembro porque o pessoal pensava que era uma opção ideológica, porque no caso quem optava por ser irmão leigo era escolhendo o lado dos mais fracos, uma leitura marxista no fundo né... mas depois de um

tempo foi esclarecendo né... pode ter uma explicação política, mas a explicação política fica de lado à medida que você não é só política, você também é espírito, você também é outras coisas, subjetivas, que nem sempre a gente pode explicar. Aí eu diria assim, que esse irmão leigo ele foi... mas isso foi uma situação vivida por todas as congregações, mesmo até pelas feiras que eram categoria de segunda, elas eram as muletas dos padres, do clérigo né, porque elas estavam a serviço para que o padre pudesse estudar, ler [...] era comum as congregações femininas serem de cozinheiras, era comum morar vizinha ao seminário para ser cozinheira, arrumadeira, lavadeira.

A pedagogia franciscana se apoia, pois, numa visão religiosa e antropológica que remete a Francisco de Assis (1182-1226), o qual optou por uma prática pedagógica integral para a formação do ser humano. Os biógrafos afirmam que Francisco não pretendeu fundar uma ordem religiosa, e muito menos pretendeu transformar os seus seguidores em eruditos, mas, criar uma pedagogia do “ser” depois do “fazer”. Assim, atraiu várias pessoas que queriam partilhar a sua experiência de vida segundo a forma do Evangelho. A partir dessa perspectiva o franciscanismo transformou-se em uma nova configuração religiosa distanciada das estruturas eclesiais do seu tempo. Podemos falar de uma “visão profética” que preconizou uma educação para frades medievais, que vêm sendo atualizadas para os tempos modernos e contemporâneos, sem perder a essência dos seus princípios.

De acordo com Zavalloni (1999), na visão de Francisco, a ciência teológica não é meramente teórica e especulativa, mas, tende, necessariamente, à ação, quanto àquilo que, na vida, ele põe em prática. O educador não é, pois, um mero reprodutor de informações recebidas, mas é aquele que se esforça para possuir e praticar as virtudes em grau eminente.

Foi essa perspectiva pedagógica que a Ordem Franciscana expandiu pelo mundo. Já destacamos a vinda dos primeiros franciscanos para o Brasil no processo de colonização, sua atuação por todo o período colonial, mas, no presente trabalho, repetimos que a nossa atenção está focada especialmente no chamado Período da Restauração Alemã, no que tange à formação dos frades, desde que aqui aportaram no final do século XIX, porque esse é um marco que alcança a memória coletiva dos frades do Convento da Bahia.

Conforme estudos de Casimiro (2009), com o Brasil republicano aconteceu a reação católica, com o intuito de restaurar o poder e a dignidade eclesial, o que se deu, de forma paulatina, a partir de uma participação política significativa, principalmente com a adesão de intelectuais convertidos ao catolicismo e com uma insistente ação política envolvendo publicações, fundação de associações, centro de discussões propostas pedagógicas e instituições de ensino. Foi nesse contexto de disputa entre o poder religioso e o Estado que chegaram os Alemães. Podemos estender esse contexto desde os primeiros anos da República Velha até a década de 1930, com a chamada “Reação Católica” (CASIMIRO, 2009). No

entanto, até o presente, marcos significativos da presença alemã ainda estão nítidos, nos conventos franciscanos do Nordeste, no que diz respeito às nacionalidades, aos centros de estudos, às bibliotecas, ao intercâmbio cultural e, principalmente à prática de ofícios e atividades agropecuárias de pequeno porte, instituídos pelos restauradores. Hoje em dia, muitos franciscanos alemães, inclusive suas famílias, passam suas férias no Convento da Bahia e muitos são os franciscanos baianos, ou membros das suas casas paternas que são premiados com uma visita à Alemanha.

A chegada dos primeiros frades alemães ao Brasil, mais especificamente ao Convento São Francisco em Salvador, gerou grande impacto, para cumprir e vivenciar a memória da regra original de Francisco (da imitação de Cristo na sua face de pobreza), ao mesmo tempo, necessitando preparar seus quadros para a evangelização e o magistério da Igreja. Além da obrigatoriedade de obediência à Santa Sé, a Restauração Franciscana veio com o propósito de plasmar a Província Antoniana, espelhando a Província da Saxônia, ou seja, de inspiração alemã. Aqui, importante é tentar entender a trajetória dessa formação peculiar nesse período e o que permanece na memória coletiva até hoje.

4.3 A EDUCAÇÃO: FONTE PERMANENTE DA MEMÓRIA DA FRATERNIDADE FRANCISCANA

A Restauração da Província teve como fundamento principal a formação dos Frades, pois antes desse período os poucos que restavam e todos octogenários, estavam à espera dos novos que aqui se instalaram. O processo incluiu a restauração física (paredes, construções, etc.), a restauração dos quadros (irmãos terceiros, frades e padres). Nesse processo, importante foi à reativação dos seminários, na sua recuperação material e na sua organização docente. Porém, nada foi mais imprescindível do que a preparação intelectual dos futuros frades, porque da formação dos primeiros noviços pelos restauradores, dependia a formação de novas hostes e a sobrevivência da Província. Porém, com a vinda dos alemães essa formação se deu de uma forma mais atualizada, sistematizada e aprofundada.

Segundo as *Constituições Gerais*, o que é essencial e peculiar para a existência de uma comunidade de franciscanos é a vivência comum em Fraternidade, que é um elemento constitutivo da vida franciscana (CG 1 §1)⁶⁴. Na Ordem dos Frades Menores, o estudo e a formação intelectual, ordinariamente, são realizados no contexto da Fraternidade (cf. CG 137§2), de tal forma que a comunhão de vida se torne fonte de sabedoria e a sabedoria seja dom a ser partilhado e a ser posto a serviço dos irmãos.

⁶⁴ Conferir em anexo a Regra e as Constituições Gerais da Ordem dos Frades Menores.

Convém, no entanto, evidenciar que, para o frade menor, estudar é também entrar em diálogo com os outros, na busca do único Bem (Deus) e da única Verdade que liberta (cf. Jó 8,32), sem absolutizar a parte da Verdade que cada um percebe. Assim, os estudos contribuem para a construção da fraternidade. Com a convicção de que foi para a busca da “verdade” e para a conquista da “liberdade”, proveniente de uma evangelização verídica e consciente, é que os frades desenvolveram seu plano de educação.

No que se refere aos atributos da memória em relação ao objeto de pesquisa, necessita-se do pesquisador, conhecimento e não contemplação, pois a contemplação deve basear-se nos resultados da *práxis* humana. Isso significa que o homem, perante a realidade, não se constitui como um sujeito abstrato que toma conhecimento e sim como ser que age objetiva e praticamente sobre a natureza diante de seus interesses/necessidades, permeado por um conjunto de relações sociais. O raciocínio é dialético.

O campo da memória pode, sem dúvida, levar a uma compreensão do objeto e suas múltiplas facetas, o que não significa que todos os fatos são verdadeiros, mas, que se traduzem em um todo estruturado, dialético que pode vir a ser racionalmente compreendido. Assim, se conheço o objeto e questiono com ele, num processo dialético, posso chegar a vários horizontes de imagens do real num processo espiral de mútua compreensão.

Tudo quanto foi dito, reflete que a memória é individual (está intrínseca no indivíduo) e, ao mesmo tempo, coletiva (porque reflete a vivência de determinados grupos). Também é social (pois também é um atributo da sociedade). Podemos então falar em uma memória social da Igreja Católica, em uma memória coletiva pertinente a cada grupo religioso dentro dela e na memória individual, de cada elemento envolvido.

Por outro lado, em relação aos conteúdos da memória, inferimos que há uma relação dialética entre a lembrança e o esquecimento, sendo, a memória um operador temporal, que estabelece entre o antes, o agora e o depois, como também, é um saber teórico que orienta, que narra, visando a promover cognições acerca das diversas interfaces que a própria memória permeia, porém, não é simplesmente uma reconstrução do passado, mas:

Si, como creemos, la memoria colectiva es esencialmente una reconstrucion del pasado, si adapta la imagen de los hechos antiguos a la creencias y las necesidades espirituales del presente, el conocimiento de lo que era originariamente resulta secundario cuando no absolutamente inútil, pues la realidad del pasado no está ahí, como se fuera un modelo inmutable al que hubiera que conformarse (HALBWACHS, 2014, p 51).

A memória só traz a certeza na sua condição remitente, faz presente algo ausente, é relativa à realidade ontológica e à inconstância do presente, também, não está para provar

nada, no entanto, é necessário o cotejamento. Portanto, para compreender a trajetória da formação dos franciscanos ao longo mais de oito séculos por meio da memória, necessitamos compreender a sua inserção no leito do tempo como também, na sua resistência à passagem do tempo. Assim, cada memória individual é um ponto para a memória coletiva, e são todas de natureza social, configurando assim a realidade dessa trajetória histórica do franciscanismo no Brasil e no mundo.

Na Seção III, privilegiamos a apresentação dos documentos pertinentes à formação franciscana e destacamos o fato de que a permanência dos princípios franciscanos foi garantida pela preservação das normas e diretrizes da Ordem ao longo do tempo. Mas temos em mente que tais princípios também estão embutidos nos valores orais que são transmitidos através dos tempos a cada geração de irmãos que se valem desses manuais pedagógicos e das suas próprias experiências de vida. Assim, vão revitalizando os princípios iniciais, muitas vezes os perdendo e os recuperando a seguir, sempre tributários do tempo e do contexto em que vivem.

Tentaremos, na Seção IV, detectar alguns traços dessa formação que se perpetuaram na memória de algumas gerações de frades que habitam atualmente no Convento de São Francisco de Assis da Bahia, o que ficou na memória sobre a formação cultural pelos alemães restauradores, e os aspectos mais predominantes na formação franciscana desses sujeitos.

5 MEMÓRIA E PERMANÊNCIA DOS VALORES PEDAGÓGICOS DOS RESTAURADORES ALEMÃES

No decorrer dessa pesquisa, diante das referências, da documentação e dos depoimentos, fizemos as análises do material documental e das entrevistas acerca do objeto, buscando respostas sobre a pedagogia franciscana, de modo geral, e sobre a permanência dos valores pedagógicos dos restauradores alemães na Província de Santo Antônio, mais precisamente no Convento de São Francisco de Assis da Bahia.

É importante deixar claro que os primórdios do processo de Restauração dessa província, não se deram sem percalços, por conta das condições climáticas, da precariedade das instalações e mesmo pelo impacto inicial causado na sociedade receptora. É importante tentarmos entender, primeiro um pouco, o ponto de vista dos chegantes europeus, tomando como base a memória tão bem guardada nos cadernos da Restauração. Observamos que os frades alemães passaram por diversas dificuldades, elencadas, a seguir, pois só assim podemos compreender o processo pedagógico que foi aqui instalado, tanto do ponto de vista de quem atuou como aluno como do ponto de vista dos formadores alemães. Foi um estranhamento em duplo sentido. No caso dos chegantes.

Uma das queixas dos frades alemães foi à dificuldade de adaptarem com o clima da Bahia. Muitos deles tiveram que partir para o Sul do Brasil para se aclimatarem, pois aquela região se assemelhava o país de origem, em consequência disso, a maioria não quis mais retornar para o Nordeste, pois não se adaptaram à mudança do clima frio do Sul para o clima quente nordestino, como está representado, expressivamente, nos relatos dos restauradores. Fragoso fala em uma verdadeira marcha de retirada para o Sul. Nas suas palavras, “uma tempestade”:

Sucedem, porém, que os missionários que nos anos de 1891 e 1892 tinham ido para o Sul do Brasil, quase sem exceção, por lá ficariam. E os novos frades que vieram da Alemanha, a partir de fins de 1892, eram destinados ao Norte do país, praticamente não tiveram tal tempo de adaptação climática e "cultural". É tanto que quando estes souberam, por informação dos confrades de Santa Catarina, da realidade mais convidativa para os alemães lá no Sul do país, gerou-se uma grande tensão dentro da Província de Santo Antônio [...] “Estes desprezaram a beleza do Sul nas cores mais lindas. Tal coisa foi como água nos moinhos. Começou então a tempestade (FRAGOSO in Fr. Adalberto Kirschbaum (REVISTA SANTO ANTÔNIO, nº 110, 1990, p. 87).

A falta de atratividade do Convento de São Francisco em Salvador, o qual estava muito deteriorado. A impressão que causava à maioria dos restauradores era a de um “caixão velho”. Assumiram o compromisso de recuperá-lo mas, alguns desanimaram. Eles por serem frades jovens, diante dessa realidade de ruínas, optavam por abandonar a mais nova moradia, para irem exercer trabalho mais atraente no Sul do país, por que lá os monumentos religiosos estavam bem mais conservados.

A indiferença da recepção da sociedade baiana com os chegantes, socialmente e mesmo perante a vida religiosa, sobretudo dos “fiéis que não deram o devido valor à presença dos frades alemães causou muita decepção e destruiu expectativas de uma restauração franciscana, bem sucedida”. No início, esse fato os deixava bastante desencorajados para os trabalhos missionários, uma vez que não obtinham respostas do povo, e assim, não percebiam os resultados do trabalho.

Frei Adalberto Kirschbaum, "cheios de zelo pelas almas terem pensado encontrar muitos trabalhos no confessionário e na cura d'almas, no Brasil. Uma vez que se enganaram neste ponto, não encontrando quase nenhuma confissão, mas sim, o maior indiferentismo a respeito da vida religiosa, ficaram de ânimo abatido, e não queriam aqui permanecer, ficando todos insatisfeitos com a sua situação: Que teríamos a fazer neste caixão [o convento], sem trabalho?" (FRAGOSO, SANTO ANTÔNIO, *ib.*, p. 86).

Na verdade era o choque da raça, da língua e dos costumes muito diferentes dos nordestinos, analisados por Fragoso, nas cartas originais dos restauradores. Sob a ótica do povo baiano, por exemplo, podemos imaginar como seria para os fiéis, crianças e beatas, a confissão com padres tão diferentes daqueles aos quais já estavam acostumados? E o sermão? Como deveria ser entendido?

O próprio Frei Gregório Janknecht pôde presenciar o que significava a vida laboriosa dos missionários pelos interiores do Nordeste. Afirmava ele, ao visitar o convento de Ipojuca, que "nem na Terra Santa encontrou caminhos tão ruins, como em Ipojuca. No meio de um lamaçal profundo, devia o velho homem descer do cavalo, tendo a sua maleta desaparecido na água [...]" Apesar disso, confienciava Fr. Gregório a seu confrade Fr. Adalberto Kirschbaum: "Se eu fosse dez anos mais jovem, não encontraria para mim outro lugar melhor [que Ipojuca] (SANTO ANTÔNIO, *ib.*, p. 90).

Eram dificuldades menores do que as que aconteceram nas primeiras missões que vieram no início da colonização, mas, as condições eram outras e o tempo era outro. Outras também eram as motivações dos portugueses colonizadores motivados pela ideia da “conquista” do Império português e a vinda dos restauradores para levantar os muros destruídos pelo Império brasileiro. Ao lado disso, o descaso religioso que era usual nesse início da reação católica no Brasil, como mostra a queixa do Frei Adalberto Kischbaum: "E tanto mais deve ser

considerado quase como milagre o fato de que, nestas circunstâncias [com o mau exemplo dos pastores], o povo brasileiro tenha permanecido fiel. Não se deveria atribuir isso a grande e universal devoção que ele tem à Mãe de Deus? [...]" (SANTO ANTÔNIO, *ib.*, p. 85).

E mesmo alguns desabafo de ordem pessoal, que levam a pressentir um certo nojo e sentimento de superioridade de intelectuais que no século XIX defendia teses sobre alteridade cultural e superioridade racial, como o de Frei Wilehado Haefs: "Estamos aqui no meio desta cidade sebosa, num convento meio em ruínas, numa igreja que sempre está escura, e somente é visitada e cuspidada por mulheres cheias de piolhos e pulgas". (FR. CAPISTRANO NIGGEMEIER, MMS. DO ARQUIVO DA PROV. DE S. ANTÔNIO).

A dificuldade econômica para se manterem no Convento. As dificuldades decorriam inicialmente, por uma série de razões específicas: não existiam muitos padres para celebrar, e com esses poucos, não conseguiam sustentar o convento com as taxas de seu ministério; Ora, a Ordem Franciscana é uma ordem mendicante, no Brasil, além disso, os padres já não recebiam salários do Estado e o povo pobre não tinha recursos financeiros para auxiliar os frades, e não estava acostumado ao peditório de esmolas. Assim sendo, a realidade era muito diferente daquela vivenciada na Alemanha. Tudo isso causou certo estranhamento: de um lado o desconforto dos frades e do outro lado, a desconfiança do povo.

Frei Adalberto o relata com seu estilo típico: "Naquele tempo, a situação financeira de alguns conventos não estava, como posteriormente iria acontecer. Nós devíamos apertar o cinto para sobreviver, e a economia foi o nosso cozinheiro. Na Bahia, dizíamos nós: Num dia a gente come feijão preto com carne, e no outro dia, carne com feijão preto!" [...] Os meios de transporte eram, o mais das vezes, de um primitivismo extraordinário. "Naquele tempo, devia eu (Frei Adalberto Kirschbaum) muitas vezes, viajar novamente de montaria, às 5 horas da manhã. Não raras vezes, eu devia viajar a cavalo quatro vezes num "mesmo dia, em visitas a doentes, em distâncias muitas vezes, de 100 quilômetros [...] Muitas noites eu já passei cavalgando, quando era chamado para algum doente [...] e diversas vezes, até o cavalo tinha de atravessar o rio a nado!" (SANTO ANTÔNIO, *ib.*, p. 90-91).

A partir do quadro apresentado dos primórdios da restauração alemã advinda dos frades ao país, percebe-se, a princípio, que realmente foi conflitante, mediante as diversas dificuldades que apresentava aos e fieis à sociedade baiana em geral. No que diz respeito aos alemães, apesar de serem frades franciscanos (voltado para o trabalho da pobreza, segundo a regra do fundador), nitidamente observam-se o preconceito (de ambas as partes), e a desmotivação de recomeçar o trabalho no Convento de Salvador. Nesse aspecto, o que mais se evidenciou foi o choque cultural devido ao modo de viver dessas duas culturas, provenientes de dois países abissalmente diferentes. Daí os pares antagônicos: a língua

(português e alemão); o clima (quente x frio); povo (negro x branco); a higiene (sujo x limpo); a motivação (entusiasmo x apatia); o *habitat* (velho x novo); os modos (educados x mal educados) e assim por diante.

Frei Gregório Janknecht, aos seus confrades em missão nas terras brasileiras, lembrava que a razão última de toda essa visão negativa e dos preconceitos contra o modo de ser específico do brasileiro, radicava no fato de que "nenhum dos confrades [alemães] jamais havia saído dos confins do seu torrão natal, e do território de nossa Província [da Saxônia]. Eles consideram as circunstâncias religiosas da pátria longínqua como critério de julgamento da nova situação e caem assim em preconceitos contra tudo o que fosse estranho e divergente" (CADERNOS DA RESTAURAÇÃO, n° 4, p. 24-25).

A presença dos frades alemães nos conventos brasileiros especificamente em Salvador, não perpassou somente pela estranheza, mas, sobretudo pelo preconceito, principalmente por causa da composição étnica, sem dúvida vista com certo ardor de inferioridade por parte dos alemães. Esse estranhamento foi também na motivação missionária, sob um duplo aspecto. De um lado, a consciência dos restauradores, no sentido de que eles não eram "propagandistas" da cultura de seu país de origem, mas sim eram franciscanos, anunciadores do Evangelho, que não se vinculavam a nenhuma cultura específica. Fica posto, então, que eles viviam em constante conflito, entre esquecer a cultura do país de origem e enfrentar tudo que os "repugnava" para cumprir os objetivos da restauração.

Essa Restauração aconteceu em todas as dimensões: estrutural, econômica, cultural, religiosa, e educacional. A estrutura física do prédio monumento do Convento, por exemplo, se encontrava em ruínas. Aqui, Frei Matias Teves, uma das primeiras testemunhas daquele período, descreve enfaticamente a precariedade do monumento, e o início dos trabalhos de recuperação da Província que se deu primeiramente no Convento de São Francisco de Assis da Bahia:

Vasto edifício solidamente construído, haviam as paredes mestras resistido à inclemência dos tempos, mas internamente não passava de um montão de ruínas. Principalmente o corredor térreo, onde se achavam o refeitório, a cozinha, as celas dos serventes e irmãos donatos, no raio sul o antigo cemitério, onde se enterravam também pessoas seculares, as catacumbas em grande parte estragadas, ossos humanos pelo chão, estava completamente arruinado. o piso aí era de barro batido, o ambiente úmido e abafado, as paredes sem calça e sem reboco, todo um conjunto do mais desagradável aspecto e repelente, escuro e mal arejado. A cozinha imprestável se encontrava para o lado do pátio onde havia antigamente as senzalas para os escravos, tudo em ruínas. As celas dos corredores do primeiro e segundo andar para o lado sul e ocidental do convento formavam cubículos mal conservados em que residiam pessoas seculares e alguns sacerdotes [diocesanos] tanto no andar de baixo como nos de cima. A bela e rica biblioteca devastada pelo cupim, as muitas e preciosas obras de valor,

carcomidas pela polia e pela traça, imprestáveis, que ao serem abertas se desfaziam em pó. A magnífica e célebre igreja ainda conservava imponente aspecto, mas de tal forma estragadas estavam as ricas obras de talha; o cupim havia causado tão graves estragos que em parte vinham caindo do teto pesados fiorões, e o ambiente era de um ar abafado e podre, que mal se aguentava ficar por muito tempo naquele templo falando de esplendores antigos, de fulgurões de ouro por toda parte, mas que apenas fulgurava de peças estragadas e carcomidas, cheirando a podridão. A sacristia com seus majestosos adornos era igualmente empoeirada e grandemente deformada. As ricas alfaias haviam desaparecido, mal sobrava o necessário para celebrar. O claustro majestoso era lugar de vadios que haviam causado bastantes estragos, uma vez que a portaria sempre aberta dava acesso a quem não tivesse outro abrigo [...] Apresentava o aspecto de um castelo de fadas, arruinado pela ausência dos donos e a incúria dos que o visitavam [...] Espetáculo triste, memorial altiloquente de grandezas passadas, transformadas em pó e reduzidas a escombros tétricos e sombrios. Faltando a vida faltou a ação e o que se mostrava eram os sulcos da morte [...] Quase a Bahia e mesmo o Brasil ia ficar sem o monumento mais precioso de arte brasileira [...]” (Frei Matias Teves: A RESTAURAÇÃO DA PROVÍNCIA DE SANTO ANTÔNIO, in RIAHG-Pe, Recife, 1967, p. 29-30).

O depoimento de Matias Teves é talvez o exemplo mais eloquente da necessidade premente da restauração alemã e a prova de que a Ordem Franciscana no Brasil estava praticamente moribunda. Se a vida material estava em tal estado de falência, falência maior já tinha acontecido, suas hostes e, como várias vezes foi repetido por Frei Hugo Fragoso em suas entrevistas, “restavam apenas alguns frades octogenários fora de combate”.

Depois desse “choque” inicial, e com a diversidade de problemas apresentados logo na chegada dos alemães, nos primórdios da tutela, estes começaram a pensar também na restauração das futuras vocações e, principalmente, nos espaços de formação, uma vez que a estrutura das casas brasileira ainda não era favorável a uma boa qualidade dos estudos. Vale lembrar que, de início, os conventos do Brasil foram povoados praticamente por jovens alemães. Só mais tarde é que foram, aos poucos, sendo suscitadas as vocações entre os confrades nordestinos. Estes alguns por vocação, outros sedentos por educação e pleiteando um lugar social melhor, entravam na Ordem, mas, muitos destes, assim que tinham conseguido rudimentos educacionais, ou uma profissionalização aceitável, desistiam por não possuírem uma vocação verdadeira. Mesmo assim, nos anos iniciais da restauração, foi praticamente impossível o recebimento de hóspedes e postulantes. A primeira medida pressentida pelos alemães era “arrumar a casa”.

Faz-se necessário ressaltar que, naquele período de arrocho republicano, foi construído um colégio (ginásio com internato no ambiente de uma casa missionária), os religiosos precisavam do consentimento do Estado, da Ordem Franciscana e da S. Congregação para os Bispos e Religiosos em Roma. Também na Alemanha, só depois de muitas negociações, e justificativas, foi construído o Colégio de Bardel, exclusivamente como um centro de

formação para jovens que, como sacerdotes ou irmãos religiosos, pretendessem trabalhar no Brasil. Como podemos observar, os impasses eram em mão dupla. Havia dificuldades a serem vencidas na Alemanha e outras tantas a serem vencidas no Brasil. Com isso, se passaram as duas primeiras décadas do século XX.

Já em 1923, a construção progredira tanto, que o colégio podia ser aberto no dia 1º de agosto, com 28 alunos. Com o tempo, o número de alunos e de rapazes, em parte de lugares afastados da Alemanha, que estavam dispostos a trabalhar como religiosos em Bardel ou no Brasil, aumentava sempre mais. As suas motivações se reforçavam com a apresentação convincente e as pregações missionárias que os Bispos franciscanos. [...] Mal podemos imaginar a alegria da jovem comunidade quando já em abril de 1924, foram enviados para o Brasil 14 jovens religiosos; a maioria deles, é verdade, tinha passado pela escola da província saxônica. [...] No Brasil, mais ou menos ao mesmo tempo em que em Bardel, foi instalado, criou-se, primeiro em Canindé, e desde 1929, em João Pessoa, um colégio para vocações "nativas", relativamente modesto, mas que funcionou com sucesso (FRAGOSO in CADERNOS DA RESTAURAÇÃO, 1991, p. 141).

Lá pelos idos de 1940, os frades da Província começaram um movimento de independência, uma vez que o Brasil já dava seus primeiros passos de suficiência em relação à Bardel, mas sem romper os laços intelectuais e religiosos que eram interessantes para ambas as partes. Conforme Frei Hugo Fragoso (1991, p.142), “quando, por causa da dominação nacional-socialista e da guerra⁶⁵, qualquer ligação com a Alemanha foi interrompida, a Província de Santo Antonio do Brasil resolveu finalmente solucionar de modo definitivo o problema das vocações no próprio Brasil, e erigir em Lagoa Seca⁶⁶, na Paraíba, um colégio moderno que, com razão, faria surgir muitas esperanças”.

Alguns frades octogenários foram alunos de professores alemães dos primeiros grupos aqui chegados. Alguns aspectos das suas memórias individuais foram analisados, constituindo-se num todo coerente e significativo das experiências revisadas pela teoria. Esses professores longevos educaram sucessivas turmas de noviços, muitos dos quais hoje estão também beirando os oitenta anos.

Entrevistas foram realizadas com sujeitos de noventa, oitenta, setenta, outros de sessenta anos — além das novas gerações, “pós-restauradores” e assim, auferimos que essa memória da formação franciscana com influência de Bardel, se imbricou com os preceitos do Franciscanismo e até hoje estão presentes na memória coletiva do Convento. Dentre os depoentes, alguns ainda têm uma imagem muito viva dos fatos em torno da “Restauração” e

⁶⁵ Segunda Guerra Mundial (1940-1945).

⁶⁶ Trata-se do Convento de Ipojuca, em Campina Grande, na Paraíba que até hoje tem casa de formação.

foram alunos de alguns alemães que vieram seguindo os pioneiros, na primeira metade do século XX.

Os depoimentos foram emblemáticos no que se refere aos princípios educativos alemães, sem perder de vista alguns aspectos da formação franciscana, em geral, como o de Frei Hugo Fragoso, às vésperas de completar 90 anos, paraibano, frade ordenado, cujo mestrado e doutorado foi feito na Universidade Antoniana em Roma. Seleccionamos trechos significativos das falas, e anexamos a íntegra das entrevistas no CD anexo ao texto.

Frei Hugo foi aluno do Colégio Seráfico⁶⁷ em 1939, noviço em 1945, frade em 1946 e ordenou-se padre em 1951. Conforme depôs, sentiu vontade de ser franciscano, no momento em que viu os missionários franciscanos passarem pela sua terra. Dom Fragoso, seu irmão que se tornou bispo, foi seu exemplo de vida e de seguimento a vida religiosa; segundo Frei Hugo, “O Professor alemão era mais ditador (militar), o professor brasileiro era mais flexível” Perguntado como aconteceu à motivação de ir para o seminário, Frei Hugo respondeu:

[...] surgiu em mim a vontade de ser franciscano desde menino, eu vendo os missionários franciscanos irem lá pra minha terra. Meu pai como minha mãe têm um testemunho da vida cristã extraordinário. Então nesse ambiente, meu pai e minha mãe [...] Segundo, antes de mim, entrou para o seminário o filho mais velho, Antônio, que será futuramente o Bispo Antônio Fragoso⁶⁸, igualmente, foi quem inspirou a gente a seguir o exemplo dele. Entrei então, no seminário em 1939, o seminário São Pedro Gonçalves, em João Pessoa. Depois de três anos em João Pessoa, o seminário foi transferido pra Lagoa Seca, Ipuarana e Campina Grande.

Solicitado a comentar sobre a influência sentida na convivência com os alemães, Frei Hugo considerou ter havido, claro, um choque cultural, apesar dessa afirmação, considerou haver também, uma comunhão de fé e vocação comum, que fez superar esse choque cultural. Conforme o depoente, “Os alemães seguem valores complementares para nós brasileiros, exatidão, a ética profissional, então certas coisas eles não admitiam [...] Agora, por outro lado eles eram muito diferentes da gente, né? Mas a comunhão de vocação fez superar tudo isso”. Perguntado se ele concordava com o modo de ser dos alemães, no convento ele respondeu que:

Naturalmente que a gente falava que concordava, era o ambiente que a gente tinha de estudo, aquilo tudo, então eu não discutia muito, só posteriormente que a gente vai ver aquela situação [...] Então eu me adaptei à cultura dos alemães [...] Era diferente, sabe? Mas era um tempo de realidade, a realidade

⁶⁷ Atualmente o Colégio Seráfico foi substituído pelo aspirantado. Os alunos já chegam com mais idade para postular o noviciado.

⁶⁸ Dom Antônio Fragoso foi Bispo de Crateús, no Ceará. Segundo Frei Hugo, muito pugnou em favor dos fracos e oprimidos e foi um nome conhecido e respeitado pelas suas ações. Além de Dom Fragoso, Frei Hugo também tem um irmão carmelita, Frei Domingos Fragoso.

era isso, eles lá e eu cá. É isso [...] Eu tive sorte de pegar uns frades [...] Outros eram bem chocantes [...] A gente se conformava, e chegava à conclusão de que eles são diferentes, não íamos discutir sobre isso, sobretudo quando você é aspirante. Mas [...] É isso.

Ao contrário das palavras afirmativas de Frei Hugo, tanto o conteúdo como as reticências das suas respostas levam a crer que em determinados momentos a convivência era muito difícil, sendo alguns frades alemães foram considerados “chocantes” e eles, os noviços brasileiros sentiam-se impotentes, pelas suas condições de aspirantes. Para Frei Hugo, a diferença, mais do que de pedagogia, era estrutural, ou seja, pertencia ao campo da estruturação da personalidade alemã. “Então [...] Os professores brasileiros [...] Os brasileiros eram formados pelos alemães, então [...] Eles saíam todos do mesmo foco, do mesmo local”. Significariam essas palavras que acontecia uma simbiose cultural?

Perguntado sobre as avaliações, notas, provas, que eram feitos dentro dos conventos e se as provas dos professores brasileiros eram semelhantes às aplicadas pelos alemães, ou se aqueles eram mais rigorosos, Frei Hugo remete à questão do temperamento individual, e responde que “havia muita diferença de frade para frade, então tinham professores alemães que eram de formação bem retilínea e tinham outros alemães que eram a mesma coisa da gente. Então variava muito de pessoa pra pessoa”.

Sobre os casos de admoestações ou recriminações, perguntado se eles percebiam diferença entre professores alemães em relação aos brasileiros, no momento de punir, de chamar atenção, da correção, frei Hugo introduz o termo “correção fraterna” e relata:

Como eu disse, os frades brasileiros tinham sido educados pelos alemães, eles tinham um laço em comum, e em grande parte, mudava de professor para professor, não se podia dizer muito "alemães", tinham professores [brasileiros] que eram verdadeiros germânicos, como foi o Frei Adriano Hipólito, futuro Bispo, então era de uma formação germânica, que era como se fosse um alemão. Em outros havia diferenças, a diferença era de pessoa para pessoa.

Para mostrar o quanto essa diferença era mais no nível individual, ele lembra que “os *Estatutos da Província Santo Antônio* eram um referencial equacionador para alemães e brasileiros, portanto, esse referencial unia franciscanos, brasileiros e alemães na mesma práxis”. Observa também que dos alemães ele tem lembranças boas, tem outras lembranças que não são muito boas... Mas “as boas é que herdamos deles valores éticos, que serviram de lastro para nosso procedimento. É isso [...] As lembranças que não eram boas eram a diferença de temperamento, a diferença de tratamento, [...] Mas isso era superado por uma espiritualidade e por um estatuto, como eu disse”. Para ele, houve dificuldade, houve choque cultural, mas, “a dificuldade, evidentemente é que quando há um choque, há uma dificuldade.

Mas isso ajudou a crescer, a compreender que são diferentes, e, a saber, avaliar as diferenças”.

Frei Hugo ainda se lembra do nome de muitos professores que teve no seminário, brasileiros e alemães, como foi Frei Adriano e Frei Silvério, brasileiros; Alemães foram Frei Paulo Klaiven, Frei Geraldo**, Frei Ângelo**, depois, no curso de Filosofia foi Cristóvão**, Frei Martinho**, na teologia foi Mariano**, Francisco Xavier**, Frei Pancrácio**, foram eles, os mais lembrados.

Para Frei Hugo, nessas relações havia um desnível na situação de professor x aluno, como sabemos ser comum naquele tempo de escola tradicional, mas, conviviam como irmãos nos espaços onde moravam juntos. Talvez, justificando a opinião sobre o choque cultural, acrescenta: “muita coisa a gente só vem perceber depois, quando a gente tá convivendo com aquilo, é uma realidade, tento me adequar uma vez que foi uma opção de vida. Faz esquecer qualquer atrito [...] Deus, com toda espiritualidade, quis colocá-la acima do estatuto, uma espiritualidade de Francisco de Assis, então, era uma pedagogia que se baseava em Francisco de Assis”. Inquirido, ele afirma foram três os aspectos mais importantes herdados dos alemães: o valor ético, exatidão, a pontualidade. Possuíam uma linha pedagógica baseada no ético.

De acordo com Frei Hugo, na virada do século vieram muitos, mas, atualmente, é na Alemanha que tá faltando frade, “eles é que tão caçando” frades brasileiros. Outra coisa importante mencionada por Frei Hugo: “Em Roma quando eu cheguei para o pontifício, e no primeiro ano, tínhamos que elaborar uma pequena tese, eu fiz, então um daqueles professores lá admirou e disse: "Está se vendo que você foi educado pelos alemães, estou gostando da exatidão" [...] Além disso, sobre os alemães, “o que eu tinha a dizer é isso. A gente não percebia, assim, naquela idade era muito desatino ao *Status Quo*, porque eles têm um estatuto, uma espiritualidade, então isso fazia com que desaparecessem muitas diferenças culturais”, ou seja, Frei Hugo considera que, apesar de todas as diferenças e mesmo apesar da rigidez alemã, a espiritualidade franciscana deixava as diferenças em segundo lugar. Na sua abalizada opinião,

O franciscanismo é uma realidade profunda no meio da sociedade, e então, a pessoa que mais conhecia a espiritualidade [...] O Francisco está acima dos franciscanos, todos que estudam o elemento humano, os franciscanos e a espiritualidade. Sempre veja essa dualidade. Os franciscanos e Francisco de Assis. Francisco de Assis é mais, muito mais, que os franciscanos [...] Comparando os franciscanos aos jesuítas, a gente vê que eles tiveram muito mais cuidado, agora [...] Assim como, não podemos deixar de seguir, de focar a pedagogia dos jesuítas, não podemos esquecer a pedagogia franciscana, e o conhecimento dela e a divulgação são importantes para seguir com valores que os franciscanos deixaram.

Outro entrevistado octogenário, Frei Arnaldo Motta e Sá nasceu em Quixadá, tem 85 anos, é frade ordenado e já foi guardião de vários conventos do Nordeste, inclusive o da Bahia e o de Fortaleza. Tem um temperamento caracterizado pelo bom humor. Frei Arnaldo gosta de atividades práticas e administrativas, o que faz muito bem. Fez o Colégio Seráfico em 1943, foi noviço em 1951, frade em 1952 e foi ordenado padre em 1957. Apesar de ser apenas 4 anos mais novo do que Frei Hugo Fragoso, foi seu aluno no seminário. Frei Arnaldo estudou e lecionou dois anos em Bardel na Alemanha. Dessa forma, sua convivência com os alemães é bem estreita. Vale a pena dar voz a Frei Arnaldo, pela sua simpatia e bom humor. Ele conta que entrou na Ordem aos 13 anos de idade:

[...] Eu fui pra escola de Canindé, escola apostólica, lá estudei quatro anos né, em Canindé, comecei lá e fiz até o que naquele tempo era segundo ginasial, digamos assim né, por que hoje em dia mudou, que é primeiro e segundo grau. Então de lá eu fiquei em Canindé de 43 a 47, quatro anos. Então de Canindé eu fui pra Ipuarana, uma cidade maior, lá eu estudei 5 anos, de 47 até 51. Gostei demais, os professores competentes, os alemães né competentíssimos, doutores formados em grego, latim, o que eu sei é de Ipuarana francamente, toda a minha cultura eu devo a Ipuarana, não posso negar isso. Então terminando o curso de humanidades eu fui pra Serinhaém, 1951, aí a coisa mudou, já era franciscano, já era frade, aí a coisa mudou...

Para o tom da entrevista de Frei Arnaldo observamos que ele fala das coisas sérias com bom humor, simplicidade e humildade. Sobre os professores alemães ele se lembra de muitos fatos e relata:

Gostei demais mesmo, sempre os alemães os professores, só tinha alemão naquele tempo, brasileiro não [...] era só alemão, a revolta da província né, só uns poucos iam surgindo [...] então eu fiz noviciado em 1951, professei em 1952, e naquela época a profissão era por 3 anos, somente. Depois de 3 anos você fica ou sai. Hoje em dia vai renovar até 9 anos, rapaz, a coisa mudou. Aí comecei a me sentir bem na província viu, franciscano, o ideal de São Francisco, a simplicidade franciscana, gostei demais.

Com o seu otimismo, ele parece gostar de tudo em relação à sua vida franciscana, e que ele vê com um filtro nos olhos. Com naturalidade ele fala da flexibilidade da Ordem Franciscana na convivência com a vida mundana, ao contrário das ordens contemplativas ou enclausuradas. Seu raciocínio é bastante lúcido:

A gente, convive também no mundo né, a pastoral, não fica trancado no claustro não, por isso que eu gosto de franciscano. Depois eu fiz a filosofia em Olinda, dois anos em Olinda, também gostei demais, pois são competentes né [...] Um professor meu agora tá no Rio de Janeiro, era padre, deixou, casou-se né, Emanuel Carneiro Leão, capacidade louca, é pernambucano. Eu fui professor, quando ele saiu do convento foi fazer um vestibular, aí fez a metade da prova em grego né, aí o professor, ih, [achou

que] esse colega pescou tudinho, coisa nenhuma, ele sabia, ele foi nosso professor, um gênio né, é um gênio. Então eu voltando pra Salvador, no meu tempo de teologia, eu tava estudando aqui do convento, não tinha faculdade, tinha convento né, então eu estudei aqui quatro anos, aí me ordenei em 57 [...].

Perguntado sobre Frei Hugo, ele relatou:

Foi meu professor, o Frei Hugo, agora na minha época, depois de ter sido [...] podia ordenado no terceiro ano de teologia né, hoje em dia não né, tem que ter os quatro anos completos, mas quem tivesse mais de 25 anos podia se ordenar, então eu peguei esse privilégio, me ordenei com 27 anos de idade, e depois que me ordenei, estudei mais um ano aqui ainda, tinha uma parte simples, só podia pregar, sair pra fora, menos confessar, só criança né [...] Atender, claro que atendia né, mas não podia chamar ninguém, bem interessante [...] Aí depois disso eu me ordenei em 57 e passei dois anos porque tinha um jornalista, nós tínhamos um jornal aqui na Bahia, *Mensageiro da Fé*, eu fui do Jornal dele da infância dois anos [...] e Frei Marcelino, *O Mensageiro da Fé* [...] aí comecei a gostar de escrever, queria ser jornalista, mas me botaram pra ser pároco, aí pronto, mas gostei. É toda paroquial minha vida, eu me ordenei em 57, estou agora com 58 anos de padre [...]

É com o mesmo humor sereno que ele fala da dura e rígida disciplina no Seminário de Canindé,

[...] temos o nosso jeitinho brasileiro, mais acomodado, o alemão é mais rígido, a disciplina é muito rígida, em Canindé a disciplina era horrível, a pessoa que se engraçasse levava tapa assim né [...] negócio duro, a gente passava por [...] valeu... mas era pra conseguir mais responsabilidade, o alemão é pontual demais, de qualquer meio que tu vinha tinha diferença, tolerância acadêmica, eles chamam... mas no convento tinha alemão também bom, que não era assim, bravinho mais não né [...] outros pareciam os brasileiros.

Inferimos que todos os entrevistados, ao serem interrogados falam por menos sobre as dificuldades de convivência com os frades alemães. Eles tentam suavizar esses conflitos, mencionando os Estatutos que devem ser seguidos ou recorrendo à espiritualidade franciscana. Mas algumas palavras chaves deixam entrever alguns momentos difíceis, cujo lado mais fraco, conforme já disse Frei Hugo, é o lado do aluno, no caso o noviço brasileiro. Palavras e expressões como “disciplina horrível”, “tolerância acadêmica”, “chocados”, “bravinho”, “se engraçasse levava tapa”, “choque”, “tento me adequar”. Entretanto, é de lembrar que muitos desses aspectos pressentidos são os mesmos que encontramos na escola tradicional, no Brasil inteiro, mesmo sem a presença dos alemães. Sobre os métodos e estratégias didáticas, comparando os docentes brasileiros com os alemães, Frei Arnaldo considera que

[...] o brasileiro explicava melhor, o brasileiro explicava melhor, né? a didática era melhor, o alemão era mais sistemático, todo dia igualzinho, ditado e enfim, aquele negócio todo... parece que o brasileiro não, era mais maleável né [...] se bem que o alemão era profundo também, tinha doutor em grego, até piada a gente ouvia em grego, eu morrendo de rir, sem entender mas achava graça para dizer que compreendi, faz mal não. É engraçado, gostei demais.

Novamente destacamos o bom humor de Frei Arnaldo, o qual, por espírito franciscano, não gostava de constranger os professores alemães. Da mesma forma ele procedia, quanto aos castigos e às suas escapadas domingueiras para ir ao cinema:

[...] quando eu estava estudando não podia ir no cinema não, porque vestíamos todos de hábito, não podia usar a paisana não, então eu dava um jeitinho e entrava no cinema e fui pego lá dentro pelo mestre, aí e fiquei preso no convento, sem sair 15 dias [...] Aí quando saí do castigo fui de novo, mesma coisa [...] É coisa da juventude, aventurazinha sadia não tinha problema nenhum.

Mas, apesar de ter ficado 15 dias preso no Convento, sem sair, ele considera que “não tinha castigo não, o castigo era que na aula, expulsava a gente da classe [...] se fizer indisciplina aí saía, pro claustro, ficava sentado lá, o castigo era isso né, mas não tinha assim, coisa de bater não, tinha não”. Isso era mais comum entre os alemães porque “o brasileiro quase não punia não, era tudo amizade, mais compreensivo, mas era igual, o reitor, o vice-reitor, não havia muita diferença não”.

Para ele, no refeitório, na hora das orações, nos ofícios comuns, não havia diferença entre brasileiros e alemães: “O alemão quase não funcionava nessas horas, escolhia um aluno pra ser prefeito, tinha criança, pequeno, médio e grande né, então ele que tomava conta da gente, é engraçado isso né [...]” Acontecendo alguma coisa, anormalidade mais grave intermediava-se para o reitor, mas era o prefeito que tomava conta da gente. Acerca da Restauração, propriamente dita, para Frei Arnaldo a lembrança é favorável, pois,

[...] se não fossem os alemães, a província talvez nem existisse mais, isso é a gratidão que temos que ter aos alemães, né, gratidão profunda a eles, deixaram sua terra né [...] se bem que foi no tempo da guerra, uns escapados da guerra vieram pra cá, mas de qualquer maneira eu sou muito grato a eles, os alemães, muito grato mesmo, de qualquer maneira, pra você ver o esforço que eles tinham, pra deixar sua pátria, sua família né [...] para vir para o Nordeste [...] sobretudo para o Ceará, que é um semiárido né, é um Estado bonito, bom, mas é seco e semiárido e o alemão vinha com aquele jeitão, sofrendo com o calor tremendo do Canindé, isso aí é positivo né [...] e a gente via que eles tinham interesse pelas vocações né, interessante.

Sobre a estranheza com a comida e a língua portuguesa, Frei Arnaldo comentou que isso era minimizado pelas próprias capacidades intelectuais deles, que conheciam profundamente várias línguas, o latim e seus radicais:

[...] por exemplo, tinha um alemão em Ipuarana, Frei Vital, era um gênio né, ele falava inglês, francês, russo e ao mesmo tempo era desportista, fazia tudo [...] gigante, grande, ele estudava francês, estudava alemão e ensinava inglês no colégio [...] O Frei Tomás também era muito bom, Frei Tomás, reitor do convento em Ipuarana, boa ideia a dele também, eu via o interesse que ele tinha pelo aluno... Frei Agostinho também, seu Agostinho, uma gratidão profunda [...] um colega meu veio da cidade [...] e era atrasado e o Frei Agostinho com toda a paciência, mandava ver hora extra pra ele não sair do convento, ele ficou até [...] uns 5 anos no convento, no colégio, depois saiu, e hoje em dia é um grande doutor, médico da marinha, graças ao Frei Agostinho né [...] que é alemão, por isso que eu digo da gratidão que a gente tem aos alemães, não podemos negar. Tudo por influência franciscana.

Sobre seus professores, ele menciona, sobretudo Frei Hugo, Frei Herculano, Frei José Maria e Frei Canísio, brasileiros, graças aos quais “a coisa foi melhorando” e entre os alemães ele se lembra de Frei Crisóstomo, Frei Donato [...] Já ordenado, Frei Arnaldo diz “Eu passei dois anos na Alemanha, gostei demais da Alemanha, pra morar não quis não, só assim, a temporada, fazia um curso, eu ensinei lá um ano e andei um ano lá, conheci a Alemanha todinha Na Alemanha é diferente, lá o ano letivo começa em julho né e vai até o outro ano em julho, passei dois anos lá, gostei demais. [...] Eu fui dar aula lá, ensinar português e religião no colégio de Bardel, para os frades alemães que viriam para o Brasil.

Sobre os aspectos mais importantes advindos dos alemães ele considerou que a coisa mais importante é a simplicidade e a humildade, imitando São Francisco e, sobretudo a autenticidade, “a pessoa ser coerente. Isso o alemão ensinou a gente, caprichou muito nisto, a pessoa ser autêntico né. Então esses caras que ficam no convento, vão conviver com o diferente, porque o convento é uma família né [...] Eu gosto de brincar, digo, aonde fizeram o zoológico, tem animal de todo jeito, cordeirinho manso, o leão, tem tudo no zoológico... agora ele vai conviver com o diferente”. Para Frei Arnaldo, a analogia é válida para quem mora junto no convento. São muitas diferenças, mas na sua visão a humildade, simplicidade e autenticidade são os atributos mais evidentes da pedagogia alemã, pertinentes a atitudes internas. São os olhares individuais, mas nos resultados que ficaram na memória coletiva, o estatuto franciscano sobrepujou esses aspectos individuais e o carisma franciscano foi à explicação para essa convivência que certamente foi tumultuada. Ambos, entretanto, reconhecem o mérito da experiência alemã, principalmente nos seus aspectos culturais,

[...], sobretudo alguns se dedicarem aos índios, fizeram até dicionário, tradução, outros escreveram livros, uma capacidade grande, os alemães capricharam nesse ponto [...] Historiador o Frei Venâncio Willeke (alemão), foi também como o Frei Hugo, historiador da província [...] se bem que nossa província do Norte aqui, Santo Antônio, não tem muita cultura com a do Sul não, a gente é mais popular sabe [...] privilegiamos a pastoral, já o sulista é mais assim acadêmico né, se doutorar, pós-graduação... e o franciscano nordestino é mais popular [...] terminou, ele dá mais valor a convivência fraterna entre os irmãos.

Outro fato que já foi mencionado diversas vezes por Frei Hugo, em roda de conversa, mas não constou da sua entrevista, foi lembrado por Frei Arnaldo. Trata-se da vida e obra de um Frade Alemão que na década de 1950 muito inovou as relações dos frades com a sociedade baiana:

Frei Hidelbrando foi um grande construtor, da praça social também naquele tempo né [...] ele construiu nove cinemas na Bahia, nove... e construiu também a casa de retiro de São Francisco, uma coisa linda, até hoje um dos cinemas é o santuário da Irmã Dulce, é o Cine Roma, foi lá que eu fui muitas vezes pro cinema escondido e fui pego, mas não faz mal não. Hoje em dia [...] é o santuário, uma coisa linda, vale a pena ver, tinha o memorial da Irmã Dulce [...] devargazinho, ele fez o cinema, cuidando da parte social, o ambulatório, ela completou já cem anos de existência se fosse viva, então o maior milagre que ela fez lá foi transformar o galinheiro no maior escritório da Bahia. Começou no galinheiro, Irmã Dulce, pegando os pauzinhos da rua, aí hoje em dia tem o hospital Santo Antônio, uma coisa maravilhosa, o hospital grande, é um quarteirão todo, o pessoal colabora também. Combinar que ela é feita pra social, o Frei Hidelbrando fundou a Rádio Excelsior da Bahia.⁶⁹

Assim com Frei Hugo, hoje Frei Arnaldo proclama a independência da Província de Santo Antônio e também afirma que a situação se inverteu:

[...] agora a coisa mudou completamente, eu estive na Alemanha... tinha duas comunidades na Alemanha, dois conventos, Bardel e Mettingen, Bardel, convento imenso, três andares [...] agora só tem 6 padres, seis somente [...] religiosos. Mettingen que tem o colégio imenso, agora só tem 2 padres, situação até difícil [...] agora tem uma coisa positiva, pensaram em entregar essa parte da Alemanha... a comunidade da Alemanha né, da província de lá [...] eles não querem não, querem pertencer ao Brasil. [...] Agora estão numa situação difícil, talvez se forem numa casa só [...] talvez, porque as duas não podem conviver, que tem dois conventos e só com nove padres, não dá não.

Frei Arnaldo considera que antes do Concílio é como se eles estivessem no “Antigo Testamento” agora estão no Novo [...] “no meu tempo de estudante não podia usar relógio de

⁶⁹A Rádio Excelsior da Bahia S/A foi fundada em 02 de setembro de 1941, há 69 anos, pelo Frade Franciscano Hildebrando Kruthalp, de origem alemã. Em 05 de junho de 1942 foi autorizada a funcionar pelo Decreto Nº 9.603, do então Presidente da República Getúlio Vargas (fonte: <http://excelsior840.blogspot.com.br/p/nossa-emissora.html>).

pulso, só de algibeira, hoje em dia a coisa mudou pra melhor. Depois, andar à paisana também, grande mudança, a pessoa é o que é [...] segurança né, não é só por causa do hábito não, deve ser bom de todo jeito”. Dos alemães ele conclui achando como um dos aspectos mais positivos o rigor. Para ele, a marca ficou de qualquer maneira, “a gente vê a parte de responsabilidade e depois pode aproveitar o tempo, eles caprichavam muito, a pessoa ficar responsável e, sobretudo quando tiver um cargo poder dar conta do recado, responsabilidade é importante, precisa aprender a segurança”.

Afinal, tem uma frase engraçada a respeito da idade da gente... eu estou com 85 anos, é um pouco hilariante mas é profunda. Até 80 anos Jesus te ama depois de 80 Jesus te chama, é interessante, então olhando o passado assim eu vejo minha vida, só tenho que agradecer a Deus, não tenho nada de negativo não. Têm esses problemas, assim essas limitações humanas né, mas me sinto bem na ordem franciscana, me sinto bem vivendo a educação dos alemães e também dos brasileiros.

A Entrevista com Frei Arnaldo suscitou algumas questões acerca da dificuldade de encontrar um denominador comum onde colocar uma memória coletiva sobre a Restauração Alemã. Observamos que algumas opiniões acerca dos alemães são unânimes, outras são de caráter particular. Frei Hugo, por exemplo, fez um doutorado e pesquisou a história franciscana por toda a sua vida. Sua experiência no convívio com os alemães fazem dele um depoente abalizado para responder por essa memória. Mas, o bom humor do Frei Arnaldo mostram o reverso da moeda. Esse bom humor revela um temperamento dócil e tolerante, para quem considera que “a vida devemos extrair as pequenas alegrias”. São reveladoras suas palavras finais:

Na memória mesmo, ficou a responsabilidade e sobretudo a simplicidade franciscana, isso é a marca maior, a humildade da gente, por mais que a pessoa saiba é sempre bom ser humilde. E pra terminar, aquela combatividade do alemão, lutar sem desanimar, essa mensagem fica também, porque o alemão é combativo né [...] a gente vê no futebol, as vezes tá perdendo, dão a volta e ganham. Aí para terminar com uma frase bonita pra você, aliás duas, a vida do cearense [...] falar como cearense agora... a vida é como uma rapadura, é doce mas é dura, depois, a vida só é dura pra quem é mole e terminando ainda, a vida é pra quem topa qualquer parada e não pra quem para em qualquer topada. Muito obrigado a você Paula, a sua entrevista, desculpe se não atendi o seu pedido mas a verdade é essa, muito bom, a história franciscana vale a pena viu? e, sobretudo o humor que deve ter, humor acerta, você não vai fazer humor num velório, não pode né? Mas assim pode. [...] temos essa gratidão, pois eles se esforçaram e muitos ficaram [...] é tanto que os alemães quando vieram para o Brasil não quiseram voltar para Alemanha. Agradecemos os alemães por essa Restauração da Província, alguém permanece. Eles foram esforçados, deixaram a Pátria, a família para vir ao Brasil é muita coisa, assim temos essa lembrança boa de gratidão para com eles.

Outro entrevistado, Frei Casimiro Pereira, é brasileiro, baiano de Santo Amaro, frade ordenado e tem 82 anos de idade. Foi aspirante em 1958, noviço em 1963, frade em 1964 e ordenou-se padre, com muita dificuldade, em 1984. Fez os estudos franciscanos em Ipuarana, na Paraíba, Filosofia na Universidade Católica de Salvador (UCSal) e Teologia no Recife. Quando era frade, fez curso de alfaiataria.

O entrevistado relatou que entrou no seminário aos 25 anos, uma vez que teve que concluir os estudos no Seminário, porque morava na zona rural e não tinha condição de estudar. Sempre teve aspiração ao sacerdócio, porém, percebia o sentimento de exclusão por parte dos superiores, por causa das dificuldades que tinha nos estudos, por isso, só após 26 anos de vida no Convento é que se tornou Padre, aos 51 anos de idade. Antes disso, trabalhava na alfaiataria do seminário, atividade atribuída aos irmãos frades não ordenados. As disciplinas que lembra ter cursado no Seminário de Ipuarana foram Português, Religião, História da Sagrada Perfeição Cristã, Catecismo Maior, Matemática e Latim. Frei Casimiro é um exemplo típico das dificuldades encontradas pelos frades leigos para “progredirem” para a situação de frades ordenados: família pobre, dificuldades de escolarização e outras tantas, mas sua persistência fez dele um padre, 26 anos após a sua entrada no convento.

Conforme suas informações, cada frade que chegava ao convento normalmente era inserido em determinada área de trabalho, tinha a carpintaria na qual os alemães trabalham muito bem, sapataria, alfaiataria, encadernação, padaria, oficina mecânica, então cada candidato ia para determinado estágio profissionalizante. “Também tinha o campo, que a gente cuidava, para cortar banana ou plantar, não sei o que, e tinha horta também onde a gente plantava muita verdura para abastecer o convento, o colégio e, além disso, nos fins de semana mandava essas cestas de verdura, porque tinha uns quatro ou cinco médicos em Campina Grande, que era vizinha a Ipuarana, que nos atendiam lá no convento, nunca cobraram um centavo sabe?” Como os médicos atendiam gratuitamente, na hora, precisamente na hora, então em retribuição

[...] a gente mandava toda semana, dia de sábado, umas cestas com aquelas verduras sem agrotóxico, da horta. Porque os pães de lá eram mais ou menos desse tamanho, assim [...] que eram fabricados lá na padaria e o pessoal gostava muito do pão fabricado lá no convento, porque na mistura não tinha nada, então mandava pão e verdura tudo assim amarrado pra eles né, o médico e o dentista, o qual tinha um gabinete lá no convento, e vinha uma vez por semana atender, em outros casos a gente ia na clínica, nos hospitais [...].

Retomando o assunto da formação pelos alemães, Frei Casimiro relembra que cada frade aprendia uma arte, carpintaria, padaria, sapataria, encadernação, mecânica e aprendia pra valer, sendo que alguns que não ficaram no Convento adquiriram uma profissão para o resto da vida:

[...] porque o alemão é exigente, basta dizer a você que lá na Alemanha uma pessoa não pode abrir uma casa pra ser um cabeleireiro, uma coisa assim, se não tiver um diploma, qualquer trabalho, profissão que você queira exercer, acho que em toda a Europa, mas na Alemanha eles são muito rigorosos, você tem que ter o diploma, por isso as pessoas que vinham de lá [...] os frades, todos eles eram formados em carpintaria, ou o que fosse [...] sapataria, não sei o que [...] eu me lembro que tinha um que estudou e morou aqui uma temporada, Frei Armando José, agora ele está numa cidade bem pertinho de Vitória do Espírito Santo [...] e quando ele deixou, ele terminou um curso de catequese aí ele foi pra essa cidade, casou-se e foi trabalhar na Antártica ou foi na Brahma como carpinteiro, e ele tirou em primeiro lugar, ultrapassou o chefe da carpintaria [...] a encadernação também lá [no convento] era um espetáculo, tinham muitos livros que foram encadernados lá, porque os conventos mandavam livros para serem encadernados lá e bons mecânicos, todos que saíam aprendiam uma profissão, saíam de lá capacitados para exercer a sua profissão onde quer que fosse, fazer um trabalho bem feito. Infelizmente hoje em dia não tem mais, mas antigamente tinha em todas as casas, aqui mesmo tinha alfaiataria, carpintaria, sapataria, mecânica [...].

Assim como Frei Arnaldo e Frei Hugo, o traço mais marcante dos alemães que Frei Casimiro guarda diz respeito à disciplina. Para ele, a disciplina é muito importante, “é isso que nosso mundo hoje precisa, disciplina na família, pois não existe mais disciplina”. No seu ver, daquele tempo para cá, muita coisa mudou, mas algumas coisas ficaram presas na sua memória como se fossem parte de uma disciplina injusta:

Coisas que discordo é que naquele tempo a gente aceitava tudo, hoje talvez não, graças a Deus, mudaram as coisas né...por exemplo, naquele tempo se a gente quebrasse um copo, um prato no refeitório, a gente tinha que ir falar com o superior [...] eu peço pelo amor de Deus, que eu quebrei um copo, quebrei uma xícara ou pires [...] então ele dava uma penitência, aí quando era a hora do almoço a gente se ajoelhava dentro da comunidade e dizia, eu pequei contra a pobreza quebrando um [...] e falava o que tinha quebrado...peço penitência pelo amor de Deus. Agora isso eu nunca aceitei porque eu trabalhei um ano no refeitório e passei por isso [...].

Notamos na fala do Frei Casimiro certa mágoa de quem desejava ser padre, mas que precisou lutar muito para conseguir. Foram 26 anos em que ele conheceu de perto o tratamento veladamente discriminatório em detrimento dos mais humildes e os castigos que para Frei Arnaldo eram normais para os seminaristas que transgrediam as normas, para ele eram humilhações que ele não conseguia aceitar. Na verdade suas palavras levam a crer que

existia uma espécie de segregação, pressentida principalmente pelos que estavam do lado inferior:

[...] porque tinha a parte do colégio e daqueles que iam ser padres, chamados seminaristas, estudavam lá no colégio. Quando eu cheguei lá, se não me engano tinham uns 260 que estudavam lá, e a gente, que não ia ser padre, que ia ser só frade e irmão, a gente ficava na parte do convento. Inclusive o noviciado era separado, o nosso noviciado em Lagoa Seguirorã e os que iam ser padres era lá em Serinhaém. Quando eu fui transferido para lá, que era a casa de noviciado eu fiquei, como já era professo simples, eu fiquei quase 2 anos trabalhando na secretária da paróquia, mexendo com certidão de casamento, fazendo papelada, essa coisa toda [...].

Entretanto, ele releva alguns aspectos vistos como positivos, como a pontualidade e a disciplina até na hora de entrar na igreja, que acredita ser uma tradição advinda dos alemães:

faltando 5 minutos para doze todo mundo devia estar na igreja, aí tinha a oração de invocação do Espírito Santo, depois a gente ficava em silencio, aí quando eram 12 horas o sino batia, aí a gente rezava assim, o ângelus, em latim, aí depois do ângelus o guardião dizia, nós os adoramos, aí toda a comunidade respondia: santíssimo Senhor Jesus Cristo, *aqui* e em *todas* as igrejas que do *mundo* e vos *benzimos porque* pela *vossa santa Cruz* remistes o *mundo*. Aí se levantava em fila e ia para o refeitório, lá no refeitório começavam as orações, o latim, até quando terminava, que sentava [...] aí lia um trecho do Evangelho.

Frei Hugo Fragoso, Frei Arnaldo e Frei Casimiro foram depoentes fidedignos e autorizados para rememorarem aspectos da restauração alemã, principalmente da primeira metade do século XX. Sobressaem nessas entrevistas alguns pontos em comum sobre a memória dos alemães, algumas categorias pedagógicas bastante presentes no dia a dia da formação, mas cada um traz suas experiências emocionais, seu lugar social dentro da Ordem e variam as lembranças boas e/ou ruins a depender do lugar de cada naquele recinto e também a depender do humor e aceitação das adversidades. Como costuma dizer o próprio Frei Hugo nas conversas informais no dia a dia: “se dermos um copo de água pela metade a duas pessoas, a primeira vai dizer que o copo está quase vazio e a outra pessoa vai dizer que está quase cheio”. Cabe lembrar que esse é um dos assuntos de pesquisa de Frei Hugo e nós nos valemos integralmente dos *Cadernos da Restauração* publicados por ele.

Muito valiosa foi à entrevista do Frei Marcos Antônio Almeida, de 54 anos, pernambucano, frade não ordenado, cujo aspirante foi feito no ano de 1979, foi noviço em 1981 e tornou-se frade no ano de 1987. Frei Marcos cursou Mestrado e Doutorado em História, em Paris. Atualmente, cursa Pós-Doutorado na Universidade Federal da Bahia. Na nossa primeira aproximação, ele se apresentou:

Eu sou Frei Marcos Antônio de Almeida, sou natural de Ribeirão. Saí criança de Ribeirão - PE e minha família se mudou toda pra Recife e em Recife me criei. Comecei a trabalhar com 13 anos de idade numa farmácia por traz de um convento franciscano. Foi ai esse contato com os frades que me levou a conhecer, trocar ideias, tirar dúvidas, conversar, conhecer São Francisco, né? E a certa altura, eu pensei em conhecer a ordem franciscana. Não sabia nem pra onde ia. Na época eu estava com 17 anos, aí o Frei que me acompanhava disse que eu estudasse e trabalhasse e deixasse o resto pra depois [...] e foi o que eu fiz, mas chegou uma altura em que o frade que me acompanhava sugeriu que, se eu quisesse, poderia fazer o postulante no ano de 79. Eu estava terminando o segundo grau. Ai fui fazer isso em Maceió e comecei minha iniciação na vida franciscana em Maceió no postulante. Em 80, fui pra o noviciado e em 81 fiz a primeira profissão. Vim morar em Salvador, cursei a Teologia aqui na Universidade Católica de Salvador e conheci, como você colocou, alguns frades que não são da época da restauração mas que eu diria que é de uma terceira geração ou uma quarta dessa restauração, que chegaram aqui por volta dos anos 40 e 50 e já estavam em final de carreira também, em idade. Alguns professores que também já estavam aposentados e exerciam ministérios de confissão, sacramentos de penitencia, da conversa, do acolhimento e assim por diante; até mesmo pastoral. Frei Mariano Dickens, que já faleceu, ele na idade de 90 anos ainda estava trabalhando na periferia de Salvador, então eu conhecia esses frades assim [...] digamos, ainda respirava esse tempo de restauração [...] Sobre a influência alemã na minha vida, eu não quero personificar ninguém, eu vejo a vida franciscana como conjunto e digo sempre, eu não seria o que eu sou se não fossem os franciscanos porque eu entrei jovem, 18 anos, já com 14/15 eu os via circulando lá pela farmácia onde eu trabalhava comprando remédio, se tem uma coisa que frade adora é ser doente, só via comprando sacos e sacos de remédio... eu não posso nem falar que já estou no mesmo caminho. Então, eles compravam medicamentos lá, eram muito simpáticos os frades alemães e brasileiros, por exemplo, quando eu via as coisas ficava pensando, mas quando eu falei ao frade que eu era curioso para conhecer a vida dos franciscanos, aí ele disse assim... você não quer passar lá no convento não? Aí eu disse sim e ele quando é que você pode [...] eu posso tal dia, aí eu fui e fiquei com amizade com esse frade, Frei Reginaldo, Cearense, irmão, leigo, que era o responsável pela terra santa lá em Recife [...] é de uma simpatia, como todo Cearense, claro e foi com quem eu mantive regularmente meu contato, portanto, foi alguém que me passou assim um franciscanismo light, alegre, embora eu tenha uma carga pernambucana né, uma carga meio [...].

Relata Frei Marcos que suas lembranças sobre a Restauração da Ordem franciscana pelos Alemães no Brasil “são, digamos indiretas, porque foram conseguidas conversando com frades alemães ou frades brasileiros que foram formados nessa época nos anos 30, 40 e 50 e que estavam vivos quando eles comentavam sobre formação daquela época”. De acordo com Frei Marcos, era uma formação claustral, porque ainda não havia acontecido o Vaticano II, o Concílio que “abriria as portas da Igreja”, o qual ficou na memória pela famosa frase do Papa João XXIII “Abrir as portas e janelas da Igreja”, que foi o Concílio Vaticano II. Conforme seu depoimento,

era uma formação “*ad intra*”, vivida pra dentro, evidentemente por engajamento social e religioso com a sociedade, porque os frades tinham atividades, digamos, culturais muito grandes. Tinham rádios, a editora Mensageiros da Fé, que inclusive tem muita coisa em nível de educação lá dentro. Depois eu vou mostrar pra você algumas coisas. Depois você tem a Rádio Excelsior, além de uma grande atividade em nível paroquial e em nível missionário, essa é a lembrança que me ficou por que os frades sempre comentavam, sempre com aquela ideia de comparar o ontem e o hoje. “Hoje tá muito bom, porque ninguém tá preso”. Quer dizer, era um sentimento de prisão que na verdade era o que propunha a igreja para a vida claustral antes do Concílio Vaticano II.

Perguntado sobre a possibilidade de ter havido um choque com a junção das duas culturas, Frei Marcos acredita que sim, como em todo encontro de cultura que acontece. Mas, no seu entendimento, o que amenizou esse choque cultural foi à necessidade que esses brasileiros tinham de aprender, de estudar e conhecer, o que aconteceu nos seminários menores que haviam, e que eram vários. Segundo ele, os alemães tinham uma educação erudita: “Das línguas clássicas aos conhecimentos acadêmicos como história, geografia, filosofia, não ainda a Teologia, mas, as artes de um modo geral, ciências humanas”.

Por outro lado, havia a necessidade que os alemães manifestavam de ajudar aqueles brasileiros, crianças até, porque a idade era, se não me engano de 12 a 18 anos, de ajudá-los a se desenvolver fisicamente. Tinham um acompanhamento rigoroso de exercícios físicos. Beirando mesmo, se a gente pudesse, não sei se seria anacrônico, imaginar uma espécie de refazer o físico. Mas [...] todas as congregações faziam isso porque chegavam aqui no Brasil e encontravam uma sociedade de jovens com muitas lacunas, não só intelectuais como também físicas. Ainda mais que os alemães daqui dessa província, optaram talvez pelas circunstâncias de ter uma vida missionaria muito acentuada, pelos rapazes do campo. Então havia uma espécie de recrutamento nas famílias católicas das áreas rurais, e evidentemente chegavam crus no sentido pleno da palavra e tinham que trabalhar do zero para reconstituir aquela juventude [...] Tem algumas fotografias do nosso arquivo em Recife, a gente se dá conta de que era desfigurada. Quando eu falo de juventude, falo de adolescência e beirando aos 18 anos. Então, claro que quem vem, vamos entender que a gente está lidando com um pessoal que está saindo de uma Alemanha crítica, entrando num pré-guerra de 1917 e que vai acompanhar até 1944/45 a Segunda Guerra Mundial, então é uma Alemanha também, tocada pela desfiguração, portanto, vai haver a meu ver uma espécie de empatia de lá pra cá pelo fato de que vivem ambas as sociedades, alemã e brasileira, realidade rural também. Os alemães eminentemente rurais que vem pra cá, então, esse é o drama desse encontro cultural entre brasileiros daqui do Nordeste, a mesma coisa se passaria no Sudeste e Sul, pois foram dois grupos, um ficou aqui na província Santo Antônio e outro foi pra Imaculada Conceição [...].

O Frei acrescenta que, os choques culturais foram semelhantes, para as duas províncias, salvo no que concerne no Sudeste e Sul, onde já existiam imigrantes alemães, italianos que tinham uma cultura europeia de técnica agrária que nós aqui tardamos a

conquistar. Nas suas próprias palavras ele afirma: “o único diferencial que eu percebo é que eram alemães que, embora com situações críticas de guerra, de fome e de doenças, eram alemães que tinham uma formação cultural elevada e é isso que eles vão colocar à disposição dos brasileiros. E aí, esse recrutamento, ele vai acontecer na forma sistemática e daí vai vir também não apenas frades, mas também intelectuais, profissionais liberais como também o homem comum”.

Observamos que a entrevista com Frei Marcos difere em alguns pontos importantes, das entrevistas de Frei Hugo, de Frei Arnaldo, e de Frei Casimiro, mais idosos e que foram educados pelos alemães, passaram pela segunda guerra, viram a repercussão da guerra, os posicionamentos do governo brasileiro e testemunharam levas de imigrantes alemães, e de outras nacionalidades europeias que aportaram no Brasil. Inclusive com as mudanças de opinião do Governo e do povo brasileiro em relação à guerra e aos alemães imigrantes. Desta forma, não são somente diferenças de credo ou sobre a essência do cristianismo e/ou do franciscanismo, mas, em relação ao olhar sobre a restauração e sobre a influência alemã na Província.

Como Frei Hugo, Frei Marcos também fez um doutorado, mas, pertence a outra geração (pós-guerra e pós-restauração). Apesar de tributário da memória coletiva conventual sobre os fatos aqui rememorados, ele é um profundo e erudito conhecedor da história. Esse fato faz dele como que um “espectador engajado”, cujo olhar é mais crítico, e conhecedor tanto a realidade local como a realidade total, além do fato de estar mais distante dos fatos acontecidos.

Ele é conhecedor em parte mediante a leitura de livros sobre o assunto, por ouvir as narrativas dos longevos, como também pelo seu conhecimento histórico, interpretativo dos fatos. Isso ficou bem claro nas suas entrevistas. Ou seja, apesar das profundas qualidades intelectuais dos outros, Frei Marcos teve a oportunidade de desenvolver um olhar mais crítico, mais relacional e mais distante, inclusive, fazendo uso de tudo o que já foi publicado sobre o assunto. Frei Hugo vivenciou, conheceu, escreveu e narrou. Frei Marcos escutou, pesquisou, processou, escutou (inclusive de Frei Hugo) e fez uma análise crítica. Porém, o mérito de ambos é da mesma qualidade. No caso da memória, não importa a veracidade dos fatos, mas a contribuição individual para essa memória coletiva. Isso, Frei Casimiro faz muito bem tendo em vista sua situação de irmão leigo, com a qual ele se sentia discriminado. Tanto que batalhou 26 anos até conseguir mudar seu *status* dentro da Ordem. Para a finalidade deste trabalho as informações foram complementares, incluindo outras que constam no CD anexo.

Segundo Frei Marcos, centenas de alemães participaram da Restauração: “Me desculpe falar assim, porque é vago. Mas é porque a província escolheu alguns conventos pontuais, como casas de formação. A filosofia em Olinda e a Teologia em Salvador, mas havia também outros centros de formação que transitavam pela preparação pra ascender essa filosofia ou essa teologia”. Ele explica melhor ao acrescentar que os franciscanos, e franciscanos alemães prevalentemente, pelas suas experiências:

[...] tinham processos de digamos, percepção, de detectar que frade tinha aptidão, tinha inclinação para o conhecimento. E aí essas escolhas eram feitas por esse viés de sensibilidade, de olhar, de ver os interesses, de ver as práticas. O mundo franciscano não é um mundo do teórico, o que precede a teoria é a prática. A teologia que anima o franciscanismo, desde a Idade Média, é a teologia prática. A teologia especulativa ficou sobre São Tomás de Aquino. E aí nós temos também, só abrir um parênteses, as duas escolhas clássicas do conhecimento contemporâneo, que é uma fundamentada na práxis na pesquisa e tal e outra fundamentada na teoria e na especulação que é aquela que, a grosso modo, que manifesta a teologia de São Tomás. A prática que vai sistematizar essa teologia prática franciscana é de Duns Scotus.

Para ele, esse espírito prático franciscano, que vem desde a criação da Ordem, e predominou em Portugal, se encaixou perfeitamente no solo brasileiro porque o brasileiro é por excelência, um homem prático. Frei Marcos fala de cátedra uma vez que atualmente se debruça sobre essa questão, na sua tese de pós-doutorado:

Atualmente minha cronologia são os séculos 16 a 18 da história. Eu estudo os letrados do Brasil, particularmente e o ponto de partida deles analisarem o Brasil é o homem prático. Não é o homem pensador, não é o intelectual, é o homem prático que vai construindo um conhecimento a partir da prática, pra depois dali elaborar um pensamento sobre aquilo, portanto, os franciscanos alemães que ficaram aqui nessa região, eles foram a meu ver, fundamentais para construir um grupo de brasileiros alimentados por essa experiência franciscana da prática, da vivência e etc.

Quando perguntamos porque vieram tantos alemães de uma só vez, Frei Marcos explicou, didaticamente, que a partir de meados do século XIX, em torno em 1850/60, vai acontecer um grande movimento na Europa, de um modo geral, e particularmente animado pelo Vaticano, por Roma, que é o da romanização. Vai ser chamado de romanização. Essa romanização implicava em uma onda grandiosa de missão, saindo da Europa. Não veio somente para a América Latina como foi para a África, Ásia, todos os continentes. No caso do Brasil, nesta primeira fase⁷⁰, vieram os frades alemães.

⁷⁰ Esse movimento de romanização continuou na primeira metade do século XX, quando vieram outras ordens modernas, principalmente ligadas à educação como salesianos, sacramentinas, maristas, etc. (Cf. CASIMIRO, 2009).

No Brasil ao final do século XIX nós chegamos, 1890/92 as duas províncias chegaram a perder a maioria de seus conventos. Depois aqui ficaram uns 7 frades e a província do Rio de Janeiro ficou com 1 frade apenas. Portanto você entendeu que estava totalmente arruinado o projeto franciscano a beira da morte, agonizando, se pudesse criar essa metáfora. Foi quando a cúria geral lançou, pedindo socorro às províncias alemãs, holandesas, sobretudo, mas também francesas que socorressem as províncias em seus respectivos continentes sem importar a procedência de origem. Então como na Alemanha tinha muitos frades, e como a Europa estava numa crise política muito grande, construindo suas identidades nacionais ao mesmo tempo com um lento processo de ateísmo antieclesiástico, mas que por sua vez alimentava a Igreja com muitas vocações, tanto masculinas como femininas. Daí que os alemães da província de Saxônia vão responder positivamente ao apelo da Cúria Geral e vai enviar em torno de [...] mas também com trâmites do último provincial brasileiro Frei Camilo de Lelis que escreveu para a cúria e fez essa mediação, fez os pedidos de socorro, podemos por assim dizer, para que viessem frades socorrer. A cúria imaginou algo maior, que seria a situação dessas duas províncias. Então veio um grupo que ficou aqui (Salvador) e outro que ficou lá, foi para a Província da Imaculada Conceição, não sem tensões porque os grupos que chegaram de alemães eles se dividiram por conta do clima. Uns não se deram bem com o clima quente do Nordeste, então foram pra Sudeste e Sul.

Sabemos que nesse momento a Província franciscana da Imaculada Conceição era composta pelas sedes do Rio de Janeiro e depois São Paulo. Mas, aos poucos, eles foram se estendendo até Rio Grande do Sul e, bem mais tarde, se fundou a província de São Francisco de Assis do Rio Grande do Sul.

[...] se você pudesse ir lá no arquivo do Recife, veria umas fotos de navios. Se eu tivesse alguma foto até lhe cederia. Não sei se Frei Hugo tem aqui, porque tem os navios dos anos 30 e 40, é assim que me lembro de ter visto porque tá tendo o restauro do arquivo lá em Recife e eu estava vendo as fotos passando por elas e não pude nem tocar. Você vê o navio e os frades andando, aquele bando de frades, às vezes conversando. Numa naturalidade como se estivessem passeando. Mas estavam todos atravessando o Atlântico para vir para cá. É muito interessante e houve uma animação tremenda porque a Alemanha viveu das missões nas três últimas décadas. Porque depois não vai ter mais. As opções vão diminuindo, as sociedades vão se laicizando, a Igreja vai também perdendo espaço na política.

Conforme Frei Marcos, eram centenas. “Alemães, teve muitos, tenho aqui o livro dos falecidos⁷¹ e dos vivos⁷². Se olharmos as datas de quem morreu no tempo de Frei Hugo vamos

⁷¹ Desde os tempos coloniais, todos os conventos, irmandades e ordens terceiras possuem entre seus livros de registros o chamado “livro dos irmãos defuntos”. São livros enormes que atravessam os séculos, com informações de nomes, sobrenomes, procedência, *causa mortis* e outras informações muito importantes para os pesquisadores.

⁷² O livro dos vivos é o livro que cadastra os irmãos professos. Também existe em cada ordem desde tempos longevos. Infelizmente a exiguidade do tempo não permitiu que aprofundássemos mais a pesquisa.

encontrar muitos frades contemporâneos a ele”. Lucas Doll⁷³, por exemplo, alemão que morreu em Cairu e foi guardião daqui, morreu em 2013, contemporâneo de Frei Hugo, morreu em um acidente de carro. Conta Frei Marcos sobre “Frei Oswaldo Leens, do tempo do Frei, foi provincial, um grande homem, morreu em Olinda, eu o alcancei e cuidei dele na cama quando ele estava acamado, em 89, quando eu estava entrando”.

Perguntado pela sua própria formação, tanto a escolar como a conventual, Frei Marcos respondeu que para os franciscanos não existe uma única forma ou uma única maneira, pois vai ter tempos que vão exigindo formas de educação, maneiras de educação, a partir da evolução social, eclesial e política. “Se você perguntar como era a formação desses jovens brasileiros que entraram na década de 30, 40 e 50, eu diria que era aquela formação clássica de seminário menor, todo mundo fechado tendo suas aulas, convivendo lá dentro”. De certa forma ele está se referindo ao modelo escolar que Frei Hugo e Frei Arnaldo vivenciaram, conforme o depoimento de Frei Arnaldo, que corresponde à educação tradicional.

Sobre a forma didática da aprendizagem, Frei Marcos fala da sua própria experiência mas reflete também o que acontecia nos conventos franciscanos e menciona outras estratégias que sabemos serem comuns a todos os mosteiros e conventos. Afinal, um convento que era habitado por centenas de pessoas, precisava de uma regra muito severa para funcionar bem. Segundo alguns autores, o Convento de São Francisco da Bahia, nos tempos coloniais chegava a abrigar quase quinhentas pessoas. Às vezes mais, às vezes, menos. Então, desde a Regra de São Bento⁷⁴ a vida em comunidade religiosa adotou regras básicas imutáveis, que foram copiadas por todos os conventos e mosteiros posteriores (cenobitismo). Conforme Frei Marcos, no tempo conventual, desde a Idade Média,

A vida é dividida pelo tempo. O tempo claustral começa com a oração da manhã, oração do meio dia, ai tem aulas, à tarde trabalhos intercalados com orações, oração à noite, com momentos de fraternidade e conversa e tal, depois rezar e dormir. Esse trabalho pode ser distribuído na alfaiataria, pode ser distribuído na mecânica, porque tudo se tinha dentro desses conventos de seminários. Agora se você me perguntar pós Vaticano II, a coisa muda completamente, porque a partir daí vai se exigir outra estrutura de formação que é aquela em que você não é mais guiado, ao menos a princípio, pelo relógio da torre do convento, mas, pelo relógio do comércio, pelo relógio das

⁷³ Assim como Frei Arnaldo, Frei Lucas Doll, alemão, foi aluno de Frei Hugo, sendo um pouco mais novo. Foi guardião no Convento da Bahia e em Cairú. Veio ainda jovem da Alemanha e morou muito tempo na casa franciscana de Triunfo. Lá iniciou um trabalho de plantio de eucalipto e criatório de cabras, dentre outras atividades educativas e profissionalizantes, mas sempre esteve atento em disseminar as palavras do Evangelho e nunca se descuidou do ministério e das missivas natalinas sobre Jesus (Informação da Profa. Ana Palmira Casimiro).

⁷⁴ A Regra de São Bento foi modelo para quase todas as regras medievais e modernas pela sua abrangência e detalhes.

universidades onde os jovens vão começar a estudar. Essas adaptações, todas as instituições religiosas vão fazer. Agora, é claro que isso vai gerar uma tensão interna em função da desestabilização do tempo sagrado. Perceba, a gente vive entre o tempo da Igreja e o tempo do mundo. O tempo do claustro é a oração, é o trabalho interno, são as necessidades internas. O tempo do mundo é o capital, é o consumo, é a venda e tal. E como os frades são mendicantes eles têm também de entrar nesse ritmo porque eles dependem das esmolas de fora, do mundo. O que não deixa de ser lógico e, ao mesmo tempo tenso, porque vai haver uma espécie de reação também a isso.

Teoricamente, é uma categoria estudada na memória que é intitulada categoria tempo. Significa que os tempos vivenciados de determinadas experiências são diferentes do tempo que está lá fora, o tempo do mundo. Cada um tem o seu tempo, seu momento de vivência e isso aí é muito importante mesmo. São tempos também que procuram se encontrar à medida que um depende do outro. Por exemplo, o tempo do mundo no Ocidente está extremamente ligado ao tempo da tradição judaico-cristã. Se você for olhar os outros mundos, islâmico, asiático, e essas outras religiões, budismo, confucionismo etc., eles também vivem esse mesmo dilema e se adaptam. Conforme conhecimento de Frei Marcos, a diferença é que o Ocidente se tornou extremamente racionalista,

[...] então o tempo sagrado é aquele que foi definido como tal, eu não posso flexibilizar esse tempo sagrado enquanto você tem outras religiões que flexibilizam a partir da disponibilidade de seus membros. Não é uma questão de juiz de valor, isso é bom e isso é ruim, é uma realidade cultural. Então eu diria que esses frades [...] não tem uma forma única de educação, mas acompanham todos os processos e mudanças sociopolíticas, econômicas e religiosas também.

Frei Marcos não vivenciou o mesmo tempo escolar de Frei Hugo ou de Frei Arnaldo, mas, pelo levando em conta o seu conhecimento da Ordem, os seus estudos em franciscanismo e em História, adverte que é preciso distinguir o contexto onde aconteceu cada modelo de formação. Segundo suas palavras, curso formal havia, nos conventos, mas não um curso semelhante aos cursos que o MEC autoriza hoje. Os cursos da academia começam receber esse olhar e essa conjugação de fatores para construir uma área de conhecimento, muito tardiamente. A universidade mais nova do Brasil tem 70 anos. A faculdade mais antiga de Direito, Medicina. Medicina são aqui na Bahia e a de Direito lá em Recife e São Paulo:

Então a gente não pode pensar essa formação de, no caso conventual à luz dessa contemporaneidade que nós temos de sistematizar de forma, eu diria, até bastante “rigorista” [...] mas eram cursos que tinham sua estrutura acadêmica, no sentido de acadêmico clássico que compunham de tais áreas, mais digamos no campo da filosofia, mais primordiais, que era a filosofia antiga, a filosofia moderna, como a gente distribui normalmente ainda, inclusive contemporânea e depois vem as questões sociais, no caso, séculos XIX e XX que já começam a pensar a questão dos movimentos sindicalistas,

todas essas instituições que vão surgindo a partir da nova ordem social onde o mundo do trabalho é o ponto de partida, mas aí você tem os frades se preparando nesse caminho de se munir de um conhecimento que possa dar conta de entender esse mundo de mudanças. [...].

Sobre o anticlericalismo do século XIX, havia a interpretação da Igreja à luz da fé ou à luz da teologia daquela época, que era uma teologia fundamentalmente contra a maçonaria, contra o marxismo, contra os ateus, mas que era pró-igreja, pró-instituições eclesiais, pró Roma, conforme Frei Marcos. Por outro lado, havia um anti-romanismo tremendo na América Latina toda. O Brasil foi ainda muito flexível porque mesmo as repúblicas elas ficaram muito próximas da Igreja. “Ao contrário do México, como exemplo, que aniquilou completamente a Igreja, no Brasil houve de certa forma uma parceria de convivência. Em todo caso essa formação, eu diria antes do Vaticano II”.

Voltando à questão da Restauração Alemã, Frei Marcos considera que os alemães foram uma referência marcante pra toda a Província, mesmo na medida em que esses frades foram morrendo, desaparecendo. Uma vez que, inclusive, outros iam chegando. “Eu mesmo me vejo com as influências, como historiador. Uma coisa muito forte que sempre apreciei foi o rigor dos alemães quanto à objetividade. Isso vem tipicamente da Escola de Frankfurt. A filosofia positivista excessivamente racionalista, excessivamente pro-documento”. Frei Marcos toca então em um elemento novo que ainda não foi tratado nessa memória da Restauração: porque, até então, encaramos os alemães como franciscanos advindos de uma cultura ética, disciplinada, autêntica, organizada, mas, sobretudo, franciscana. Devemos lembrar, entretanto, que essa cultura contém elementos filosóficos bastante arraigados, uma vez que a Alemanha foi a pátria de Kant, Hegel, Marx e de outros tantos gênios do pensamento racionalista e/ou dialético. Assim, certamente, ela está impregnada de valores pensados, estudados, discutidos e introjetados nesse povo que veio restaurar uma província nordestina no sentido físico, intelectual e espiritual, em nome de Francisco de Assis.

Mas, qual a impressão, a memória individual e a memória coletiva que Frei Marcos Almeida carrega desse conjunto tão complexo de fatores, sendo ele um “jovem” franciscano que herdou essa memória coletiva ao ingressar na Ordem Franciscana em 1979? Vamos ouvir o que ele fala sobre as marcas deixadas pela restauração:

Hoje me olhando, tenho 35 anos de vida franciscana, é muito pouco. Mas já é alguma coisa, dá para ver algumas marcas, Uma dessas seria esse rigor (não rigorismo) de tentar ver as coisas como elas são. Isso é ilusório, evidentemente, mas nos permite buscar ferramentas para ter uma certeza relativa, suficiente para falar de algo que estou vendo, experimentando. Depois fidelidade. Os alemães têm uma característica no seu perfil psíquico que é a fidelidade, eles são muito fieis ao que se propõem. Isso me chamava

a atenção e eu comprovei. Eles mantêm uma relação de amigos, fraterna, com tudo o mais que você pode imaginar de fidelidade a esse pacto de amizade e fraternidade. É claro que havia uma tensão em função do jeito de ser alemão. O pessoal os chamava de brutos, mas não eram brutos, eram “uma carcaça movida a mel”. É evidente que tem exceção, mas são homens que vejo até hoje da mesma forma. Outra questão também é o amor, uma atenção especial pela cultura intelectual, não estou falando de banco de escola nem universidade não, mas no ato de conhecimento, curiosidade, criatividade, ‘tirar leite de pedra’. Eles tinham uma habilidade, não é uma coisa de uma hora para outra, é algo que vai se construindo a partir de vários elementos. Não é algo mágico não, é acreditar que do nada se pode fazer alguma coisa, não sei como.

Talvez Frei Marcos esteja falando da virtude da persistência e de conseguir coisas inimagináveis tentando de várias formas. Conforme Frei Marcos a contribuição cultural alemã foi, em todos os sentidos, muito forte nesses campos: a) contribuição intelectual, no setor de preparação de franciscanos: Seminário Maior, Seminário Menor, Presbiterado ou Irmão leigo; b) contribuição paroquial (as paróquias franciscanas são outra pesquisa a parte, são centro de espaço de associações), pois, se na Colônia haviam as irmandades como forma de associação, as paróquias do século XX vão ser o lugar e momento de novas formas de associações, a partir do trabalho, com o pessoal que trabalha em fábricas, as mulheres costureiras; c) contribuição social, com espaço para escolas no campo agropecuário para preparar a mulher para se casar, ser dona de casa, saber costurar, saber cozinhar, canto, pintura, pois, descobrindo aptidões se gera os grupos de aprendizados. Tudo isso foi implementado pelos alemães. Declara Frei Marcos, no seu depoimento:

[...] você vai ter isso nas paróquias franciscanas a depender da paróquia, do local da paróquia. Na paróquia do interior vão ser outras demandas, mas uma paróquia urbana como Recife, como Salvador, aqui em Salvador, por exemplo, vai ser um centro de cultura, digamos, de música, de imprensa, com a revista *Mensageiros da Fé*, que vai ser instalada onde tem as ‘Casas Bahia’ aqui em baixo⁷⁵; rádio, e esses franciscanos alemães vão tendo também essa função de aglutinar, de atrair setores da sociedade onde eles estão. Lembre-se que ainda estamos numa sociedade fortemente marcada pelo catolicismo. Eu estava vendo ontem, por acaso, um álbum de fotografias, tinha encontros na casa de retiro⁷⁶, de professoras, ou de algumas outras áreas que a gente nem imagina.

Além disso, conforme Frei Marcos, entre os frades alemães tinham frades qualificados, tinha músico, administrador, tinha tudo que você possa imaginar e tinham aqueles padres à antiga como:

⁷⁵ Na Baixa dos Sapateiros.

⁷⁶ A Casa de Retiro São Francisco fica na Avenida Dom João VI em Brotas.

[...] um lá que eu me lembro, famoso, Frei Romualdo, só não lembro o sobrenome dele agora, quando uma pessoa contava um pecado ele batia no pau dizendo: pecado, isso é pecado [...] e o pessoal adorava, porque ele saía tremulo, era aquele teatro [...] aí eu me lembro muito disso e por incrível que pareça era uns dos mais procurados pra confissão, aí tem o Frei Cecílio um alemão pequeno, de uma docilidade, de uma leveza, e era músico e tocava violino, a especialidade dele [...] e eu fui conhecendo as aptidões de cada um e isso vai entrando em você [...] foi entrando em mim e eu vendo que cada um tinha aptidões, nenhum fazia coisas iguais, podia até fazer mas com diferenças, acho que essa foi a lembrança que ficou.

Confirmando os depoimentos de Frei Hugo e Frei Arnaldo, Frei Marcos responde que alguns frades brasileiros foram para a Alemanha. Eram dois espaços, Bardel era um grande convento, e Metiggen que foi uma iniciativa de alemães que vieram pro Brasil e depois voltaram pra Alemanha e fundaram uma espécie de centro cultural Brasil-Alemanha. Depois, incluíram toda a América Latina, e hoje os frades estão lá dentro, moram juntos nesse instituto, mas é um instituto que é gerenciado por leigos, sendo que o Estado assume.

Após a sessão de entrevistas com Frei Marcos, foram feitas outras perguntas que seriam destinadas aos padres mais velhos, mas, pela sua experiência e vivacidade teórica, achamos que ele também teria condição de responder. Assim, fizemos mais algumas perguntas e preferimos transcrever o trecho na íntegra (perguntas e respostas) por uma questão de fidedignidade:

Paula: “durante o período da sua formação, quais diferenças observou entre as atitudes pedagógicas dos formadores dentro do convento, brasileiros e alemães. Teve algum mestre que era proveniente da Alemanha, algum professor interno que dava formação?”

Frei: Todos tiveram formação alemã, germânica, entretanto meus mestres foram todos brasileiros.

Paula: Mas eles eram alunos desses alemães?

Frei: Todos eles foram, o que eles eram [...] ó, tem meu mestre do noviciado, cearense, que é maravilhoso, até hoje não esqueço, pra mim é referencial, foi meu mestre de noviciado.

Paula - Quem?

Frei – Frei Ademir, que por acaso tem o mesmo sobrenome do que eu.

Paula - Frei Hugo chegou a ser professor seu alguma vez?

Frei -Foi meu professor já aqui, na [Universidade] Católica, foi meu professor de História da Igreja e foi quem acompanhou minha monografia de final do curso, da Teologia. Eu morei aqui um ano quando eu cheguei em 81, no início de 82, eu fui morar atrás da Rodoviária, em Saramandaia, minha formação foi toda lá

Paula - Tinha convento lá?

Frei -Não, tinha uma pequena fraternidade, explico o que é [...] eu sou de uma geração dos anos 70/80, das pequenas fraternidades, pós Concílio Vaticano II, porque os religiosos iam morar nas periferias.

Paula - Quanto à avaliação, o Senhor tinha, notas e provas, considera que a dos brasileiros eram semelhantes ou a dos alemães era mais rigoroso?

Frei -Não, aí não é do meu tempo.

Paula - Certo. Com relação ao castigo também não era do seu tempo? Tinha castigo na sua formação?

Frei - Não tinha mais não, as punições eram diferentes, as punições na vida religiosa acompanham as punições da sociedade de modo geral, que passaram a mudar sua pedagogia de educação, não se bota mais de joelho no milho, porque, antigamente, se eu quebrasse um copo, uma xicara eu tinha que ir no meio e pedir perdão a toda a comunidade por ter quebrado um copo. Mas é uma cultura onde você vai comprovar o que, que você é humilde, por mais simples que seja a transgressão [...] transgressão não, a falha, você tem que mostrar isso publicamente, para revelar se você tem ou não humildade, e a humildade é inconcebível e você se expor, hoje seria constrangimento né, seria *bullying*. Agora, no meu tempo era assim, não tem punição digamos disso daqui, mas você se sente sobre a mira de observações, que podem ser outras formas de punições, “veladas”.

Paula - E fora da sala de aula, no refeitório também, na hora da oração, você notava diferença entre alemães e brasileiros? Nessa convivência com esses frades você notava alguma diferença?

Frei -Tinha, veja bem, eu vou dizer o que eu presenciei, não na época dos alemães, digamos, naquele tempo tão passado. Na minha época eu já via os alemães ficarem mais juntos, não se misturarem com os brasileiros, os irmãos ficarem nas pontas, isso tudo em função de uma cultura de longa data, mas nunca vi por exemplo [...] tinham brincadeiras que é natural, mas nunca vi [...] Discriminação também podia passar velada, por que a gente também disfarça muito as coisas, eu era estudante, como estudante eu era quase nada, porque eu não correspondia aquele corpo [...] aqui se conhece, aqui a Casa da Bahia como era chamada, era por excelência ‘top de linha’[...] aí eu brincando com os meninos, eu digo, agora só vem “quáquáquá”, esses fradinhos jovens “quáquáquá” pra cá, aí eles caem na risada. Porque aqui só vinha [...] era uma elite que tinha aqui, elite no sentido que você tinha professores, intelectuais, o pessoal produzia textos né, não era só, digamos [...]

Paula - Na hora das refeições o senhor falou sobre isso e nas horas das orações, era a mesma coisa?

Frei - Nas orações, depois do Concílio Vaticano II os irmãos sempre tiveram a vida a parte, também na oração, então eles eram orientados a rezar um Pai Nosso, 10 Ave Marias, nas horas canônicas, enquanto os clérigos estavam rezando o breviário os irmãos estavam rezando o Pai Nosso, Ave Maria. Quando o Concilio Vaticano II chegou, todo mundo começou a rezar junto a partir do breviário, os irmãos mesmo que não tinham essa cultura letrada, mas sabia ler e escrever já traziam isso também de casa.

Outros frades foram entrevistados, como Frei José Edilson, de 29 anos, alagoano, frade não ordenado, que foi aspirante em 2007, noviço em 2009 e vez os votos franciscanos em 2007. Frei Edilson fez o curso de Filosofia no Recife e cursa Teologia na Faculdade São Bento. A experiência de Frei Edilson com relação aos alemães e à memória da Restauração já é bem mais distante do que a dos demais entrevistados. Entretanto, sobre alguns fatos ele tem conhecimento porque fazem parte da crônica do cotidiano franciscano. Perguntado sobre essa memória, ou lembrança que ele porventura tivesse dos alemães no Convento da Bahia, eis que ele responde:

No contato com os frades idosos, eles comentam que partilham, né, a questão da formação alemã, de ter sido uma formação rigorosa, de rigor, de disciplina, de implantação de uma cultura posta por eles na busca de disciplina, de trazer cultura e intelectualismo, né, de implantar um estilo próprio da cabeça deles, né. Mas traz uma recordação boa também, tendo um pano de fundo. De rigorosidade, mas existe também umas lembranças de formação enquanto cultura mesmo: musical, intelectual. Oportunidades que surgiram de estudo e aprofundamento, né? E os frades recordam com muito carinho dos alemães na Ipuarana, é o nosso convento em Lagoa Seca, na Paraíba. A formação que era os estudos teológicos, aqui também o estudo de teologia, os professores [...] Recordam com muito respeito, né? É claro que tem todo um processo de formação que temos, a trancos e barrancos, fizeram a sua história.

Perguntamos a Frei Edilson a sua opinião, ou o que foi passado para ele sobre a cultura alemã e o que mais dificultou na convivência entre alemães e os frades brasileiros, ele respondeu que, segundo lhe contaram os frades idosos, a questão maior era mesmo da língua.

Havia uma predominância de alemães aqui na Bahia, e houve esse choque por parte dos brasileiros, acredito que dos alemães também, mas eles não deram o braço a torcer, eles eram maioria então mandavam no terreno. Mas a questão cultural, linguística, a língua oficial pra eles no convento aqui no Brasil, em Salvador, era a língua alemã, eles se comunicavam em alemão e isso impossibilitava a comunicação e convivência com os frades brasileiros, principalmente com os irmãos leigos.

Frei Edilson conviveu, em Recife, em 2010, com o alemão Frei Humberto Brügger, ele já tem mais de 50 anos no Brasil, ele foi ecônomo da província, foi pároco em Ipojuca, foi pároco também em Lagoa Seca, e ele, o estilo dele, retrata o estilo alemão, basicamente. Declarou o depoente, sobre Frei Humberto Brügger:

[...] ele é sincero, é rigoroso com ele mesmo e muito disciplinado, autodisciplinado possa se dizer, com ele mesmo, e com o que tá em torno dele. A oração é do estilo que deve ser, ele ainda tem e mente a oração do estilo monástico, porque a vida religiosa que ele acompanhou é daquele estilo, ele tem em mente que nós jovens devemos continuar com esse estilo de vida, né? E do rigorismo mesmo, de ir ao refeitório bem vestido, assim, alinhado, de calça, não tá de bermuda ou veste imprópria do espaço, até porque só na sua cela bermuda ou coisa assim, mas no refeitório e nas orações deve estar bem vestido, bem aparentado.

Sobre os irmãos, ele relata que Frei Arnaldo morou em Vereda, Alagoas, sendo hoje um confrade da casa, ele é Capelão das Franciscanas Hospitaleiras, “ele ocupou essa função que era de Frei Hugo, depois que Frei Hugo veio a ter problemas de saúde, então ele substituiu Frei Hugo na Capelania das Franciscanas Hospitaleiras, vindo de Penedo, no ano de 2012”. Segundo ele, os mais velhos têm a função de formadores, que têm a missão de dizer, de dar uma primeira “informação pra gente assimilar o que é ser frade menor nesse contexto

histórico, nessa vida franciscana aqui, no presente, hoje mas não esquecendo o passado, a história”. É que nós devemos ser continuadores dessa história mas, num contexto, numa vida simples, numa vida de missão e disciplina, responsabilidade, de estudo

No passado, segundo o depoente, não existia grade curricular, não tinha essa noção de MEC, reconhecido pelo MEC, essas coisas todas [...] Eles foram formados e ordenados aqui. Hoje existe uma bancada de professores para suprir as necessidades e também por causa da abertura do Vaticano II, com estudo mais aprofundado, de reconhecimento pelo MEC, “então, acredito que a formação que eles tiveram, serviu para aquela época. Hoje nós estamos inseridos numa formação atualizada, atual”.

Os frades que hoje foram seus mestres provavelmente foram alunos desses frades alemães. Ele recorda, “de saudosa memória”, de um confrade que teve uma importância muito grande na província, Frei Serafim, era alemão e morreu esse ano com 102 anos, ele foi nosso provincial. Ele abriu as portas para o estudo, para a possibilidade dos irmãos leigos poderem se aprofundar nos estudos. Abriu as portas a ponto de os frades irmãos hoje estarem formados, e a outros que tinham uma vocação presbiteral eles deram a oportunidade de se ordenar. “Então esse alemão marcou nossa província, e tantos outros”. Mesmo tão distante do tempo dos alemães, Frei Edilson considera que os frades alemães trabalhavam muito na questão social, com freiras, com a implantação de escolas educativas, de salão educativo que se transformava em capela ao mesmo tempo. “Porque eles tinham a sensibilidade de formar a pessoa como cristã, né? E formar também a pessoa humana, profissional. Então tinham essas escolas de "profissionalismo", de corte e costura, de alfabetização mesmo. Existia uma sensibilidade dos alemães de ajudar essas pessoas, até porque tinham recursos pra isso”.

Conforme a experiência repassada pelos mais idosos, e também na convivência com alguns frades alemães que moram na Província, Frei Edilson comenta: “quando a gente fala da formação alemã, a gente fala de uma vida disciplinada, integrada na sociedade, na vida acadêmica, nos estudos. Até porque nossa província tem trabalhado na casa da Alemanha, os frades trabalham com educação”. E perguntado como os alemães vêem os frades brasileiros, ele diz que é difícil responder por que vai tratar de questões de cada um, pois, cada um tem sua mentalidade de como conceber as pessoas, mas, acredita que os alemães, “não é que vejam a gente como coitadinhos, não é isso, mas nos veem com possibilidade de conhecimento, porque isso nós provamos que temos, bagagem pra isso. Nós frades, alguns, já foram pra Alemanha e deram grande contribuição na língua, nos estudos, no aprofundamento lá, entre eles Frei Wellington Buarque, Frei Wellington Reis”. Ele não mencionou Frei Arnaldo mas lembrou que Frei Hamilton também passou por lá, e tantos outros que deram

provas da potencialidade que brasileiro têm. Ele acredita “que os alemães veem a gente com essa bagagem, esse potencial, e vêm trazer oportunidades, né? A intenção é justamente enriquecer, dar oportunidade a nós frades jovens”. De conformidade com sua informação,

Frei Welington Reis esteve na Alemanha há pouco tempo, trabalhando com Frei Beda, que tem uns projetos sociais no Brasil, então, Frei Wellington é um apoio, ele esteve lá, domina a língua, e trabalha no possível com os frades alemães [...] Eu acredito e concordo com a preocupação formativa, enquanto possibilidade de conhecimento, de compromisso com a vida religiosa e abertura ao mundo social, o mundo que tá aí fora, eu concordo. Agora, o que não concordo é esse rigorismo, essa auto cobrança de si, e dos outros, né? Acredito que a formação é particular, ela tem um direcionamento, uma meta, mas essa meta não deve ser rigorosa, deve ser aberta, ser partilhada, ouvida, deve ser contínua. Não uma formação estabelecida, moldada. Mas ela deve se deixar modelar [...].

Parece que a sua alma nordestina não se adequa a um rigor excessivo. No presente, Frei Edilson acredita que existam oito frades alemães na Paraíba, dois frades alemães em Campina Grande, um frade alemão“ em Triunfo nós temos outro frade alemão, temos Frei Walter Schreiver⁷⁷[...]”. Ele finaliza a entrevista falando um pouco das razões de ser franciscano e do carisma franciscano, com palavras tão sinceras que vale a pena transcrevê-las. Talvez essa fé e esse amor franciscano seja uma das razões da preservação dessa memória quase milenar da formação franciscana e da possibilidade de convivência entre esses dois povos tão diferentes.

Falar da história franciscana é falar de São Francisco de Assis, um homem que perpassa todos os muros da Igreja Católica, um homem universal, que chega ao coração das pessoas com muita facilidade, então é gratificante pra mim, como frade, perceber que existem pessoas interessadas e apaixonadas por esse carisma, por essa pessoa, São Francisco de Assis, que deixou esse carisma tão presente, deixou como um dom dado à igreja, dado ao mundo, que a gente hoje pode usufruir desse carisma como um dom de Deus, da graça de Deus, então... É uma alegria saber que tantas pessoas não deixam morrer a história do franciscanismo, não deixam morrer o espírito de São Francisco vivenciado pelos filhos dele.

⁷⁷ Frei Walter deve ter uns 50 anos e já foi Guardião do Convento da Bahia.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No decorrer da pesquisa foram analisados documentos e as entrevistas dos frades da Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil, no que diz respeito à formação franciscana, tomando como eixo de análise a permanência de valores pedagógicos dos restauradores alemães que começaram a chegar a partir da primeira missão em 1890. Aqui chegando, eles iniciaram a restauração da Província na parte física e estrutural dos edifícios e monumentos em ruínas, depois, paulatinamente foram reabrindo os seminários e casas de formação, nas quais a marca da cultura e da educação alemã ficou registrada, ao lado de alguns elementos da cultura nativa e do costume dos brasileiros. Em comum, deixaram a simbiose dessas duas formas de cultura, intermediada por uma linguagem em comum: o carisma franciscano, pautado no amor ao próximo, na humildade e na imitação de Cristo na sua face de pobreza.

A base documental se constituiu pelos escritos originais de Francisco de Assis (exortações, admoestações, cartas aos fiéis etc.), pela *Regra Não Bulada* e pela *Regra Bulada*, (ambas de sua autoria), das biografias oficiais de São Francisco (por Boaventura de Bagnoreggio, Tomás de Celano, *Legenda dos Três Companheiros*, dentre outras) e, principalmente dos documentos pedagógicos, quais sejam: *Constituições da Ordem Franciscana OFM*, Estatutos e Regulamentos franciscanos e, prevalentemente, pela *Ratio Studiorum OFM* a qual, em semelhança com a *Ratio Atque Institutio Studiorum JS*, traz as regras e normas da formação franciscana. Ao lado disso, nos servimos das obras e teses de pesquisadores e historiadores interessados no franciscanismo.

Diante da realidade analisada, mediante citados documentos, acrescidos de entrevistas com professores da Ordem Franciscana, moradores da Província de Santo Antônio, ficou evidente que a formação dos frades menores no Convento de São Francisco da Bahia traz ainda nítida na memória os valores pedagógicos dos restauradores alemães, vindos no final do século XIX. Desde aqueles que aqui chegaram em 1890, para reavivar a Província na sua parte física e estrutural, passando por várias levas de imigrantes vindos na primeira metade do século XX para complementar o trabalho de restauração e ressuscitar as vocações, até os dias atuais, com alguns alemães que aqui ainda residem, e com brasileiros que hoje ajudam a repovoar a Província da Saxônia e o Convento de Bardel, a restauração da Província Santo Antônio se deu em diversos setores e com profundas modificações, sendo que a maior delas foi a postura que os novos frades brasileiros adquiriram por meio da formação de matriz

alemã. Assim, essa ajuda inicial dos alemães passou a ser uma via de mão dupla: foram ajudantes aqui, no passado e, com a crise de vocações na Europa, são ajudados lá no presente.

A formação religiosa e cultural dos frades brasileiros, que despontaram nas primeiras décadas do século XX, se configurou como uma nova “roupagem”, que se iniciara a partir da entrada dos candidatos à vida religiosa franciscana e que fornecia um novo *status* para esses religiosos brasileiros, nordestinos, formados de acordo com a matriz alemã. Aos poucos, foram surgindo novas gerações de frades brasileiros cujos conhecimentos franciscanos, filosóficos e teológicos não ficavam a dever às províncias do Leste e Sul do Brasil e, muito menos, às províncias europeias no que diz respeito aos conhecimentos intelectuais dos frades, ou à facilidade de comunicação em outras línguas, dentre as quais o alemão. Esse estado de espírito perdura até hoje. E, assim como acontece no meio social, hoje já não podemos falar em uma educação tradicional.

A nova postura dos frades brasileiros se deu inicialmente pela disciplina, esta que os frades alemães, apesar das adversidades, não deixaram de exercer em todos os momentos na vida em fraternidade no Brasil, e que até na atualidade se faz presente, principalmente em se tratando de frades alemães, dos frades brasileiros formados pelos alemães, ou pelos brasileiros formados pelos alunos dos alemães.

Muitos “frades brasileiros pós-restauração”, estudaram nos seminários de Recife e Olinda, outros em Salvador, e muitos foram cursar pós-graduação na Itália ou na própria Saxônia. Os clérigos, na maioria dos casos, fizeram doutorado em Roma ou na Alemanha. É a partir desse panorama histórico, que reafirmamos o objeto dessa pesquisa, “A Formação dos Frades Menores no Convento de São Francisco da Bahia: memória e permanência dos valores pedagógicos dos Restauradores Alemães”.

Tendo em vista essa memória impregnada pelos valores pedagógicos advindos dos alemães, fizemos uma análise da trama da identidade individual e do conjunto franciscano dos frades, mesclada com os elementos pedagógicos importados da Alemanha, para explicar e expor a formação de postulantes, noviços, frades leigos e frades ordenados. Tudo isso pautado na Regra do fundador da Ordem.

De acordo com os documentos, a formação dos Frades tem como base um tripé: a **Formação Humana, a Formação Franciscana e a Formação Cristã** que, para os franciscanos é chamado de “formação na sua totalidade”, ou seja, “formação do ser humano por completo” (DOCUMENTOS da OFM, 1988, p. 46). Para ser frade isso bastaria, mas, ao longo dos anos e com as constantes mudanças na sociedade foi necessário acrescentar outras

competências além da cristã, acadêmica e franciscana. Foram acrescentados conteúdos técnicos e profissionalizantes.

É imprescindível distinguir, **educação, instrução e formação**, no que diz respeito à formação dos Frades Menores: A Instrução faz parte da preparação para a vida religiosa, sendo um processo específico da educação integral, ou seja, a instrução plasma o espírito do religioso, antes durante e depois do noviciado para adequá-lo sempre mais às exigências da sociedade; A Educação favorece o desenvolvimento físico, intelectual e moral da pessoa, para a plena consciência, o pleno domínio de si e para a correspondência às exigências da cooperação e comunicação social; A Formação tem um sentido mais amplo, que inclui um processo integral, composto por intervenções, que visam o indivíduo por completo, perfeito e total. A formação é o processo por meio do qual as potencialidades subjetivas chegam à maturação ou aprende-se o que é necessário para desempenhar um papel particular (formação religiosa), acompanhado da integração com o ambiente (o convento, antigamente e hoje o convento e a sociedade) e da participação na cultura social.

A esse respeito, Zavallone (1999) afirma que é muito significativa a pedagogia franciscana, por conter a originalidade, a validade e a atualidade, que trazem a marca do tempo no qual foram redigidas, remetendo a Francisco de Assis como educador de caráter evolutivo. Mas essa evolução, para Francisco, não passava da obediência ao Evangelho, e assim ele iniciou a sua “carta pedagógica” (a Regra) tão antiga, ao mesmo tempo tão atual, a qual pela tradição e pela memória sustentam pedagogicamente, até hoje, a vida de fraternidade de milhares de frades franciscanos por todo mundo. Assim inicia sua carta:

A Regra e vida dos Frades Menores é esta, a saber: observar o santo Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo vivendo em obediência, sem bens próprios e em castidade. Frei Francisco promete obediência e reverência ao senhor papa Honório e a seus sucessores canonicamente eleitos e à Igreja Romana. E os outros frades estejam obrigados a obedecer a Frei Francisco e a seus sucessores (DOCUMENTOS/ OFM, 1988, p.01).

Diante dos documentos e dos depoimentos, observamos que os frades alemães, além da restauração propriamente dita na recuperação dos imóveis e monumentos patrimoniais franciscanos (serviços de carpintaria, pintura e mobiliário, reposição de peças etc., limpeza e higiene), também foram responsáveis pelo cultivo de hortas, roças e pomares, criação de animais de pequeno e médio porte para consumo, ovos e leite. No quesito evangelização, eles foram os restauradores que se encarregaram de incentivar vocações, reinstalar o culto franciscano, prover as paróquias, regularizar a rotina dos conventos e, principalmente as escolas e casas de formação dos seus quadros. Muitos jovens nordestinos tiveram seus estudos

básicos assegurados, somente porque frequentaram escolas de primeiras letras ou mesmo o seminário franciscano. Outros tantos só tiveram uma profissão graças ao convívio com os franciscanos, mesmo que não tenham se tornado frades.

Na memória de alguns frades idosos ficaram as ideias de que a intensa e duradoura convivência com os franciscanos alemães (que aqui chegaram com a finalidade de restaurar a Província) com os “aspirantes”, “noviços” e “frades” do nordeste brasileiro, sob a orientação dos alemães, perpassou também por conflitos culturais. Os depoimentos mostram que predominou um tipo de convivência difícil para ambos os lados, porém, com benefícios que se apresentam em forma de disciplina, bagagem intelectual, postura, profissionalismo, conhecimentos agropecuários para os brasileiros, e em forma de uma rica e extensa experiência de alteridade cultural para os chegantes.

A Seção IV Intitulada Permanência e Memória dos Valores Pedagógicos dos Restauradores Alemães apresentou a memória dos frades brasileiros que tiveram experiências, direta ou indiretamente, com os primeiros frades alemães aqui chegados, com os que vieram posteriormente e com os brasileiros que foram alunos daqueles e, depois, tornaram-se, professores nas casas de formação franciscana na Província. O capítulo destacou quais foram as principais categorias educacionais decorrentes da cultura miscigenada nos seus processos formativos.

O confronto entre a proposta da formação franciscana e a realidade da formação da Província de Santo Antônio do Brasil se dá ao compararmos/analisarmos as categorias franciscanas e alemãs à luz da *Ratio Studiorum OFM*. A análise reafirmou o processo, as generalidades e as especificidades da formação dos frades menores da Província, tanto à luz das leis diretrizes da Ordem quanto a partir da vinda dos restauradores da Província Franciscana de Bardel, na Alemanha, além dos depoimentos rememorados, evidenciando as influências sofridas e a memória que os frades guardaram desse encontro de culturas radicalmente diferentes.

As conclusões parciais levam a crer na existência de uma íntima interação entre os frades brasileiros e alemães, envolvidos nesse processo, e a permanência de uma formação para a Ordem e para a vida em comum, na qual aparecem categorias advindas da concepção de educação do fundador, Francisco de Assis, perpetuada na memória dos franciscanos pelos documentos normativos da Ordem como a *Regra Bulada*, *As Constituições*, o regulamento de cada convento e, principalmente, pela *Ratio Studiorum OFM*, que regula especialmente a formação franciscana.

Além desses documentos oficiais observamos, por meio da memória escrita sobre a “Restauração” e por meio das entrevistas realizadas, a presença de categorias que podem ser tributadas inicialmente aos restauradores alemães, como é o caso da disciplina, ordem, meticulosidade, rigor, fidelidade, simplicidade, pontualidade, autenticidade, amor à verdade, exatidão, curiosidade, criatividade, habilidade, formalidade, persistência, produtividade, auto sustentação, empreendedorismo e conhecimentos profissionais próprias da cultura alemã. Tais categorias forma constantes em todas as entrevistas e, segundo os depoentes, logo nas primeiras turmas formadas pelos alemães foram incorporadas à educação informal da Província. Não foi à toa que Frei Hugo Fragoso foi elogiado na sua estadia romana, conforme ele narrou: “Em Roma quando eu cheguei para o pontifício, e no primeiro ano, tínhamos que elaborar uma pequena tese, eu fiz, então um daqueles professores lá admirou e disse: "Está se vendo que você foi educado pelos alemães, estou gostando da exatidão [...]”.

Tais atributos e habilidades, que foram os mais mencionados pelos depoentes, muitas vezes não eram aceitos de bom grado. Alguns brasileiros trazem até hoje alguma mágoa com o distanciamento, aparente brutalidade ou a “superioridade” dos alemães, e dos frades clérigos em relação aos frades leigos. Outros acham que a disciplina era muito dura, inclusive pela humilhação sofrida por causa de uma simples xícara quebrada involuntariamente. Outros, com seu bom humor, “tiravam de letra” o castigo, e sabotavam as regras para ir ao cinema.

Mas esses acontecimentos escapados já na idade avançada deixam entrever as dificuldades do relacionamento no dia a dia, na existência, de fato de um choque cultural, tão enfatizado por Frei Hugo Fragoso e na certeza de todos de que o carisma franciscano era o denominador comum que tornava possível essa convivência “estranha”, uma vez que o objetivo maior era o de difundir a mensagem franciscana: Paz e Bem.

Nenhum frade alemão foi entrevistado, mas as entrevistas concedidas pelos frades brasileiros e os documentos atestam que, para os alemães, as dificuldades foram muito grandes também. “Muitos eram jovens, que foram separados das suas famílias, muitos não suportaram o clima, muitos estranhavam as atitudes e os hábitos dos moradores, a língua era um empecilho e, prevalentemente, por ocasião da segunda guerra o preconceito contra os nazistas levava os brasileiros a desconfiarem de qualquer alemão, mesmo sendo frades, aparentemente brutos, mas com uma carcaça movida a mel”, conforme relatou Frei Marcos Almeida.

Cabe lembrar que a memória narrada mostrou o quão difícil foram os anos da restauração, mas mostra também a agregação de valor que a interferência alemã ocasionou à Província. Concluimos, finalmente com a afirmação entrevista na memória coletiva de que se

bem que a influência alemã tenha sido muito intensa, suscitando vocações e aspirações intelectuais, a pedagogia de Francisco sobrepujou e permitiu que o processo acontecesse sem maiores estranhamentos, uma vez que a missão era comum.

Como já foi afirmado no decorrer do texto, compreender esses franciscanos referidos como objeto de pesquisa foi, sobretudo, perceber que são sujeitos de Memória, historicamente constituídos sobre a base de determinações que lhe são exteriores, uma vez que são ao mesmo tempo sujeitos e objetos. Neste sentido, ouvir os seus discursos significou identificar quais as vozes que eles representam, verificando quais são suas concepções pedagógicas e da formação franciscana e o que eles perpassam como modelo de formação para os demais do grupo analisado.

Duvignaud (apud HALBWACHS, 2013) afirma que religiões, atitudes políticas, e organizações administrativas carregam consigo dimensões temporais (“históricas”) que são outras tantas projeções voltadas para o passado ou para o futuro e correspondem aos dinamismos mais ou menos intensos e acentuados dos conjuntos humanos. Nesse aspecto afirma ainda que as paredes e as cidades, as casas, as ruas as cidades ou paisagens rurais trazem uma marca efêmera da reciprocidade dessas construções. Foi o que aconteceu com a chegada dos alemães e com a “restauração” propriamente dita, uma vez que o tempo registrou as ações desses restauradores tanto no que diz respeito aos monumentos franciscanos quanto ao material humano que foram ambos renovados segundo os princípios do franciscanismo. Suas igrejas e conventos foram limpos e restaurados, os noviciados foram reativados e voltaram a receber postulantes e, aos poucos foi sendo revitalizada a Província, mas, sob uma nova direção.

A Formação dos Frades Menores no Convento de São Francisco na Bahia, principalmente do final do século XIX, até a metade do século XX, pode ser reconstituída tanto por documentos históricos como pela memória. A investigação se fez por meio de uma das abordagens teóricas da memória a partir da obra de Maurice Halbwachs: *A Memória Coletiva*, e é essa memória que permanece nas relações interfranciscanas, demarcadas por suas experiências vividas.

No decorrer da análise dessa pesquisa, percebemos que as categorias pedagógicas franciscanas, propriamente ditas, são as mais incorporadas na formação dos frades, uma vez que foram plasmadas na natureza da ordem, desde o seu início, em todas as nações e continentes, preservando a essência da regra de vida, instituída por Francisco de Assis.

Acreditamos que os resultados aqui apresentados contribuirão para elucidar a memória da Ordem, principalmente como ocorreu à interação cultural entre memória construída no

processo pedagógico, com base na formação pedagógica dos frades franciscanos e distâncias existentes entre o que a história relata e o que a memória apresenta. Além disso, são publicados também aspectos da formação religiosa e pedagógica dos franciscanos que, ao contrário da pedagogia jesuítica, usualmente não vêm a público, É nesta dimensão que se fundamenta a relevância desta pesquisa.

REFERÊNCIAS

AGOSTINHO (Bispo de Hipona). **A Instrução dos Catecúmenos**: Teoria e Prática da Catequese. (Trad.) M^a da Glória Novak. (Introd.) Pe. Hugo Paiva. (Prefácio) Almir Guimarães (OFM). Petrópolis: Vozes, 1984. (Fontes da Catequese, 7).

_____. **Confissões**. Trad. Maria Luiza Jardim Amarante e Antônio da Silveira Mendonça. São Paulo: Paulus, 1984. - (Coleção Patrística).

ALVES, Marcio Moreira. **A Igreja e a Política no Brasil**. Itapetininga SP: Brasilense, 1979.

BOEHNER, Philotheus; GILSON, Etienne. **História da Filosofia Cristã**. 8. ed. Petrópolis: Vozes, 2003.

BIERBAUM. Frei Athanasio. **O irmão leigo franciscano**: Apello aos jovens de boa vontade. Tradução por um religioso da mesma ordem. A Cruzada: Curitiba, 1931.

CAMBI, Franco. **História da pedagogia**. Tradução de Álvaro Lorencini. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1999.

CASIMIRO, Ana Palmira Bittencourt Santos. **Mentalidade e Estética na Bahia Colonial**: a Venerável Ordem Terceira de São Francisco de Assis e o Frontispício da sua Igreja. Salvador: Fundação Cultural do Estado da Bahia, 1996.

_____. **Economia cristã dos senhores no governo dos escravos**: uma proposta pedagógica jesuítica no Brasil colonial. 482f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós Graduação em Educação da UFBA. Salvador: UFBA, 2002.

_____. Evangelização, catequese e Educação no Brasil: uma perspectiva histórica. **Quaestio** (UNISO), v. 11, 2009.

DOCUMENTOS. **Código de Direito Canônico**. Trad. Conferência dos Bispos do Brasil. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

_____. **Regra e constituições gerais da Ordem dos Frades Menores**. Documentos - OFM – Nº 8 – São Paulo, 1988.

_____. **Ratio Studiorum** OFM <IN NOTITIA VERITATIS PROFICERE > (Leg. M 11,1). Promulgada no Definitório Geral da OFM presidido por Frei Giacomo Bini OFM, em 2001.

FIGUEIREDO, Dom Fernando Antônio. **Curso de Teologia Patrística III**: a vida da igreja primitiva (séculos IV e V). Petrópolis: Vozes, 1989.

FONTES FRANCISCANAS E CLARIANAS. **Apresentação**. Sérgio M. DAL MORO. Tradução Celso Marcio Teixeira et al. Petrópolis: Vozes, FFP, 2004.

FONTES FRANCISCANAS (FF). 2. ed. Petrópolis: Editora vozes, 2008.

FRAGOSO, Frei Hugo -, OFM, **Cadernos da Restauração da Província Santo Antônio do Brasil**. Nº de 1 a 3, Edição da Província Franciscana, Salvador-BA. Impressos nas escolas Salesianas, 1991, Salvador- BA.

FRAGOSO, Hugo (OFM). A Era Missionária (1686-1759). In: *História da Igreja na Amazônia*. Eduardo Hoornaert (Org.). Comissão de Estudos da Igreja na América Latina, CEHILA. Petrópolis: Vozes, 1992 a.

_____. Presença Franciscana no Brasil em Cinco Séculos de Evangelização. In: **Entre Memória e Utopia**. Primeiro Capítulo Nacional da Família Franciscana. Brasília: CEFEPAL, 1994. p.32-65.

_____. Sklaverei in Brasilien: Die Haltung der Orden in ein erumstrittenen Frage. In: **Conquista und Evangelisation**, Mainz: Matthias Grunewald – Verlag, 1992b. p. 167-200 (Capítulo traduzido para o Português, pelo próprio autor).

FRANCISCO. **Carta Encíclica**: Laudato Si' sobre o cuidado da casa comum: Documentos Pontifícios-22, Brasília: Edições CNBB, 2015.

FREYRE, Gilberto. **A Propósito de frades**. Salvador: Progresso, 1959.

GRADO GIOVANNI MERLO, Em nome de São Francisco. **História dos Frades Menores e do franciscanismo até inícios do século XVI**. Petrópolis: Vozes, 2005.

GOULART, Silvana. Posfácio. In CARVALHO, A. **Vale a pena sonhar**. São Paulo: Rocco, 1997.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. Trad. Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.

_____. **La Topografía legendaria de los Evangelios em Tierra Santa**: estúdio de memoria colectiva . Madrid: Centro de investigaciones Sociologicas: Agencia Estatal, Boletín Oficial del Estado, 2014 (Clasicos Del Pensamiento Social; 15).

HERVIEU-LÉGER, D; WILLAIME , Jean-Paul. **Sociologia e religião**: abordagens clássicas. Aparecida, SP: Ideias & Letras, 2009.

IRITARTE, Lázaro OFM Cap, **História Franciscana**. Petrópolis: Ed. Vozes, 1985.

KITCHEN, Martins. **História da Alemanha Moderna de 1800 aos dias de hoje**. Trad. Claudia Gerpe Duarte. – São Paulo: Cultrix, 2003.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas, Editora da Unicamp, 2013.

MARIANO D'ALATRI, I **Cappuccini Storia di uma Famiglia Francescana**, Roma: San Paolo, 1997.

MARTINO CONTI, **Estudos e Pesquisas sobre o Franciscanismo das origens**. Petrópolis: Vozes, 2004.

MERINO, José Antônio e FRESNEDA, F. M. **Manual de Teologia Franciscana**. Petrópolis: Vozes, 2005.

METTE, Norbert. **Pedagogia da religião**. Tradução de Rui Rothe Neves.– Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

OCHOA, Maurício Menjívar. Los estudios sobre la memoria y los usos Del pasado: perspectivas teóricas y metodológicas. Caderno de Ciencias Sociales 135. **Historia y Memoria: perspectivas teóricas y metodológicas**. Costa Rica: FLACSO, 2005.

PIERRARD, Pierre. **História da Igreja**. Tradução Álvaro Cunha. São Paulo: Edições Paulinas, 1992.

RIBEIRO. Darcy. **O Povo Brasileiro**. A formação e o sentido do Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 1995. (Segunda edição).

QUEIROZ, Maria Isaura, Pereira. **O Messianismo no Brasil e no Mundo**. São Paulo: Alfa Omega, 1977.

RICHARDSON, Roberto Jarry; PERES, José Augusto de Souza et al. **Pesquisa Social: Métodos e Técnicas**. São Paulo: Atlas, 1985. 267 p.

SANGENIS, Luiz Fernando **Conde: Gênese do pensamento único em educação: Franciscanismo e Jesuitismo na História da educação brasileira**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2006.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

Sá, C. P., & Castro, P. Sobre o campo de estudo da memória social: uma perspectiva psicossocial. **Psicol. Reflex. Crit.** vol.20 no.2 Porto Alegre 2007.

WILLEKE, Frei Venâncio OFM; MARCINISZYN, Frei Albano OFM. Inícios da Província da Imaculada Conceição (comemorando o tricentenário de sua ereção: 1675-1975). **Revista de História**. São Paulo, 1974, número 100, pp.293-314.

WILLEKE, Frei Venâncio OFM. **As Missões da Custódia de Santo Antônio: 1585/1619**. In: Província Franciscana de Santo Antônio do Brasil. 1657/1957. Recife. Provincialado Pernambucano, 1957. (Edição Comemorativa do Tricentenário).

_____. (Prefácio e Notas) **Livro dos Guardiões do Convento de São Francisco da Bahia (1587-1862)**. Rio de Janeiro, MEC/IPHAN, 1978, 130 p.

_____. Franciscanos no Brasil. In: **Revista de Cultura/Vozes**, número 5, 1975, ano 69 pp. 29-38.

_____. Senzalas de Conventos. **Revista do Instituto Histórico e Geográfico de São Paulo**. Vol. 27. São Paulo, 1976, p.355-356.

ZAGONEL, Frei Carlos albino. **Capuchinhos no Brasil**. Porto Alegre: Suliani Editografia Ltda., 2001.

ZAVALLONI, Roberto. **Pedagogia Franciscana: Desenvolvimento e Perspectivas**. Tradução: Frei Celso Mareio Teixeira OFM. Petrópolis: Vozes, 1999.

Literatura consultada

MENEZES, Albene Miriam F. A República e o Imperialismo. Presença Alemã na Restauração das Ordens Religiosas no Brasil. In: **Anais do Simpósio Europa Centro-Oriental e América Latina**. Rio de Janeiro; UERJ; INTERCON, 1996.

KLEMI, Albene Miriam F. Menezes. Apontamentos sobre as dimensões científicas e culturais nas relações Brasil-Alemanha. **Revista Grafia**. Vol. 9, enero-diciembre 2012, pp. 26-42.

SILVA, Marina Helena Chaves. **Vivendo com o outro: os alemães na Bahia no período da Segunda Guerra Mundial**. FFCH. Tese (Doutorado em História) – Programa de Pós-Graduação em História pela UFBA. Salvador: UFBA,,2007.

_____. Acordos Internacionais, mercado interno e cotidiano baiano. A crise nas relações teuto-brasileiras (1937-1945). **Textos de História**, vol. 16, n.2, 2008.

BARRETO, M.R.N. e ARAS, L.M.B. Salvador, cidade do mundo: da Alemanha para a Bahia. **História, Ciências e Saúde**. Vol. 10 (1): pp. 51-72, jan-abr, 2003

ANEXO A - Entrevistas: roteiros, questionários e transcrições

Roteiro de entrevista

1. Que lembrança você tem sobre o que lhe foi informado sobre o processo da Restauração da Província de Santo Antônio no Brasil pelos frades alemães?
2. Houve choque cultural? O que mais dificultou nesse aspecto?
3. Quais foram os frades alemães que lecionaram nos conventos?
4. Quem foram os frades contemporâneos ao Frei Hugo Fragoso?
5. Como foi a formação pedagógica interna no convento? Quais disciplinas que formavam a grade curricular?
6. Quais foram os aspectos mais relevantes de formação franciscana advinda dos frades alemães?
7. Quais contribuições culturais e pedagógicas que os franciscanos alemães trouxeram para o Brasil?
8. Nesse período qual era a função dos frades (irmãos não ordenados)?
9. Ainda permanece a vinda dos frades alemães para essa Província?
10. Qual memória remete à sua formação na atualidade, advinda dos frades foram seus mestres?

Questionário para os frades mais idosos

- 1- Quais as diferenças observadas entre as atitudes pedagógicas dos professores brasileiros e a dos alemães?

- 2- Quanto à avaliação (notas, provas, etc.). Você considera que eram semelhantes ou os alemães eram mais rigorosos?

- 3- E em relação aos castigos?

- 4- Ao reprimir, você notava diferença entre os professores alemães em relação aos brasileiros?

- 5- Fora da sala de aula (no refeitório, no capítulo e hora das orações) você notava diferença entre Alemães e Brasileiros?

Transcrições das entrevistas

Entrevista – 01

1. Nome civil: Luiz Fragoso Batista

2. Nome religioso: Frei Hugo Fragoso Batista

3. Cidade onde nasceu: Sítio do Riacho Verde - Região de Teixeira

4. Estado: Paraíba **Nacionalidade:** brasileiro

5. Idade: 89 anos

6. Alemão? Se sim, com qual idade veio ao Brasil? Não

7. Estado de vida religiosa:

Frade Ordenado (x

) Frade não Ordenado ()

8. Lugares dos Conventos em que morou:

Recife-PE(

) Fortaleza-CE() Olinda-PE(x) Paraíba- PB(x)

Salvador-BA(x) Lagoa Seca-PE

() Ipuarana- PE(x) Ipojuca-PE() Sirinhaém- PE() Cairu-BA() Aracaju- SE() Canindé-CE(

) Campina Grande-PB ()

9. Formação para a vida religiosa:

a) Aspirante - 1939

b) Noviço- 1945

c) Frade - 1946

d) Padre - 1951

10. Formação acadêmica:

Superior (x) Ensino Médio() Ensino Fundamental ()

11. Instituições e cursos realizados:

Curso fundamental - Lagoa Seca - João Pessoa

Curso de Filosofia - Seminário - Olinda

Curso de Teologia – Convento Santo Antonio - Salvador

Curso de Pós Graduação – Pontificia Universita Antonianum - Roma

12. Outros cursos:

Curso de espiritualidade

Especialização em História da Igreja

13. Observações:

- Sentiu a vontade de ser franciscano, no momento em que viu os missionários franciscanos passar pela sua terra. Dom Fragoso, seu irmão que se tornou bispo, foi seu exemplo de vida e de seguimento a vida religiosa;
- Ensinou muitos anos a disciplina a História da Igreja no Instituto de Teologia (Convento de Salvador);
- Ficou quatro anos em Portugal pesquisando na Torre do Tombo.

Professores que ensinaram no Convento São Francisco contemporâneo ao Frei Hugo:

- Frei Xavier – **Direito**
- Frei Jacinto – **Moral**
- Frei Pancrácio – **Sagrada Escritura**
- Frei Honório – **Teologia**
- Frei Hugo – **História da Igreja, Hebraico e Direito Canônico.**

“O Professor alemão era mais ditador (militar), o professor brasileiro era mais flexível” (fala de Frei Hugo Fragoso).

***Início da primeira gravação**

Frei Hugo -Em 1939 entrei no seminário em João Pessoa.

Paula - Coloca a data, né? 1939.

Frei - Entrei no seminário.

Paula - E o senhor foi frade... Ou melhor, noviço, em que ano?

Frei - 1945.

Paula - E frade?

Frei - Isso aí já foi frade. Fui ordenado sacerdote, congregação sacerdotal em 1951.

Paula - Quando o senhor foi aspirante, o senhor estudou em que instituição?

Frei - É um estudo mais de nível... Ginásio.

Paula - Você lembra a instituição?

Frei - Colégio Seráfico.

Paula - Onde foi?

Frei - João Pessoa e Lagoa Seca

Paula - Quando o senhor foi noviço, o senhor não estudou né?

Frei - Estuda espiritualidade

Paula - Onde foi?

Frei - Foi em Olinda.

Paula - Quando o senhor fez estudo universitário, foi em qual universidade?

Frei- Fiz foi em Roma, no Pontifício Ateneu Antoniano

Paula - E o curso que o senhor fez lá, frei?

Frei - Pós-graduação em Teologia, história da igreja.

Paula -Foi graduado em quê?

Frei - Teologia. Especialização história da Igreja

Paula -O senhor estudou Filosofia?

Frei-Estudei filosofia

Paula -Onde?

Frei - Em Olinda

Paula - Qual foi o colégio, ou foi no seminário mesmo?

Frei - No convento onde funcionava a faculdade de Filosofia.

Paula - No próprio convento de vocês né?

Frei - No próprio convento.

Paula - O senhor estudou Teologia lá mesmo também?

Frei -Foi na Faculdade Franciscana, aqui mesmo em Salvador.

Paula - Essa faculdade funcionava aqui no convento mesmo?

Frei- Aqui no convento.

Paula - O senhor fez outros cursos, Frei?

Frei - Não.

Paula - Só foram esses então. Alguma observação sobre isso?

Frei - Não.

Paula - Então vamos lá, essas perguntas são direcionadas ao senhor, especial pra o senhor. Queria que o senhor falasse um pouco de si mesmo, como foi sua ida ao seminário, é... Onde você estudou os estudos primários? Com que idade o senhor entrou no seminário? Como é que foi essa motivação de ir pro seminário?

Frei - Bem, surgiu em mim a vontade de ser franciscano desde menino, eu vendo os missionários franciscanos irem lá pra minha terra. Meu pai como minha mãe têm um testemunho da vida cristã extraordinário. Então nesse ambiente, meu pai e minha mãe... Segundo, antes de mim, entrou para o seminário o filho mais velho, Antônio, que será futuramente o Bispo Antônio Fragoso, igualmente, foi quem inspirou a gente a seguir o exemplo dele. Entrei então, no seminário em 1939, o seminário São Pedro Gonçalves, em João pessoa. Depois de três anos em João Pessoa, o seminário foi transferido pra Lagoa Seca, Ipuarana e Campina Grande.

Paula - Os estudos secundários que o senhor fez, foi onde?

Frei - Eu já disse, o estudo secundário foi em João Pessoa, Lagoa Seca, Ipuarana.

Paula - A sua formação teológica foi aqui no seminário, não foi isso?

Frei - Foi, Teológica foi em Salvador.

Paula - Tinham quantos frades nessa época, mais ou menos?

Frei - Não sei, mas o convento ficava cheio, os frades jovens... Tinha muito frade...

Paula - Era aqui dentro que funcionavam as salas de aula, né?

Frei-É.

Paula - O estudo de Roma, Frei, como foi o estudo que você fez?

Frei - Como eu já disse, fiz a pós-graduação em Teologia, especialização em história da Igreja.

Paula - Ficou quanto tempo em Roma, o senhor lembra?

Frei- Quatro anos em Roma e um em Portugal.

Paula - E nesse período o senhor tava buscando as fontes?

Frei -Sim, primeiro eu fui a Roma, aí estudei Teologia, de lá terminado isso fui para Portugal e fiquei um ano pesquisando uns arquivos principais, biblioteca nacional...

Paula - Quando o senhor volta ao Brasil, o senhor volta como professor? Quais instituições o senhor trabalhou?

Frei -Quando eu voltei, voltei para esse convento ensinar história da Igreja, faculdade aqui, logo depois surge o Instituto de Teologia, abrangendo tudo isso. Então passei a ensinar no Instituto de Teologia de Salvador.

***Fim da primeira gravação**

***Início da segunda gravação**

Paula - Agora vamos especificar. O senhor se auto avalia como influência sentida na convivência com os alemães? Como é que essa convivência do senhor se deu com esses alemães?

Frei - É claro que é um choque cultural, mas acima do choque cultural há uma comunhão de fé e vocação comum, que faz superar esse choque cultural.

Paula - O senhor tem mais alguma coisa a falar dessa influencia?

Frei - Os alemães seguem valores complementares pra nós brasileiros, exatidão, a ética profissional, então certas coisas eles não admitiam... Agora, por outro lado eles eram muito diferentes da gente, né? Mas a comunhão de vocação fez superar tudo isso.

Paula -O senhor concordava com o modo de ser dos alemães? Como era o trabalho deles, o senhor concordava com o jeito deles aqui no Brasil, no convento?

Frei -Naturalmente que a gente falava concordava, era o ambiente que a gente tinha de estudo, aquilo tudo, então eu não discutia muito, só posteriormente que a gente vai ver aquela situação... Então eu me adaptei à cultura dos alemães.

Paula - O senhor tem mais alguma coisa pra dizer sobre esse jeito deles? O senhor discordava de alguma coisa?

Frei -Era diferente, sabe? Mas era um tempo de realidade, a realidade era isso, eles lá e eu cá. É isso.

Paula - Mas você tinha essa sintonia da oração, da convivência? A linguagem não era difícil ou era um pouco mais complicada?

Frei -Eu tive sorte de pegar uns frades... Outros eram bem chocantes... A gente se conformava, e

chegava a conclusão de que eles são diferentes, não íamos discutir sobre isso, sobretudo quando você é aspirante, né? Mas... É isso.

Paula - Certo. Quais as diferenças observadas entre as atitudes pedagógicas dos professores brasileiros e dos professores alemães? O que você acha de diferente? Como eram os professores brasileiros e como eram os professores alemães? Qual a diferença que o senhor achava da pedagogia de ambos?

Frei - A diferença, mais do que de pedagogia, era estrutural, de estruturação de personalidade. Então... Os professores brasileiros... Os brasileiros eram formados pelos alemães, então... Eles saíam todos do mesmo foco, do mesmo local.

Paula - O senhor, quanto às avaliações, notas, provas, que eram feitos dentro dos conventos.. Você considera que eram semelhantes aos alemães ou eles eram mais rigorosos? Em um momento de avaliação dos frades, até mesmo nos cursos de Teologia, Filosofia... Era mais rigoroso ou eram iguais ao dos brasileiros?

Frei - Havia muita diferença de frade para frade, então tinham professores alemães que eram de formação bem retilínea e tinham outros alemães que eram a mesma coisa da gente. Então variava muito de pessoa pra pessoa.

Paula - Havia castigo nesse tempo?

Frei - Na escola não

Paula - E nos conventos?

Frei - Nos conventos, se a pessoa não se conformava, tirava. Ninguém era obrigado a ficar.

Paula - Então o castigo era tirar mesmo?

Frei - O castigo era simplesmente ser despachado, explicando que ali era um lugar para frade.

Paula - Entendi. Ao recriminarem, vocês percebiam diferença entre professores alemães em relação aos brasileiros? No momento de punir, de chamar atenção, da correção fraterna. Era diferente?

Frei - Como eu disse, os frades brasileiros tinham sido educados pelos alemães, eles tinham um laço em comum, e em grande parte, mudava de professor para professor, não se podia dizer muito "alemães", tinham professores que eram verdadeiros germânicos, como foi o Frei Adriano Hipólito, futuro Bispo, então era de uma formação germânica, que era como se fosse um alemão. Outros haviam diferença, a diferença era de pessoa para pessoa.

Paula - Interessante. Fora da sala de aula, num momento, né, na sala de aula dentro do convento, no refeitório na hora das refeições, o senhor percebia alguma diferença? Na convivência fraterna, no convento, na hora das refeições, ao sentar na mesa, essas coisas do cotidiano.

Frei - Havia os estatutos da província Santo Antônio, esse estatuto era um referencial para alemães e brasileiros, portanto, esse referencial unia franciscanos, brasileiros e alemães na mesma praxis.

Paula - O senhor tem... Vocês têm, aqui, esse estatuto no arquivo?

Frei - Deve ter, mas eu não...

Paula - Não sabe, né? Vou dar uma olhada. Tá... Então havia essa equidade de convivência pelo fato do estatuto que regia... Agora as outras perguntas são bem mais pontuais. Que lembranças o senhor tem sobre o processo da restauração da província Santo Antônio no Brasil pelos frades alemães? Quais

são as lembranças? O que o senhor lembra disso aí?

Frei - em lembranças boas, tem lembranças que não são muito boas... Mas as boas é que herdamos deles valores éticos, que serviu de laço para nosso procedimento. É isso.

***Fim da segunda gravação**

***Início da terceira gravação**

Paula - Quais eram as lembranças que não eram boas?

Frei - As que não eram boas era a diferença de temperamento, a diferença de tratamento, é... Mas isso era superado por uma espiritualidade e por um estatuto, como eu disse.

Paula - Em sua opinião, houve choque cultural? O senhor já falou, mas seria bom lembrar, o que mais dificultou nesse aspecto? Qual foi a dificuldade desse choque cultural?

Frei - A dificuldade, evidentemente é que quando há um choque, há uma dificuldade. Mas isso ajudou a crescer, a compreender que são diferentes, e a saber avaliar as diferenças.

Paula - Tem idéia de quais foram os frades alemães que lecionaram nos conventos? O senhor lembra o nome de alguns que foram professores?

Frei - No seminário foi Frei Adriano e Frei Silvério, brasileiros. Alemão foi Frei Paulo Klaiven Frei Geraldo **, Frei Ângelo**, depois na filosofia foi Cristóvão **, Frei Martinho **, na teologia foi Mariano ** Francisco Xavier **, Frei Pancrácio **, foram eles.

Paula - Quais foram os seus frades contemporâneos, que conviveram com o senhor? O senhor lembra assim?

Frei - Todos os que citei foram contemporâneos, agora, havia desnível de professor com aluno, mas morávamos no mesmo lugar como irmãos.

Paula - Frei, como foi a formação pedagógica interna do convento? Como foi essa formação de vocês? Quais eram as disciplinas dessa grade, se tinha grade curricular.

Frei - Muita coisa a gente só vem perceber depois, quando a gente tá convivendo com aquilo é uma realidade, tento me adequar uma vez que foi uma opção de vida. Faz esquecer qualquer atrito... Deus, com toda espiritualidade, quis colocá-la acima do estatuto, uma espiritualidade de Francisco de Assis, então era uma pedagogia que se baseava em Francisco de Assis.

Paula - Tinha alguma disciplina específica nesses estudos?

Frei - Era uma disciplina comum, como nos outros seminários.

Paula - Quais eram? Cita algumas.

Frei - Você diz disciplina no sentido de...?

Paula - De currículo mesmo

Frei - No momento eu não saberia dizer assim...

Paula - Quais foram os aspectos mais relevantes da formação franciscana vinda dos frades alemães? O que foi o mais importante vindo desses frades? Da Formação deles.

Frei - Eu achei que o valor ético. A exatidão, pontualidade.

Paula - Quais as contribuições culturais e pedagógicas que os franciscanos alemães trouxeram para o Brasil? Algumas contribuições culturais.

Frei -Olha, as reuniões de seis alunos, quase todo ano há reunião lá em Ipuarana de seis alunos, os que ficaram, todos eram unânimes e falaram isso: Ético. Uma linha pedagógica baseada no ético.

Paula - E a cultura deles? O que eles trouxeram de cultura para a Bahia, o Brasil? Além da ética, exatidão, que foram valores.

Frei -Esses valores que eu falei.

Paula - Certo. Nesse período, qual era a função dos frades? Os irmãos que eram ordenados e os que não eram ordenados.

Frei - Havia uma grande diferença de valores, a palavra "irmãos" veio chocante, porque significa inferioridade. Os padres tinham que viver como quem tá num degrau superior. E o leigo, por ser leigo, era inferior. Pensa aí? Fazia as coisas de ser leigo, porque tinha passado a idade, naquele tempo, de entrar no seminário para ser padre. Depois que o vaticano abriu as portas, eles foram fazer a Teologia e se ordenaram. Mas há uma grande diferença, relembro com tristeza a diferença de valorização deles.

Paula - Interessante. Ainda permanece a vinda dos frades alemães pra província?

Frei - O problema é que na Alemanha tá faltando frade, eles é que tão caçando.

Paula - Agora tem que fazer o contrário, ir do Brasil pra lá?

Frei - É.

Paula - Qual memória remete a sua formação, na atualidade, advinda dos frades como seus mestres? No momento que o senhor lembra, o que vem na cabeça, o que o senhor remete de mais importante desses frades que passaram pela vida do senhor como um Mestre?

Frei - O que vem são os valores éticos e o procedimento, assim, eu não sabia mais se era...

Paula - A sua formação assim, de exatidão, prontidão. O senhor recebeu esses valores deles também né?

Frei - Em Roma quando eu cheguei para o pontifício, e no primeiro ano tinha uma pequena tese, eu fiz, então um daqueles professores lá: "Está se vendo que você foi educado pelos alemães, tô gostando, a exatidão". Ele mesmo comentou.

Paula - O senhor se lembra se teve algum frade brasileiro que foi estudar na província alemã?

***Fim da terceira gravação**

***Início da quarta gravação**

Frei - Na década de 35 eles foram... Feliciano ***, mas no ano de 1935 o governo de Hitler fechou e eles vieram para o Brasil.

Paula - Mas teve algum frade brasileiro que foi estudar lá na Alemanha?

Frei - Foi, Feliciano ***

Paula - Alguns aspectos da educação que você teve, você discorda? Na sua memória você discorda ou discordava daquela formação?

Frei - Com o tempo a gente vai... É assim, eles são diferentes.

Paula -O que você concordava mais daquela formação?

Frei - Eu não tinha ainda capacidade de perceber, mas...

Paula - Assim, as perguntas já foram feitas... O senhor quer dizer mais alguma coisa, deixar algum

esclarecimento... Porque eu já estou na fase final da pesquisa, e as últimas etapas eram as entrevistas. Então o senhor quer deixar algum recado, algo assim que vá contribuir, que vá nos ajudar, tanto pra minha orientadora Ana Palmira, quanto pra mim que ainda estou iniciando a pesquisa.. Alguma coisa a dizer, algum aspecto relevante que não foi perguntado...

Frei - O que eu tinha a dizer é isso. A gente não percebia, assim, naquela idade era muito desatino ao Status Quo, porque eles têm um estatuto, uma espiritualidade, então isso fazia com que desaparecessem muitas diferenças culturais.

Paula - Frei eu tenho que muito agradecer ao senhor, por tudo. O senhor é um presente, essa pesquisa... E eu acredito que ela tá sendo desenvolvida justamente porque Ana Palmira e o senhor me ajudou a descobrir, vou terminar esse ano, eu espero que tenha sido um bom trabalho, vamos tentar fazer o melhor e ser o mais exato possível diante das informações. E o que aconteceu hoje não acabe, e venha pra memória da história da província franciscana... Que Deus abençoe, muito obrigada. Tem alguma recado, alguma coisa a dizer aos estudantes, porque eles vão ter acesso a essa pesquisa, pra Universidade, pros pesquisadores que venham estudar o franciscanismo posteriormente, o senhor como grande historiador, teólogo, professor dessa província. E também orientador de Ana Palmira, né? Então são muitas informações pra uma pessoa como o senhor. Tem alguma coisa a dizer aos futuros pesquisadores?

Frei - O franciscanismo é uma realidade profunda no meio da sociedade, e então, a pessoa que mais conhecia a espiritualidade... O Francisco está acima dos franciscanos, todos que estudam o elemento humano, os franciscanos e a espiritualidade. Sempre veja essa dualidade. Os franciscanos e Francisco de Assis. Francisco de Assis é mais, muito mais, que os franciscanos.

Paula - Como os franciscanos no início na história, não tiveram essa preocupação toda de escrever, como outras ordens, o quê que a gente tem que fazer, daqui pra frente, esses franciscanos que estão aí... O senhor acha que temos que pesquisar mais, ler mais... Ou o senhor acha que tá bom, é desse jeito?

Frei - Há uma lacuna que você deixou a entender, sobre a documentação... Comparando os franciscanos aos jesuítas. A gente vê que eles tiveram muito mais cuidado, agora... Assim como, não podemos deixar de seguir, de focar a pedagogia dos jesuítas, não podemos esquecer a pedagogia franciscana, e o conhecimento dela e a divulgação são importantes para seguir com valores. Valores que os franciscanos deixaram.

Paula - E pra os pesquisadores? O senhor deixa qual recado?

Frei - Tenha organização na documentação, nosso arquivo é muito vago. Falta uma organização, o frei Marcos, ele tá fazendo algo nesse sentido. Que você falou foi Marcos, não foi?

Paula - Falei ontem, muito bom. Foi seu aluno Frei Marcos?

Frei - Foi. A pequena tese no fim do curso foi trabalhando comigo, levou mais ou menos um mês, na província.

Paula - Frei, quero agradecer profundamente, em nome da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, em nome do nosso grupo de pesquisa, da professora Ana Palmira que tem muita admiração

pelo senhor. Eu também, tenho o maior privilégio, eu diria que sou uma das poucas na universidade com esse grande privilégio, muito obrigada, que Deus cuide do senhor, que te dê muitos anos de vida pra gente estar aprendendo cada vez mais. Então obrigada pela entrevista e eu espero que eu faça alguma coisa que o senhor venha a ler logo. Deixa algum recado para Ana Palmira?

Frei - Muito obrigado. A propaganda que ela faz, é uma admiração pessoal mas não corresponde totalmente à pessoa que sou.

Paula -Que modéstia, viu? Ela vai saber disso.

***Fim da quarta gravação.**

Entrevista - 02

1. Nome civil: Francisco Motta e Sá

2. Nome religioso: Frei Arnaldo Motta e Sá - OFM

3. Cidade onde nasceu: Quixadá

4. Estado: Ceará **Nacionalidade:** brasileiro

5. Idade: 85 anos

6. Alemão? Se sim, com qual idade veio ao Brasil? Não

7. Estado de vida religiosa:

Frade Ordenado (x) Frade

não Ordenado ()

8. Lugares dos Conventos em que morou:

Recife-PE(x) Fortaleza-CE(x) Olinda-PE(x) Paraíba- PB(x) Salvador-BA(x)

Lagoa Seca-PE() Ipuarana-PE() Ipojuca-PE() Sirinhaém- PE() Cairu-BA() Aracaju- SE(x)

Canindé-CE(x) Campina Grande-PB (x)

9. Formação para a vida religiosa:

a) Aspirante -

1943

b) Noviço- 1951

c) Frade - 1952

d) Padre - 1957

10. Formação acadêmica:

Superior (x) Ensino

Médio() Ensino Fundamental ()

11. Instituições e cursos realizados:

Seminário Menor 1º grau, Colégio Seráfico - Canindé

Curso fundamental 2º grau, Ipuarana

Curso de Filosofia – Seminário - Olinda

Curso de Teologia - Convento Santo Antonio – Salvador

12. Outros cursos:

Leitura dinâmica - Campina Grande

13. Observações:

Estudou e lecionou dois anos em Bardel na Alemanha

***Início da primeira gravação**

Paula - Bom frei, primeiramente eu queria agradecer ao senhor, por conceder essa entrevista, então vai ser muito útil a pesquisa. O nome do senhor?

Frei Arnaldo - Frei Arnaldo

Paula - de que?

Frei - Motta – dois “Ts” e Sá.

Paula - E Sá? O nome civil?

Frei - Francisco Motta e Sá

Paula - Cidade onde nasceu?

Frei - Por enquanto 85, por enquanto...

Paula - A cidade onde o senhor nasceu?

Frei - Quixadá, Ceará

Paula - A idade que o senhor tem?

Frei - 85, por enquanto.

Paula - Frei, a sua formação foi em nível superior, médio?

Frei - Quer dizer, todo padre é superior né? Todo padre é superior, porque todo padre é ordenado pra fazer teologia...

Paula - O senhor é irmão padre? Irmão padre... Frei padre

Freire - É. Frei padre

Paula - O senhor já morou em quais conventos? Em Recife?

Frei - Já morei.

Paula - Fortaleza?

Frei - Fortaleza

Paula - Ipuarana?

Frei - Estudei lá

Paula - Ipojuca?

Frei - E Ipojuca não

Paula - Olinda?

Frei - Sim, seis anos em Olinda

Paula - Serinhal?

Frei - Como?

Paula - Serinhal?

Frei - Serinhaém. Sim

Paula - Paraíba?

Frei - Também

Paula - Cairu

Frei - Cairu não.

Paula - Tem o convento de Salvador. Tem outro que o senhor já morou?

Frei - Tem sim, Aracaju, Canindé, Campina grande botou né?

Paula - É o verdadeiro retirante né?

Frei - É. Eu to com 58 anos de padre, andei muito já... mais de 50 anos... pároco né, mais de 50 anos fui pároco né.

Paula - O senhor fez aspirantado em que ano?

Frei - No tempo não tinha aspirantado não, era colégio seráfico, seminário.

Paula - Foi em que ano foi esse colégio?

Frei - Comecei, em 1900 e... Canindé... 1943, Canindé. Lá eu fiz cinco anos, depois Ipuarana, Paraíba né.

Paula - Cinco anos lá?

Frei - Não, em Canindé, quatro.

Paula - Então o senhor ficou de 43 a 47?

Frei - A 47. E de 47 a 51 em Ipuarana.

Paula - O senhor foi o que, noviço?

Frei - Não, curso superior ainda.

Paula - Quando o senhor se tornou frade? Foi em que ano?

Frei - Agora de lá eu fiz o noviciado em Serinhaém, 1951.

Paula - Ficou lá até quando?

Frei - Até... um ano só . Agora 52 em Olinda? Em Olinda. 52 até 53. Dois anos né, agora...

Paula - Quando foi professo?

Frei - Eu vim pra Salvador em 55...

Paula - Pra ser... já era professo?

Frei - Não, não, era só simples.

Paula - Então, o senhor fez sua primeira profissão quando?

Frei - Em 51. Agora em 52 a profissão , pra Olinda e depois 3 anos até a Bahia.

***Fim da primeira gravação**

***Início da segunda gravação**

Paula - Agradecendo a presença e obrigado pelo senhor estar concedendo essa entrevista, ela vai ser muito importante para a nossa formação e a Universidade vai agradecer muito que dê continuidade a História Franciscana. Como o senhor disse, fale um pouquinho da sua vida de seminário antes de começar a entrevista, aqui, dita.

Frei - Bem eu comecei minha vida aos 13 anos de idade né? Eu fui pra escola de Canindé, escola apostólica, lá estudei quatro anos né, em Canindé, comecei lá e fiz até o que naquele tempo era segundo ginásial, digamos assim né, por que hoje em dia mudou, que é primeiro e segundo grau. Então de lá eu fiquei em Canindé de 43 a 47, quatro anos. Então de Canindé eu fui pra Ipuarana, uma cidade maior, lá eu estudei 5 anos, de 47 até 51. Gostei demais, os professores competentes, os alemães né competentíssimos, doutores formados em grego, latim, o que eu sei é de Ipuarana francamente, toda a minha cultura eu devo a Ipuarana, não posso negar isso. Então terminando o curso de humanidades eu fui pra Serinhaém, 1951, aí a coisa mudou, já era franciscano, já era frade, aí a coisa mudou... Gostei demais mesmo, sempre os alemães os professores, só tinha alemão naquele tempo, brasileiro não... era só alemão, a revolta da província né, só uns poucos iam surgindo... então eu fui noviciado em 1951, professei em 1952, e naquela época a profissão era por 3 anos, somente. Depois de 3 vezes, virou fica ou sai, hoje em dia vai renovar até 9 anos, rapaz, a coisa mudou já, a coisa mudou também. Aí comecei a sentir bem na província viu, franciscano, o ideal de São Francisco, a simplicidade franciscana, gostei de mais. A gente, convive também no mundo né, a pastoral, não fica trancado no claustro não, por isso que eu gosto de franciscano. Depois eu fiz a filosofia em Olinda, dois anos em Olinda, também gostei demais, pois são competentes né... Um professor meu agora tá no Rio de Janeiro, era padre, deixou, casou-se né, Emanuel Carneiro Leão, capacidade louca, é pernambucano. Eu fui professor, quando ele saiu do convento foi fazer um vestibular, aí fez a metade da prova em grego né, aí o professor, ih, esse colega pescou tudinho, coisa nenhuma, ele sabia, ele foi nosso professor, um gênio né, é um gênio. Então eu voltando pra Salvador, no meu tempo de teologia, eu tava estudando aqui do convento, não tinha faculdade, tinha convento né, então eu estudei aqui quatro anos, aí me ordenei em 57 né...

Paula - E o Frei Hugo foi seu professor?

Foi meu professor, o Frei Hugo, agora na minha época, depois de ter sido...podia ordenado no terceiro ano de teologia né, hoje em dia não né, tem que ter os quatro anos completos, mas quem tivesse mais de 25 anos podia se ordenar, então eu peguei esse privilégio, me ordenei com 27 anos de idade, e depois me ordenei, estudei mais um ano aqui ainda, tinha uma parte simples, só podia pregar, sair pra fora, menos confessar, só criança né... Atender, claro que atendia né, mas não podia chamar ninguém,

bem interessante... Aí depois disso eu me ordenei em 57 e passei dois anos porque tinha um jornalista, nos tínhamos um jornal aqui na Bahia, Mensageiro da Fé, eu fui do Jornal dele da infância dois anos... e Frei Marcelino, O Mensageiro da Fé... aí comecei gostar de escrever, queria ser jornalista, mas me botaram pra ser pároco, aí pronto, aí eu não deixei, mas gostei. Aí pronto, é toda paroquial minha vida, eu me ordenei em 57, estou agora com 58 anos de padre, 58 esse ano completo, 21 de dezembro.

Paula - Quais as diferenças observadas entre as atitudes pedagógicas entre os professores brasileiros e os alemães?

Frei - Bem, o brasileiro é o nosso jeitinho brasileiro, mais acomodado, o alemão é mais rígido, a disciplina é muito rígida, em Canindé a disciplina era horrível, a pessoa se engraxasse levava tapa assim né... negócio duro, a gente passava por... valeu... mas era pra conseguir mais responsabilidade, o alemão é pontual demais, qualquer meio que tu vinha tinha diferença, tolerância acadêmica, eles chamam... mas no convento tinha alemão também bom, que não era assim, bravinho mais não né... outros pareciam os brasileiros.

Paula - O senhor lembra quanto às avaliações, notas, provas, você considera que era semelhante aos do Brasil. Por exemplo, o Frei Hugo foi seu professor, e o senhor tinha os professores alemães, havia diferença entre essas duas formas de avaliar

Frei - Sim. O Brasileiro explicava melhor, o brasileiro explicava melhor né, a didática era melhor, o alemão era mais sistemático, todo dia igualzinho, ditado e enfim, aquele negócio todo... parece que o brasileiro não, é mais maleável né... se bem que o alemão era profundo também, tinha doutor em grego, até piada a gente ouvia em grego, eu morrendo de rir, sem entender mas achar graça pra dizer que compreendi, faz mal não. É engraçado, gostei demais.

Paula - Em relação aos castigos. Tinha castigo?

Frei - Tinha, quando eu tava estudando não podia ir no cinema não, porque tudo de hábito, não podia usar a paisana não, então eu dava um jeitinho e entrava no cinema e fui pego lá dentro pelo mestre, aí e fiquei preso no convento, sem sair 15 dias. Aí quando saí fui de novo, mesma coisa.

Paula - Desobedeceu de novo.

Frei - É coisa da juventude, aventurazinha sadia não tinha problema nenhum.

Paula - Mas assim, algum castigo, se não fizesse atividade...

Frei - Não, tinha castigo não, o castigo era que na aula, expulsava a gente da classe né, ...quiser disciplina aí saía, pro claustro, ficava sentado lá, o castigo era isso né, mas não tinha assim, coisa de bater não, tinha não.

Paula - Ok. Ao reprimir o senhor notava diferença entre professores alemães em relação aos brasileiros. Por exemplo, no momento que tinha um Frade pra te punir, era diferente a punição dos alemães ou dos brasileiros?

Frei - O brasileiro quase não punia não, era tudo amizade, mais compreensivo, mas era igual, o reitor, o vice-reitor, mas não via muita diferença não.

Paula - Fora da sala de aula, no refeitório, na hora das orações, você notava diferença entre ambos, brasileiros e alemães?

Frei - O alemão quase não funcionava nessas horas, escolhia um aluno pra ser prefeito, tinha criança, pequeno, médio e grandes né, então ele que tomava conta da gente, é engraçado isso né... muito interessante, sistema né. Aí alguma coisa, anormalidade intermedia para o reitor, mas era o prefeito que tomava conta da gente, o Frade quase não tava bisolhando não.

Paula - Que lembrança o senhor tem sobre o processo de restauração da província Santo Antônio do Brasil?

Frei - A Lembrança que eu tenho é favorável, se não fosse os alemães, a província talvez nem existisse mais, isso é a gratidão que tem que ter aos alemães, né, gratidão profunda a eles, deixaram sua terra né... se bem que foi no tempo da guerra, uns escapados da guerra vieram pra cá, mas de qualquer maneira eu sou muito grato a eles, os alemães, muito grato mesmo, de qualquer maneira, pra você ver o esforço que eles tinham, pra deixar sua pátria, sua família né... para vir para o Nordeste...

sobretudo para o Ceará, que é um semiárido né, é um Estado bonito, bom, mas é seco e semiárido e o alemão vinha com aquele jeitão, do calor tremendo do Canindé, isso aí é positivo né... e a gente via que eles tinham interesse pelas vocações né, interessante.

Paula - Em sua opinião, houve choque cultural, o que mais dificultou nesse aspecto... o choque cultural houve?

Frei - Acho que não, teve coisa pequena né...

Paula - Da língua, comida?

Frei - É. Língua, de resto era mesma coisa, não via diferença não.

Paula - Quais os professores alemães que lecionaram no convento o senhor já colocou, quer falar deles novamente?

Frei - Bem, por exemplo, tinha um alemão em Ipuarana, Frei Vital, era um gênio né, ele falava inglês, francês, russo e ao mesmo tempo era desportista, fazia tudo... gigante, *** Frei Vital, grande, ele estudava francês, estudava alemão e ensinava inglês no colégio.

Paula - Teve outros que o senhor lembra, que tá na sua memória.

Frei - O Frei Tomás também era muito bom, Frei Tomás, reitor do convento em Ipuarana, boa ideia dele também, eu via o interesse que ele tinha pelo aluno... Frei Agostinho também, seu agostinho, uma gratidão profunda... um colega meu veio da cidade(...)

***Fim da segunda gravação**

***Início da terceira gravação**

Frei - (...) e era atrasado e o Frei Agostinho com toda a paciência, mandava ver hora extra pra ele não sair do convento, ele ficou até... uns 5 anos no convento, no colégio, depois saiu, e hoje em dia é um grande doutor, médico da marinha, graças ao Frei Agostinho né... e é alemão, por isso que eu digo da gratidão que a gente tem aos alemães, não pode negar. Tudo por influência franciscana.

Paula - Quem foram os frades contemporâneos ao Frei Hugo Fragoso, que foram os alemães...

Frei - Tinha o Frei Hugo, tinha Frei Herculano, Frei José Maria, Frei Canísio, era só brasileiro né... a coisa foi melhorando... e quem mais assim, podia dizer...

Paula - Os alemães...

Frei - Os alemães também tinha, no tempo deles... Frei Hugo, Frei Crisóstomo, Frei ...pera aí, fugiu o nome dele... Frei Donato e esses eram alemães. Eu passei dois anos na Alemanha né, gostei demais da Alemanha né, pra morar não quis não, só assim, a temporada né, fazia um curso, eu ensinei lá um ano e andei um ano lá, conheci a Alemanha todinha, que na Alemanha é diferente, lá o ano letivo começa em julho né e vai até o outro ano em julho, passei dois anos lá, gostei demais.

Paula - O senhor foi estudar ou dar aula?

Frei - Eu fui dar aula lá, ensinar português e religião no colégio.

Paula - Para os que eram candidatos pra vir pra cá?

Frei - Exatamente, vir pra cá. Português aos alemães e religião aos portugueses que estudavam lá no colégio de Bardel na Alemanha.

Paula - Frei, como foi a formação pedagógica interna do convento, como era essa formação, era uma formação formal ou informal... dentro do convento onde o senhor passou.

Frei - Mas você fala cultural ou de religião?

Paula - Não, assim... como era a sua formação do dia a dia, humana, cristã, dentro do convento, uma forma pedagógica que os frades ensinavam pra formar o frade.

Frei - Do convento religioso, era comunidade né, então ao sábado o reitor fazia uma prece pra gente, todo sábado, o mestre fazia né... mas era comum, era tudo normal.

Paula - E estudava dentro?

Frei - Estudava no convento tinha padre também de recreação, esporte, tudo tinha lá, sempre de hábito, não podia tirar o hábito não.

Paula - Não podia tirar o hábito, tudo antes do conselho do Vaticano II né?

Frei - É, hoje em dia não, agora é a paisana, o hábito não faz o monge né, até nesse ponto é engraçado... não é piada não, é um negocio serio pra mostrar como o hábito não faz o monge. Um colega meu me viu a paisana - ê, os padres hoje em dia à paisana pra namorar não sabem o que... falei, meu amigo, alguns padres se tirar o hábito não fica nada. O hábito não faz o monge não... essa foi boa né? Não fica nada se tirar. Se bem que a ordem franciscana me sinto bem na ordem franciscana, bem mesmo. To com 85 anos de idade né...

Paula - Quantos anos de vida religiosa?

Frei - 68 de vida religiosa, perafá... faça a conta aí, eu entrei em 51, 51...49...59, 63 anos de vida religiosa, e esse em 21 de dezembro eu completo 58 de padre.

Paula - Frei, aqui a outra pergunta, já pra ir, que o senhor está com pressa, quais os aspectos mais relevantes da formação franciscana advinda dos frades alemães, qual a formação mais importante que o senhor acha que veio dos frades, que eles trouxeram pra ensinar vocês?

Frei - Eu acho que a coisa mais importante é a simplicidade né, a humildade, imitando São Francisco, e sobretudo, assim, na comunidade ser um elemento de construção e não de reclamações, interessante isso, portanto a humildade e sobretudo a autenticidade, a pessoa ser coerente né. Isso o alemão ensinou a gente, caprichou muito nisto, a pessoa ser autêntico né. Então quando esses caras ficam bom no convento, na compreensão né, vai viver com o diferente, porque o convento é uma família né... Eu gosto de brincar, digo, aonde fizeram o zoológico, tem animal de todo jeito, cordeirinho manso, o leão, tem tudo no zoológico... agora ele vai conviver com o diferente.

Paula - Que contribuição cultural e pedagógica que esses franciscanos trouxeram para o Brasil.

Frei - A, foi grande cultural, sobretudo uns se dedicarem aos índios, fizeram até dicionário, tradução, outros escreveram livros, uma capacidade grande, os alemães capricharam nesse ponto... Historiador o Frei Venâncio, foi também com o Frei Hugo, historiador da província... se bem que nossa província do Norte aqui, Santo Antônio, não tem muita cultura com a do Sul não, a gente é mais popular sabe... ainda vai a pastoral, já o Sulista é mais assim acadêmico né, se doutorar, pós-graduação... e o franciscano é mais popular... terminou, ele dá mais valor a convivência.

Paula - O Que o frade alemão trouxe aqui pra Salvador relevante pra cidade?

Frei - Na década de 50, o Frei Hidelbrando foi um grande construtor, da praça social também naquele tempo né... ele construiu nove cinemas na Bahia, nove... e construiu também a casa de retiro de São Francisco, uma coisa linda, até hoje um dos cinemas é o santuário da Irmã Dulce, é o Cine Roma, foi lá que eu fui muitas vezes pro cinema escondido e fui pego, mas não faz mal não. Hoje em dia... é o santuário, uma coisa linda, vale a pena ver, tinha o memorial da Irmã Dulce. Então depois que a Irmã Dulce, foi devargazinho, fez o cinema, cuidando da parte social, o ambulatório, ela completou já cem anos de existência se fosse viva, então o maior milagre que ela fez lá foi transformar o galinheiro no maior escritório da Bahia. Começou no galinheiro, Irmã Dulce, pegando os pauzinhos da rua, aí hoje em dia tem o hospital Santo Antônio, uma coisa maravilhosa, o hospital grande, é um quarteirão todo, o pessoal colabora também. Combinar que ela é feita pra social, o Frei Hidelbrando fundou a Rádio Excelsior da Bahia.⁷⁸

Paula - Nesse período qual era a função dos Frades, irmãos não ordenados?

Frei - Era o seguinte, os irmãos não ordenados eram os irmãos leigos né, eles faziam a parte da culinária, havia carpintaria, serraria, trabalhos assim manuais né, alfaiataria, sapataria, faziam tudo no convento, auto suficientes quase.

Paula - Tinha alguma diferença entre o irmão leigo e o irmão...

Frei - Não, não, mesmo hábito, diferença nenhuma, só que o irmão leigo não se ordenava, não podia estudar teologia.

⁷⁸A Rádio Excelsior da Bahia S/A foi fundada em 02 de setembro de 1941, há 69 anos, pelo Frade Franciscano Hildebrando Kruthalp, de origem alemã. Em 05 de junho de 1942 foi autorizada a funcionar pelo Decreto Nº 9.603, do então Presidente da República Getúlio Vargas (fonte: <http://excelsior840.blogspot.com.br/p/nossa-emissora.html>).

Paula - Não tinha nenhuma discriminação interna?

Frei - Não, agora, era como se eles fossem empregados dos Frades né, agora a coisa mudou, agora não, é igual, o irmão leigo hoje em dia já pode estudar.

Paula - Não podia na época?

Frei - Não, naquele tempo não, por exemplo teve doutor na ordem que era Irmão Leigo. O irmão Marcos, doutor na França... hoje em dia não, o irmão leigo pode estudar e também o Clérigo tem uma liberdade, ele resolve se quer se ordenar ou quer permanecer leigo, ou quer a liberdade também.

Paula - Frei, ainda permanece a vida dos frades alemães no Brasil?

Frei - Não, agora a coisa mudou completamente, eu tive na Alemanha... tinha duas comunidades na Alemanha, dois conventos, Bardel e Mettingen, Bardel, convento imenso, três andares né... agora só tem 6 padres, seis somente... religiosos. Mettingen que tem o colégio imenso, agora só tem 2 padres, situação até difícil... agora tem uma coisa positiva, pensaram em entregar essa parte da Alemanha... a comunidade da Alemanha né, da província de lá... eles não querem não, querem pertencer ao Brasil.

***Fim da terceira gravação**

***Início da quarta gravação**

Frei -... Agora está numa situação difícil, talvez se forem numa casa só... talvez, porque as duas não podem conviver, que tem dois conventos e só com nove padres, não dá não.

Paula - Qual memória remete a sua formação na tua atualidade advinda dos frades alemães, a sua pratica hoje tem algum resquício dessa formação dos frades alemães.

Frei - Tem, fiquei mais pontual e sobretudo mais responsável, eu fui capelão militar também, aí lá é rígido demais.

Paula - Essa pergunta é até redundante. Algum frade brasileiro foi estudar na província? O senhor foi né?

Frei - Alemanha, fui.

Paula - Só o senhor foi ou mais frades daqui?

Frei - Diversos foram, diversos, Roma também, a Alemanha era mais pra ensinar no colégio.

Paula - Algum dos aspectos da sua formação o senhor discorda? Da formação que o senhor teve...

Frei - Não quero dizer discordar, quero dizer aprimorar né, por que eu considero o antigo testamento e o novo, antes do Concílio a gente tava no Antigo Testamento, agora tá no novo... no meu tempo de estudante não podia usar relógio de pulso, só de algibeira, hoje em dia a coisa mudou pra melhor. Depois andar a paisana também, grande mudança, a pessoa é o que é... segurança né, não é só por causa do hábito não, deve ser bom de todo jeito.

Paula - Finalizando aqui Frei, algum aspecto da sua formação o senhor concorda? O que você acha de positivo.

Frei - Como eu falei, no rigor né. O positivo é que a marca ficou de qualquer maneira né, a gente vê a parte de responsabilidade e depois poder aproveitar o tempo, eles caprichavam muito né, a pessoa ficar responsável e sobretudo quando tiver um cargo poder dar conta do recado, responsabilidade é importante, precisa aprender a segurança.

Paula - Frei, só finalizando a entrevista, eu quero de agradecer profundamente, as informações que o senhor tem nos dado vai nos ajudar muito na pesquisa, eu gostaria de pedir para o senhor fazer umas considerações finais, irrelevante da sua formação o que o senhor deixa como legado para esses pesquisadores sobre a história franciscana, sobre esse período da restauração. Porque o senhor foi também Frade, provindo dessa formação, o senhor veio dessa formação alemã.

Frei - Afinal, tem uma frase engraçada a respeito da idade da gente... eu tô com 85 anos, é um pouco hilariante mas é profunda. Até 80 anos Jesus te ama depois de 80 Jesus te chama, é interessante, então olhando o passado assim eu vejo minha vida, só tenho agradecer a Deus, não tenho nada de negativo não. Têm esses problemas, assim essas limitações humanas né, mas me sinto bem na ordem franciscana, me sinto bem vivendo a educação dos alemães e também dos brasileiros, não tenho nada a reclamar, só de agradecer a Deus.

Paula - O que fica guardado na memória e o que permanece?

Frei - Na memória mesmo, a responsabilidade e sobretudo a simplicidade franciscana, isso é a marca maior, a humildade da gente, por mais que a pessoa saiba é sempre bom ser humilde. E pra terminar, aquela combatividade do alemão, lutar sem desanimar, essa mensagem fica também, porque o alemão é combativo né... a gente vê no futebol, as vezes tá perdendo, dão a volta e ganham. Aí pra terminar com uma frase bonita pra você, aliás duas, a vida do cearense... falar como cearense agora... a vida é como uma rapadura, é doce mas é dura, depois, a vida só é dura pra quem é mole e terminando ainda, a vida é pra quem topa qualquer parada e não pra quem para em qualquer topada. Muito obrigado a você Paula, a sua entrevista, desculpe se não atendi o seu pedido mas a verdade é essa, muito bom, a história franciscana vale a pena viu? e, sobretudo o humor que deve ter, humor acerta, você não vai fazer humor num velório, não pode né? Mas assim pode.

Paula - Frei, muito obrigada, que honra.

Paula - Mas vocês tem um legado aqui muito grande da história franciscana

Frei – temos essa gratidão, pois eles se esforçaram e muitos ficaram... é tanto que os alemães quando vieram para o Brasil não quiseram voltar para Alemanha. Agradecemos os alemães por essa Restauração da Província, alguém permanece. Eles foram esforçados, deixaram a Pátria, a família para vir ao Brasil é muita coisa, assim temos essa lembrança boa de gratidão para com eles, ta bom?

Paula - Frei, muito obrigado Frei.

Frei – Disponha sempre, qualquer coisa disponha (...) e você vai conseguir viu?, o seu jeito de entrevistar eu gostei muito, você sugere as coisas direitinho, nem que não queira, responde direito. Obrigado Paula, parabéns e bom estudo pra você viu?

***Fim da quarta gravação**

Entrevista – 03

1. Nome civil: Marcos Antônio de Almeida

2. Nome religioso: Frei Marcos Antônio de Almeida

3. Cidade onde nasceu: Ribeirão

4. Estado: Pernambuco **Nacionalidade:** brasileiro

5. Idade: 54 anos

6. Alemão? Se sim, com qual idade veio ao Brasil? Não

7. Estado de vida religiosa:

Frade Ordenado () Frade não Ordenado (x)

8. Lugares dos Conventos em que morou:

Recife-PE(x) Fortaleza-CE() Olinda-PE(x) Paraíba- PB() Salvador-BA(x)

Lagoa Seca-PE () Ipuarana- PE() Ipojuca-PE(x) Sirinhaém- PE() Cairu-BA()

Aracaju- SE() Canindé-CE() Campina Grande-PB()

9. Formação para a vida religiosa:

a)

Aspirante - 1979

b) Noviço - 1981

c) Frade - 1987

d) Padre - Não

10. Formação acadêmica:

Superior (x) Ensino Médio() Ensino Fundamental ()

11. Instituições e cursos realizados:

Colégio Olavo Bilac - Ensino Fundamental 3º ano do 2º grau - Marceió

Universidade Católica de Salvador - Curso de Teologia – Salvador

Mestrado em História –Paris

Doutorado em História – Paris

12. Outros cursos:**13. Observações:*****Início da primeira gravação**

Paula - Primeiramente Frei, eu quero agradecer demais o dispor do seu tempo para a realização dessa entrevista. Meu nome é Paul Ruas e sou formada em Pedagogia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia, especialista em gestão educacional e em coordenação pedagógica. Faço mestrado de memória e meu tema de pesquisa é a memória da formação pedagógica dos frades em Salvador - BA no contexto da restauração alemã. O período de recorte é de 1890 a 1910. É exatamente no início dessa restauração. Eu gostaria que o senhor falasse um pouco, se apresentasse e logo em seguida a gente faz as perguntas.

Frei Marcos - Tudo bem! Eu olho pra você ou pra câmera?

Paula - Vou posicioná-la aqui e você olha para os dois.

Frei -Paula. Eu sou Frei Marcos Antônio de Almeida, sou natural de Ribeirão. Saí criança de Ribeirão - PE e minha família se mudou toda pra Recife e em Recife me criei. Comecei a trabalhar com 13 anos de idade numa farmácia por traz de um convento franciscano. Foi ai esse contato com os frades que me levou a conhecer, trocar ideias, tirar dúvidas, conversar, conhecer São Francisco, né? E a certa altura, eu pensei em conhecer a ordem franciscana. Não sabia nem pra onde ia. Na época eu estava com 17 anos, aí o Frei que me acompanhava disse que eu estudasse e trabalhasse e deixasse o resto pra depois... e foi o que eu fiz, mas chegou uma altura que o frade que me acompanhava sugeriu que, se eu quisesse, fazer o postulante no ano de 79. Eu estava terminando o segundo grau. Ai fui fazer isso em Maceió e comecei minha iniciação na vida franciscana em Maceió no postulante. Em 80 fui pra

o noviciado e em 81 fiz a primeira profissão. Vim morar em Salvador, cursei a Teologia aqui na Universidade Católica de Salvador e conheci, como você colocou, alguns frades que não são da época da restauração mas que eu diria que é de uma terceira geração ou uma quarta dessa restauração, que chegaram aqui por volta dos anos 40 e 50 e já estavam em final de carreira também, em idade. Alguns professores que também já estavam aposentados e exerciam ministérios de confissão, sacramentos de penitência, da conversa, do acolhimento e assim por diante; até mesmo pastoral. Frei Mariano Dickens, que já faleceu, ele na idade de 90 anos ainda estava trabalhando na periferia de Salvador, então eu conhecia esses frades assim...desse, que digamos, ainda respirava esse tempo de restauração.

Paula - Então vamos a para a primeira pergunta. Que lembranças você tem sobre o processo de restauração da província Santo Antônio no Brasil pelos frades alemães.

Frei -As lembranças elas são, digamos indiretas, porque é conversando com frades alemães ou frades brasileiros que foram formados nessa época nos anos 30, 40 e 50 que estavam vivos e eles comentavam sobre formação daquela época. Lembremos que era uma formação claustral, porque ainda não aconteceu o Vaticano II, o Concílio que abre as portas. Uma famosa frase do Papa João XXIII “Abrir as portas e janelas da Igreja”, que foi o concílio vaticano II. Portanto era uma formação “ad intra”, vivida pra dentro, evidentemente por engajamento social e religioso para a sociedade, porque os frades tinham atividades, digamos, culturais muito grandes. Tinham rádios, a Editora Mensageiros da Fé, que inclusive tem muita coisa a nível de educação lá dentro. Depois eu vou mostrar pra você algumas coisas. Depois você tem a Rádio Excelsior, além de uma grande atividade a nível paroquial e a nível missionário, essa é a lembrança que me ficou por que os frades sempre comentavam, sempre com aquela ideia de comparar o ontem e o hoje. “Hoje tá muito bom, porque ninguém tá preso”. Quer dizer, era um sentimento de prisão que na verdade era o que propunha a igreja para a vida claustral antes do Concílio Vaticano II.

Paula - Em sua opinião, houve choque cultural? O que mais dificultou nesse aspecto?

Frei -Você está perguntando só cultural meu com os alemães ou dos brasileiros com os alemães?

Paula - Brasileiros com alemães e o seu com os alemães.

Frei -Vamos começar pelo geral, dos brasileiros com os alemães certamente houve choque cultural, como todo encontro de cultura que acontece, mas o que ameniza esse choque cultural era a necessidade que esses brasileiros tinham de aprender, de estudar e conhecer. Então essa formação já se passava nos seminários menores que haviam, eram vários. Se tinham uma educação, que podemos chamar de erudita. Das línguas clássicas aos conhecimentos acadêmicos como história, geografia, filosofia, não ainda a Teologia, mas as artes de um modo geral, ciências humanas. Por outro lado, também o exercício, como diria a necessidade que os alemães manifestavam de ajudar aqueles brasileiros, crianças até, porque a idade era, se não me engano de 12 a 18 anos, de ajudá-los a se desenvolver fisicamente. Tinham um acompanhamento rigoroso de exercícios físicos. Beirando mesmo, se a gente pudesse, não sei se seria anacrônico, imaginar uma espécie de refazer o físico. Mas isso dentro de uma cultura em que todas as congregações faziam isso porque chegavam aqui no Brasil e encontravam uma sociedade de jovens com muitas lacunas, não só intelectual como também físicas.

Ainda mais que os alemães daqui dessa província, optaram talvez pelas circunstâncias de ter uma vida missionária muito acentuada, pelos rapazes do campo. Então havia uma espécie de recrutamento nas famílias católicas das áreas rurais, e evidentemente chegavam crus no sentido pleno da palavra e tinham que trabalhar do zero para reconstituir aquela juventude... Tem algumas fotografias do nosso arquivo em Recife, a gente se dá conta de que era desfigurada. Quando eu falo de juventude, falo de adolescência e beirando aos 18 anos. Então, claro que quem vem, vamos entender que a gente está lidando com um pessoal que está saindo de uma Alemanha crítica, entrando num pré-guerra de 1917 e que vai acompanhar até 1944/45 a Segunda Guerra Mundial, então é uma Alemanha também, tocada pela desfiguração, portanto, vai haver a meu ver uma espécie de empatia de lá pra cá pelo fato de que vivem ambas as sociedades, alemã e brasileira, realidade rural também. Os alemães eminentemente rurais que vem pra cá, então, esse é o drama desse encontro cultural entre brasileiros daqui do Nordeste, a mesma coisa se passaria no Sudeste e Sul, pois foram dois grupos, um ficou aqui na província Santo Antônio e outro foi pra Imaculada Conceição...

***Fim da primeira gravação**

***Início da segunda gravação**

Frei -(...) Portanto os choques culturais foram semelhantes, salvo que, o que concerne no Sudoeste e Sul você tem comunidades imigrantes alemãs, italianos que tem uma cultura europeia de técnica agrária que nós aqui tardamos a conquistar. Portanto, eu acho que essa semelhança em necessidades, o único diferencial que eu percebo é, que eram alemães que embora com situações críticas de guerra, de fome e de doenças, eram alemães que tinham uma formação cultural elevada e é isso que eles vão colocar a disposição dos brasileiros. E aí, esse recrutamento, ele vai acontecer na forma sistemática e daí vai vir também não apenas frades, mas também intelectuais, profissionais liberais como também o homem comum.

Paula - Tem ideia de quais foram os frades alemães que lecionaram nos conventos?

Frei -Centenas. Me desculpe falar assim, porque é vago. Mas é porque a província escolheu alguns conventos pontuais, como a casa de formação. A filosofia em Olinda e a Teologia em Salvador, mas havia também outros centros de formação que transitavam pela preparação pra ascender essa filosofia ou essa teologia. Eles tinham processos de digamos, percepção, de detectar que frade tinha aptidão, tinha inclinação para o conhecimento. E aí essas escolhas eram feitas por esse viés de sensibilidade, de olhar, de ver os interesses, de ver as práticas. O mundo franciscano não é um mundo do teórico, o que precede a teoria é a pratica. A teologia que anima o franciscanismo, desde a Idade Média, é a teologia prática. A teologia especulativa ficou sobre São Tomás de Aquino. E aí nós temos também, só para abrir um parênteses, as duas escolhas clássicas do conhecimento contemporâneo, que é uma fundamentada na práxis na pesquisa e tal e outra fundamentada na teoria e na especulação que é aquela que, grosso modo, que manifesta a teologia de São Tomás . A prática que vai sistematizar essa teologia prática franciscana é de Duns Scotus.

Paula - Eu o cito no meu trabalho.

Frei -Portanto, esses franciscanos, quase que automático Paula, a gente vai absorvendo as coisas sem se dar conta. Mas tem um detalhe, brasileiro é por excelência um homem pratico. Tanto é que, na colônia, abrindo outro parênteses...

Paula- Não tem problema, pode falar...

Frei -Minha cronologia é século 16 e 18 da história. Eu estudo os letrados do Brasil, particularmente pela PUC Bahia e o ponto de partida deles é, deles analisarem o Brasil é o homem pratico. Não é o homem pensador, não é o intelectual, é o homem prático que vai construindo um conhecimento a partir da pratica, pra depois dali elaborar um pensamento sobre aquilo, portanto, os franciscanos alemães que ficaram aqui nessa região, eles foram a meu ver, fundamentais para construir um grupo de brasileiros alimentados por essa experiência franciscana da prática, da vivência e etc.

Paula - Está dentro desse contexto, não está nesse questionário, mas uma pergunta que me instiga. Porque vieram tanto alemães de uma vez? Essa tanto de gente que vem da Alemanha.

Frei -Lembre-se que estamos finalizando o século XIX em 1890. A partir de meados do século XIX em torno em 1850/60 vai acontecer um grande movimento na Europa de um modo geral e particularmente animado pelo Vaticano, por Roma, que é o da humanização. Vai ser chamado de humanização. Essa humanização implicava em uma onda grandiosa de missão adestra, saindo da Europa. Não veio somente para a América Latina como foi para a África, Ásia, todos os continentes. No caso do Brasil, particularmente os alemães. No Brasil ao final do século XIX nós chegamos, 1890/92 as duas províncias chegaram a perder a maioria de seus conventos. Depois aqui ficou com 7 frades e a província do Rio de Janeiro estava com 1 frade. Portanto você entendeu que estava totalmente arruinado o projeto franciscano a beira da morte, agonizando, se pudesse criar essa metáfora. Foi quando a cúria geral lançou, pedindo socorro às províncias alemãs, holandesas sobretudo, mas também francesas que socorressem as províncias em seus respectivos continentes sem importar a procedência de origem. Então como na Alemanha tinha muitos frades. A Europa no século XIX é interessante, é uma Europa que está numa crise política muito grande, construindo suas identidades nacionais ao mesmo tempo com um lento processo de ateísmo antieclesiástico, mas que por sua vez alimentava a Igreja com muitas vocações, tanto masculinas como femininas. Dai que os alemães da província de Saxônia vão responder positivamente ao apelo da Cúria Geral e vai enviar em torno de... mas também com trâmites do ultimo provincial brasileiro Frei Camilo de Lelis que escreveu pra cúria e fez essa mediação, fez os pedidos de socorro, podemos por assim dizer, para que viessem frades socorrer. A cúria imaginou algo maior, que seria a situação dessas duas províncias. Então veio um grupo que ficou aqui (Salvador) e outro que ficou lá, foi pra Imaculada, não sem tensões porque os grupos que chegaram de alemães eles se dividiram por conta do clima. Uns não se deram bem com o clima quente do Nordeste, então foram pra Sudeste e Sul.

Paula - Santa Catarina né?

Frei -Não é Santa Catarina ainda porque as sedes eram em Rio de Janeiro e depois São Paulo. Mas eles foram se estendendo até Rio Grande do Sul, e me lembro depois, bem mais tarde se fundou a província de São Francisco de Assis do Rio Grande do Sul, mas bem mais tarde. Pois bem, e ai os

franciscanos que a ciência leva... é uma pena que, se você pudesse ir lá no arquivo do Recife, veria umas fotos de navios. Seu eu tivesse alguma foto até lhe cederia. Não sei se Frei Hugo tem aqui, porque tem os navios dos anos 30 e 40, é assim que me lembro de ter visto porque tá tendo o restauro do arquivo lá em Recife e eu estava vendo as fotos passando por elas e não pude nem tocar. Você vê o navio e os frades andando, aquele bando de frades, às vezes conversando. Numa naturalidade como se estivessem passeando. Mas estavam todos atravessando o atlântico para vir para cá. É muito interessante e houve uma animação tremenda porque a Alemanha viveu das missões nas três últimas décadas. Porque depois não vai ter mais. As opções vão diminuindo, as sociedades vão se laicizando, a Igreja vai também perdendo espaço na política. Veja, o Vaticano II, tira aquelas influências políticas...

***Fim da segunda gravação**

***Início da terceira gravação**

Frei -(...) Que se destina a pensar a política no meio do povo. São processos diferentes. Antes você tinha frades que estava com os políticos. A política entendida como atividade profissional. Agora os frades, depois do Concílio Vaticano II vai pra política que é as tentativas do povo buscando novas formas de viver na polis, na cidade. E aí você tem todo um discurso aí que pode ser também... Eu digo que tudo isso também são processos pedagógico.

Paula -Quem foram os frades contemporâneos ao Frei Hugo Fragoso?

Frei -Olha, contemporâneos do frei Hugo? Centenas eu diria de novo, com medo de ficar com essa generalidade, mas alemães, deixa eu dar uma olhada aqui. Teve muitos, tenho aqui o livro dos falecidos e dos vivos. Se você olhar as datas de quem morreu no tempo de Frei Hugo você vai encontrar muitos frades contemporâneos de Frei Hugo. Lucas Doll, por exemplo, alemão que morreu em Cairu e foi guardião daqui, morreu em 2013, contemporâneo a frei Hugo, morreu em um acidente de carro. Frei Oswaldo Leens, do tempo do frei, foi provincial, um grande homem, morreu em Olinda, eu o alcancei e cuidei dele na cama quando ele estava acamado, em 89, eu tava entrando. Você dá uma olhada aqui e será mais prático pra você.

Paula - Como foi a formação pedagógica interna no convento e a sua formação pedagógica?

Frei -Olha, aos franciscanos não existe uma forma ou uma única maneira. Você vai ter tempos que vão exigindo formas educação, maneiras de educação, a partir da evolução social, eclesial e política. Se você perguntar como era a formação desses jovens brasileiros que entraram na década de 30, 40 e 50. Eu diria que era aquela formação clássica de seminário menor, todo mundo fechado tendo suas aulas, convivendo lá dentro. Mas isso vocês já sabem, tem uma literatura vasta sobre isso.

Paula - São aulas informais ou formais?

Frei -A vida é dividida pelo tempo. O tempo claustral é manhã, começa com a oração da manhã, oração do meio dia, aí tem aulas, a tarde trabalhos intercalado com orações, oração a noite com momentos de fraternidade e conversa e tal, depois reza e dormir. Esse trabalho pode ser distribuído na alfaiataria, pode ser distribuído na mecânica, porque tudo se tinha dentro desses conventos de seminários. Agora se você me perguntar pós Vaticano II a coisa muda completamente, porque aí vai exigir outra estrutura de formação que é aquela que você não é mais guiado, ao menos a princípio,

pelo relógio da torre do convento, mas pelo relógio do comércio, pelo relógio das universidades onde os jovens vão começar a estudar. Essas adaptações, todas as instituições religiosas vão fazer isso. Agora, é claro que isso vai gerar uma tensão interna em função da desestabilização do tempo sagrado. Perceba, a gente vive sobre o tempo da Igreja e o tempo do mundo. O tempo do claustro é a oração, é o trabalho interno, são as necessidades internas. O tempo do mundo é o capital, é o consumo, é a venda e tal. E como os frades são mendicantes eles têm também de entrar nesse ritmo porque eles dependem das esmolas de fora, do mundo. O que não deixa de ser lógico e ao mesmo tempo tenso porque vai haver uma espécie de reação também a isso.

Paula - É uma categoria de que a gente estuda na memória que chama-se categoria tempo. Que os tempos que a gente vivencia determinadas experiências são diferentes do tempo que está lá fora, o tempo do mundo. Cada um tem o seu tempo, seu momento de vivências e isso aí é muito importante mesmo.

Frei - Agora veja, são tempos também que procuram se encontrar à medida que um depende do outro. Por exemplo, o tempo do mundo no Ocidente está extremamente ligado ao tempo da tradição judaico-cristã. Se você for olhar os outros mundos, islâmico, asiático, nessas outras religiões, budismo, confucionismo etc. eles também vivem nesse mesmo dilema e se adaptam. Agora o ocidente, o que é diferente da gente é que o Ocidente se tornou extremamente racionalista, então o tempo sagrado é aquele que foi definido e tal, eu não posso flexibilizar esse tempo sagrado enquanto você tem outras religiões flexibilizam a partir da disponibilidade de seus membros. Não é uma questão de juiz de valor, isso é bom e isso é ruim, é uma realidade cultural. Então eu diria que esses frades... não tem uma forma única de educação, mas acompanham todos os processos e mudanças sociopolíticas, econômicas e religiosas também.

Paula - E as disciplinas que formavam a grade curricular? Como era esse tempo de formação?

Frei - É bom distinguir as coisas. Curso formal havia, mas não pense num curso a luz dos cursos que o MEC autoriza hoje. Os cursos da academia começam receber esse olhar e essa conjugação de fatores para construir uma área de conhecimento, isso é muito tardiamente. A universidade mais nova do Brasil tem 70 anos. A faculdade mais antiga de Direito, Medicina. Medicina aqui na Bahia e Direito lá em Recife e São Paulo. Então a gente não pode pensar essa formação de, no caso conventual a luz dessa contemporaneidade que nós temos de sistematizar de forma a não, eu diria até bastante "rigorista" quando a flexibilidade de, ultimamente que está se questionando muito, e por isso tiveram essas reformas curriculares, mas eram cursos que tinham sua estrutura acadêmica, no sentido de acadêmico clássico que compunham de tais áreas, mais digamos no campo da filosofia, mais primordiais, que era a filosofia antiga, a filosofia moderna, como a gente distribui normalmente ainda, inclusive contemporânea e depois vem as questões sociais, no caso, séculos XIX e XX já começam a pensar a questão dos movimentos sindicalistas, todas essas instituições que vão surgindo a partir da nova ordem social onde o mundo do trabalho é o ponto de partida, mas aí você tem os frades se preparando nesse caminho de se munir de um conhecimento que possa dar conta de entender esse mundo de mudanças. (...)

***Fim da terceira gravação**

***Início da quarta gravação**

Frei -(...) No sentido de interpretar tudo isso à luz da fé ou à luz daquela teologia da época que era uma teologia fundamentalmente contra a maçonaria, contra o marxismo, contra os ateus, era de contra e pró igreja , pró instituições eclesiais, pró Roma. Havia um anti-romanismo tremendo na América Latina toda e o Brasil foi ainda muito flexível porque mesmo ainda para as republicas elas ficaram muito próximas da Igreja. Temos o México como exemplo que aniquilou completamente a Igreja e no Brasil houve de certa forma uma parceria de convivência. Em todo caso essa formação, eu diria antes do Vaticano II, amanhã vamos ver a biblioteca e as formação que tinha aqui, os títulos.

Paula- Quais foram os aspectos mais relevantes de formação franciscana advindo os frades alemães? Como que ficou essas memória dessa formação? Na sua formação.

Frei -Olha, os alemães forma muito referencias pra toda a província e à medida que esses frades forma morrendo, desaparecendo, eu mesmo me vejo com as influencias, como historiador, umas coisa muito forte que sempre apreciei é o rigor dos alemães quanto à objetividade. Isso vem tipicamente da Escola de Frankfurt. A filosofia positivista excessivamente racionalista, excessivamente pro documento, mas de qualquer forma é uma cultura que queria se livrar.

***Final da quarta gravação**

***Início da quinta gravação**

Frei -(...) Hoje me olhando tenho 35 anos de vida franciscana, é muito pouco, mas já é alguma coisa pra ver algumas marcas, Uma dessas seria esse rigor, não rigorismo, de tentar ver as coisas como elas são. Isso é ilusória evidentemente, mas nos permite buscar ferramentas para ter uma certeza relativa, suficiente para falar de algo que estou vendo, experimentado. Depois fidelidade. Os alemães tem uma característica no seu perfil psíquico que é fidelidade, eles são muito fieis são que se propõem. Isso me chamava atenção e eu comprovei. Se eles mantêm uma relação de amigo, fraterna com tudo que você pode imaginar de fidelidade a esse pacto de amizade e fraternidade. É claro que havia uma tensão em função do jeito de ser alemão. O pessoal chamava de bruto, mas não era bruto, é uma carcaça movida a mel. É evidente que tem exceção, mas são homens que vejo até hoje da mesma forma. Outra questão também é um amor, uma atenção especial pela cultura intelectual, não estou falando de banco de escola nem universidade não, mas no ato de conhecer, curiosidade, criatividade, tirar leite de pedra. Eles tinham uma habilidade, não é uma coisa de uma hora para outra, é algo que vai se construindo a partir de vários elementos. Não é algo mágico não, é acreditar que do nada se pode fazer alguma coisa, não sei como. Evidentemente, o mais especialista nisso é frei Hugo, minhas leituras na área da restauração são muito, digamos, lacunares. São leituras que passam pela curiosidade minha como franciscano, também como historiador, mas menos como historiador e mais como franciscano porque me aprofundo mais na colônia. De qualquer forma há uma continuidade. Mesmo na colônia com os portugueses tinham outras características, mas não estão longe porque existe uma espécie de alma franciscana que todas as instituições tem, mas os franciscanos é impressionante, acho que pelo fato do

poder de São Francisco de Assis isso fica mais forte, mais forte que na companhia de Jesus e Carmelitas. Não cite isso em sua tese, mas como franciscano é algo que logo alguém identifica. Deve ser franciscano esse aí.

Paula- Quais as contribuições culturais e pedagógicas que os franciscanos alemães trouxeram para o Brasil?

Frei -Eu diria que uma característica fundamental é o espírito de criar grupos de associações (...)

***Fim da quinta gravação**

***Início da sexta gravação**

Frei -Olha, contribuição cultural eu diria, entraria nesse campo de formação intelectual à medida que eles no setor de preparação de franciscanos: Seminário Maior, Seminário Menor, Presbiterado ou Irmão leigo ou então via às paróquias. Porque as paróquias franciscanas são outra pesquisa a parte, são centro de espaço de associações. Se na colônia haviam as irmandades, agora você nas paróquias do século XX vai ser o momento das associações a partir do trabalho, e eu não saberia dizer quais mas você vai ter o pessoal que trabalha em fábricas, as mulheres costureiras. Vai ter espaço para escolas de obras sociais que eram no campo agropecuário pra preparar as mulheres para se casar, ser dona de casa, saber costurar, saber cozinhar, canto, pintura. Descobrir aptidões se gera os grupos de aprendizados.

Paula - Isso a partir da vinda dos alemães?

Frei -Sim, você vai ter isso nas paróquias franciscanas a depender da paróquia, do local da paróquia. Na paróquia do interior vai ter outras demandas, uma paróquia urbana como Recife, como Salvador. Aqui em Salvador vai ser um centro de cultura, digamos, de música, de imprensa, com a mensageiros da Fé, que vai ser instalado onde tem as Casas Bahia aqui em baixo; rádio, e esses franciscanos alemães vão tendo também essa função de aglutinar, de atrair setores da sociedade onde eles estão. Lembre-se que ainda estamos numa sociedade fortemente marcada pelo catolicismo. Eu tava vendo ontem por acaso, um álbum de fotografias, tem encontro na casa de retiros de professoras, algumas áreas que a gente nem imagina, posso mostrar amanhã.

Paula - Nesse período qual era a função dos frades irmãos não ordenados?

Frei -Os franciscanos desde a Idade Média, com São Francisco ainda vai ter uma divisão clássica que já era dentro da tradição monástica beneditina e etc., que é os clérigos e não clérigos. No caso dos beneditinos os oblatos, mas Francisco vai chamá-los desde o início de irmãos, todos são irmãos. Posteriormente a Francisco vai começar a se distinguir em irmão leigo e irmão clérigo. Por um lado faz bem porque vai mostrar o irmão seu lugar qual é e por outro lado faz mal porque vai separar. Os irmãos leigos vão ser os que servem e clérigos vão ser os que são servidos. Isso vai permanecer até o Concílio Vaticano II. Evidentemente, historicamente você vai ter dentro do universo dessa instituição franciscana algumas exceções de irmãos leigos que tem uma projeção de individual a partir de algumas iniciativas particulares, de uns carismas pessoais como um dos mais famosos irmãos leigos: São Benedito, chamado o africano ou negro, que não tinha nada de negro porque era um africano da África do Norte. Era uma pessoa de pele morena como é o pessoal do Marrocos, parda como nós. Mas

a cultura, os africanos se depararam com a escravidão o fizeram negro e seu protetor, e fizeram muito bem porque a santidade independente da cor, independente do cabelo ou sei lá o que. Você tem assim esses franciscanos alemães, como uma de suas contribuições, que foram incentivar esses grupos periféricos porque eles estavam situados predominantemente em paróquias rurais ou em periferias, na cidade, em construir associações. Acho que isso foi um legado que ajudou muito as comunidades a se construir seus bairros e o irmãos leigos ficam como serventes, servidores. Isso vai mudar no Concílio Vaticano II, sobretudo nos anos 70 quando os irmãos leigos começam aspirarem ao sacerdócio que, até então, estavam impedidos por uma série de circunstâncias que iam mudar desde a falta de formação intelectual, procedência econômica, a questão da cor e assim por diante. Outros irmãos leigos optaram por profissões. Muitos entraram nas universidades pra Engenharia Florestal, nas temáticas das Ciências Sociais. Ainda estão todos vivos graças a Deus. São brasileiros. Quando eu entrei em 80, eu queria ser padre, porque era o único modelo que nos foi apresentado.

***Fim da sexta gravação**

***Início da sétima gravação**

Frei -(...) Retornando a questão do Irmão leigo, quando eu terminei a Teologia, fiz minha monografia sobre esse tema, só que eu peguei a partir de... Teve um provincial alemão que faleceu a pouco tempo, dois meses, Frei Serafim Prime, com 104 anos, tinha voltado pra Alemanha. Em 1957 ele convocou os irmãos, antes do Concílio Vaticano II. Convocou os irmãos a se reunirem pra falar de suas necessidades, desafios e tal; a partir desse congresso saiu um documento que até hoje é uma referencia. Nesse documento se pede uma igualdade não só o desnível interno, da fraternidade conventual, mas também dos direitos, das obrigações etc. Fiz minha monografia de final de curso porque esse irmão leigo muda de comportamento, sua percepção sobre si próprio e a instituição começa a vê-lo diferente a partir daí. Esse percurso vai ser longo, porque quando eu entrei, por exemplo, em torno de 80, eu entrei pra ser padre, mas quando que eu entrei que soube que tinha outra forma de vida, que era o de irmãos, eu comecei a conhecer e havia um encontro que nascera nesse primeiro de 1957 que todos os irmãos leigos começaram a se reunir todos os anos. Quando eu cheguei a ir nesses encontros e até hoje há; e ai quando você ia participar, eram os frades mais velhos evidentemente, era uma verdadeira terapia de grupo porque só se falava do que se tinha passado, dos horrores que tinham vivido. E nos como éramos jovens, não tivemos conhecimento disso antes, ninguém nunca nos falou isso. A gente escutava alguns fragmentos, mas escutar dos sobreviventes é outra coisa, é um ponto de vista mais culto. Ai eu comecei a repensar minha vocação e comecei a ver que não tinha vocação pra ser padre, agora não me pergunte como porque eu também não sei. Isso foi se consolidando e realmente eu fiz a opção e contei a todo mundo o que eu queria ser e estou até hoje nessa vocação, é um estado de espírito você ser clérigo ou leigo. Agora assim, na Idade Média se chamava leigo quem era ignorante, iletrado e clérigo quem tinha estudado. Clérigo era aquele que participava de um saber de clérigos... de gente que... O conhecimento naquela época era sobre Teologia e Filosofia que era centralizado nas escolas catedrais. Então os leigos tinham de entrar nesse

grupo de clérigos pra aprender a ler, escrever, pensar. Por isso que eram os clérigos letrados... Aqui os ignorantes... os iletrados, mas aqui também tinham padres que não tiveram acesso a letras, e por isso chamavam baixo clero, o alto claro sendo intelectual e baixo claro ignorante. Eu digo a você que desse tempo quando eu entrei que eu conheci essa realidade foi confirmando mais ainda que era aquilo que eu queria ser, era muito polemico na época eu me lembro porque o pessoal pensava que era uma opção ideológica, porque no caso quem optava por ser irmão leigo era escolhendo o lado dos mais fracos, uma leitura marxista no fundo né... mas depois de um tempo foi esclarecendo né... pode ter uma explicação política, mas a explicação política fica de lado à medida que você não é só política, você também é espírito, você também é outras coisas, subjetivas, que nem sempre a gente pode explicar. Aí eu diria assim, que esse irmão leigo ele foi... mas isso foi uma situação vivida por todas as congregações, mesmo até pelas feiras que eram categoria de segunda, elas eram as muletas dos padres, do clérigo né, porque elas estavam a serviço para que o padre pudesse estudar, ler... era comum as congregações femininas serem de cozinheiras, era comum morar vizinha ao seminário para ser cozinheira, arrumadeira, lavadeira.

Paula - Ainda permanece a vinda dos frades alemães ao Brasil?

Frei - Não, não porque a Alemanha ta numa crise de assim... vocações, eu diria para a vida religiosa, a Europa de modo geral. Essas vocações para... vocação secular, os padres seculares estão mais ou menos normais, os movimentos de 20 anos pra cá, como é chamado de Vida...

Paula - Novas comunidades?

Frei - Tem um nomezinho bem específico de vida contemplativa... não, de vida... bom, essa sim tem chamado muitos jovens, porque tem alguns elementos que atraem, mas não é só aqui no Brasil, é em todo o Ocidente católico

Paula - Você acha esse movimento efêmero?

Frei - Não diria efêmero, mas tudo que é movimento tende a se transformar permanentemente, ele não permanece igual como ele nasceu, e por isso no movimento franciscano.

Paula - Qual a memória remete a sua formação na atualidade advinda dos frades, eles foram seus mestres?

Frei - Eu digo sempre, não quero assim, personificar ninguém, eu vejo a vida franciscana como conjunto e digo sempre, eu não seria o que eu sou se não fossem os franciscanos porque eu entrei jovem, 18 anos, já com 14/15 eu os via circulando lá pela farmácia onde trabalhava comprando remédio, se tem uma coisa que frade adora é ser doente, só via comprando sacos e sacos de remédio... eu não posso nem falar que já estou no mesmo caminho. Então, eles compravam medicamentos lá, eram muito simpáticos os frades alemães e brasileiros, por exemplo, quando eu via as coisas ficava pensando, mas quando eu falei ao frade que eu era curioso pra conhecer a vida dos franciscanos, aí ele disse assim... você não quer passar lá no convento não? Aí eu disse sim e ele quando é que você pode... eu posso tal dia, aí eu fui e fiquei com amizade com esse frade, Frei Reginaldo, Cearense, irmão, leigo, que era o responsável pela terra santa lá em Recife... e de uma simpatia, como todo Cearense, claro e foi com quem eu mantive regularmente meu contato, portanto, foi alguém que me

passou assim um franciscanismo light, alegre, embora eu tenha uma carga pernambucana né, uma carga meio...

Paula - Vindo dos frades alemães, que memória traz isso pra você?

Frei - Os frades alemães é aquilo que eu falei anteriormente, vendo minha realidade de encontro com os frades alemães que era num convento em Recife, que hoje está também numa crise tremenda por conta da falta de frades... mas os frades alemães eles também tinham frades qualificados, tinha músico, administrador, tinha tudo que você possa imaginar e tinham aqueles padres...

***Fim da sétima gravação**

***Início da oitava gravação**

Frei - (...) e tinha um lá que eu me lembro, famoso, Frei Romualdo, só não lembro o sobrenome dele agora, quando uma pessoa contava um pecado ele batia no pau dizendo: pecado, isso é pecado... e o pessoal adorava, porque ele saía tremulo, era aquele teatro... aí eu me lembro muito disso e por incrível que pareça era uns dos mais procurados pra confissão, aí tem o Frei Cecílio um alemão pequeno, de uma docilidade, de uma leveza, e era músico e tocava violino, a especialidade dele... e eu fui conhecendo as aptidões de cada um e isso vai entrando em você... foi entrando em mim e eu vendo que cada um tinha aptidões, nenhum fazia coisas iguais, podia até fazer mas com diferenças, acho que essa foi a lembrança que ficou.

Paula - Algum frade brasileiro foi estudar na Alemanha?

Frei - Vários

Paula - Cite alguns. Foi no colégio de Bardel?

Frei - Eram dois espaços, Bardel era um grande convento, e Metiggen que foi uma iniciativa de alemães que vieram pro Brasil e depois voltaram pra Alemanha e fundaram uma espécie de centro cultural Brasil-Alemanha e depois incluiu toda a América Latina, e hoje os frades estão lá dentro, moram juntos desse instituto, mas é um instituto que é gerenciado por leigos, mas é o estado quem assume.

Paula - Algum aspecto da formação que o senhor discorda?

Frei - Quando a gente entra, a gente não conhece muita coisa, à medida que a gente vai conhecendo vai se adequando ou não. Digamos assim Paula, eu tive certas facilidades pra me adequar porque eu vim de uma família do interior, aquela construção familiar pai e mãe, mas é a mãe quem é matrona, o pai gera economia, a mãe comanda.

Paula - O senhor é de onde?

Frei - Pernambuco. Aí, depois, meu pai faleceu, eu tava jovem, 13 anos, adolescente, foi quando eu comecei a trabalhar, e toda essa crise de quando desaparece o pai de família que é quem mantém uma economia, digamos assim, naquela época... embora minha mãe trabalhasse com meu pai, num trabalho informal... eles tinham um comércio onde eles nasceram, na feira, de peças, tudo que você imaginar, de torneira, peça de bicicleta, peça de carro tudo. Então eu fui criado numa família muito coordenada a ponto de eu saber quem eram minhas referências, meu pai, minha mãe, sabia quem tinha

lugar e quem não tinha, é difícil contar sobre isso porque é uma coisa muito subjetiva, mas eu gosto de falar, porque foi isso que eu trouxe, quando eu cheguei aos franciscanos eu nunca tive problemas de relação com autoridade, por exemplo. Eu dialogava, aí é diferente, eu poderia não aceitar, mas dialogava e dizia porque e tinha atitudes que revelavam posturas.

Paula - Pode dizer uma específica da qual o senhor não concordava?

Frei - Por exemplo eu nunca deixei ninguém escolher nada por mim.

Paula - Você não era reprimido por causa disso?

Frei - Não, podiam ter olhares transversais pra cima de mim, mas eu nunca me preocupei não, isso eu trago de casa, por que, veja bem, quando meu irmão mais velho chegou lá em casa, eu me lembro como se fosse hoje, falando de memória, meu irmão conversou com minha mãe... a gente longe né, pra não escutar conversa de adulto, aí eles vieram na sala, aí mamãe disse, Genarinho também irmão mais velho que eu dois anos, ele com 16 eu com 15. Aí mamãe disse: Marquinhos, Genarinho Fernando tá perguntando se vocês querem trabalhar? Aí eu disse, trabalhar como, aonde? Aí meu irmão contou que ele trabalhava numa farmácia e eu disse: Eu quero. Meu irmão disse também quero. Pronto, ta beleza, quer dizer, a pergunta vem, eu respondo, sou eu que decido, quer dizer isso, eu venho de uma tradição que... hoje que eu vejo isso dessa forma, porque eu cheguei assim nos franciscanos, porque na minha vida, na minha casa foi assim, tem isso... você quer? Quero. Se não quisesse, eu não iria.

Paula - Personalidade formada então, você não deixou que ninguém a moldasse?

Frei - Não, isso pra mim... é claro, hoje eu estou com 54 anos, hoje eu olho pro passado eu vejo que não tem nada demais que eu trouxe pros franciscanos que não tivesse sido na primeira família, foi fundamental, porque na minha vida franciscana, tudo que eu fiz dela, eu, Frei Marcos, fui eu que escolhi, se não deu certo, se eu fiz mal, responsabilidade minha. Agora, eu digo assim Paula, pra chegar a isso não venha com “blábláblá” não, eu digo pra eles, aí nisso os franciscanos pra mim foram uma luz, eu tenho uma prática, eu vou escrever tudo a partir dessa prática pra dizer a você, eu quero isso, você não tem como me dizer não. Então todos os meus projetos que eu apresentei como franciscano foi a partir de práticas, experiências.

Paula - Porque São Francisco tinha uma questão fundamental quando ele chama Antônio pra lecionar Teologia e eu acho que é uma das partes que mais me chama a atenção quando eu vou falar sobre o estudo franciscano é esse chamado de Antônio, você vai ensinar a sagrada Teologia, mas primeiro viva. Então não adianta a gente falar aquilo que a gente não vive, né.

Frei - Frei - Eu vou falar assim também, em pontos 50% por que eu também não sou flor que se cheire não viu, porque eu, sabe qual o meu apelido? Garnisé. Garnisé é aquele galinho pequeno, mas briguento. Porque quando eu tenho convicção Paula eu a peso com as consequências e depois assim, a vida religiosa é uma vida que exige uma comunhão de informações, claro, uma grande família, se não, tá em descontrolado. Quando chegava ao projeto toda minha formação intelectual veio de práticas mas quando chegava, eu decidi... a Teologia foram eles que me mandaram fazer, quis deixar, mas um provincial sábio falou: Marcos não deixe, termine que vai ser útil. Falei, ta bom. Fiz, mas quando eu quis... fiz o projeto de mestrado, aqui no Brasil, fiz em São Paulo, fiz o mestrado pra Paris, fiz

doutorado pra Paris, tudo ***, não é porque eu seja melhor que ninguém não, é porque eu monto um dossiê...

Paula -O senhor fez o mestrado onde?

Frei -Em Paris, quer dizer, fiz primeiro aqui em São Paulo, na Assunção ligado a Universidade de São Paulo e Gregoriana de Roma, mas depois eu fiz um mestrado laico, aí fiz na Federal de Pernambuco, aí abandonei lá por questões de academia, não tinha quem me acompanhasse como orientador, aí fui pra Paris, tive bolsa da CAPES, aí fiz o mestrado e doutorado em Paris. Aí quer dizer, só aconteceu isso porque eu cheguei com um dossiê que eles não tinham como dizerem não, entende? Mas assim eles também não ligam, porque eles querem que o frade avance...

***Fim da oitava gravação**

***Início da nona gravação**

Frei -(...) A, por que não deixaram, se não deixaram, verifique, digo pra os jovens, porque eu nunca deixe de... às vezes eu até fico com vergonha quando eu digo isso porque pergunto, que mérito tem isso se eu não encontrei, o que eu encontrei foi assim... Marcos faça dessa forma porque senão você não vai conseguir... mas isso a academia ensinou. Olha, quando eu pedi pra ir pra África pra ser missionário na África, passei 3 anos e meio, eu já fui avisando, conversando, quando eu fiz o pedido já tava tudo lá, aqui precisava também de frades, mas o que eu to falando é que eles não tinham como dizer não, entende? Aí quer dizer... a pergunta de novo pra ver se eu não me perdi.

Paula -Tem duas perguntas, elas são muito parecidas, os aspectos da formação que você discorda e que você concorda.

Frei -Uma coisa que é muito clássica do franciscanismo que eu concordo, é a liberdade e uma coisa que eu discordaria seria evidentemente o contrário, a imposição. As duas podem acontecer, mas a minha prática é de sempre quando vem uma imposição é sempre catar (recolher, pegar) e trazer pra um retorno pra que eu possa escolher livre, mesmo que eu responda aquela imposição.

Paula -Frei, estou gostando muito porque estou aprendendo muita coisa, mas assim, tem cinco perguntinhas que eram para os frades mais velhos, mas eu acredito que o senhor vai responder com categoria. É tranquilo... durante o período da sua formação quais diferenças observou entre as atitudes pedagógicas dos formadores dentro do convento, brasileiros e alemães. Teve algum mestre que era proveniente alemão, algum professor interno que dava formação?

Frei -Todos tiveram formação alemã, germânica, entretanto meus mestres foram todos brasileiros.

Paula -Mas eles eram alunos desses alemães?

Frei -Todos eles foram, o que eles eram... ó, tem meu mestre noviciado Cearense, que é maravilhoso, até hoje não esqueço, pra mim é referencial, foi meu mestre de noviciado.

Paula - Quem?

Frei -FreiAdemir, que por acaso tem o mesmo sobrenome do que eu.

Paula - Frei Hugo chegou a ser professor seu alguma vez?

Frei -Foi meu professor aqui, na Católica, foi meu professor de História da Igreja e foi quem acompanhou minha monografia de final do curso, da Teologia. Eu morei aqui um ano quando eu cheguei em 81, no início de 82 eu fui morar atrás da rodoviária aqui de Saramandaia, minha formação foi toda lá

Paula - Tinha convento lá?

Frei -Não, uma pequena fraternidade, explico o que é... assim, a pedagogia... eu sou de uma geração dos anos 70/80 que é a geração das pequenas fraternidades, pós Concílio segundo, onde os religiosos iam morar nas periferias.

Paula - Quanto à avaliação, o Senhor tinha, notas e provas, considera que era mais semelhante aos dos alemães, era mais rigoroso?

Frei -Não, aí não é do meu tempo.

Paula - Certo. Com relação a castigo também não era do seu tempo? Tinha castigo na sua formação?

Frei - Não tinha mais não, as punições eram diferentes, as punições na vida religiosa acompanham as punições da sociedade de modo geral, que passaram a mudar sua pedagogia de educação, não se bota mais de joelho no milho.

Paula - Mas dentro do convento tinha isso antigamente?

Frei -Tinha, se eu quebrasse um copo, uma xícara eu tinha que ir ao meio e pedir perdão a toda a comunidade por ter quebrado um copo. Mas é uma cultura onde você vai comprovar o que, que você é humilde, por mais simples que seja a transgressão... transgressão não, a falha, você tem que mostrar isso publicamente, pra revelar se você tem ou não humildade, e a humildade é inconcebível e você se expor, hoje seria constrangimento né, seria bullying. Agora, no meu tempo era assim, não tem punição digamos disso daqui, mas você se sente sobre a mira de observações, que podem vir de outras formas as punições, veladas.

Paula - E as observações são ocultas. Foucault entra aí, viu... pra entender toda essa situação.

Frei -Não é que houvesse deixado de haver punição, mas...

Paula - Ao recriminarem, você notava diferença entre esses professores que foram alunos de alemães em relação a brasileiros.

Frei -Não posso dizer nada porque não sou desse tempo.

Paula - E fora da sala de aula, no refeitório também, na hora da oração, você notava diferença entre alemães e brasileiros? Nessa convivência com esse frades você notava alguma diferença?

Frei -Tinha, veja bem, eu vou dizer o que eu presenciei, não na época dos alemães, digamos, naquele tempo tão passado. Na minha época eu já os alemães ficarem mais juntos, não se misturarem com os brasileiros, os irmãos ficarem nas pontas, isso tudo em função de uma cultura de longa data, mas nunca vi por exemplo... tinham brincadeiras que é natural, mas nunca vi...

Paula - Discriminação né?

Frei -Discriminação também podia passar velada, por que a gente também disfarça muito as coisas, eu era estudante, como estudante eu era quase nada, porque eu não correspondia aquele corpo... aqui se conhece, aqui a Casa da Bahia como era chamada, era por excelência top de linha... aí eu brincando

com os meninos, eu digo, agora só vem “quáquáquá”, esses fradinhos jovens “quáquáquá” pra cá, aí eles caem na risada. Porque aqui só vinha... era uma elite que tinha aqui, elite no sentido que você tinha professores, intelectuais, o pessoal produzia textos né, não era só, digamos...

Paula - Na hora das refeições o senhor falou sobre isso e nas horas das orações, era a mesma coisa?

Frei - Nas orações, depois do Concílio Vaticano II os irmãos sempre tiveram a vida à parte, também na oração, então eles eram orientados a rezar um pai nosso, 10 ave Marias, nas horas canônicas, enquanto os clérigos estavam rezando o breviário os irmãos estavam rezando o pai nosso ave Maria. Quando o Concílio Vaticano II, chegou todo mundo começou a rezar junto a partir do breviário, os irmãos mesmo que não tinham essa cultura letrada, mas sabia ler e escrever já traziam isso também de casa.

Paula - Bom frei, tem algumas outras observações?

Frei - Não, no que você tiver... anote meu email, outro esclarecimento, me passe um email e diga Frei Marcos, isso assim, assim, assim, o que o Senhor quis dizer com isso? Te mando um pequeno esclarecimento, porque talvez no vídeo ou na fala possa ser que fique alguma coisa não entendida...Eu queria te mostrar o seguinte que é um Manual, de 1940 ou é 50, que os alemães traduziram. Quero que você faça uma fotocópia que você leve para você a Xerox, muito cuidado, porque só tenho notícia desse, porque quero levar ele para arquivo nosso de Recife, foi até um frade que me deu, (mas não lembro aonde ele me deu)...você faz fotocópia por aqui nas, redondezas, muito cuidado com a chuva para não molhar, olhe você tenha to maior cuidado pelo amor de Deus, porque é uma espécie de tradução de um manual para a formação dos jovens do seminário menor, você vai ler você vai ficar impressionada, isso para Alemanha, para os alemães mesmos, que eles traduziram vendo que era necessário para o (...) As coisas assim pareciam que eles se viam também, aí traduziram para o português e implantaram em seminários menores, outra coisa amanhã vou te mostrar.

Entrevista – 04

1. Nome civil: José Edilson Mauricio dos Santos

2. Nome religioso: Frei José Dilson Mauricio dos Santos

3. Cidade onde nasceu: Penedo

4. Estado: Alagoas **Nacionalidade:** brasileiro

5. Idade: 29 anos

6. Alemão? Se sim, com qual idade veio ao Brasil? Não

7. Estado de vida religiosa:

Frade Ordenado ()

Frade não Ordenado (x)

8. Lugares dos Conventos em que morou:

Recife-PE(x) Fortaleza-CE() Olinda-PE(x) Paraíba- PB() Salvador-BA(x) Lagoa Seca-PE() Ipuarana- PE(x) Ipojuca-PE(x) Sirinhaém- PE() Cairu-BA() Aracaju- SE() Canindé-CE() Campina Grande-PB() Penedo Alagoas(x).

9. Formação para a vida religiosa:

a) Aspirante -

2007

b) Noviço- 2009

c) Frade - 2010

d) Padre - ainda não

10. Formação acadêmica:

Superior () Ensino Médio(x) Ensino Fundamental ()

11. Instituições e cursos realizados:

Curso fundamental I e II – Colégio Estadual Padre Manoel Vieira, Penedo –Alagoas.

Curso de Filosofia - Instituto Salesiano de Filosofia - Recife

Curso de Teologia – Faculdade São Bento – Salvador

12. Outros cursos:

Missão sem fronteiras: Amazona com Suriname

12. Observações:

O entrevistado está estudando para ser Frade Ordenado.

Início da primeira gravação*Paula** - Voltando ao questionário da entrevista, é.. Como frade, né? Ainda não professo definitivo, né?**Frei José Edilson** - É, não sou solene.**Paula** - Se apresente, por favor, depois eu faço as perguntas.**Frei** - Paz e bem à todos... Meu nome é Frei José Dilson, sou natural de Penedos, Alagoas. Sou ribeirinho do Rio São Francisco. No ano de 2008 entrei no postulante em Penedo, Alagoas, no ano de 2009 entrei no noviciado na Paraíba em Lagoa Seca, município de Campina Grande e depois, em 2010, professei meus primeiros votos e fui morar em Recife para estudar a filosofia no Instituto Salesiano.**Paula** - Certo.**Frei** - E passei em Recife o ano de 2010, 2011 e 2012 fui para Olinda, 2012 ou 2013... Para terminar os estudos de filosofia.**Paula** - Durante esse período de formação, que lembranças foram passadas para você sobre o processo da restauração da província Santo Antônio, no Brasil, pelos frades alemães?

Frei - É... No contato com os frades idosos, eles comentam que partilham, né, a questão da formação alemã, de ter sido uma formação rigorosa, de rigor, de disciplina, de implantação de uma cultura posta por eles na busca de disciplina, de trazer cultura e intelectualismo, né, de implantar um estilo próprio da cabeça deles, né. Mas traz uma recordação boa também, tendo um pano de fundo é. De rigorosidade, mas existe também umas lembranças de formação enquanto cultura mesmo: musical, intelectual. Oportunidades que surgiram de estudo e aprofundamento, né? E os frades recordam com muito carinho dos alemães na Ipuarana, é o nosso convento em Lagoa Seca, na Paraíba. A formação que era os estudos teológicos, aqui também o estudo de teologia, os professores. Recordam com muito respeito, né? É claro que tem todo um processo de formação que temos, a trancos e barrancos, fizeram a sua história.

Paula - Em sua opinião, ou o que foi passado pra você, houve choque cultural? O que mais dificultou nesse aspecto entre alemães e os frades brasileiros?

Frei - Bom, o que me contam os frades idosos, é a questão mesmo da língua, né? Havia uma predominância de alemães aqui na Bahia, e houve esse choque por parte dos brasileiros, acredito que dos alemães também, mas eles não deram o braço a torcer, eles eram maioria então mandavam no terreno. Mas a questão cultural, linguística, a língua oficial pra eles no convento aqui no Brasil, em Salvador, era a língua alemã, eles se comunicavam em alemão e isso impossibilitava a comunicação e convivência com os frades brasileiros, principalmente com os irmãos leigos. E outras questões eu não ousou me aprofundar porque, em si, os frades não entram em outros assuntos, acredito eu que seja um pouco doloroso pra eles, porque mexe também com os sentimentos de cada um. Mas houve superação, né? Conquista também. Houve um processo dos alemães se "aculturarem" na nossa cultura, já no finalzinho mesmo da restauração, uma sensibilidade com a nossa cultura. É claro que não perdendo de vista que eles não queriam dar o braço a torcer, sempre estiveram num patamar elevado.

Paula - Certo. Você conviveu com alguns frades alemães? Teve algum professor seu?

Frei - Eu convivi em Recife, em 2010, com o Frei Humberto Brügger, ele já tem mais de 50 anos no Brasil, ele foi ecônomo da província, foi pároco em Ipojuca, foi pároco também em Lagoa Seca, e ele, o estilo dele, retrata o estilo alemão, que basicamente é. era, né? Eu acredito que assim. ele é sincero, é rigoroso com ele mesmo e muito disciplinado, autodisciplinado possa se dizer, com ele mesmo, e com o que tá em torno dele. A oração é do estilo que deve ser, ele ainda tem e mente a oração do estilo monástico, porque a vida religiosa que ele acompanhou é daquele estilo, ele tem em mente que nós jovens devemos continuar com esse estilo de vida, né? E do rigorismo mesmo, de ir ao refeitório bem vestido, assim, alinhado, de calça, não tá de bermuda ou veste imprópria do espaço, até porque só na sua cela bermuda ou coisa assim, mas no refeitório e nas orações deve estar bem vestido, bem aparentado.

Paula - Você conviveu e conheceu alguns Frades contemporâneos de Frei Hugo, acredito que é uma pergunta até imprópria pra esse momento, porque os Frades que estão aqui são contemporâneos. Alguns, né?

Frei - É, Frei Arnaldo que morou em Vereda** Cidade Alagoas, jornal do **

Paula - Que hoje é o guardião.

Frei - Não, Frei Arnaldo é o confrade da casa, ele é Capelão das Franciscanas Hospitaleiras, ele ocupou essa função que era de Frei Hugo, depois que Frei Hugo veio a ter problemas de saúde, então ele substituiu Frei Hugo na Capelania das Franciscanas Hospitaleiras, vindo de Penedo, no ano de 2012.

Paula - É. Como foi a formação pedagógica do Convento, interna, como é essa formação hoje? Como foi? Como você tá vendo? O que tem de memória dessa formação advinda dos alemães? Formação interna, pedagógica... Como é a pedagogia do que vocês aprendem pra ser Frade.

Frei - É, os nossos formadores têm a missão de dizer, de dar uma primeira informação pra gente assimilar o que é ser frade menor nesse contexto histórico, nessa vida franciscana aqui, no presente, hoje mas não esquecendo o passado, a história. É que nós devemos ser continuadores dessa história mas num contexto, numa vida simples, numa vida de missão e disciplina, responsabilidade, de estudo, a formação tem se preocupado com o estudo, com o estudo pra ele ser uma ferramenta na missão, na vida pastoral

Paula - Certo. Dentro do convento, já que tem um estudo, tem a grade curricular desse estudo? As disciplinas...

***Fim da primeira gravação**

***Início da segunda gravação**

Frei - No passado os frades estudavam aqui, no convento, a formação era interna.

Paula - Você tem a grade curricular?

Frei - Aqui, nesse período, não existiu grade curricular, não tinha essa noção de MEC, reconhecido pelo MEC, essas coisas todas... Eles foram formados e ordenados aqui. Hoje nós não temos uma bancada de professores pra suprir a necessidade e também a abertura do conselho vaticano, do estudo mais aprofundado, de reconhecimento pelo MEC, então, acredito que a formação que nós tivemos, que eles tiveram, serviu pra aquela época. Hoje nós estamos inseridos numa formação atualizada, atual, né?

Paula - Quais foram os aspectos mais relevantes da formação franciscana advinda dos Frades alemães? O que mais ficou dessa formação? Porque certamente os Frades que hoje foram mestres provavelmente foram alunos desses Frades alemães.

Frei - O que eu recordo, de saudosa memória, era de um confrade que tem uma importância muito grande na província, Frei Serafim, era alemão e morreu esse ano com 102 anos, ele foi provincial, nosso provincial. Ele abriu as portas para o estudo, para a possibilidade dos irmãos leigos poderem se aprofundar nos estudos. Abriu as portas a ponto de Frades irmãos hoje estarem formados, outros que tinham uma vocação presbiteral à oportunidade de se ordenar. Então esse alemão marcou nossa província, e tantos outros... Tem o Frei Martin na Paraíba, que ele marcou a nossa província.

Paula - Quais contribuições culturais e pedagógicas que os franciscanos alemães trouxeram para o Brasil. O que você recorda disso, o que os frades trouxeram de novo, que contribuiu pra cultura?

Frei - Os frades alemães trabalhavam muito na questão social, com freiras, com a implantação de

escolas educativas, de salão educativo que se transformava em capela ao mesmo tempo, né? Porque eles tinham a sensibilidade de formar a pessoa como cristã, né? E formar também a pessoa humana, profissional. Então tinham essas escolas de "profissionalismo", de corte e costura, de alfabetização mesmo. Existia uma sensibilidade dos alemães de ajudar essas pessoas, até porque tinham recursos pra isso.

Paula - Nesse período, qual era a função dos frades irmãos não ordenados?

Frei - O irmão leigo sempre teve o serviço de serviçal dos padres, né? Não só dos frades mas também do convento num todo, de manter o convento preservado, né? De manter o convento numa boa aparência. Então dentro do grupo de irmãos, tinha o irmão sapateiro, o irmão do galinheiro, da horta, alfaiates, eles trabalhavam com tudo e eram formados pra servir a província, o convento. Não existia funcionários. Tinha o irmão porteiro. Até porque não podia entrar mulher, né? Podia entrar homem, mas não tinha. A formação era justamente pra isso, pra cuidar da vida do cotidiano, da vida prática dos frades, e na maioria das vezes os irmãos sempre foram apoio auxiliar dos padres, porque existia um respeito aos irmãos, não digo subserviência, mas um serviço não tão agradável, mas é questão de hierarquia, imposição mesmo, né? Foi imposto. Por eles não terem estudos, eles tinham que servir os padres.

Paula - Qual memória remete a sua formação na atualidade, advinda dos frades que foram seus mestres?

Frei - Acredito que os frades hoje formadores exigem de nós uma disciplina claro, como a vida religiosa exige, e um interesse da gente sempre buscar formação pra poder se qualificar enquanto frade, ter uma formação que possa dar base pra nós, viver bem o carisma e estar na sociedade. Integrado na sociedade.

Paula - Os alemães deixaram isso?

Frei - Não ser um alheio... É porque quando a gente fala da formação alemã, a gente fala de uma vida disciplinada, integrada na sociedade, na vida acadêmica, nos estudos. Até por que nossa província tem trabalhado na casa da Alemanha, os frades trabalham com educação. Então, se tem o referencial dos alemães como aqueles que trabalham para educar, para formar.

Paula - Como é que, é uma pergunta que nem tá aqui mas surgiu a curiosidade, mas como os alemães vem os frades brasileiros?

Frei - É difícil responder por que vai tratar de questões de cada um. cada um tem sua mentalidade de como conceber as pessoas, mas acredito eu que os alemães, não é que vejam a gente como coitadinhos, não é isso, mas nos vêem com possibilidade de conhecimento, porque isso nós provamos que temos, bagagem pra isso. Nós frades, alguns, já foram pra Alemanha e deram grande contribuição na língua, nos estudos, no aprofundamento lá, entre eles Frei Wellington Buarque, Frei Wellington Reis.

Paula - Seu Wellington é da sua província?

Frei - E Frei Amilton também passou por lá, e tantos outros deram um respaldo ao que se trata de brasileiros, da potencialidade que brasileiro têm. Acredito que os alemães vêem a gente com essa

bagagem, esse potencial, e vêm trazer oportunidades, né? A intenção é justamente enriquecer, dar oportunidade a nós frades jovens.

Paula - Algum Frade brasileiro foi estudar na Alemanha? Ainda há essa relação?

Frei – Há, sim...

***Fim da segunda gravação**

***Início da terceira gravação**

Frei -... Há uma abertura, o desejo que o frade tenha, expresse ao provincial. Com certeza ele tem. Frei Wellington Reis esteve na Alemanha há pouco tempo, trabalhando com Frei Beda, que Frei Beda tem uns projetos sociais no Brasil, então Frei Wellington é um apoio, ele esteve lá, domina a língua, e trabalha no possível com os frades alemães.

Paula - Nessa formação tem algum aspecto que você concorda? O que você concorda e o que você discorda?

Frei - Eu acredito que eu concordo com a preocupação "formativa", enquanto possibilidade de conhecimento, de aprofundamento do conhecimento, de compromisso com a vida religiosa e abertura ao mundo social, o mundo que tá aí fora, eu concordo. Agora, o que não concordo é esse rigorismo, essa auto cobrança de si, e dos outros, né? Acredito que a formação ela é particular, ela tem um direcionamento, uma meta, mas essa meta não deve ser rigorosa, deve ser aberta, ser partilhada, ouvida, deve ser contínua. Não uma formação estabelecida, moldada. Mas ela deve se deixar modelar, né? Processo. Acho que dialogar...

Paula - Só em nível de informação, tem idéia de quantos alemães ainda tem aqui no Brasil?

Frei - Eu não faço... Acredito eu que sete, oito frades alemães, na Paraíba nós temos dois frades alemães, em Campina Grande nós temos um frade alemão, em Triunfo nós temos outro frade alemão, temos Frei Walter Schreiber, na faixa de sete a oito frades alemães.

Paula - Alguma consideração? O que você gostaria de contribuir, considerações finais...

Frei - Falar da história franciscana é falar de São Francisco de Assis, é um homem que perpassa todos os muros da Igreja Católica, é um homem universal, que chega ao coração das pessoas com muita facilidade, então é gratificante pra mim, como frade, perceber que existem pessoas interessadas e apaixonadas por esse carisma, por essa pessoa São Francisco de Assis que deixou esse carisma tão presente, deixou como um dom dado à igreja, dado ao mundo, que a gente hoje pode usufruir desse carisma como um dom de Deus, da graça de Deus, então... É uma alegria em saber que tantas pessoas não deixam morrer a história do franciscanismo, não deixam morrer o espírito de São Francisco vivenciado pelos filhos dele, né? Pelos seguidores de São Francisco.

Paula - Ok, Frei José Dilson, né? Muito obrigada, sua contribuição vai nos ajudar muito na pesquisa, espero que eu seja fidedigna na hora de transcrever a entrevista, obrigada por ter deixado seus estudos, né? Trabalho da faculdade, essa hora da noite, capengando de sono... Mas muito obrigada, eu gostei muito. Vejo como um favor de irmão. Paz e bem. Algum recado aos nossos pesquisadores que estudam a história da igreja? Você que bate tanto com beneditino e franciscano.

Frei - História... Eu acho fantástico o modo que Frei, ele trata da história, né? No passado, no

presente, que faz memória de tantas coisas... Ele trata a história, ele faz uma leitura, uma introdução do que é a história, de uma memória não passada, de uma história não passada, mas de uma história que é presente.

Paula - Então é memória.

Frei - É memória, faz todo um... É lindo! Ele tem um livro que ele começa fazendo um estudo da história, não é história por história, uma coisa descartável, mas é algo concreto, é presente a história. Ela nunca é passada, ela é atuante. É lindo isso!

Paula - Então é memória, história ela tá estagnada. A gente retorna aos monumentos pra estudar. O que se vive é memória.

Frei - A questão que ele coloca quando ele fala de história, ele diz que a gente sempre se depara com aquilo que a gente diz que é passado, com aquela história atuando, entende?

Paula - Entendo, porém é... Essa atuação...

Frei - Então a gente vive na história, num mundo que é história

Paula - Mas o que sobrevive, o que faz viver, você olhar pro passado e reviver a experiência, o que você vive hoje, você acha que é uma memória ou uma história?

Frei - É uma história que se torna memória, tornada memória. Porque ela é lembrada e vivida. A gente não pode descartar... É uma história que é tornada memória, que é tornada vida. Ele não vê a história como uma questão morta.

Paula - Ao olhar aqui, esse claustro, o refeitório, que tantas pessoas passaram por aqui, e vocês hoje utilizando essa mesma prática... Não é uma memória? Porque está viva, presente, te traz uma emoção

Frei - É, muitas vezes a gente não sabe quem passou, porque foram muitas pessoas, mas a gente sabe que aqui tem história, que a gente tá dando continuidade pra essa história, não deixando morrer essa história.

Paula - É, essa é uma discussão bem longa, no curso de memória já é outra discussão. Eu diria que isso aqui é memória.

Frei - Não. A gente faz memória por estar aqui, entende? A gente não sabe, a gente não tem noção de quem fez essa história, mas que a gente vive essa história e faz memória agora dessa história.

Paula - Muito bom Frei, isso daí vai contribuir lá no grupo... pode ser uma discussão muito grande no grupo de pesquisa.

Frei - Não sou estudioso.

***Fim da terceira gravação**

Entrevista - 05

1. Nome civil: Sebastião Pereira

2. Nome religioso: Frei Casimiro Pereira

3. Cidade onde nasceu: Oliveira dos Campinhos - Santo Amaro

4. Estado: Bahia **Nacionalidade:** brasileiro

5. Idade: 82 anos

6. Alemão? Se sim, com qual idade veio ao Brasil? Não

7. Estado de vida religiosa:

Frade Ordenado (x) Frade não Ordenado ()

8. Lugares dos Conventos em que morou:

Recife-PE() Fortaleza-CE(x) Olinda-PE(x) Paraíba- PB(x) Salvador-BA(x) Lagoa
Seca-PE(x) Ipuarana- PE() Ipojuca-PE() Sirinhaém- PE(x) Cairu-BA() Aracaju- SE()
Canindé-CE() Campina Grande-PB ()

9. Formação para a vida religiosa:

a) Aspirante -

1958

b) Noviço- 1963

c) Frade - 1964

d) Padre - 1984

10. Formação acadêmica:

Superior (x) Ensino Médio() Ensino Fundamental ()

11. Instituições e cursos realizados:

Curso fundamental I e II – Convento de Ipuarana – Paraíba

Curso de Filosofia - Universidade Católica de Salvador – Salvador

Curso de Teologia – Instituto Teológico do Recife (ITER) - Recife

12. Outros cursos:

Curso de Alfaiataria

13. Observações:

- O entrevistado relatou que entrou no seminário aos 25 anos, teve que concluir os estudos no Seminário, pois morava na zona rural e não tinha condição de estudar. Sempre teve aspiração ao sacerdócio, porém percebia a exclusão por parte dos superiores por causa das dificuldades que tinha nos estudos, por isso, só após 26 anos de vida no Convento é que se tornou Padre, aos 51 anos de idade, antes disso trabalhava na alfaiataria do seminário, atividade atribuídas aos irmãos frades não ordenados.
- As disciplinas que cursava no Seminário de Ipuarana era Português, Religião, História da Sagrada Perfeição Cristã, Catecismo Maior, Matemática e Latim.

***Início da primeira gravação**

Paula -Frei, quais as contribuições pedagógicas e culturais que os franciscanos alemães trouxeram pro Brasil?

Paula -Frei, quais as contribuições pedagógicas que os franciscanos alemães trouxeram para a formação dos frades brasileiros?

Frei Casimiro -Não sei, uma das coisas, não sei se é pedagógica ou não, que a gente tinha na nossa formação era que cada Frade que chegava normalmente era inserido em determinada área de trabalho, tinha a carpintaria que os alemães trabalham muito bem, sapataria, alfaiataria, encadernação, padaria, mecânico, então cada candidato ia para determinado... também tinha o campo, que a gente cuidava do campo né... pra cortar banana ou plantar, não sei o que, e tinha horta também que a gente plantava muita verdura para abastecer o convento, o colégio e ainda nos fins de semana mandava essas cestas

de verdura, porque tinha uns quatro ou cinco médicos em Campina Grande, que eram vizinho a Ipuarana, que nos atendiam lá no convento, nunca cobraram um centavo sabe? Eles tinham um amor tão grande aos Frades, se precisava de uma cirurgia, qualquer coisa, era pegar o carro, chegar lá, eles atendiam na hora, precisamente na hora, então em retribuição a gente mandava toda semana, dia de sábado umas cestas com aquelas verduras sem agrotóxico, da horta. Porque os pães de lá eram mais ou menos desse tamanho, assim... que eram fabricados lá na padaria e o pessoal gostava muito do pão fabricado lá no convento, porque na mistura não tinha nada, então mandava pão e verdura tudo assim amarrado pra eles né, o médico e o dentista. O dentista geralmente quando ele atendia... tinha um gabinete lá no convento, ele vinha uma vez por semana atender, em outros casos a gente ia à clínica, nos hospitais, e acontece... que voltando àquilo que eu tinha dito, uma coisa que eu achei muito positivo é que cada Frade aprendia uma arte, carpintaria, padaria, sapataria, encadernação, mecânica e aprendia pra valer, porque o alemão é exigente né, basta dizer a você que lá na Alemanha uma pessoa não pode abrir uma casa pra fazer um cabeleireiro, uma coisa assim, se não tiver um diploma, qualquer trabalho, profissão que você queira exercer, acho que em toda a Europa, mas na Alemanha eles são muito rigorosos, você tem que ter o diploma, por isso as pessoas que vinham de lá... os frades né, todos eles eram formados em carpintaria, ou o que fosse... sapataria, não sei o que lá...então eles passavam aqui mesmo pra lá, de maneira que aqueles que deixaram, eu me lembro que tinha um aqui que estudou e morou aqui uma temporada, Frei Armando José, agora ele está numa cidade lá de Vitória do Espírito Santo, bem pertinho de Vitória do Espírito Santo... e quando ele deixou, ele terminou um curso de catequese aqui que nos fizemos, aí ele foi pra essa cidade, casou-se e foi trabalhar na Antártica ou foi na Brahma como carpinteiro, e ele tirou em primeiro lugar, ultrapassou o chefe da carpintaria... ele ficou como o súdito, mas ele trabalhava melhor do que o chefe, e depois... outros... a encadernação também lá era um espetáculo, tinham muitos livros que foram encadernados lá, porque os conventos mandavam livros para serem encadernados lá e bons mecânicos, todos que saíam aprendiam uma profissão, saíam de lá capacitados para exercer a sua profissão onde quer que fosse, fazer um trabalho bem feito. Infelizmente hoje em dia não tem mais, mas antigamente tinha em todas as casas, aqui mesmo tinha alfaiataria, carpintaria, sapataria, mecânica... mecânica eu acho que não tinha aqui não.

Paula -Qual era a função do Frade que não era ordenado?

Frei -Justamente, aprender arte e exercer essa função.

Paula -O trabalho manual?

Frei -Sim, sim.

Paula -Ainda permanece a vinda dos alemães, já foi dito que não né?

Frei - Não, a vocação lá quase que se acabaram.

Paula -Qual memória remete a sua formação na atualidade vinda desses frades, o que o senhor pegou de prática pra si. Assim, quando o senhor lembra-se dessa formação que teve o que o senhor de vivo na memória?

Paula - Quais lembranças dessa formação advinda dos alemães que o Senhor vivencia na atualidade?

Frei -A disciplina né, a disciplina é muito importante, é isso que nosso mundo hoje precisa, disciplina na família, porque ficar esculhambado aí, a família hoje... não existe mais disciplina, ninguém é de ninguém, não tem mais respeito pelas pessoas... ontem mesmo eu fiquei chateado, eu fui a um dentista com outro Frade daqui, aí quando terminou a gente pegou um taxi. Aí vem o motorista, e ele é até de outra religião... não sei o quê, oi Corô, ei, Corô... Eu não gosto dessa expressão.

Paula -O que é isso?

Frei -Chamar as pessoas de coroa, quando a pessoa já é idosa. Eu acho ridículo isso. No rio de Janeiro eles tinham esse costume, mas aqui na Bahia agora pegaram... é porque corô, não sei o que... eu me tranquei logo, cortei o assunto que tava conversando com ele né... e agora mudou né... na hora que eu pegar um agora vou dizer: olhe, eu acho que a pessoa que é educada trata as pessoas com educação,

isso não é maneira de tratar ninguém não, quer dizer que essa disciplina né... é importante, a pessoa saber lidar uns com os outros e evitar certas coisas que não constroem.

Paula -Dessa formação que o senhor teve tem alguma coisa que o senhor discorda? E o que acha que ficou de positivo.

Frei -Coisas de que discordo é que naquele tempo a gente aceitava tudo, hoje talvez não, graças a Deus, mudaram as coisas né...por exemplo, naquele tempo se a gente quebrasse um copo, um prato no refeitório, a gente tinha que ir falar com o superior... eu peço pelo amor de Deus, que eu quebrei um copo, quebrei uma xícara ou pires... então ele dava uma penitência, aí quando era a hora do almoço a gente se ajoelhava dentro da comunidade e dizia, eu pequei contra a pobreza quebrando um...e falava o que tinha quebrado...peço penitência pelo amor de Deus. Agora isso eu nunca aceitei porque eu trabalhei um ano no refeitório(...)

***Fim da primeira gravação**

***Início da segunda gravação**

Frei -(...) Que a gente lia um trechinho todo dia antes do café, esqueci o nome, muito bom.

Paula -Então assim, quais os senhor lembra assim de fato, matemática, português... qual mais?

Frei -E essas de história da igreja, história sagrada...

Paula -Perfeição cristã e aulas de boas maneiras?

Frei -É, boas maneiras também.

Paula -Então isso aí era o que ensinava no convento. Eu não sabia que tinha português e matemática... Então era interno, eram os frades mesmo que eram professores?

Frei -Era sim, porque tinha a parte do colégio e aqueles que iam ser padres, chamados seminaristas, estudavam lá no colégio. Quando eu cheguei lá se não me engano eu tinha 260 que estudavam lá, e a gente, que não ia ser padre, que ia ser só frade e irmão, a gente ficava na parte do convento. Inclusive o noviciado era separado, o nosso noviciado em Lagoa Seguíporã e os que iam ser padres era lá em Serinhaém, que quando eu fui transferido para lá, lá era a casa de noviciado e eu fiquei, como já era professo simples, eu fiquei quase 2 anos trabalhando na secretária da paróquia, mexendo com certidão de casamento, fazendo papelada, essa coisa toda né.

Paula -Quais foram os aspectos relevantes da formação franciscana vinda dos frades alemães, o que o senhor vê como positivo dessa formação desses frades?

Frei -Olha, eu quero dizer que a formação... de positivo, pode dizer que as coisas que a gente recebeu, pelo menos na minha parte, eu achei sempre que eram coisas naturais que como a gente devia... era orientar a gente como a gente devia se comportar como frade, a maneira da gente conviver, dialogar, aceitar as pessoas, etc...

Paula -Pontualidade.

Frei - Sim, sim, a pontualidade, era rigoroso né, até na hora de entrar na igreja, faltando 5 minutos para doze todo mundo devia estar na igreja, aí tinha a oração de invocação do Espírito Santo, depois a gente ficava em silencio, aí quando eram 12 horas o sino batia, aí a gente rezava assim, o ângelus, em latim, aí depois do ângelus o guardião dizia, nos os adoramos, aí toda a comunidade respondia: santíssimo senhor Jesus Cristo, *aqui* e em *todas* as igrejas que do *mundo* e *vos bendizemos porque* pela *vossa santa Cruz* remistes o *mundo*. Aí se levantava né em fila e ia para o refeitório, lá no refeitório começavam as orações, o latim, até quando terminava, que sentava...aí lia um trecho do evangelho, quando terminava a gente se sentava... essas mesas eram encostadas aqui na coisa... tinham as cadeiras assim como aqui, ficava toda essa fila aqui... começa ali no centro, rodeava. Quando eu cheguei tinham uns 60 padres e entre os padres ordenados e os não ordenados, os estudantes, tinha uma base de quase 60 frades aqui dentro, ave Maria, era muita gente.

Paula -Frei, quais as contribuições pedagógicas que eles trouxeram, como foi a contribuição cultural que eles trouxeram pra cá pro Brasil que o senhor vê de importante?

***Fim da segunda gravação.**

ANEXO B - Súmula das Constituições (parte da formação)

TITULO I

Os fundamentos da Ordem

Art. 01

§1º - A Ordem dos Frades Menores, fundada São Francisco de Assis, é a fraternidade na qual os irmãos, seguindo mais radicalmente a Cristo sob a ação do Espírito Santo, pela profissão dedicam-se totalmente Deus, sumamente amado, vivendo o Evangelho na Igreja segundo a forma observada e proposta por São Francisco

Art. 02

§1º - A Regra dos Frades Menores, confirmada pelo Papa Honório III, é o fundamento da vida e da legislação da Ordem, e todo o seu conteúdo deve ser entendido e observado num contexto vital segundo o pensamento de São Francisco, principalmente expresso em seus escritos, conforme o sentir da Igreja e as tradições da Ordem.

Art. 03

§1º - A Ordem dos Frades Menores é formada de irmãos clérigos e leigos. Pela profissão, todos os irmãos gozam de direitos e obrigações iguais, salvaguardados aqueles que provêm das ordens sacras.

Art. 04

§1º - Os frades Menores, inseridos no povo de Deus, atentos aos novos sinais dos tempos e dando uma resposta às condições do mundo que os rodeia, sempre esteja em sintonia com a Igreja e assumam quanto possível as iniciativas e os desejos dela.

Titulo II

A PROFISSÃO (professar na Ordem)

O Rito

Art. 05

§ 2º - ...Eu Frei N.N, faço voto a Deus onipotente de viver por todo tempo de minha vida, em obediência, sem nada de próprio e em castidade, e prometo observar sempre a vida e a Regra dos Frades Menores, confirmada pelo Papa Honório, segundo as Constituições Gerais da Ordem dos Frades Menores...

Art. 07

§ 1º - Pelo voto de obediência os irmãos, seguindo Jesus Cristo, “que colocou sua vontade na vontade do Pai” renuncia a si mesmo, submetam sua própria vontade aos seus legítimos

Ministros Guardiões “em tudo que coloque aquilo que prometeram ao Senhor observar, de modo que consigam mais plenamente a sua maturidade de a pessoa e a liberação dos filhos de Deus.

Art. 08

§ 1º - Pelo voto de pobreza os Frades Menores, seguido a Jesus Cristo, “que por nós fez pobre nesse mundo” renunciam o direito de usar os bens materiais e de dispor deles sem licença dos Ministros e Guardiões; mas, depois de emitir a profissão solene, renunciam também ao direito de propriedade; e, como servos humildes, se entregam à providencia do Pai Celestial.

Art. 09

§ 1º Os irmãos, pelo voto de castidade, “Por causa do Reino de Deus” levam vida celebre em pureza de alma, e de corpo, para que, com o coração indiviso, pensem nas coisas do Senhor, em uma vida evangélica e fraterna, amem, “ao Senhor Deus com todo empenho, todo o afeto, todas as entranhas, todos os desejos e vontades”.

Titulo VI

ASPECTOS DA FORMAÇÃO

A. A formação doutrinal, profissional e técnica

Art. 160

§ 1º - Todos os irmãos que recebem uma formação adequada em filosofia, teologia, pastoral e nas ciências ou nas artes , de acordo com seus dons para que possa melhor servir a construção do Reino de Deus.

§ 2º - Do planejamento de tal formação trate-se nos Estatutos particulares

Art. 161

Para que a Ordem possa melhor realizar a sua missão, cada província cuide diligentemente, além da formação franciscana dos seus membros, além da instrução dos mesmos nas ciências e nas artes, segundo a exigência da Igreja, da Ordem da Província, e segunda a graça de trabalhar de cada um.

Art. 162

Todos os irmãos apliquem com dedicação aos estudos segundo a sua própria condição de modo que, julgando o progresso das ciências e das artes com a mente aberta estejam bem instruídos para anunciar o evangelho para corresponder a cultura de nosso tempo

B. A FORMAÇÃO PARA OS MINISTÉRIOS

Art. 163

Os irmãos chamados para qualquer ministério eclesiástico, devem ser formados através dos currículos necessários e de um oportuno estágio espiritual ou pastoral, observando-se o que de direito deve ser observado.

Art. 164A formação para as ordens sacras sejam imbuída de espírito franciscano, de modo que os ministérios sejam exercidos e fidelidade ao mesmo espírito.

Art. 165A admissão de irmãos às ordens sacras cabe ao próprio ministro provincial, observando-se que de direito se deve observar

Titulo V

PROMOÇÃO DOS ESTUDOS NA ORDEM

Art. 166

§1º - Os estudos franciscanos, filosóficos e teológicos na Ordem e nas províncias, sejam promovidos e cultivados com especial solicitude.

§2º - Com o maior empenho deve-se cuidar que sejam formados professores peritos em espiritualidade, em história franciscana, em filosofia em teologia, os quais, segundo o modo de pensar de São Francisco e dos demais mestres da ordem, administrarem espírito e vida.

Art. 167

§ 1º - A ordem dos frades Menores pertence o direito e o dever de ter sede próprias de estudos, as quais estão sob a administração geral, ou provincial, ou inter-provincial e até inter-franciscana

§ 2º - À ordem dos frades menores pertencem o direito e o dever de ter sedes próprias de estudos para os candidatos que se preparam para ordens sacras, bem como ter próprios institutos superiores de ciências religiosas.

§ 3º - As sedes de estudos na Ordem devem observar as normas estabelecidas pelo direito universal e próprio.

ANEXO C - *Ratio Studiorum*

ORDEM DOS FRADES MENORES

RATIO STUDIORUM

«IN NOTITIA VERITATIS PROFICERE»
(LegM 11, 1)

ROMA
Secretaria Geral OFM
para a Formação e os Estudos

2001

“Quero que meus irmãos sejam discípulos do Evangelho
e que progredam no conhecimento da verdade,
de modo que, ao mesmo tempo,
cresçam na pureza da simplicidade”
(LegM 11, 1)

FREI GIACOMO BINI OFM

MINISTRO GERAL
DE TODA A ORDEM DOS FRADES MENORES
E HUMILDE SERVO NO SENHOR

DECRETO

De acordo com o que prescrevem as Constituições gerais (cf. CG 166 §1) e os documentos da Igreja sobre a promoção dos estudos, obtido o voto deliberativo do Definitório geral, no congresso havido a 19 de março de 2001, segundo os Estatutos gerais (cf. Art. 67 §§1-3), e fazendo uso das faculdades que nos competem por ofício, com o presente decreto,

aprovamos e promulgamos a

RATIO STUDIORUM OFM
«IN NOTITIA VERITATIS PROFICERE»
(LegM 11, 1)

e estabelecemos que seja válida para toda a nossa Ordem.

Além disso, estabelecemos que todas as nossas Províncias e Entidades competentes elaborem a própria Ratio Studiorum segundo as orientações e diretivas desta Ratio, com as devidas adaptações às diversas exigências e situações, a fim de garantir a todos os Frades, independentemente de sua opção vocacional, uma oportuna formação intelectual, tanto na formação inicial quanto na permanente.

Dado em Roma, na Sede da Cúria geral da Ordem, no dia 25 de março de 2001, solenidade da Anunciação do Senhor.

Prot. 090596(77)

FREI GIACOMO BINI, OFM
Ministro geral

FREI JOSÉ RODRÍGUEZ CARBALLO, OFM
Secretário geral
para a Formação e os Estudos

APRESENTAÇÃO

O tema dos estudos na Ordem, embora jamais tenha sido um assunto central na autoconsciência do franciscanismo, constitui, porém, um problema de âmbito muito amplo e complexo, que aparece com frequência na história dos Frades menores, quando se trata da difícil questão de nossa identidade. Em muitas ocasiões, este problema provocou debates e divisões entre os frades.

Para alguns, os estudos constituíam uma traição à *intentio Francisci*; para outros eram uma exigência da missão recebida da Igreja desde as origens da Fraternidade: a missão de anunciar o Evangelho. A corrente dos “espirituais” defendia a minoridade e a simplicidade como forma própria e específica da evangelização dos Frades menores; a corrente dos “intelectuais”, ao contrário, defendia os estudos como exigência da pregação e necessidade para desempenhar a própria missão no mundo.

O diálogo entre as duas posições foi difícil. Não faltaram suspeitas e acusações, além de exageros, tanto de uma como de outra parte. De qualquer forma, a “questão dos estudos” obrigou a Ordem a debater ampla e radicalmente a própria identidade; um debate que chegou até os nossos dias. Hoje, graças à profunda e serena reflexão realizada sobre a nossa forma *vitae*, sobretudo após o Concílio e a promulgação das novas Constituições gerais, pode-se afirmar que a resposta à *intentio Francisci* não está num *aut-aut*, mas num *et-et*: Francisco, reafirmando o essencial, isto é, o Espírito do Senhor, e colocando-o como critério de todas as outras coisas, não apenas não condena ou proíbe os estudos, mas até afirma “estar de acordo” que se ensine e, por consequência, que se estude (cf. *CAnt* 2).

É neste contexto que se deve colocar a *Ratio Studiorum OFM*, “*In notitia veritatis proficere*”. Além de reconhecer que com o estudo nos pomos em comunhão com a grande tradição da Ordem (cf. n. 29) e fazendo seu o pensamento de São Boaventura magistralmente expresso no Itinerário (*Prol* 4; cf. n. 19), a *Ratio Studiorum OFM* acentua fortemente a profunda união que deve existir entre as prioridades do carisma franciscano e a formação intelectual, entre a forma *vitae* e os estudos (cf. nn. 19-30). Estes estão a serviço da qualidade daquela, como também da missão à qual o Frade menor foi chamado (cf. n. 90). A *Ratio Studiorum OFM* fez explicitamente sua afirmação de Tomás de Eccleston, segundo a qual o Ordem dos Frades Menores se constrói sobre a santidade de vida e o estudo (cf. Eccleston, XIII; n. 28) e acolheu plenamente a declaração de João Paulo II ao Capítulo geral de 1991: o estudo é uma exigência fundamental da evangelização (*McapG*; n. 6). A *Ratio Studiorum OFM* não só não vê nenhuma contradição entre a vocação e a vida do Frade menor e os estudos, mas reconhece também que os estudos estão plenamente integrados nela. Os Mestres franciscanos são postos como admirável exemplo deste fecundo diálogo entre a ciência e a santidade (cf. nn. 15; 100; 110).

A *Ratio Studiorum OFM* coloca em grande evidência outro aspecto: a importância que deve ser dada aos estudos franciscanos, filosóficos e teológicos. Nada daquilo que conduz ao Criador e o revela, nada daquilo que nos ajuda a melhor conhecer a problemática do homem moderno e da criação poderá ser considerado estranho ao interesse e, portanto, ao estudo do Frade menor (cf. nn. 44ss). De qualquer forma, o conhecimento de Francisco, de Clara e dos Mestres franciscanos deve ser considerado prioritário (cf. nn. 41; 57; 67; 69; 75-77), não tanto para repetir o que eles disseram, mas para atualizar e para fazer ouvir sua voz no mundo de hoje, de forma que haja um constante diálogo entre os valores do carisma e do patrimônio franciscano e os problemas e as esperanças do homem moderno (cf. n. 121a). Assim, a *Ratio Studiorum OFM*, fazendo sua afirmação das Constituições gerais (Art. 166 §1), reconhece a plena atualidade do patrimônio cultural que a Ordem acumulou durante os séculos (cf. 17).

Outro princípio diversas vezes reafirmado na *Ratio Studiorum OFM* e de suma importância para os Frades, chamados a formar uma Fraternidade de iguais (Cf. *CG* 3 §1), é que, em relação à formação intelectual, deve-se oferecer as mesmas possibilidades aos clérigos e aos leigos (cf. nn. 36; 39; 142). A opção vocacional jamais pode ser motivo de discriminação, sobretudo quanto à formação intelectual. Se o estudo existe em função da busca, do conhecimento e do apreço pela verdade (cf. n. 9) até nos deixarmos possuir por ela (cf. n. 4), de forma a podermos ser testemunhas, anunciadores e servidores

da própria verdade (cf. n. 13); se a formação intelectual visa “progredir no conhecimento da verdade” (LegM 11,1), crescer na fé (cf. nn. 3; 12; 14a.e) e dar a razão da nossa esperança (cf. n. 14g); se o estudo responde à necessidade de desenvolvimento do ser humano na sua totalidade (cf. n. 13c) e é um dom que devemos pôr a serviço dos outros (cf. nn. 10; 11), então, com facilidade, compreenderemos que o estudo é “fundamental na vida e na formação” de todos os Frades menores (cf. n. 3) e que não pode ser considerado um “privilégio” de poucos, mas um direito de todos, e que seu único limite são os dotes de cada um e as necessidades da Fraternidade (cf. nn. 34; 84; 88; 92). Compreender-se-á também porque a *Ratio Studiorum* OFM exorta todos os Frades a assumir o estudo com renovado amor (cf. n. 29).

É necessário destacar ainda outro importante aspecto presente na *Ratio Studiorum* OFM: a atenção que, no estudo, deve-se dar à problemática do homem contemporâneo e às condições em que cada Frade vive e desempenha a sua missão (cf. nn. 6a; 36; 47; 52; 54; 60; 74; 88). Levando em consideração estas condições, como também as interrogações e os desafios que brotam do mundo em que vivemos e, particularmente, do pensamento atual (cf. n. 52), o estudo aparece como necessário para que os Frades possam estabelecer um diálogo crítico e ao mesmo tempo fecundo com a cultura atual e, simultaneamente, tenham a possibilidade de dar uma resposta humana, cristã e franciscana (cf. n. 16) aos desafios que a cultura coloca aos Frades menores. Consciente desta possibilidade, a *Ratio Studiorum* OFM “*In notitia veritatis proficere*” estimula os Frades a se inserirem nos novos areópagos da cultura moderna e a terem uma presença ativa nos ambientes em que se faz cultura (cf. n. 91). O Frade menor deve deixar de ser simples espectador e consumidor de cultura: é chamado a “situar-se como ator em sua época e no seu meio” e a colaborar ativamente na criação da cultura. Somente assim poderá exercer “uma atividade qualificada na sociedade, na Igreja e na Ordem” (RFF 160; 169). Os novos “areópagos”, o diálogo na Igreja, com as outras religiões e culturas, muito salientado na *Ratio Studiorum* OFM (cf. nn. 70-74), exigem interlocutores bem preparados (cf. ET 131).

A *Ratio Studiorum* OFM “*In notitia veritatis proficere*” aparece num momento delicado e importante para a Ordem. Devido às rápidas mudanças acontecidas nestes últimos anos no mundo, na Igreja e em nossa Fraternidade, os Frades devem esforçar-se em “re-situar e recriar a identidade do Frade menor no novo contexto da história” (FP 2). Para responder adequadamente a este desafio, é necessário, entre outros meios, hoje mais do que nunca, promover em nossa Ordem a formação intelectual (cf. OEv 10).

A *Ratio Studiorum* OFM, evidentemente, bate-se pela promoção dos estudos. Em seus seis capítulos, precedidos de uma premissa de caráter histórico e de uma introdução, na qual se precisa o seu caráter, a *Ratio Studiorum* OFM procura responder às seguintes perguntas: Por que e para que estudar (cf. nn. 9-18)? Como estudar (cf. nn. 19-30)? Quando estudar (cf. nn. 31-43)? O que estudar (cf. nn. 44-98; 141-147)? Quem deve estudar (cf. nn. 99; 117)? Onde estudar (cf. nn. 118-129)? Que meios utilizar (cf. nn. 130-140)?

A *Ratio Studiorum* OFM que hoje apresentamos – exigida pelo Capítulo geral de San Diego (1991) e depois pelo de Assis (1997), aprovada pelo Definitório geral (19 de março de 2001) e promulgada pelo Ministro geral (25 de março de 2001) – longe de ser apenas um documento jurídico, oferece os princípios orientadores, o significado e a finalidade dos estudos na vida dos Frades menores; ao mesmo tempo, apresenta um programa de estudos especificamente franciscanos para os Frades que freqüentam os Centros de estudos superiores, na Ordem ou em outros centros, e para todos os Frades, independentemente de sua opção vocacional; estudos que devem ser realizados tanto na formação permanente quanto na formação inicial.

O sentido último da formação intelectual e dos estudos será sempre a vida e a formação integral do Frade menor: com esta convicção, a Ordem oferece a *Ratio Studiorum* OFM a todos os Frades, de forma que, sem extinguir “o espírito da oração e da devoção” (CAnt 2), mediante o estudo “progredam no conhecimento da verdade – *in notitia veritatis proficere* – de modo que, ao mesmo tempo, cresçam na pureza da simplicidade” (LegM, 11,1).

Frei José Rodríguez Carballo, ofm
Secretário geral
para a Formação e os Estudos

a) Súmula da Ratio Studiorum OFM

ÁREAS DE ESTUDO	DESCRIÇÃO
<p>CIÊNCIAS EXATAS.</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Estimula os Frades a se dedicarem às ciências exatas, naturais e ambientais, para redescobrir o Tudo em todas as coisas (cf. 2Cel 165); • Fomenta “um fraterno relacionamento” entre as coisas criadas, para contribuir para a qualidade da vida e para salvaguardar o equilíbrio da criação (cf. CG 71)
<p>LINGUAGEM AS LÍNGUAS</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Recomenda os Frades a estudem as línguas com especial diligência, pois, entre outras coisas, são um meio indispensável de fomentar a fraternidade em nível internacional, de desenvolver o ministério da evangelização e de dar a própria colaboração ao serviço da Ordem (cf. MP 33; CIC 249).
<p>AS CIÊNCIAS HUMANAS LITERATURA E AS ARTES HISTÓRIA</p>	<ul style="list-style-type: none"> • Desde as origens da Ordem, muitos Frades procuraram louvar a Deus, fonte da Sabedoria, da Beleza e da Harmonia, por isso, Incentiva os Ministros provinciais para que preocupem-se em fomentar e cuidar da formação e da atividade dos Frades para que mostrem os particulares dotes, e com sua atividade no campo da literatura e das artes: prosa, poesia, música, pintura, escultura, arquitetura etc. Conscientes de que a produção literária e artística é um patrimônio de inestimável valor para toda a humanidade.
<p>FILOSOFIA</p>	<ul style="list-style-type: none"> • A Filosofia é um patrimônio da cultura universal e um irrenunciável meio pelo qual o homem promove o progresso na busca e no conhecimento da verdade (cf. FR 1-6). Ela “conduz a uma compreensão e a uma interpretação mais profunda da pessoa, de sua liberdade e de suas relações com o mundo e com Deus” (cf. PDV 52) e, por isso, é muito importante na formação intelectual do Frade menor. • È obrigatório para todos os Frades e deve ser realizado durante o desenvolvimento do currículo filosófico-teológico. Nas Províncias em que os Frades freqüentam o currículo filosófico-teológico em Centros de estudo diocesanos ou inter-religiosos, o Ministro provincial deve prever e garantir a formação franciscana dos referidos candidatos
	<ul style="list-style-type: none"> • É necessário dar a importância que a “memória” do passado tem na cultura atual, o estudo e o conhecimento da história da Igreja universal e particular, da história mundial e local seja considerado um elemento importante na formação

	<p>intelectual dos Frades menores.</p> <ul style="list-style-type: none"> • Enfatizar o devido espaço à História Medieval, para melhor se compreenderem as origens da vida franciscana.
<p>TEOLOGIA A SAGRADA ESCRITURA</p>	<ul style="list-style-type: none"> • O Frade menor preste especial atenção tanto à interação entre a Teologia e a Filosofia, repensada segundo o método e as implicações do relacionamento entre fé e razão, quanto ao relacionamento entre o rigor científico da teologia e sua destinação pastoral. • Ao organizar o programa desta Área do saber, dê-se amplo espaço ao pensamento e à contribuição dos grandes teólogos franciscanos • A Teologia, que tem por alma a Sagrada Escritura. O estudo da Teologia, portanto, seja impostado e conduzido: <ul style="list-style-type: none"> a. em chave cristocêntrica, segundo a tradição dos Mestres franciscanos: a partir do Verbo incriado, encarnado e inspirado, Alfa e Ômega de toda a criação; b. de modo a oferecer ao Frade menor a oportunidade de chegar a uma compreensão sólida e profunda da fé; c. de forma a promover no Frade menor a união do rigor científico com um grande e vivo amor a Jesus Cristo, à Igreja e a todas as criaturas
	<ul style="list-style-type: none"> • Abraçando a forma de vida de São Francisco, o Frade menor professa viver “segundo o santo Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo” (Rb 1, 1). • O estudo da Sagrada Escritura – centrada em Jesus Cristo e no seu Evangelho – esteja sempre presente no contexto formativo de todos os Frades e acompanhe seu itinerário; os Evangelhos tenham um lugar especial • O Frade menor se esforce por “conseguir uma compreensão cada dia mais profunda da Sagrada Escritura” e por “perscrutá-la” de tal modo que seu coração seja iluminado, sua vontade seja fortalecida e cresça constantemente no amor a Deus e aos irmãos (cf. DV 23). • Mediante a leitura orante da Bíblia, o Frade menor se deixe vivificar continuamente “pelo espírito das divinas Escrituras” (Adm 7,4) • A Palavra de Deus sempre tem necessidade de tradução e de interpretação para ser acolhida com fruto e para ser anunciada eficazmente em todos os âmbitos culturais. É o que fizeram aqueles que, no decorrer dos séculos, se consagraram, no serviço da fé, ao estudo da Sagrada Escritura. Este é um dever irrenunciável e uma permanente tarefa do Frade menor, para que também os homens e as mulheres do nosso tempo possam ouvir, compreender e acolher o Evangelho da salvação.
<p>FRANCISCANISMO (PEDAGOGIA FRANCISCANA</p>	<p><i>A pedagogia franciscana caracteriza-se:</i></p> <p>pela finalidade, que consiste na plena identificação com Cristo pobre, crucificado e ressuscitado (cf. <i>2Cel</i> 105; <i>3CIn</i> 3). Esse objetivo é atingido mediante o acolhimento do próprio dom feito a Francisco: começar a fazer</p>

penitência (cf. *Test* 1), vivendo num contínuo processo de conversão, que liberta de si mesmo para centrar-se sobre a pessoa do Senhor;

- pela promoção do crescimento integral da pessoa a “seguir a doutrina e o exemplo de nosso Senhor Jesus Cristo” (*Rnb* 1,1), a fim de assimilar seu modo de viver, de sentir e de pensar, numa caminhada unitária que abrange todas as dimensões da vida pessoal, até restituir todo o bem ao Senhor Deus (cf. *Rnb* 17,17; *Adm* 18,2);
- pela atenção dada a cada Frade ou candidato, considerado sempre como pessoa em relação, membro de uma comunidade de irmãos, que é o lugar privilegiado de sua formação (cf. *CCGG* 137,2) e na qual são vividos e transmitidos os valores de nossa vida;
- pela progressiva integração entre a exigência evangélica de radicalidade e o respeito pela liberdade e originalidade pessoais. Os estímulos ao crescimento e as correções não se realizam por imposição autoritária, mas através do diálogo paciente e confiante, da compreensão das necessidades de cada um, da nutrição espiritual e da constante análise das motivações pessoais à luz das motivações evangélico-espirituais (Cf. *Rb* 6,8; *Rb* 10).
- O itinerário formativo proposto aos que, querendo “assumir esta vida”, “vierem ter com nossos irmãos” (*Rb* 2,1) tem como objetivo final a aquisição de uma nova e profunda identidade evangélica e franciscana. Este processo realiza-se:
 - através da *formação intelectual* (*cultural, teológica, espiritual*), que tem a tarefa de propor e aclarar os valores ideais de nosso carisma em seus significados objetivos;
 - através da *formação experiencial*, que permite que o Frade ou o candidato se confronte pessoalmente com a realidade de nossa vida fraterna, contemplativa e missionária;
 - segundo uma modalidade personalizada, que ajuda a cada formando a assimilar – numa síntese sapiencial e pessoal – valores e experiências percebidos durante a caminhada (cf. *ICel* 29-31).

57. Iluminado pelo Espírito do Senhor e sustentado pelas mediações formativas indicadas, este itinerário deve levar gradualmente o vocacionado a uma transformação interior, de modo que, tanto aquele que é chamado, quanto a Fraternidade, vejam nele a vontade de progressivamente conseguir uma nova vida, demonstrada nos momentos importantes e nas situações ordinárias, até permitir-lhe enfrentar as dificuldades de nosso tempo e da missão evangelizadora (cf. *VC* 65).

58. A formação desta nova identidade exige tempo, serenidade e grande disponibilidade de coração, porque a pessoa plasma-se muito lentamente e, devido à grande diversidade das novas vocações, necessita ao mesmo tempo de “atensões pessoais e metodologias adaptadas”. Assim, os irmãos e os candidatos poderão chegar a “assumir sua concreta situação humana, espiritual e cultural” (*RdC* 18).

59. As ajudas pessoais e as metodologias adequadas não podem limitar-se aos candidatos e aos irmãos em formação inicial, mas devem estar presentes também na formação permanente, para ajudar o Frade a enfrentar as diversas fases da vida,

	<p>as situações particulares vividas em Fraternidade e a dar testemunho de vida evangélica na Igreja e no mundo.</p> <p>60. Entre as diversas etapas da vida, preste-se especial atenção ao período dos primeiros anos depois da profissão solene e ordenação sacerdotal, procurando metodologias e conteúdos próprios, acompanhando e estimulando os Frades a adequarem o ideal dos inícios à realidade de seu novo estado de vida (cf. <i>ICel</i> 103). De fato, esta fase da vida vocacional é “crítica por natureza, porque marcada pela passagem de uma <i>vida guiada</i> a uma situação de plena responsabilidade operante” (<i>VC</i> 70).</p> <p>61. O primeiro protagonista desta ação formativa, na luz e na força do Espírito, é o irmão em formação permanente ou inicial ou o candidato. É ele que deve assumir a responsabilidade de seu crescimento pessoal, olhando para Cristo como para um “espelho” no qual se espelhe a cada momento (cf. <i>4CIn</i> 4), e vivendo com alegria e disponibilidade o serviço “segundo a forma do santo Evangelho” (<i>Test</i> 14).</p>
DIÁLOGO ECUMÊNICO	<ul style="list-style-type: none"> • Fiéis ao carisma de São Francisco, os Frades menores estão empenhados em promover a reconciliação, a paz e o diálogo intercultural, inter-religioso e ecumênico (cf. CG 93 §2; 95 §§1-3). Portanto, o espírito de diálogo deve impregnar toda a sua formação teológica. • Os Frades menores façam sua preocupação da Igreja em favor do restabelecimento da unidade entre os cristãos (cf. CG 95 §1). Cuidem, pois, de conhecer devidamente as outras confissões cristãs.
DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO E INTERCULTURAL	<ul style="list-style-type: none"> • Os Frades mostrem respeito pelas outras religiões (cf. CG 95 §2), especialmente por aquelas que se encontram em suas regiões, e se preocupem por ter delas um conhecimento adequado. • Dêem especial atenção ao Islamismo (cf. CG 95 §3), de acordo com a tradição na Ordem desde o tempo de São Francisco. • Em todas as culturas encontram-se as sementes do Verbo. Os Frades menores entrem em diálogo com as culturas locais, para dar sua real contribuição à aculturação do Evangelho e do carisma franciscano

QUADRO ORGANIZADO PELA AUTORA: (FONTE, *RATIO STUDIORUM* 1991)

SIGLAS E ABREVIACÕES

SAGRADA ESCRITURA

Jo	Evangelho de João
Mt	Evangelho de Mateus
1Pd	Primeira carta de São Pedro
Rm	Carta aos Romanos
Fl	Carta aos Filipenses

ESCRITOS DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS

Adm	Admoestações
CAnt	Carta a Santo Antônio
2CFi	Carta a todos os fiéis (2ª redação)
CCler	Carta a todos os clérigos sobre a reverência ao Corpo do Senhor
CGov	Carta aos governantes dos povos
COrd	Carta a toda a Ordem
CSol	Cântico do Irmão Sol
ELVir	Elogio das Virtudes
LovAl	Louvores ao Deus Altíssimo
OrCr	Oração diante do Crucifixo (de São Damião)
Rb	Regra bulada
Rnb	Regra não bulada
Test	Testamento

BIOGRAFIAS DE SÃO FRANCISCO DE ASSIS

1Cel	Primeira Vida de São Francisco, Tomás de Celano
2Cel	Segunda Vida de São Francisco, Tomás de Celano
LegM	Legenda Maior, São Boaventura

OUTRAS SIGLAS

AG	Ad Gentes, Decreto do Concílio Vaticano II, 1965
BEMI	Bibliotecas eclesíásticas na missão da Igreja, Documento do Pontifício Conselho para a Cultura, 1994
CG	Constituições gerais da Ordem dos Frades Menores, 1987
CIC	Código de Direito Canônico, 1983
CIstF	A colaboração inter-Institutos para a formação, Instrução da CIVCSVA, 1999
CPO	Conselho Plenário da Ordem dos Frades Menores
4CtIn	4ª Carta a Inês de Praga, Santa Clara de Assis
DV	Dei Verbum, Constituição dogmática do Concílio Vaticano II, 1965
DPAA	Discurso de inauguração do Ano Acadêmico no PAA, Fr. John Vaughn, 1986
Eccleston	A Chegada dos Frades menores à Inglaterra, Tomás de Eccleston
EG	Estatutos gerais da Ordem dos Frades Menores, 1991
EN	Evangelii nuntiandi, Exortação apostólica de Paulo VI, 1975
EsEF	Estatutos da Associação dos Editores franciscanos, 2000
ET	Encher a terra com o Evangelho de Cristo, Carta de Pentecostes de Frei Hermann Schalück, 1996
FFM	A formação na Ordem dos Frades menores, Documento do Capítulo geral OFM, Medellin, 1971
FP	A formação permanente na Ordem dos Frades Menores, Documento da Secretaria geral para a Formação e os Estudos, 1995
FR	Fides et Ratio, Carta encíclica de João Paulo II, 1998
GS	Gaudium et Spes, Constituição pastoral do Concílio Vaticano II, 1965
I Sent	Comentário do livro das Sentenças, São Boaventura
Itin	Itinerário da mente para Deus, São Boaventura
LG	Lumen Gentium, Constituição dogmática do Concílio Vaticano II, 1964
MCapG	Mensagem ao Capítulo geral OFM, de João Paulo II, 1991
MP	Memória e Profecia, Documento do Capítulo geral OFM, 1997
MuR	Mutuae relationes, Notas diretas da Congregação para os Bispos e CRIS, 1991
NMI	Novo Millennio Ineunte, Carta apostólica de João Paulo II, 2001
OEv	A Ordem e a Evangelização hoje, Documento do Capítulo geral OFM, 1991
Ord	Ordinatio, Bem-aventurado João Duns Scotus
OT	Optatam totius, Decreto do Concílio Vaticano II, 1965
PdC	Por uma pastoral da cultura, Documento do Pontifício Conselho para a Cultura 1999

PDV	Pastores dabo vobis, Exortação apostólica de João Paulo II, 1992
PrS	Prioridades para o sexênio 1997-2003, Documento programático do Definitório geral OFM, 1997
PI	Potissimum institutioni, Instrução sobre “A formação nos Institutos religiosos”, CIVCSVA, 1990
RaFIS	Ratio Fundamental Institutionis Sacerdotalis, Notas fundamentais para a formação sacerdotal, da Congregação para a Educação católica, 1970
ReM	Redemptoris Missio, Carta Encíclica de João Paulo II, 1990
RFF	Ratio Formationis Franciscanae, 1991
SapC	Sapientia christiana, Constituição apostólica de João Paulo II, 1979
SD	“Serviço para o Diálogo”, Linhas diretrizes do Definitório geral sobre o Diálogo ecumênico, inter-religioso e com as culturas, 1988
VC	Vita consecrata, Exortação apostólica de João Paulo II, 1996

PREMISSA

Para São Francisco, que se apresenta aos governadores dos povos como “pequeno e desprezível” (CGov 1), o “Senhor e Deus” é o absoluto, “a plenitude da riqueza” (cf. LovAl 1; 4). Por isso, sua grande preocupação consiste em que “nada nos impeça, nos separe, se interponha” (Rnb 23, 31) ao primeiro e fundamental compromisso do Frade menor: “desejar o espírito do Senhor e seu santo modo de operar” (Rb 10, 9), “o coração voltado para o Senhor” (Rnb 22, 17).

Diante da “única coisa necessária”, qualquer outra atividade para Francisco se torna secundária. Qualquer trabalho realizado pelos Frades é bom, se for feito “com fidelidade e devoção” (Rb 5, 1); porém, se feito “sob o pretexto de uma recompensa”, desvia “do Senhor a nossa mente e o nosso coração” (Rnb 22, 22). O Espírito do Senhor, portanto, é o critério-guia para todos os tipos de atividade dos Frades menores.

No contexto em que Francisco, “acima de qualquer coisa”, opta por ter “o Espírito da santa oração e devoção” (Rb 5, 2; cf. CAnt 2), deve ser interpretada a admoestação do mesmo Francisco: “E os que não têm estudos não os procurem adquirir” (Rb 10, 8). O “Poverello” não condena os estudos nem proíbe que seus Frades estudem (cf. 2Cel 163); mas quer que todos os Frades, sem distinção, possam “seguir as pegadas do seu dileto Filho, nosso Senhor Jesus Cristo” (COrd 51), amando a Deus e adorando-o “com o coração e o espírito puros, porque Ele mesmo exigiu isto acima de tudo” (2CFi 19).

“Homem simples e amigo de toda a verdadeira simplicidade” (1Cel 120), desde o início e sm distinção alguma, Francisco acolhe em sua Fraternidade homens “iletrados” (Test 10) e homens “letrados” (1Cel 57). Entre estes está o “bispo” Frei Antônio, ao qual, com prazer, permite ensinar “aos irmãos a sagrada Teologia” (CAnt 2: cf. LegM 11,1).

Com a “bênção” de Francisco, os Frades começaram logo a estudar e a ensinar não apenas nos “Estudos gerais da Ordem”, mas também nas grandes Universidades então conhecidas. Dessa forma, legitimaram e defenderam a tradição espiritual da Ordem, particularmente a vida apostólica, pobre e itinerante, e agiram de tal modo que os princípios espirituais da tradição franciscana, sobretudo a experiência evangélica de Francisco, chegassem a ser princípios teológicos bem fundamentados e bem propostos.

Antônio, Boaventura, Duns Scotus, Rogério Bacon, Alexandre de Hales, Guilherme de Ockham, Bernardino de Sena, João de Capistrano, Nicolau de Lira são apenas alguns dos irmãos “letrados” que formam a escola dos grandes Mestres franciscanos. Unindo “santidade de vida e ciência”, durante a história ofereceram um grande contributo para a afirmação de Deus nos valores da vida, do mundo, da natureza e do homem.

A convivência entre os “simples e iletrados” e os “letrados”, entre a “rainha sabedoria” e sua santa irmã “a pura simplicidade” (EIVir 1), característica da Fraternidade franciscana desde as origens, nem

sempre foi pacífica. Com efeito, levados pelo desejo de serem fiéis à “intentio Francisci”, os irmãos interpretaram a exortação de Francisco aos “nescientes litteras” (Rb 10, 8) de formas diferentes e contrárias. Tal “tensão” interpretativa, porém, inseriu uma dialética criativa na alma franciscana, conduzindo-a para a minoridade e para a simplicidade e, ao mesmo tempo, para o compromisso com o mundo através da preparação científica.

A Ratio Studiorum OFM, “In notitia veritatis proficere” (LegM 11,1), consciente desta tensão dialética no seio da Fraternidade franciscana, procura inserir os estudos no conjunto da vocação franciscana, de forma que o futuro da Ordem dos Frades Menores seja sustentado, como sempre aconteceu na história, sobre as duas colunas da ciência e da santidade de vida.

INTRODUÇÃO

1. A vocação e a missão do Frade menor consistem em seguir mais de perto as pegadas de Jesus Cristo (cf. CG 5 §2) e em viver radicalmente o Evangelho segundo a forma de vida e a Regra de São Francisco (cf. CG 126), cultivando o espírito de oração e devoção, vivendo em comunhão fraterna, testemunhando a minoridade e a pobreza, enchendo a terra com o Evangelho (cf. ET) e pregando a reconciliação, a paz e a justiça (cf. CG 1 §2).

2. A formação franciscana, fundamentada no encontro pessoal com Jesus Cristo pobre e crucificado, dá solidez à vocação, prepara para a missão (cf. RFF 1-3) e leva a desenvolver os dotes físicos, psíquicos, morais, intelectuais e espirituais dos irmãos de modo orgânico, gradual e coerente (cf. CG 127 §2; 133; RFF 45).

3. O estudo, como “expressão do desejo insaciável de conhecer mais profundamente a Deus, abismo de luz e fonte de toda a verdade humana” (VC 98), é fundamental na vida e na formação, permanente e inicial, de todo o Frade menor.

4. Enquanto atividade intelectual, o estudo não só leva a compreender a ciência e a doutrina, mas também a alcançar a sabedoria de espírito e a deixar-se possuir pela Verdade e pelo Bem, para amar e louvar o Senhor, ao qual pertence todo o bem (Adm 7; cf. RFF 53), e para servir os irmãos na caridade de Cristo.

5. A Ratio Studiorum OFM explica a razão, os princípios orientadores, o sentido e a finalidade dos estudos na vida e na missão do Frade menor e contém os elementos peculiares e o programa de sua formação intelectual, particularmente quanto aos núcleos franciscanos.

6. Na redação desta Ratio Studiorum OFM, válida para toda a Ordem, foram levados em consideração:

- a. os documentos da Igreja universal;
- b. os documentos da Ordem;
- c. o contexto cultural do nosso tempo e as exigências da nova evangelização.

7. §1 Todas as Províncias, e onde for possível também as Conferências, de acordo com os EG (Art. 98 §2), devem elaborar a própria Ratio Studiorum, levando em consideração:

- a. esta Ratio Studiorum OFM;
- b. os documentos da Igreja particular;
- c. contexto cultural, religioso e eclesial.

§2 Na Ratio Studiorum estabeleça-se:

- a. o programa específico de animação e de promoção da vida intelectual da Província ou da Conferência;
- b. as orientações e as diretrizes para a atividade de estudo dos Frades;
- c. o programa de estudo específico para os candidatos às ordens sacras e aos ministérios eclesiais leigos e para aqueles que se preparam para uma atividade profissional ou técnico-manual;

d. as formas concretas de realizar os programas de formação especificamente franciscana, contidos no Cap. VI desta Ratio.

8. A Ratio Studiorum OFM da Província ou da Conferência é confirmada pelo Ministro geral.

I. FORMAÇÃO INTELECTUAL DO FRADE MENOR

1. SENTIDO E FINALIDADE DO ESTUDO

9. O Frade menor tem a exigência interior, decorrente de sua vocação, de procurar, de conhecer e de estimar a Verdade de Deus, do homem e da criação revelada pelo Verbo encarnado (cf. GS 53) e, por isso, cultiva o estudo como resposta a esta exigência.

10. O Frade menor tem consciência de que o estudo, como todas as outras atividades, deve ser visto como uma graça recebida do Senhor, ser realizado com fidelidade e devoção (Rb 5,2) e ser considerado um bem a ser partilhado com os irmãos.

11. Por isso, o Frade menor não considera a realização de um programa de estudo ou a obtenção de um título acadêmico um motivo de orgulho ou uma ocasião para ser promovido a uma situação de privilégio, mas, com alegria, põe à disposição e em benefício da Fraternidade o fruto de seu trabalho intelectual.

12. O Frade menor está ciente de que o estudo, além de exigir esforço, dedicação e disciplina, requer um investimento intelectual prolongado e profundo, austero sem dúvida, mas que, a longo prazo, produz seus frutos, levando a progredir na fé (cf. Rm 1,17; McapG 6).

13. O Frade menor considera o estudo um itinerário e um caminho para sermos iluminados por Deus na mente e no coração (cf. OrCr) e, assim, “com grande humildade” (CSol 14) podermos ser testemunhas, anunciadores e servidores da Verdade e do Bem.

14. O estudo permite que o Frade menor responda a múltiplas exigências:

- a. ao desejo de conhecer sempre mais a beleza, a bondade e a verdade de Deus (cf. VC 98);
- b. à necessidade de compreender sempre melhor o “estilo” franciscano de viver o Evangelho (cf. DPAA);
- c. ao desenvolvimento do ser humano na sua integralidade (cf. CG 127 §2);
- d. ao testemunho profético em nosso tempo e em nosso ambiente, de acordo com a nossa missão (cf. RFF 160; 169);
- e. ao aprofundamento da verdade revelada (cf. AG 9; LG 16);
- f. à harmonia entre teoria e prática e entre ação e contemplação (Itin, Prol. 4);
- g. a “dar a razão da própria esperança” (1Pd 3,15);
- h. à execução do ministério da evangelização (SapC, Proêmio; CG 83-84; MP 9-17; VC 96-99; McapG 6), que exige uma preparação rigorosa e contínua para a apropriação da metodologia e da linguagem adaptadas à comunicação da fé;
- i. ao serviço e ao compromisso com o diálogo ecumênico, inter-religioso e intercultural (VC 100-103).

15. Segundo a tradição dos Mestres franciscanos, o estudo e a reflexão intelectual lançam suas raízes na experiência de Deus em Cristo e se caracterizam por sua ligação com o concreto e pela fidelidade à Verdade e ao Bem (cf. DPAA).

16. A tradição franciscana sempre procurou o diálogo entre fé e razão, entre santidade e doutrina. Colocando-se na sua esteira, mediante o estudo, o Frade menor procura elaborar métodos e modelos para dialogar criticamente com a cultura de hoje e para propor uma resposta humana, cristã e franciscana aos desafios que a referida cultura nos apresenta (CG 96 §1; PDV 51).

17. Portanto, o Frade menor tem o grande dever de conhecer e assimilar o patrimônio cultural e espiritual dos Mestres franciscanos, para atualizá-lo e fazer ouvir sua voz no mundo de hoje (cf. CG 166 §§1-2), consciente de que a visão franciscana do mundo e o pensamento franciscano, caracterizados pelo cristocentrismo, respondem às expectativas e às exigências do homem contemporâneo e à sua ânsia de conhecer e de encontrar a Deus.

18. O Frade menor deve impostar o estudo também em relação à vida e à práxis. Enquanto nos capacita a ler as realidades históricas com espírito evangélico, o estudo deve encontrar nelas fecundos motivos de inspiração.

2. OS ESTUDOS E A NOSSA “FORMA VITAE”

19. Para os Frades menores, o estudo visa alimentar o necessário “diálogo” entre conhecimento e devoção, entre pesquisa e contemplação, entre ciência e caridade (Itin. Prol. 4).

20. Para atingir este objetivo, os estudos devem ser encarados tanto na docilidade ao Espírito que “purifica, ilumina e inflama” (LegM 13, 7) e que leva a discernir os sinais dos tempos, quanto na consideração das opções fundamentais que caracterizam a forma de vida franciscana, isto é, o espírito de oração e devoção (cf. CAnt 2), comunhão de vida em fraternidade, minoridade, pobreza e evangelização (cf. RFF 5-39; PrS).

O ESPÍRITO DE ORAÇÃO E DEVOÇÃO

21. Lembre-se o Frade menor que o estudo deve enraizar-se sempre num contexto de recíproco e complementar relacionamento entre formação intelectual e experiência espiritual. Conseqüentemente, o estudo extrai alimento da contemplação, põe-se a seu serviço e conduz a ela.

22. A sabedoria franciscana está intimamente ligada à Palavra de Deus, vista como presença de Jesus Cristo, Verbo encarnado. As Escrituras são como que o espelho no qual o Frade menor pode ver a Cristo (cf. 4CtIn) e, assim, alimentar sua inteligência, sua vontade e seus sentimentos, assimilando e participando dos sentimentos de Cristo (cf. FI 2,5).

COMUNHÃO DE VIDA EM FRATERNIDADE

23. A Fraternidade é um elemento constitutivo da vida franciscana (CG 1 §1). Na Ordem dos Frades Menores, o estudo e a formação intelectual, ordinariamente, são realizados no contexto da Fraternidade (cf. CG 137 §2), de tal forma que a comunhão de vida se torne fonte de sabedoria e a sabedoria seja dom a ser partilhado e a ser posto a serviço dos irmãos.

24. Para o Frade menor, estudar é também entrar em diálogo com os outros, na busca do único Bem e da única Verdade que nos liberta (cf. Jo 8,32), sem absolutizar a parte de Verdade que cada um percebe. Assim, os estudos contribuem para a construção da Fraternidade.

VIDA EM MINORIDADE, EM POBREZA E EM SOLIDARIEDADE

25. A vida em minoridade, em pobreza e em solidariedade faz parte de nossa vocação. O estudo e a formação intelectual sejam animados pelo espírito de caridade (cf. Adm 17) e de simplicidade (cf. ElVir 1), de minoridade e de pobreza (cf. Adm 7) e sejam sempre guiados pela “santa humildade” (ElVir 2).

26. O estudo faz que nos tornemos investigadores e servidores da Verdade e do Bem. Enquanto acolhem a Verdade e o Bem que procedem de Deus, fonte de toda a sabedoria e bondade (cf. PDV 52), os Frades menores:

- a. tornam-se atentos às outras manifestações da Verdade e do Bem presentes nas pessoas, especialmente nos pobres, nas culturas e nas religiões, e se esforçam por estabelecer um diálogo aberto e respeitoso (cf. CG 93 §2);

- b. vivendo sempre “sem nada de próprio” (Rb 1, 1), percebem a necessidade de comunicar gratuitamente o que de graça receberam (cf. Mt 10, 8) e assim, partilhando com os outros o que conseguiram pelo estudo, restituem ao Altíssimo o que dele receberam (cf. Adm 7, 4).

27. O Frade menor, que recebeu o dom de sentir-se amado, reconciliado e liberto, é guardião da esperança (cf. CG 70; 85; 98 §2). O estudo, particularmente da Sagrada Escritura, unido a uma análise serena e crítica da sociedade moderna, prepara-o para ouvir a Deus que o chama, também através dos pobres, dos excluídos e dos sofredores, a anunciar a palavra da liberdade (cf. CG 96 §2).

EVANGELIZAÇÃO

28. Os Frades menores formam uma Fraternidade evangelizadora (Cf. COrd 9; 1Cel 23; OEv 2; MP 9-17). O estudo, unido à santidade de vida (cf. Eccleston XIII), é “uma exigência fundamental da evangelização” (McapG 6) à medida que contribui para a edificação do Reino de Deus, forma para evangelizar as culturas (cf. OEv 11; EN 20; ReM IV) e nos torna sensíveis à promoção da justiça e à defesa dos direitos humanos (cf. GS 4).

29. Os Frades menores tenham consciência de que o desamor ao estudo – devido, entre muitas causas, também a uma forte corrente anti-racionalista de certos círculos culturais e também religiosos – pode ter graves conseqüências para o correto desempenho de sua missão evangelizadora (Cf. VC 98). Portanto, fiéis à tradição da nossa Ordem (cf. OEv 10), assumam o estudo com renovado amor e o ponham a serviço do Evangelho e da nova evangelização (cf. McapG 7).

30. Os irmãos que, por inspiração divina (cf. Rb 12,1; CG 116-125), se sentem chamados à missão ad gentes se esforcem por aprofundar o conhecimento:

- a. da natureza da missão na visão da Igreja e da Ordem;
- b. das culturas locais;
- c. dos grupos religiosos presentes nas terras de missão.

3. O ESTUDO NO CONTEXTO E NO ITINERÁRIO FORMATIVO

31. Sendo caminhada de amadurecimento da pessoa, os estudos são um suporte necessário para a formação, permanente e inicial, dos Frades menores (cf. ET 129).

NA FORMAÇÃO PERMANENTE

32. A formação permanente, como caminhada “que abrange todos os componentes da vida (humana, cristã, franciscana, profissional, ministerial)”, é também um “processo de amadurecimento de todas as dimensões da pessoa (corporal, psicológica, afetiva, espiritual, intelectual)” (FP 38; cf. CG 136). No curso de sua vida, o Frade menor cultive a própria formação intelectual como uma dimensão indispensável da formação integral (cf. VC 98; PI 67).

33. Os estudos visam também animar, nutrir e sustentar a fidelidade à própria vocação (cf. RFF 59) e cultivar “a capacidade espiritual, doutrinal e profissional, a atualização e o amadurecimento do Frade menor, de modo que possa desenvolver de forma cada vez mais adequada o seu serviço à Ordem, à Igreja e ao mundo” (RFF 61).

34. Cada Frade, agente principal do próprio crescimento humano, cristão e franciscano (cf. RFF 63), em diálogo e no contexto da Fraternidade local e provincial, é o primeiro responsável pela própria formação intelectual, profissional e técnico-manual (cf. CG 137 §1).

35. A Fraternidade local e provincial, “centro primordial da formação permanente” (CG 137 §2), ofereça a cada Frade os meios apropriados para cultivar seus dotes intelectuais e profissionais e promova a atualização, tanto no campo da formação teológica (cf. RFF 164-168; VC 71), quanto no campo da formação profissional e técnico-manual (cf. RFF 169-172). Cuide-se de organizar um programa bem articulado, que ajude a alcançar os objetivos acima indicados (cf. FP 41-46).

36. O estudo seja conduzido de tal maneira que cada Frade, clérigo ou leigo:

- a. descubra e guarde as palavras do Senhor como espírito e vida (cf. Test 13);
- b. compreenda, “com prudente sentido crítico, mas também com atenção e confiança” (VC 98), a problemática do mundo contemporâneo (cf. CG 110; 116; 167; OEv 10);
- c. seja “interlocutor, capaz de um fecundo diálogo” com a cultura atual (ET 131);
- d. promova tanto o diálogo entre fé e cultura (cf. SapC 470), quanto o diálogo inter-religioso.

37. Os conteúdos da formação especificamente franciscana a serem desenvolvidos durante a formação permanente são especificados no “Programa de estudos franciscanos” desta Ratio.

NA FORMAÇÃO INICIAL

38. Os estudos durante a formação inicial visam a aquisição, por parte dos candidatos e dos Frades de Profissão temporária, de uma ampla e sólida instrução no saber. Esta deve estar unida a uma cultura geral, proporcional à etapa da formação em que se encontram, às suas aptidões e às necessidades dos nossos tempos, a fim de que tenham condições de anunciar convenientemente a mensagem evangélica aos homens de hoje e inseri-la na cultura deles.

39. Sendo um meio de amadurecimento humano, cristão e franciscano (cf. RFF 55-56), os estudos são uma obrigação de todos os candidatos e Frades de Profissão temporária, sem distinção de leigos e clérigos.

40. O estudo faz parte de todo o projeto formativo, que se realiza durante o período da formação inicial: Postulantado (cf. RFF 128; 160; 163), Noviciado (cf. EG 87; RFF 139) e Profissão temporária (cf. EG 94; RFF 151).

41. Antes da Profissão solene, os Frades disponham de um tempo conveniente para aprofundar e assimilar os conteúdos fundamentais da tradição dos Mestres franciscanos.

42. O estudo seja conduzido de maneira tal que cada candidato e cada Frade, clérigo ou leigo:
- a. desenvolva as capacidades de trabalho intelectual, profissional e técnico-manual de forma tal que possa viver com serenidade e inteligência os valores cristãos e franciscanos no contexto da cultura contemporânea (cf. FFM 66; RFF 160);
 - b. adquira um método para o trabalho pessoal e de grupo, espírito crítico e aptidão para o diálogo;
 - c. se enamore da Sabedoria e se deixe questionar por ela, e aceite com entusiasmo os desafios que brotam das exigências da conversão, do seguimento radical de Cristo e do testemunho;
 - d. assimile os métodos e o conteúdo de cada disciplina do currículo previsto pela Ratio Formationis Franciscanae e por esta Ratio Studiorum OFM.

43. Os conteúdos da formação especificamente franciscana a serem desenvolvidos durante a formação inicial são especificados no “Programa de estudos franciscanos” desta Ratio.

II. AS ÁREAS DE ESTUDO

1. INTRODUÇÃO

44. O Frade menor está em relação com o Senhor Jesus Cristo e, através dele, com a criação, com o homem, com Deus. Por isso, as Áreas aqui propostas têm correspondência com esta tríplice dimensão relacional.

45. A descrição das Áreas feita a seguir indica os conteúdos de fundo e os objetivos que, embora propostos à atenção de todos, em si constituem uma opção que obriga e compromete, sobretudo, a Ordem.

46. Todos os Frades, tanto leigos como clérigos, em base às suas aptidões e às necessidades da Fraternidade, devem seguir um currículo de estudos que abranja as Áreas de estudo descritas nesta Ratio.

47. A cada Frade não é exigida a especialização em todos os setores disciplinares incluídos nas Áreas, mas o conhecimento geral e básico, que é adquirido seja em harmonia com as exigências do carisma Franciscano, com os “talentos” de cada um (cf. Mt 25, 14-30) e com as instâncias da sociedade na qual é chamado a desenvolver sua missão, seja segundo os tempos, os ritmos e as exigências das várias etapas da formação permanente e inicial.

2. A CRIAÇÃO (CF. ITIN 1-2)

48. “Na primitiva experiência franciscana, os seres humanos, a natureza e Deus estão interligados por um alto grau de simpatia e de cordialidade” (ET 160). Cada criatura, plasmada por Deus, “do Altíssimo é a imagem” (CSol 4). Por isso, nada daquilo que existe é estranho ao interesse e ao amor do Frade menor.

49. Enquanto o homem é tentado a instrumentalizar a criação, o Frade menor, ao contrário, seguindo o exemplo de São Francisco (cf. 1Cel 81), encontra nela um motivo de louvor, em atitude de reverência e também de submissão (cf. CG 71; EIVir 17). Esta atitude oferece-lhe uma perspectiva totalmente diferente na abordagem e no estudo da criação.

50. A Ordem estimula os Frades a se dedicarem às ciências exatas, naturais e ambientais (cf. ET 164) para redescobrir o Tudo em todas as coisas (cf. 2Cel 165), para admirar os raios do esplendor e da bondade de Deus presentes nas criaturas, para fomentar “um fraterno relacionamento” entre elas, para contribuir para a qualidade da vida e para salvaguardar o equilíbrio da criação (cf. CG 71; ET 57).

3. O HOMEM (CF. ITIN 3-4)

51. Os Frades menores devem apreciar o estudo das ciências relativas à história, às artes e ao progresso humano, por amor à pessoa humana, criada à imagem do Verbo encarnado.

52. Na formação intelectual, prestar-se-á particular atenção às questões e aos desafios do pensamento contemporâneo que se originam nas ciências naturais e humanas, e aos diversos modos de pensar e de viver dos quais brota a índole interdisciplinar e intercultural de cada diálogo humano.

AS LÍNGUAS

53. Os Frades estudem as línguas com especial diligência, pois, entre outras coisas, são um meio indispensável de fomentar a fraternidade em nível internacional, de desenvolver o ministério da evangelização e de dar a própria colaboração ao serviço da Ordem (cf. MP 33; CIC 249).

AS CIÊNCIAS HUMANAS

54. A Ordem dos Frades Menores estimula o estudo das ciências humanas: Psicologia, Pedagogia, Economia, Ciências Políticas, Sociologia, Antropologia, Comunicações Sociais etc. Seu estudo é necessário para um mais proveitoso conhecimento do homem, dos fenômenos sociais e do desenvolvimento da sociedade (cf. PDV 52).

A LITERATURA E AS ARTES

55. Desde as origens da Ordem, muitos Frades praocuraram louvar a Deus, fonte da Sabedoria, da Beleza e da Harmonia, com seu gênio e com sua atividade no campo da literatura e das artes: prosa, poesia, música, pintura, escultura, arquitetura etc. Conscientes de que a produção literária e artística é um patrimônio de inestimável valor para toda a humanidade, os Ministros provinciais preocupem-se em fomentar e cuidar da formação e da atividade dos Frades que mostram estes particulares dotes.

A FILOSOFIA

56. A Filosofia é um patrimônio da cultura universal e um irrenunciável meio pelo qual o homem promove o progresso na busca e no conhecimento da verdade (cf. FR 1-6). Ela “conduz a uma compreensão e a uma interpretação mais profunda da pessoa, de sua liberdade e de suas relações com o mundo e com Deus” (cf. PDV 52) e, por isso, é muito importante na formação intelectual do Frade menor (cf. CIC 25).

57. O estudo da Filosofia seja impostado de forma a ajudar o Frade menor:

- a. a compreender em profundidade “o nexos que existe entre os argumentos filosóficos e os mistérios da salvação” (PDV 2);
- b. a debelar “o subjetivismo como critério e medida da verdade” (PDV 52);
- c. a desenvolver “uma consciência reflexiva da relação constitutiva existente entre o espírito humano e a verdade, essa verdade que se nos revela plenamente em Jesus Cristo” (PDV 52);
- d. a formar continuamente o próprio modo de pensar na busca de sentido, para uma autêntica liberdade de pensamento e para uma crítica sadia.

58. Ao organizar o programa desta área do saber, dê-se amplo espaço ao pensamento e à contribuição dos filósofos franciscanos.

A HISTÓRIA

59. Dada a importância que a “memória” do passado tem na cultura atual, o estudo e o conhecimento da história da Igreja universal e particular, da história mundial e local seja considerado um elemento importante na formação intelectual dos Frades menores.

60. O estudo desta Área seja impostado de tal modo que o Frade menor, conhecendo as luzes e as sombras da história, tenha oportunidade:

- a. de adquirir a necessária perspectiva para discernir e julgar os sinais dos tempos;
- b. de ser testemunha do amor de Deus pelos excluídos e pelas vítimas de qualquer violência e injustiça;
- c. de desenvolver o sentido de pertença à Igreja e à Ordem;
- d. e também de obter as informações e os critérios necessários para o diálogo intercultural, inter-religioso e ecumênico.

61. Ao organizar o programa desta Área do saber, dê-se o devido espaço à História Medieval, para melhor se compreenderem as nossas origens.

4. DEUS (CF. ITIN 5-7)

62. A Santíssima Trindade se revela através do Verbo, na criação, na história humana e na Sagrada Escritura. Mediante a experiência espiritual, o estudo atento e devoto da Bíblia e a reflexão teológica fundamentada na Palavra de Deus, o Frade menor aprende a conhecer sempre melhor o Deus que o ama.

A SAGRADA ESCRITURA

63. Abraçando a forma de vida de São Francisco, o Frade menor professa viver “segundo o santo Evangelho de nosso Senhor Jesus Cristo” (Rb 1, 1). O estudo da Sagrada Escritura – centrada em Jesus Cristo e no seu Evangelho – esteja sempre presente no contexto formativo de todos os Frades e acompanhe seu itinerário; os Evangelhos tenham um lugar especial, “uma vez que constituem o principal testemunho sobre a vida e a doutrina do Verbo encarnado, nosso Salvador” (DV 18; cf. CIC 252 §2).

64. Por isso, o Frade menor se esforce por “conseguir uma compreensão cada dia mais profunda da Sagrada Escritura” e por “percrutá-la” de tal modo que seu coração seja iluminado, sua vontade seja fortalecida e cresça constantemente no amor a Deus e aos irmãos (cf. DV 23).

65. Mediante a leitura orante da Bíblia, o Frade menor se deixe vivificar continuamente “pelo espírito das divinas Escrituras” (Adm 7,4) e, na escola da Palavra e no seguimento do Senhor Jesus, dia após dia, aprenda a tirar dele “a graça da verdade” (cf. Jo 1,17) e a viver “de toda palavra que sai da boca de Deus” (Mt 4,4).

66. A Palavra de Deus sempre tem necessidade de tradução e de interpretação para ser acolhida com fruto e para ser anunciada eficazmente em todos os âmbitos culturais. É o que fizeram aqueles que, no decorrer dos séculos, se consagraram, no serviço da fé, ao estudo da Sagrada Escritura. Este é um dever irrenunciável e uma permanente tarefa do Frade menor, para que também os homens e as mulheres do nosso tempo possam ouvir, compreender e acolher o Evangelho da salvação.

A TEOLOGIA

67. A Teologia, que tem por alma a Sagrada Escritura (cf. DV 24; OT 16) “se ordena para a alimentação da fé” (PDV 53), dado que o fundamental objetivo que se visa é apresentar “a compreensão da Revelação e o conteúdo da fé” (FR 93). O estudo da Teologia, portanto, seja impostado e conduzido:

- a. em chave cristocêntrica, segundo a tradição dos Mestres franciscanos: a partir do Verbo incriado, encarnado e inspirado, Alfa e Ômega de toda a criação;
- b. de modo a oferecer ao Frade menor a oportunidade de chegar a uma compreensão sólida e profunda da fé;
- c. de forma a promover no Frade menor a união do rigor científico com um grande e vivo amor a Jesus Cristo, à Igreja e a todas as criaturas (cf. OT 14; PDV 53).

68. O Frade menor preste especial atenção tanto à interação entre a Teologia e a Filosofia, repensada segundo o método e as implicações do relacionamento entre fé e razão (cf. FR VI), quanto ao relacionamento entre o rigor científico da teologia e sua destinação pastoral.

69. Ao organizar o programa desta Área do saber, dê-se amplo espaço ao pensamento e à contribuição dos grandes teólogos franciscanos.

O DIÁLOGO ECUMÊNICO, INTER-RELIGIOSO E INTERCULTURAL (CF. SD)

70. Fiéis ao carisma de São Francisco, os Frades menores estão empenhados em promover a reconciliação, a paz e o diálogo intercultural, inter-religioso e ecumênico (cf. CG 93 §2; 95 §§1-3). Portanto, o espírito de diálogo deve impregnar toda a sua formação teológica.

DIÁLOGO ECUMÊNICO

71. Os Frades menores façam sua preocupação do Senhor pela unidade (Jo 17, 21) e a preocupação da Igreja em favor do restabelecimento da unidade entre os cristãos (cf. CG 95 §1). Cuidem, pois, de conhecer devidamente as outras confissões cristãs.

DIÁLOGO INTER-RELIGIOSO

72. A diversidade e a pluralidade das religiões é um fato de grande relevância para a nossa missão. Os Frades mostrem respeito pelas outras religiões (cf. CG 95 §2), especialmente por aquelas que se encontram em suas regiões, e se preocupem por ter delas um conhecimento adequado.

73. Além disso, dêem especial atenção ao Islamismo (cf. CG 95 §3), de acordo com a tradição na Ordem desde o tempo de São Francisco.

DIÁLOGO COM AS CULTURAS

74. Em todas as culturas encontram-se as sementes do Verbo: assumindo “os valores positivos que se encontram nas diversas filosofias e culturas” (SapC 68 §2), os Frades menores entrem em diálogo com as culturas locais, para dar sua real contribuição à aculturação do Evangelho e do carisma franciscano (cf. PdC 4-6).

FRANCISCANISMO

75. Através do estudo do franciscanismo, o Frade menor adquira:

- um conhecimento, adequado à sua condição, dos núcleos fundamentais da espiritualidade franciscana, orientada a “seguir a doutrina e as pegadas de nosso Senhor Jesus Cristo” (Rnb 1,2);
- um conhecimento, o mais completo possível, do pensamento filosófico e teológico dos grandes Mestres franciscanos, cuja validade reconhece para um diálogo fecundo com a cultura contemporânea;
- um conhecimento sólido e objetivo da história da Ordem e do franciscanismo local, com suas luzes e suas sombras.

76. Cada Frade menor estude com afinco e com paixão a vida, a experiência espiritual, o carisma e o ensinamento do Seráfico Pai, São Francisco.

77. O Frade menor se preocupe em conhecer adequadamente também a figura, a vida e a espiritualidade de Santa Clara, “a mulher nova”, e o movimento leigo franciscano (OFS)

78. Em nossos Centros de estudo, o programa de aprofundamento apresentado no Cap. VI seja proposto a todos os estudantes que freqüentam o Centro, mas é obrigatório para todos os Frades e deve ser realizado durante o desenvolvimento do currículo filosófico-teológico.

79. Nas Províncias em que os Frades freqüentam o currículo filosófico-teológico em Centros de estudo diocesanos ou inter-religiosos, o Ministro provincial deve prever e garantir a formação franciscana dos referidos candidatos, assim como é prevista nesta Ratio e segundo as modalidades específicas que serão determinadas pela Ratio Studiorum da Província.

III. OS ESTUDOS ESPECÍFICOS

1. OS ESTUDOS PARA AS ORDENS SACRAS E PARA OS MINISTÉRIOS ECLESIAIS LEIGOS

80. Os Frades, chamados a qualquer ministério eclesial, ordenado ou leigo, devem fazer os estudos previstos, segundo as disposições da Igreja (cf. CIC 659 §3), a fim de que, “sob a ação do Espírito Santo e com a orientação dos formadores”, possam aprofundar devidamente a natureza e as tarefas dos ministérios (cf. RFF 174) e possam “vivê-los e exercê-los com competência” (RFF 176).

81. Os estudos para as ordens sacras e os ministérios eclesiais leigos sejam organizados de tal forma que evidenciem e dêem a conhecer também a “visão” franciscana dos ministérios, para que, depois, os Frades saibam exercê-los na fidelidade ao espírito franciscano (cf. CCler; COrd; CG 164).

OS ESTUDOS PARA AS ORDENS SACRAS

82. São objeto da formação para as ordens sacras as matérias indicadas pelo Direito universal da Igreja (cf. CIC 659-661; PI 6) e pela Ratio Studiorum da Conferência episcopal local.

83. As matérias que são objeto da formação franciscana são indicadas na RFF (151,1) e no “Programa de estudo”, deste documento (cf. Cap. VI).

OS ESTUDOS PARA OS MINISTÉRIOS ECLESIAIS LEIGOS

84. Os ministérios eclesiais leigos que devem ser preferidos são os da Caridade, da Palavra, da Liturgia, da Eucaristia e da Reconciliação entre os homens (cf. RFF 180). Para exercê-los, exige-se uma preparação adequada, segundo as disposições eclesiais e as capacidades dos candidatos.

2. OS ESTUDOS PROFISSIONAIS E TÉCNICO-MANUAIS

85. Seguindo o exemplo e o ensinamento de São Francisco, que trabalhava com as próprias mãos e queria que seus Frades trabalhassem (cf. Test 20; Rb 5) – e “os que não souberem trabalhar, aprendam” (Test 21) – os Frades que prestam trabalhos manuais, técnicos e profissionais devem ter os meios para isso. O estudo, junto com a prática orientada por um “mestre no ofício”, é instrumento sumamente importante no mundo do trabalho e profissional de hoje. Mediante a execução de um trabalho, “fugindo do ócio, inimigo da alma” (Rb 5,2), o Frade menor dá um exemplo de vida segundo o Evangelho e se torna solidário com os pobres.

86. Os estudos para a formação profissional e técnico-manual visam “adquirir uma competência de ordem manual, técnica, artística e científica” (RFF 169) que permite ao Frade menor “realizar-se e desenvolver seus dons” (RFF 170), prestar serviço à Fraternidade, ser solidário com os trabalhadores pela participação em sua vida (cf. CG 162; RFF 169).

87. Os Frades que fazem estudos profissionais e técnico-manuais são aqueles que:

- a. pedem para continuar a exercer a profissão já exercida ou iniciada antes de entrar na Ordem;
- b. escolhem uma profissão durante o período da formação inicial;
- c. se preparam para exercer uma profissão durante a formação permanente.

88. Para a escolha dos estudos profissionais e técnico-manuais, levem-se em consideração as predisposições, os dotes e as aspirações de cada um (cf. RFF 171), mas também as necessidades da Fraternidade, da Província e da Ordem (cf. CG 79) e do contexto cultural onde o Frade menor exercerá sua missão (cf. RFF 172).

89. Estes estudos estão ligados à vida e à missão da Fraternidade local, provincial e internacional, e não excluem o simultâneo exercício das ordens sacras ou dos vários ministérios eclesiais leigos.

3. OS ESTUDOS SUPERIORES

90. De nível estritamente acadêmico e universitário, este tipo de estudos, que está a serviço da qualidade da vida e da missão, é realizado tanto pelos Frades que se preparam para se tornarem professores, pesquisadores ou peritos nos diversos campos do saber, quanto pelos Frades que já o são e que desempenham atividades de estudo, de pesquisa e de ensino.

91. O constante esforço da Ordem neste setor dos estudos fomenta:

- a. a inserção e a presença eficaz dos Frades nos “areópagos” da cultura moderna, nos centros e nos ambientes, tanto estatais como eclesiais, onde se produz cultura (cf. ET 13; 171-175);
- b. a preparação dos futuros docentes e pesquisadores para os Centros de estudo e de pesquisa da Ordem (cf. CG 166 §2);
- c. a conservação, a transmissão e também a promoção de uma tradição universitária plurissecular, típica de nossa Ordem.

92. Os Frades que iniciam os estudos superiores ou que já os estão fazendo, realizem-nos sempre de forma a levar em conta as prioridades da “forma vitae” franciscana (cf. Rb 5, 1-4; 10, 7-12) e em comunhão com a Fraternidade local, provincial e internacional.

93. As Províncias – também as que não possuem um Centro de estudos próprio – devem estimular o acesso aos estudos superiores, particularmente “os estudos franciscanos, filosóficos e teológicos” (CG 166 §1; cf. 166 §2), aos Frades que mostram ter as capacidades e as qualidades necessárias.

4. OS ESTUDOS PARA OS FORMADORES

94. Apesar das necessidades apostólicas e das urgências que as Províncias devem enfrentar, continua prioritário um atento cuidado na escolha e na preparação dos Formadores (cf. CIstF 23).

95. O serviço da formação é dom e arte ao mesmo tempo. Antes, é “a arte das artes” (RaFis V, 30). Por isso, é importante que os Formadores sigam um currículo de estudos que, além de proporcionar-lhes o conhecimento da realidade juvenil (cf. CIstF 23), os prepare para desempenhar convenientemente a tarefa que os espera (cf. VC 66).

96. Para incrementar as iniciativas de formação dos Formadores já em prática e para garantir “a necessária formação teológica, pedagógica, espiritual e nas ciências humanas, como também uma precisa competência relativa às tarefas a serem desenvolvidas ao longo do itinerário de formação” (CIstF 24), tem-se como necessária a criação, por parte da Ordem, de um Centro para os Formadores OFM, e a criação, por parte das Conferências, de um Centro para os Formadores OFM. Sendo possível, tal Centro seja criado em colaboração com as outras Famílias franciscanas (cf. CIstF 25).

5. OS GRAUS ACADÊMICOS

97. Uma vez iniciado o currículo de estudos, os Frades o concluem, obtendo o título, o diploma ou o grau acadêmico correspondentes.

98. Proceda-se de tal forma que os futuros professores e os que são candidatos à pesquisa científica e a outras profissões que exigem uma competência específica consigam o respectivo título de Mestrado ou de Doutorado, levando em consideração as necessidades e as possibilidades das Províncias e as capacidades dos candidatos.

IV. OS AGENTES

1. TODOS OS FRADES

99. Através de um constante esforço, os Frades adquiram progressivamente o habitus intelectual e sapiencial que, graças à assimilação dos conhecimentos, cria a capacidade de saber organizar a própria vida em torno aos valores do carisma franciscano.

100. Segundo o pensamento e o exemplo de nossos Mestres, recordem-se os Frades que não é mais sábio quem conhece muitas coisas, mas quem é coerente com as coisas essenciais que sabe (cf. Adm 7). A sabedoria franciscana não consiste tanto em possuir muitas verdades, quanto em deixar-se possuir pela Verdade e em ser testemunha autêntica e crível da Verdade que nos transcende (cf. Ord., Prol., p. 5, q. 2, n. 355; I Sent, Proem, q. 3. concl.).

101. Já que “na caminhada do gênero humano, o conhecimento da verdade está sempre crescendo” (Ord. IV, d. 1), os Frades sintam-se chamados a fazer qualquer esforço que leve ao conhecimento da verdade.

2. OS PROFESSORES

102. A Ordem e as Províncias – também as que não possuem o próprio Centro de estudos – preparem professores e pesquisadores especializados nos diversos campos do saber, particularmente no campo da História, da Filosofia, da Teologia e da Espiritualidade franciscanas (cf. CG 66 §§1-2; CPO 1981, 60; 63).

103. Os Frades que se dedicam ao ensino e à pesquisa não sejam facilmente escolhidos para outros cargos incompatíveis com o estudo.

104. Na escolha dos professores para os nossos Centros de estudos leve-se em consideração:

- a. a preparação intelectual;
- b. a preparação no campo didático e pedagógico;
- c. a capacidade de colaborar na formação dos candidatos.

105. A Secretaria geral para a Formação e os Estudos, de acordo com os responsáveis pelos Centros de estudos e de pesquisa, cuide de elaborar e colocar em prática um programa bem preciso para a formação de novos professores e pesquisadores.

106. Os professores que lecionam nas Universidades e Faculdades eclesiais exerçam o próprio ministério em comunhão com a Igreja e com a Ordem, das quais recebem seu mandato (cf. CG 10; RaFIS 87-88).

107. Nos Centros de estudos freqüentados pelos Frades estudantes, os professores são os encarregados de sua formação intelectual, técnica, científica e profissional. Por isso, é indispensável que estejam prontos a acompanhar os estudantes na sua caminhada escolar, agindo sempre em estreita colaboração com os formadores.

108. Os Frades que exercem o ministério do ensino, cultivem permanentemente sua preparação, de forma que seja sólida e adequada ao rigor metodológico e crítico das respectivas disciplinas de especialização.

109. Para facilitar a atualização dos professores, cada um deles usufrua um semestre ou um período sabático, ao menos de seis em seis anos. Com esse objetivo, a Ordem, as Províncias e as Conferências elaborem programas concretos, em colaboração com os respectivos interessados e com os responsáveis pelos Centros de estudos e de pesquisa.

110. Os Frades chamados a prestar o serviço de professores procurem ser testemunhas da própria vocação e missão de Frades menores, forjando-se na escola do Seráfico Pai São Francisco e cuidando de harmonizar unção e especulação, ciência e santidade, inteligência e vontade, a exemplo de Santo Antônio, de São Boaventura, do Bem-aventurado João Duns Scotus e dos outros Mestres franciscanos.

111. Os Frades que receberam a missão de ensinar nos Centros acadêmicos universitários e de pesquisa desempenhem esta tarefa de forma prioritária e, por isso, não assumam outros trabalhos que possam comprometer sua dedicação à pesquisa, ao ensino, às publicações e ao acompanhamento dos estudantes.

112. Cada Centro de estudos forneça aos próprios professores os meios necessários ao desempenho adequado de sua missão (cf. CPO 1981, 60).

113. Através da Secretaria geral para a Formação e os Estudos, a Ordem promova tanto o intercâmbio e a colaboração entre os professores de nossos Centros de estudos, quanto os encontros de estudo entre os professores da Ordem e entre estes e outros colegas.

3. OS FRADES ESTUDANTES

114. Nas casas de formação deve-se criar um ambiente que fomente o estudo e a aquisição do habitus do estudo.

115. Durante o tempo dos estudos, cada Ministro e Formador cuide que o estudo não seja comprometido por outras atividades que limitam os necessários espaços de tempo ou que perturbem a serenidade e a devida concentração.

116. A escassez de vocações não dispensa as Províncias do dever de encaminhar para os estudos superiores, em ciências humanas e em ciências sagradas, os Frades estudantes que mostram ter as qualidades necessárias (cf. FFM 71), a fim de que a Ordem “possa e saiba abrir, na sociedade contemporânea, espaços mais amplos aos valores contidos no Evangelho” (MCapG 8).

117. Os Frades estudantes participem responsável e ativamente da vida do Centro de estudos que freqüentam (cf. SapC 34).

V. AS ESTRUTURAS E OS MEIOS A SERVIÇO DOS ESTUDOS

1. OS CENTROS DE ESTUDOS E DE PESQUISA

118. §1. Onde for possível, as Províncias tenham os próprios Centros de estudos para a preparação de seus candidatos e para a formação para as ordens sacras e para os ministérios eclesiais leigos (cf. MP 37).

§2. Onde se julgar oportuno, as Províncias tenham os próprios Centros de estudos com outros membros da Família franciscana e com outros Institutos religiosos ou diocesanos (cf. CIstF 11a), ficando salvo o direito de garantir aos nossos candidatos e Frades a formação especificamente franciscana (cf. CIstF 7-9).

119. Tanto a Ordem, quanto as Províncias individualmente ou várias Províncias em conjunto, fundaram e mantêm Centros de estudos superiores (Universidades e Faculdades) e Centros de pesquisa. Além da manutenção e do desenvolvimento destas sedes de estudo e de pesquisa (CG 167 §1; EG 97 §1), cuide-se também da criação de Centros de Espiritualidade franciscana, segundo as indicações dadas pelo Capítulo geral de 1997 (cf. MP 37).

120. Nos Centros de estudos e de pesquisa, promova-se a colaboração interprovincial e com outros membros da Família franciscana (cf. MP 34,5), com outros Institutos religiosos e com os leigos, através do intercâmbio de professores e de outras iniciativas de caráter acadêmico e científico.

121. Os Centros de estudos próprios da Ordem, conformando-se às diretrizes da Igreja e da Ordem (cf. CIC 659 §3), ponham em destaque suas características específicas (cf. CPO 1981, 77), buscando, entre outros, os seguintes objetivos:

- a. pôr em destaque o relacionamento entre os aspectos fundamentais da tradição franciscana, revisitada nas suas diversas expressões (histórica, filosófica, teológica, espiritual, artística...) e a cultura moderna, de forma que se tornem um lugar de diálogo entre os desafios e as esperanças do mundo de hoje e o carisma franciscano (cf. CPO 1981, 78);
- b. cooperar para a difusão e para a valorização do patrimônio doutrinal e espiritual da tradição franciscana, através do ensino e de publicações científicas;
- c. preparar os Frades para um significativo e incisivo testemunho evangélico na sociedade, baseado numa formação intelectual qualificada, que os habilite a contribuir decisivamente para a promoção da cultura e para o diálogo entre fé e cultura (cf. VC 98);
- d. oferecer a própria contribuição qualificada para a formação dos professores, dos pesquisadores e dos formadores (cf. MP 34, 3).

122. §1 A Ordem dos Frades Menores coloca o Pontifício Ateneu Antoniano de Roma em primeiro lugar entre seus Centros de estudos (cf. EG 104 §1).

§2 O Pontifício Ateneu Antoniano, caracterizado por sua internacionalidade e pela colaboração interfranciscana, seja um Centro de pesquisa e de estudos franciscanos, sede da preparação de docentes e de formadores de toda a Ordem e ponha as próprias pesquisas científicas a serviço e utilidade dos vários Institutos da Ordem, contribuindo, assim, para a unidade de pensamento e de espiritualidade da Ordem (cf. EG 104 §2).

123. Diversos Centros de estudos já estão filiados ao Pontifício Ateneu Antoniano. Dando continuidade a esta prática, espera-se que outros Centros de estudos, onde for possível, sejam filiados ao Pontifício Ateneu Antoniano (cf. MP 34, 4).

124. Os Centros de pesquisa da Ordem – como o de Grottaferrata (Roma) e a “Comissão Scotista”, com sede no CISA – e outros existentes nas Províncias, mediante sua atividade científica e editorial, prestam um serviço de primordial importância para a conservação e para a transmissão do patrimônio histórico, filosófico, teológico e espiritual da Ordem. A Ordem aprecia grandemente o trabalho realizado nestes Centros e estimula os jovens Frades a se prepararem adequadamente para continuar neles o ensino e a pesquisa.

125. As Províncias sejam generosas em enviar Frades devidamente preparados para colaborar nestas instituições (cf. EG 105). Se necessário, o Ministro geral pode destinar um professor a prestar o próprio serviço em qualquer Centro de estudos da Ordem (cf. CG 198).

126. Se uma Província não puder ter seu próprio Centro de estudos, ofereça sua colaboração aos Centros freqüentados por seus Frades, sobretudo pondo à disposição professores qualificados (cf. MuR 31).

127. A Secretaria geral para a Formação e os Estudos promova a criação de novos Centros de estudos e sua constante atualização em nível de programas (cf. MP 34).

128. A Ordem e as Províncias, conscientes da importância dos Centros de estudos e de pesquisa que produzem cultura, procurem sustentar e promover sua atividade com adequados meios de subsistência e com a preparação e o envio de pesquisadores.

129. Quanto à suspensão da atividade de um Centro de pesquisa, é necessário o prévio consentimento do Ministro geral e de seu Definitório.

2. BIBLIOTECAS E ARQUIVOS

130. A fim de manter viva sua memória histórica e como instrumento a serviço do estudo e da evangelização, a Ordem dos Frades Menores estimule a conservação e o funcionamento das Bibliotecas e dos Arquivos históricos (cf. EG 26 §2; BEMI).

131. Cada Província tenha uma Biblioteca e um Arquivo central, além da Biblioteca e do arquivo de cada Fraternidade local. Tanto as Bibliotecas como os Arquivos, devidamente conservados e catalogados, sejam postos à disposição dos Frades, dos pesquisadores e dos estudiosos, salvo os documentos que, a juízo do Ministro provincial, são reservados.

132. Incentive-se nos Frades a estima e o conhecimento das Bibliotecas e dos Arquivos, de forma que, além de terem consciência do seu valor, saibam utilizá-los de modo conveniente.

133. Onde for possível, as Bibliotecas da Ordem sejam especializadas, sobretudo, nos temas referentes à nossa história, à nossa espiritualidade e ao pensamento dos Mestres franciscanos.

134. As Províncias enviem à Biblioteca do Pontifício Ateneu Antoniano todas as suas publicações, sobretudo as de caráter científico e franciscano, “a fim de constituir um patrimônio comum” (CPO 1981, 92).

135. Onde for possível, promovam-se as associações dos bibliotecários e dos arquivistas da Ordem, para incentivar a colaboração recíproca, mediante o intercâmbio de duplicatas e da catalogação.

136. Onde for possível, as Bibliotecas sejam informatizadas e inseridas no sistema Internet, de modo que todas as Províncias tenham acesso ao patrimônio bibliográfico existente na Ordem.

3. ATIVIDADE EDITORIAL

137. §1 Nenhum areópago é estranho ao modo franciscano de evangelizar. Hoje, como no passado, nossas Casas editoras continuam a desempenhar um papel importante nos setores da atividade intelectual e da evangelização.

§2 Nossas Casas editoras realizam esta tarefa difundindo, através da imprensa:

- a. os valores do Evangelho;
- b. o patrimônio doutrinal dos Mestres franciscanos;
- c. os valores “ecológicos” da vida em todos os sentidos: respeito pela criação, dignidade das criaturas, Cristo centro da criação e da história, a fraternidade, a solidariedade, a justiça e a paz;
- d. os temas construtivos, como: a compreensão, o perdão, a reconciliação, a contemplação e a pacificação;
- e. o diálogo ecumênico, inter-religioso e cultural (Cf. EsEF).

138. Todas as Casas editoras OFM participem da Associação dos Editores franciscanos, de modo que seja possível mais diálogo e colaboração entre os Editores e se promova mais o nosso pensamento.

4. A INFORMÁTICA

139. Hoje, a informática constitui um novo areópago (cf. PdC 33-34). Num mundo que caminha com sempre maior velocidade para a globalização, este novo meio oferece a possibilidade de:

- a. acessar a diversos tipos de informações;
- b. enviar, em tempo real, informações e mensagens aos outros;
- c. atingir um público que de outra forma seria inacessível.

140. Como sinais e construtores de uma Fraternidade universal, os Frades menores sejam estimulados a:

- a. obter uma adequada formação sobre o uso destes meios de comunicação;
- b. utilizar a informática no anúncio do Evangelho e dos valores franciscanos;
- c. facilitar o estudo e a pesquisa;
- d. desenvolver uma comunicação mais estreita e uma colaboração mais eficaz entre as Entidades da Ordem, os Centros de estudos e de pesquisa, as Bibliotecas e cada um dos estudiosos.

141. O Departamento para as comunicações da Cúria geral OFM, através do site internet da Ordem (www.ofm.org) promova:

- a. a circulação de informações no seio da Ordem;
- b. os contatos entre os Centros de estudos e de pesquisa;
- c. a difusão dos meios de estudo, como, p. ex., os textos e os documentos referentes à tradição dos Mestres franciscanos e as publicações de nossos docentes e dos nossos estudiosos.

VI. PROGRAMAS DE ESTUDOS FRANCISCANOS

1. PROGRAMA PARA OS FRADES QUE FREQUENTAM OS NOSSOS CENTROS DE ESTUDOS OU OUTROS CENTROS DE ESTUDOS SUPERIORES

142. Para os nossos Centros de estudos e para os Frades que frequentam outros Centros de estudos superiores, em cada Província ou Conferência, além do programa de estudos segundo a Ratio da Igreja e a Ratio da própria Conferência episcopal, seja elaborado um programa de estudos bem articulado, para aprofundar os seguintes núcleos do franciscanismo:

OS INÍCIOS DO FRANCISCANISMO

- Situação do cristianismo nos séculos XII-XIII.
- A história de Francisco de Assis.
- Da Fraternidade à Ordem.
- Regra bulada e Testamento.

- Proposta cristã de Francisco de Assis.

O PENSAMENTO DOS MESTRES FRANCISCANOS

- Presença franciscana na Universidade.
- São Boaventura e sua Escola, Duns Scotus e sua Escola, Guilherme de Ockham e a nova Escola.
- A doutrina do Logos em Boaventura; o cristocentrismo em João Duns Scotus; o estudo e a reavaliação do concreto em Rogério Bacon e Guilherme de Ockham; a mística franciscana.
- Bíblia e franciscanismo, Direito e franciscanismo, Arte e franciscanismo, Literatura e franciscanismo etc.

ELEMENTOS DA HISTÓRIA FRANCISCANA

- Da fundação até 1517: Francisco e Boaventura. Os Espirituais. Conventualismo e Observância.
- Observantes, Conventuais e Capuchinhos.
- A supressão e a restauração no séc. XIX.
- A Ordem das Clarissas e a Ordem da Penitência.
- Os Institutos franciscanos apostólicos.

O FRANCISCANISMO DO NOSSO TEMPO

- A dimensão missionária da vocação franciscana.
- A aculturação do carisma franciscano nas diversas culturas.
- O envolvimento do laicato em nossa vida e missão.
- O “espírito” de Assis e os desafios modernos: a ruína ecológica, os problemas da paz, o vilipêndio dos direitos humanos, o respeito à vida (cf. NMI 51).

2. PROGRAMA PARA OS FRADES NAS DIVERSAS ETAPAS DA FORMAÇÃO

143. Todos os Frades, sem distinção de clérigos ou leigos, tenham um conhecimento, o mais profundo possível e de acordo com os dons recebidos, dos principais núcleos do franciscanismo, enumerados nesta Ratio.

144. Em cada etapa da formação, permanente ou inicial, o respectivo programa de formação garanta a todos os Frades, independentemente de sua opção e além do estudo das matérias bíblicas e teológicas indicadas pela Ratio Formationis Franciscanae para cada etapa da formação, a apresentação gradual, orgânica e sistemática destes núcleos, segundo o que se prescreve nesta Ratio.

FORMAÇÃO PERMANENTE

145. Cada Província ou Conferência elabore programas de estudos que garantam o contínuo aprofundamento e uma adequada síntese da história e da espiritualidade franciscanas, e também do pensamento dos Mestres franciscanos, levando em conta o seguinte:

NÚCLEOS TEMÁTICOS

- a. Francisco e Clara: elementos essenciais de sua espiritualidade.
- b. Visão franciscana de Deus, Cristo, Criação e Homem, à luz dos Mestres franciscanos.
- c. Diálogo com o mundo a partir do nosso patrimônio cultural, espiritual, filosófico e teológico.

LEITURAS COMENTADAS

- a. Regra e Constituições gerais
- b. Outros Escritos de São Francisco
- c. Principais obras de São Boaventura e do Bem-aventurado João Duns Scotus.
- d. Documentos recentes da Ordem.

POSTULANTADO

146. Em cada Província se elabore e realize um programa próprio, que leve o postulante a um conhecimento inicial do carisma e da vida franciscana (cf. RFF 128), levando em conta o seguinte:

NÚCLEOS TEMÁTICOS

- a. Vida de São Francisco.
- b. Apresentação da Família franciscana.
- c. Elementos gerais da espiritualidade franciscana.
- d. Vida de Santa Clara.

LEITURAS COMENTADAS

- a. 1 e 2 Celano e Fioretti.
- b. Orações de São Francisco

NOVICIADO

147. Cada Casa de Noviciado elabore um programa de estudo bem articulado, de maneira que os noviços possam conhecer a vida franciscana (cf. RFF 139), à luz daquilo que é prescrito pelas Constituições e pelos Estatutos gerais (cf. CG 153 §1; EG 87), levando em consideração o seguinte:

NÚCLEOS TEMÁTICOS

- a. Estudo dos Escritos de São Francisco.
- b. Estudo das Fontes franciscanas.
- c. Estudo da Regra de São Francisco
- d. Estudo das Constituições e Estatutos gerais e provinciais.
- e. Estudo dos elementos gerais da história da Ordem e da Província.
- f. Estudo dos elementos gerais da espiritualidade franciscana.

LEITURAS COMENTADAS

- a. Admoestações e Testamento de São Francisco.
- b. Testamento de Santa Clara.
- c. Biografias de São Boaventura e dos Três Companheiros.

PROFISSÃO TEMPORÁRIA

148. Cada Província deve ter um programa próprio e bem articulado, para que os professos temporários possam aprofundar o conhecimento do carisma franciscano (cf. RFF 151), levando em conta o seguinte:

NÚCLEOS TEMÁTICOS

- a. Questão franciscana.
- b. História franciscana: da fundação a 1517: Francisco e Boaventura. Os Espirituais; Conventualismo e Observância; Observantes, Conventuais e Capuchinhos; A supressão e a restauração no séc. XIX; A Ordem das Clarissas e a Ordem da Penitência; Os Institutos franciscanos apostólicos.
- c. Pensamento dos Mestres franciscanos (São Boaventura, Bem-aventurado João Duns Scotus, Rogério Bacon, Guilherme de Ockham): Deus, Cristo, Homem, Criação.
- d. O franciscanismo e o nosso tempo: Justiça, Paz e Integridade da Criação na visão franciscana; a Fraternidade evangelizadora; o carisma missionário franciscano; a aculturação do carisma franciscano nas diversas culturas atuais.

LEITURAS COMENTADAS

- a. Escritos de São Francisco.
- b. Cartas de Santa Clara.
- c. Primeiras Crônicas franciscanas.
- d. Textos dos místicos franciscanos.
- e. Documentos recentes da Ordem.